

**Rotary**  
Club de Macapá



Agnaldo Silveira  
Carla Antunes  
Elisa Vales  
Joyce Ferreira  
Simone Almeida

o uso de  
metodologias  
**ativas**  
e a postura de  
professor coach:  
**caminhos**  
para uma práxis  
educacional  
inovadora na  
**AMAZÔNIA**





Agnaldo Silva  
Carla Antunes  
Elisa Vales  
Joyce Ferraira  
Simone Almeida

**O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS  
E A POSTURA DE PROFESSOR COACH:**  
CAMINHOS PARA UMA PRÁXIS  
EDUCACIONAL INOVADORA NA AMAZÔNIA

1º Edição

Uberlândia / Minas Gerais  
Navegando Publicações  
2019



# Navegando Publicações



NAVEGANDO


[www.editoranavegando.com](http://www.editoranavegando.com)  
[editoranavegando@gmail.com](mailto:editoranavegando@gmail.com)

Uberlândia – MG,  
Brasil

**Copyright © by autor, 2019.**

A93 – Silva, Agnaldo et al. (Orgs.). O uso de metodologias ativas a postura de professor Coach: caminhos para uma práxis educacional inovadora na Amazônia. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019.

ISBN: 978-85-53111-32-9

 10.29388/978-85-53111-32-9-0

1. Educação 2. Metodologias Ativas I. Agnaldo Silva; Carla Antunes; Elisa Vales; Joyce Ferreira; Simone Almeida. II. Navegando Publicações. Título.

CDD – 378.81

---

Revisão – Pabline Queiroz Santos – Lurdes Lucena  
Diagramação – Arte Capa – Matheus Bonatti

## Índices para catálogo sistemático

Educação	370
Ciências Sociais	300



## Editores

Carlos Lucena – UFU, Brasil

José Claudinei Lombardi – Unicamp, Brasil

José Carlos de Souza Araújo – Uniube/UFU, Brasil

## Conselho Editorial

Afrânio Mendes Catani – USP, Brasil

Alberto L. Bialakowsky – Universidad de Buenos Aires, Argentina.

Ángela A. Fernández – Univ. Autónoma de Sto. Domingo, República Dominicana

Anselmo Alencar Colares – UFOPA, Brasil

Carlos Lucena – UFU, Brasil

Carlos Henrique de Carvalho – UFU, Brasil

Carolina Crisorio – Universidad de Buenos Aires, Argentina

Cílson César Fagiani – Uniube, Brasil

Christian Cwik – University of the West Indies, St. Augustine, Trinidad & Tobago

Christian Hausser – Universidad de Talca, Chile

Daniel Schugurensky – Arizona State University, EUA

Dermeval Saviani – Unicamp, Brasil

Elizet Payne Iglesias – Universidad de Costa Rica, Costa Rica

Fabiane Santana Previtali – UFU, Brasil

Francisco Javier Maza Avila – Universidad de Cartagena, Colômbia

Gilberto Luiz Alves – UFMS, Brasil

Hernán Venegas Delgado – Universidad Autónoma de Coahuila, México

Iván Sánchez – Universidad del Magdalena – Colômbia

João dos Reis Silva Júnior – UFSCar, Brasil

Jorge Enrique Elías-Caro – Universidad del Magdalena, Colômbia

José Carlos de Souza Araújo – Uniube/UFU, Brasil

José Claudinei Lombardi – Unicamp, Brasil

José Jesus Borjón Nieto – El Colegio de Vera Cruz, México

José Luis Sanfelice – Univás/Unicamp, Brasil

Lívia Diana Rocha Magalhães – UESB, Brasil

Mara Regina Martins Jacomeli – Unicamp, Brasil

Miguel Perez – Universidade Nova Lisboa – Portugal

Newton Antonio Paciulli Bryan – Unicamp, Brasil

Paulino José Orso – Unioeste – Brasil

Raul Roman Romero – Universidad Nacional de Colombia – Colômbia

Ricardo Antunes – Unicamp, Brasil

Robson Luiz de França – UFU, Brasil

Sérgio Guerra Vilaboy – Universidad de la Habana, Cuba

Silvia Mancini – Université de Lausanne, Suíça

Teresa Medina – Universidade do Minho – Portugal

Tristan MacCoaw – Universit of London – Inglaterra

Valdemar Sguissardi – UFSCar – (Aposentado), Brasil

Victor-Jacinto Flecha – Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción, Paraguai

Yoel Cordoví Núñez – Instituto de História de Cuba, Cuba



# SUMÁRIO

<b>Agradecimentos</b>	1
<b>Sobre o Rotary Club</b>	9
Cristina Gradella	
 10.29388/978-85-53111-32-9-0-f.3-10	
<b>Prefácio</b>	11
Cristina Gradella	
 10.29388/978-85-53111-32-9-0-f.11-14	
<b>Apresentação</b>	15
Antônia Andrade	
 10.29388/978-85-53111-32-9-0-f.15-18	
<b>1. Para início de conversa: um pouco sobre a Amazônia, o Amapá e a educação em nossas “paragens”</b>	19
Carla Antunes e Agnaldo Silveira	
 10.29388/978-85-53111-32-9-0-f.19-36	
<b>2. A Especialização “O professor Coach” e o Projeto “Metodologias Coach de Ensino”</b>	37
Carla Antunes e Joyce Ferreira	
 10.29388/978-85-53111-32-9-0-f.37-60	
<b>3. Conceitos norteadores</b>	59
Joyce Ferreira e Agnaldo Silveira	
 10.29388/978-85-53111-32-9-0-f.61-90	
<b>4. Processos e instrumentos avaliativos</b>	89
Carla Antunes e Simone Almeida	
 10.29388/978-85-53111-32-9-0-f.91-116	
<b>5. Os Contos sob a ótica de significados no aprender: caminhos possíveis para a autoria de pensamento</b>	115
Joyce Ferreira	
 10.29388/978-85-53111-32-9-0-f.117-162	

<b>6. Experiências poéticas como instrumentos de ensino-aprendizagem</b>	159
Carla Antunes	
 10.29388/978-85-53111-32-9-0-f.163-196	
<b>7. A música popular amapaense como metodologia de aprendizagem ativas</b>	195
Aginaldo Silveira	
 10.29388/978-85-53111-32-9-0-f.197-238	
<b>8. As artes visuais como articulação de sentidos para um contexto significativo de aprendizagem</b>	237
Simone Almeida	
 10.29388/978-85-53111-32-9-0-f.239-284	
<b>9. O teatro na sala de aula: por um aprender significativo em contexto local</b>	283
Joyce Ferreira e Elisa Vales	
 10.29388/978-85-53111-32-9-0-f.285-326	
<b>Algumas considerações</b>	325
 10.29388/978-85-53111-32-9-0-f.227-338	
<b>Autores</b>	335



## AGRADECIMENTOS

Este livro só foi possível pelo envolvimento, estímulo e colaboração de muitas pessoas. Agradecemos a(os) Deus(es), por termos tido força para concluir este trabalho apesar do curto tempo de que dispusemos para sua produção. Gostaríamos de agradecer aos nossos familiares, por todo incentivo e compreensão dispensada quando foi necessária a ausência em momentos preciosos.

Aos nossos queridos professores da especialização, por compartilharem seus conhecimentos e experiências e por construírem conosco novos saberes e novas vivências ricas, fecundas e "sem volta". A todos os educadores que idealizaram e realizaram o projeto Metodologias Coach de Ensino, sem os quais não teria sido possível a execução deste grandioso projeto. Aos educadores, estudantes e escolas da rede municipal de Macapá que construíram conosco esta experiência, compartilhando suas vivências, impressões e saberes, os quais nos inspiraram a escrever esta publicação.

Agradecemos, sobretudo, ao Rotary Internacional e Fundação Rotária, por terem acreditado neste projeto e fomentando nossos passos para que chegássemos até aqui, envolvidos pelo sentimento comum de "Dar de si antes de pensar em si". Ao governador do Distrito 4720 – RI para o ano rotário 2014-2015, Carlson Uchôa Pinto, que durante a sua gestão disponibilizou e apoiou a execução do projeto, direcionando a verba do FDUC, para a realização do subsídio global.

Ao Rotary Club de Macapá, como realizador do projeto e a todos os seus rotarianos associados, principalmente aqueles que participaram ativamente desta caminhada, em especial à Dra. Cristina Marta Ferreira Graddella, líder rotariana que coordenou bravamente este projeto durante todo o seu percurso e que enquanto presidente do ano rotário 2014-2015 acreditou ser possível a realização deste sonho, nos proporcionando este desafio ímpar, superando inúmeros obstáculos e desgastes para nos acompanhar, nos acolher e nos dar suporte em tudo

o que foi necessário para que esse trabalho se tornasse realidade. A ela, nossa eterna gratidão!

Aos amigos finlandeses do Distrito 1420 – RI, da Embaixada Finlandesa no Brasil e da Associação Finlândia – Brasil, pela composição do Subsídio Global e pela acolhida, o nosso agradecimento carinhoso.

A Secretaria Municipal de Educação– SEMED, por ter cedido os professores para participar da formação e equipe para acompanhar pedagogicamente o andamento do projeto e a relação com as escolas.

Por fim e não menos importante, agradecemos à querida professora Dra. Antônia Andrade, pela valiosa e gentil contribuição na orientação e acompanhamento da elaboração deste livro.

Gostaríamos ainda de registrar nosso agradecimento nominalmente às pessoas que contribuíram diretamente para que o projeto fosse realizado com maestria em sua totalidade. Assim, deixamos aqui a nossa homenagem, como uma retribuição de honra, um ato de gratidão e de reconhecimento pessoal, a todas as pessoas que participaram da execução deste projeto e que se dedicam a ele nos dias de hoje.

**POR DOAR, COMPOR, ACOLHER E APOIAR O SUBSÍDIO GLOBAL GG 1528008**



Edilson Massahaki Gushiken - Supervisor - SP  
Larissa Gonçalves - Captação de recursos - SP  
Demais Funcionários da FR em São Paulo, Brasil  
Valerie Pereira - Regional Grants Officer - IL  
Demais Funcionários da FR em Evanston – EUA



Carlson Uchoa - Governador 2014/2015  
Demais rotarianos do D 4720



Ritva Heinonen - Governadora 2014/2015  
Harry Hedman - Chairman da Fundação Rotária do D 1420  
Ari Aura  
Erkki Ilus  
Hans Wickström  
Carl-Magnus Cerdecreutz  
Demais rotarianos do D 1420



EMBAIXADA DA FINLÂNDIA  
BRASÍLIA

Markku Virri - Embaixador da Finlândia no Brasil  
Marja Suhonen - Diplomata e Orientadora Científica do Intercâmbio Brasil/Finlândia  
Wickström Jarkko - Coordenador de Cooperação em Educação e Ciência  
Demais Funcionários da Embaixada Finlandesa no Brasil

**PELA RECEPÇÃO, ACOMPANHAMENTO E  
ACONCHEGO NO INTERCÂMBIO EM HELSINKI**



**ASSOCIAÇÃO FINLÂNDIA/BRASIL**

Hannele Leppäneva - Presidente  
Associados:  
Markku Metsäranta  
Matti Sallamaa  
Päivi Putro  
Reijo Sarkola  
Satu Sarkola  
Taru Hentola  
Demais associados



Clécio Luís Vilhena Vieira - Prefeito de Macapá  
Sandra Casimiro - Secretária Municipal de Educação - SEMED  
Cleyberton Riullen Souza dos Santos - Diretor do Departamento de Ensino

Os professores-alunos da Pós-graduação com exceção dos autores deste livro:

Albery Amaral Flexa  
Ana Cláudia da Gama de Lima  
Andrea Oliveira de Souza  
Antônio Aldualfram R. de Sousa  
Antônio Barbosa Gonçalves  
Arnold Braga da Silva Júnior  
Aldiléia Dias Monteiro Nunes  
Cláudia Monteiro de Aquino  
Clotilde Raimunda Corrêa Lamarca  
Darciane Viana Gonçalves  
Dayana Cristina Pontes Vilhena  
Dominique Gomes Barbosa Santos  
Ediane Gomes Rodrigues  
Edileia Maria Rodrigues Gomes  
Edson Fagundes do Amaral  
Elisangela de Sousa Mendes  
Elma do Socorro de Souza Cristo  
Erika Alessandra da Silva Araújo  
Francinete Cardoso Lobato  
Gerley do Socorro Brito Castro  
Idaiza Socorro de Sousa  
Ivone de Castro da Silva  
Joseny Souto de Oliveira Silva  
Lana Melissa Valente Silva  
Lenny Patrícia Sena Vilhena  
Mayse Rodrigues da Costa  
Manoel Tomé de Lima  
Mara Pereira Portal  
Marcela Sarmento Pantoja  
Maria Bernadeth Moraes Sousa  
Maria de Nazaré Santos Carvalho  
Maria do Rosário Ferreira Mesquita  
Maria Madalena Araújo Gomes  
Maria Santana Maduro dos Santos  
Maria José Dias de Matos  
Marilda Aldiliana Marques  
Nádia dos Passos Serique  
Ondina Zulene da Silva Pinto  
Patrícia Ayres Cardoso  
Raimunda Sousa dos Santos  
Rilde da Silva Guimarães

Shirlene Brandão da Silva  
Telma Vivian Cardoso Veiga  
Valdenice Maciel de Almeida  
Verônica Martins Maciel  
Wanny Patrícia Pantoja de Oliveira

### **POR CHANCELAR E EXECUTAR A PÓS-GRADUAÇÃO**



UNIVERSIDADE  
CANDIDO MENDES

Beluce Bellucci - Diretor da Pós-graduação a Distância  
Iolanda Martins - Idealizadora e Coordenadora do Projeto da Pós-graduação  
Raisa Ojala - Colaboradora e Tradutora do Projeto para a Fundação Rotária

Docentes da Pós-graduação:

Antônio Lovato  
Augusto Cuginotti  
Claudia Baraçal  
Elaine Sampaio  
Iolanda Martins  
Kely Santos  
Marina Minari  
Raisa Ojala

### **POR SE DOAREM NESTE PROJETO INCANSAVELMENTE EM PROL DA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO E BUSCA POR UMA EDUCAÇÃO INOVADORA**



Os professores que idealizaram e realizaram o projeto Metodologias Coach de Ensino: Compartilhando Saberes e Construindo Possibilidades

#### **Coordenadora geral**

Joyce Ferreira de Sousa

#### **Coordenação**

Carla Priscila Antunes dos Santos  
Ivone de Castro da Silva  
Lana Melissa Valente Silva  
Nádia dos Passos Serique  
Simone Almeida Barbosa

#### **Produção executiva**

Agnaldo da Silva Silveira  
Ana Claudia  
Carla Priscila Antunes dos Santos

Claudia Monteiro de Aquino  
Clotilde Raimunda C. Lamarca  
Darciane Viana  
Ediane Gomes Rodrigues  
Edson Fagundes Amaral  
Elisa Barros Vales Pamphyllo  
Elisangela de Souza  
Gerley do Socorro Brito Castro  
Idaísa Socorro de Souza  
Ivone de Castro da Silva  
Joyce Ferreira de Sousa  
Lana Melissa Valente Silva  
Mara Pereira Portal  
Maria Bernadete Moraes Sousa  
Maria Madalena Araújo Gomes  
Mayse Rodrigues da Costa  
Nádia dos Passos Serique  
Rilde Da Silva Guimarães  
Shirlene Brandão Da Silva  
Simone Almeida Barbosa  
Telma Vivian Cardoso Veiga  
Valdenice Maciel De Almeida  
Verônica Martins Maciel

**POR ACREDITAR, REALIZAR, COORDENAR E DAR CONTINUIDADE AO GG 1528008**



**Presidentes das Diretorias participantes do Subsídio Global**

Cristina Marta Ferreira Gradella (2014/2015 - 2015/2016)  
Manoel Ferreira dos Santos (2017/2018)  
Jerônimo Corrêa Sodré Júnior (2016/2017 - 2018/2019)

**Rotarianos participantes**

Alan Patrick Ferreira Rodrigues  
Allan Bruno Monteiro Rodrigues  
Andreo de Oliveira Bastos  
Armando Santana da Silva  
Carlos Guilherme Oliveira de Mel  
Cristina Marta Ferreira Gradella  
José Carlos da Silva Oliveira  
Josiane Socorro da Silva Ferreira  
Manoel Ferreira dos Santos  
Manoel Luiz dos Santos Neto  
Maria Doralice Spindola  
Nildo Costa  
Regina Célia Barbosa da Silva

**Comissão de Fiscalização do Subsídio Global**

Carlos Guilherme Oliveira de Melo  
Maria Doralice Spindola  
Regina Célia Barbosa da Silva

**Comissão do Intercâmbio Brasil/Helsink**

Armando Santana da Silva  
Carina Ferreira Gradella Bordalo  
Cristina Marta Ferreira Gradella  
Regina Célia Barbosa da Silva

**Marketing do Subsídio Global**

Denise Cristhina Paixão Costa

**Contabilidade do Subsídio Global**

Jader Iziquiel de Figueiredo Maia  
Rayssa Souza de Souza

**Líder e Coordenadora Rotariana do Subsídio Global**

Cristina Marta Ferreira Gradella

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, a nossa mais sincera e profunda gratidão.





## SOBRE O ROTARY CLUB



Este livro é o resultado da experiência adquirida por intermédio do Projeto de Subsídio Global GG 1528008 proporcionado pelo Rotary Club de Macapá. Necessário se faz explicar o que é Rotary e qual o seu papel no mundo, para chegarmos até este presente maravilhoso que recebemos através dele.

O Rotary é a mais antiga organização internacional de clubes de serviços à comunidade, cujo nome "Rotary" surgiu da prática inicial de se fazer o rodízio das reuniões entre os locais de trabalho de cada associado. O Rotary foi criado na cidade de Chicago, nos EUA, em 23 de fevereiro no ano de 1905, pelo advogado Paul Harris e atualmente, sua sede internacional está em Evanston, no Estado de Illinois, nos EUA.

Os associados a esses clubes são chamados de rotarianos. Eles são homens e mulheres que prestam serviços voluntários às comunidades onde atuam profissionalmente, ajudando a promover a ética nos negócios, desenvolvendo projetos em diversas áreas. Atualmente, o Rotary está presente em 217 países e regiões geográficas, atuando por meio de mais de 35 mil Rotary Clubs, que reúnem mais de 1,2 milhão de voluntários. Regionalmente, estes clubes estão agrupados em distritos.

No Brasil conta com 2.398 Rotary Clubs e 53.869 rotarianos (dados de maio de 2018). Um dos mais conhecidos projetos do Rotary Internacional é a campanha mundial de combate à poliomielite, desenvolvida desde meados dos anos 1980 em parceria com a Organização Mundial de Saúde e outras entidades. Esta campanha reduziu em 99% os casos mundiais de pólio. No Brasil, a doença foi erradicada em 1989.

Todas as contribuições e distribuições de fundos para apoiar programas humanitários nas áreas de saúde, educação e combate à fome, a serem desenvolvidos pelos Rotary Clubs e pelos distritos rotários, são realizadas

pela Fundação Rotária, cuja missão é capacitar os rotarianos para que eles possam promover a boa vontade, a paz e a compreensão mundial entre os povos.

Aqui no Amapá, o Rotary Club de Macapá foi o primeiro a se instalar nestes rincões há 72 anos. Em outubro de 2014 seus associados aceitaram o desafio de trabalhar em prol da educação básica, tão desvalorizada no Brasil, e porque há muito tempo desejavam realizar algo que melhorasse o ensino na cidade de Macapá, e conseqüentemente, no Estado do Amapá.

Este projeto ofertou uma pós-graduação voltada para a formação de professores, educadores, gestores educacionais e pedagogos, da rede municipal de ensino de Macapá, que atuam nos 3º e 5º anos de escolas de menor Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), com o objetivo de elevar este índice, na avaliação realizada pelo Ministério da Educação. O programa da pós-graduação foi inspirado nas novas ferramentas pedagógicas coach finlandesas, porque a Finlândia ocupa o primeiro lugar no ranking mundial em qualidade da educação. Por isso, a Fundação Rotária também vislumbrou para este projeto, a realização de um intercâmbio com a finalidade técnico-científico-cultural entre professores brasileiros e finlandeses.

A maneira viável encontrada pelos rotarianos de levantar fundos para realizar este projeto foi através do subsídio global do Rotary Internacional, contando com a ajuda de parte dos custos da Embaixada Finlandesa no Brasil (30%), representando o Distrito Finlandês 1420 (Finlândia e Estônia). O Governador Carlson Uchoa, do Distrito 4720 (Amazônia Brasileira), do ano rotário 2014/2015, como parceiro local, realizou a maior doação para subsídios realizada por este Distrito (70%), e, a Fundação Rotária Internacional, proporcionou a cobertura de 100% dos valores doados, culminando assim, no maior projeto de subsídio global de Rotary Internacional no Brasil, na área da educação.

**Cristina Marta Ferreira Gradella**

Rotariana Líder do GG1528008

Rotary Club de Macapá - Distrito 4720 - RI

## PREFÁCIO



Ao percorrer a história da humanidade, pode-se observar que os grandes avanços e as melhorias ocorridos através dos tempos, partem de atitudes positivas direcionadas ao bem comum e que fazem transpor todos os percalços expostos pela vida.

Este livro se apresenta como um exemplo belíssimo da dedicação, esforço e voluntariado dos autores, para compartilhar e perpetuar os conhecimentos adquiridos na área *Coach*, transformando-os em base para os programas de formação continuada dos professores que atuam na rede pública do ensino fundamental de Macapá.

O conteúdo em questão discorre pela percepção de potencializar habilidades em sala de aula, em um processo de mudança do paradigma das técnicas de ensino/aprendizagem, no qual a modificação dos professores e alunos acontece de dentro para fora e ao redor de cada um, influenciando o entorno escolar.

No transcorrer da leitura, a impressão que se tem é de que a sala de aula se transmuta em um imenso laboratório, que lida com interações produtivas e informações sempre relacionadas à realidade local. Desde a capa com ilustrações de um artista plástico regional, como todos os capítulos muito bem escritos pelos autores, traduzem a vivência adquirida no chão das suas práticas de ensino durante as oficinas realizadas. Criteriosamente, os aspectos pedagógico, cultural e de responsabilidade social são relatados, revelando os métodos inovadores e o incentivo a uma educação de qualidade, o que valoriza a metodologia do professor e impulsiona o aluno a gostar de aprender.

Acredito, porém, que o maior impacto na educação proporcionado por este trabalho está voltado à inserção das metodologias de leitura e escrita, que amenizam um dos principais obstáculos impeditores de escolares pros-

perarem. Essas técnicas permitem a eles transformarem as suas dificuldades em possibilidades, pois, ao estimular a leitura, os horizontes dos alunos se abrem, fazendo-os ter uma experiência diferente a cada livro. Também, com elas, se incita o desenvolvimento do cérebro da criança, melhora a linguagem verbal, enriquece o vocabulário, contribui para o autoconhecimento e a socialização, aguça a curiosidade, estimula a criatividade e reforça o vínculo familiar.

Querido leitor, esta obra é recheada de experiências significativas, produzidas por professores *coach* que desbravaram um novo caminho do saber, indo ao encontro da diminuição dos problemas que afetam a evolução da educação, empenhados na edificação de um futuro melhor para a comunidade em que vivem.

Prefaciar este livro é uma honra para mim! Faço-o como uma aluna que adquiriu uma ampla bagagem de conhecimento e que vivenciou cada momento desta construção coletiva. Construção que recebe o seu último tijolo, com a elaboração deste material didático pedagógico.

Escrevo assim, porque esta obra vem coroar, de maneira impecável, o fechamento do Projeto de Subsídio Global do Rotary Club de Macapá (RCM), denominado GG 1528008 de Rotary Internacional (RI). O GG 1528008 foi financiado pela doação do Fundo Distrital de Utilização Controlada (FDUC) do Distrito 4720 - RI (Amazônia Brasileira), pela contribuição da Embaixada Finlandesa no Brasil representando o Distrito 1420 - RI (Finlândia/Estônia) e pela Fundação Rotária - RI, que garantiu mais 100% de todas essas doações. Este projeto, também, fez uma parceria inestimável com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), que permanece trabalhando ao nosso lado nesta missão, até os dias atuais.

É um grande privilégio para o RCM estar à frente deste Projeto na Área da Educação há quatro anos e ter patrocinado, por intermédio dele, uma Pós-graduação *Coach*, um Intercâmbio para Helsinki, na Finlândia, dois Projetos de Continuidade, e a publicação deste volume. Todas essas realizações tem o intuito de melhorar os in-

lices educacionais, a qualidade do processo educativo do ensino fundamental para os professores e alunos macapaenses e de ser um referencial para o restante do Brasil. Tenho certeza que todos esses quesitos estão sendo alcançados sobremaneira.

“O lema do Rotary Internacional é “Dar de si antes de pensar em si”! Mas, a cada ano rotário, o presidente eleito indica um slogan para a sua gestão. Durante todo o período de realização deste projeto, passamos por cinco deles e em todos eles, este trabalho se encaixou perfeitamente. O lema do ano rotário atual é “Seja a Inspiração”. Ele nos motiva a instigar as pessoas a superar seus limites e a desejar que o bem alcançado seja duradouro.

Que os autores deste livro e todos os envolvidos neste projeto, continuem a se aprimorar em serem detentores de novas formas de ensinar e multiplicadores deste conhecimento, pois, assim, as crianças prosseguirão beneficiadas com uma escola convidativa ao aprender.

Nós, rotarianos do Rotary Club de Macapá, seguimos acreditando que qualquer pessoa pode promover mudanças duradouras em si mesma, na sua comunidade e no mundo por meio do servir, exatamente como fizeram os autores redigindo este conteúdo. É um verdadeiro exemplo de ensino e aprendizagem na Amazônia!

Com muito carinho!

**Cristina Marta Ferreira Gradella**



## APRESENTAÇÃO

Este livro **O uso de Metodologias Ativas e a postura de Professor Coach: caminhos para uma práxis Educacional inovadora na Amazônia**, estruturado em coletânea, inclui-se em um processo mais amplo de reflexão sobre a postura do professor e seu papel na educação brasileira, para além da fronteira amazônica, abrange a experiência de visitação na **República da Finlândia**, país de referência mundial em Educação, situado na região norte da Europa. Os caminhos teórico-metodológicos indicados neste livro são devolutivos da Formação continuada para professores da educação básica, em nível de p s-graduação latu sensu, forjado em um convênio de cooperação entre Rotary Club de Macapá e Prefeitura de Macapá, na área de educação. Desenvolvido entre 2014-2017, constituiu-se em significativa contrapartida à sociedade brasileira,   medida que ambas as Instituições cumpriram sua função de produzir conhecimento científico-pedagógico, considerando que os artigos apresentados são todos originados das etapas formativas em território macapaense e Finlandês, vinculadas ao Curso de Pós-Graduação em professor Coach.

Nesta publicação os artigos refletem a preocupação dos professores envolvidos com os movimentos permanentes de (re)construção e socialização do conhecimento, abarcando plurais saberes, com plurais culturas, com plurais sujeitos. Nesse processo, na essência da presente produção bibliográfica, subjaz a tarefa formativa do sujeito para além da preparação especificamente técnica, englobando uma formação com totalidade multidimensional, que remete à constituição de determinadas condutas, crenças, influências e ações políticas junto aos díspares contextos sociais, políticos e econ micos.

A escolha dos capítulos foi definida em uníssonos aspectos, nos quais se compreende que a Educação brasileira vem passando por densas reformas no currículo, ocasionadas pelo projeto nacional e internacional, engendrado no país, carecendo o estabelecimento das

relações da realidade locais, sobretudo da amazônica, à luz da demanda popular e do rompimento de um projeto de ensino hegemônico que vêm aniquilando com qualquer possibilidade de implementação de um projeto educacional brasileiro, em uma perspectiva de emancipação humana.

Portanto, os indicativos nos capítulos, pautados nos princípios da práxis, aqui apresentados pelos professores autores do livro, Agnaldo Silveira, Carla Antunes, Elisa Vales, Joyce Ferreira e Simone Almeida, estão expressos em uma perspectiva de valorização e de contribuição metodológica para o trabalho docente. A obra defende uma prática pedagógica historicamente comprometida com a formação de brasileiros, valorizando o papel do professor Coach, em uma metodologia com sentido e significado social. A obra está dividida em 10 seções, onde se apresentam os caminhos teórico-práticos da experiência formativa vivenciada no Curso de Especialização.

No capítulo 1 **Para início de conversa: um pouco sobre a Amazônia, o Amapá e a educação em nossas “paragens”**, os autores nos situam do “lugar” que estão falando trazendo informações basilares das peculiaridades da região, no tocante aos fatos históricos, geográficos, ambientais, culturais e educacionais acerca da Amazônia, do Estado do Amapá, da cidade de Macapá.

No capítulo 2 **A Especialização “O professor Coach” e o Projeto “Metodologias Cach de Ensino”**, foi organizado objetivando historicizar a trajetória do Projeto Metodologias Coach, indicando suas etapas, bem como seu desenvolvimento no Brasil/Amapá e na Finlândia. Os autores ainda apresentam as bases teóricas-metodológicas que o projeto, em sua totalidade concebe as categorias da educação.

No capítulo 3 **Conceitos norteadores**, são apresentados pelos autores, os conceitos que nortearam o desenvolvimento do projeto como: *coaching* e sua relação com a educação, Aprendizagem Significativa e Metodologias Ativas. Os argumentos teóricos mostram que é possível pensar em uma educação com significado para o aluno e onde este, de fato, seja protagonista da sua



própria aprendizagem.

No capítulo 4 **Processos e instrumentos avaliativos** os autores apresentam a concepção de avaliação que nas fases, teóricas e práticas, foi desenvolvido o Projeto. Além disso, exibem dados e suas respectivas análises, dos processos de avaliação utilizados na etapa de aplicação das ações práticas nas escolas municipais. Destacam que o fazer pedagógico, é fundamental, onde, dentre todos os elementos previstos nos planos de ações pedagógicas, tais como conteúdos, competências, habilidades, procedimentos metodológicos, recursos, entre outros, a avaliação, se destaca pelo poder que possui de possibilitar transformações concretas.

O capítulo 5 **Os Contos sob à ótica de significados no aprender: caminhos possíveis para a autoria de pensamento**, capítulo 6 **Experiências poéticas como instrumentos de ensino-aprendizagem**, capítulo 7 **As metodologias ativas e a música popular amapaense potencializando aprendizagens significativas**, capítulo 8 **As artes visuais como articulação de sentidos para um contexto significativo de aprendizagem**, capítulo 9 **O teatro na sala de aula : por um aprender significativo em contexto local**, os autores descrevem e apresentam todo planejamento pedagógico quando da execução das oficinas realizadas nas escolas, contemplando cada área, das metodologias ativas do professor coach. Expõem os resultados das produções dos alunos e professores envolvidos no processo de formação, dando caráter científico à obra, sob os princípios da pesquisa ação, com análises do material produzido, na perspectiva das bases teóricas que o projeto foi forjado.

Por fim, os autores encerram com as **Considerações finais** elaborando reflexões da história que iniciaram no Estado do Amapá e, que ainda acreditam que há muito a continuar fazendo pela educação Brasileira, em especial da Amazônia. Enfatizam a necessidade da pesquisa no universo escolar e relatam a satisfação de terem sido privilegiados de participarem em todo o processo de aplicação do projeto nas escolas, pois vivenciaram a realidade e puderam trocar contribuições aos professores e

alunos da rede municipal de Macapá.

Em suma, as autoras e autores deste livro, sob plurais perspectivas, assinalam a função do trabalho do professor na perspectiva coach, asseverando o conhecimento, como práxis, como instrumento imprescindível no enfrentamento e na superação dos velhos e novos problemas históricos sociais vividos na educação de nosso País. A presente obra agrega valor científico, convertendo-se em uma referência para educadores, gestores e demais trabalhadores da educação que legitimam na educação uma ação social intencional, na construção de um Brasil justo que luta por uma educação verdadeiramente de qualidade.

Macapá/AP, junho de 2018.  
Antonia Costa Andrade

# Para início de conversa:

Um pouco sobre a Amazônia, o Amapá e a educação em nossas “paragens”

Carla Antunes  
Agnaldo Silveira



DERTEL

## PARA INÍCIO DE CONVERSA: UM POUCO SOBRE A AMAZÔNIA, O AMAPÁ E A EDUCAÇÃO EM NOSSAS “PARAGENS”<sup>1</sup>

Ponte, baixada, Macapá Quebrada  
Bregoso na alta, Macapá Quebrada  
Igreja e bocada, Macapá Quebrada  
O que o RAP relata, Macapá Quebrada  
Sofrida, mas viva, Macapá Quebrada  
Josés e Marias, Macapá Quebrada  
Esperança na lida, Macapá Quebrada

(Trecho de “Macapá quebrada” música  
do grupo de rap “Máfia Nortista”)

**Figura 1: Balneário do Curiaú, 2015**



Imagem cedida pelo fotógrafo Alexandre Brito

Achamos importante, antes de qualquer fala, apresentar um pouco de quem somos e de onde ecoam as vozes que dão origem a esta publicação. Faremos um apanhado geral, sem compromisso cronológico, envolvendo características diversas da região dando ênfase às questões educacionais e culturais locais até chegarmos mais próximo do “aqui/agora” nos quais se encontram mergulhadas nossas vozes e visões enquanto professores-pesquisadores e autores desta obra.

Para situar nosso local de fala, iniciaremos trazendo

---

<sup>1</sup> Expressão local de origem ribeirinha, paragem nesse caso é sinônimo de “lugar”, paisagem, setor, etc.

do algumas questões sobre a Amazônia a que nos referimos no título deste livro. Ainda atualmente, a faceta mais visibilizada da Amazônia é o seu deslumbrante e colossal bioma. A Amazônia brasileira observada a partir de qualquer ângulo causa um grande impacto por sua imensidão, já que a floresta possui uma diversidade sem paralelo e é casa para mais da metade das espécies de animais terrestres do planeta, milhares de plantas e aves, centenas de mamíferos e milhões de insetos.

Há, entretanto, muitos universos que se entrelaçam nisso a que se costuma no Brasil e no mundo, dar-se o único nome de Amazônia. Este nome carrega consigo uma pluralidade infinda de culturas, sotaques, cidades, paisagens diferentes, histórias, entre outros elementos os mais distintos, que nos fazem pluralizá-la e considerá-lhe como “Amazônias”. Quando falamos em Amazônia contemporânea, estamos falando de culturas ribeirinhas, indígenas, afro-descendentes, comunidades de remanescentes quilombolas, imigrantes brasileiros e estrangeiros, mas também estamos falando de áreas urbanas, áreas rurais, reservas florestais, desmatamento, áreas de ressa-ca, agronegócio, exploração, cerrado, empresas multi-nacionais, etc.

Assim, cremos ser importante enfatizar que, portanto, não existe “a” Amazônia, homogênea e linear, como ainda é citada em inúmeros contextos mundo a fora. É fundamental se ter consciência da bagagem que carrega a palavra Amazônia e de toda a diversidade que ela abarca.

As inúmeras dimensões da Amazônia brasileira, suas peculiaridades físicas, ambientais, antropológicas e sociais, foram e continuam sendo um grande desafio no que diz respeito ao acesso à escola por significativa parte da população desta região. Tais desafios se apresentam, desde a oferta de ensino, passando pela qualidade da educação oferecida, regularidade dos períodos letivos até a formação profissional de quem desempenha as funções docentes, entre outros.

Os espaços de atuação pedagógica dos professores da Amazônia são ímpares em desafios, seja para

aqueles que atuam nas capitais dos estados e nas principais cidades, como para aqueles que desenvolvem suas funções em pequenas escolas das beiras dos inúmeros rios, nas aldeias ou assentamentos na floresta.

Nessa configuração, evidencia-se, a fragilidade sui generis da formação e atuação de muitos profissionais da educação na região Norte como um todo, pois, para uma atuação satisfatória nesta área, existem fatores mais amplos que precisam ser levados em consideração. A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico e por uma reflexão crítica sobre a sua utilização (NÓVOA, 1997), ela não pode ser dissociada do problema das condições de trabalho que envolve a carreira docente, em cujo âmbito, devem ser equacionadas a política de valorização salarial e da jornada de trabalho.

As condições precárias de trabalho muitas vezes neutralizam a ação dos professores, além de dificultar uma boa formação, pois operam como fator de desestímulo à procura pelos cursos de formação docente e à dedicação aos estudos. (SAVIANI, 2009).

Outro fator que merece estudo e reflexão são os materiais didáticos oferecidos às escolas na região amazônica. Historicamente, tem-se utilizado livros didáticos que pouco dialogam com os conhecimentos e com a realidade local, apresentando uma produção focada em questões mais universalistas. Os livros, em sua maioria produzidos no centro sul do Brasil, deixam de fora temáticas importantes da composição cultural, artística, histórica e geográfica de boa parte das demais regiões. A linguagem, o modo de ser, as histórias locais, a arte que forma e compõem o imaginário nortista, são silenciadas das produções didáticas ou são tratadas de forma superficiais.

No entanto, apesar desse contexto, é notório que o livro didático ainda é um instrumento importantíssimo para o trabalho do professor, sendo ele, em algumas situações, o único recurso de que o professor, em contexto de isolamento, pode lançar mão para realizar suas atividades pedagógicas. Porém, faz-se necessário a busca por uma produção em conformidade com as realidades



identitárias do território local. Acreditamos que é preciso que estas produções contribuam para uma diversificação dos padrões educacionais, se apresentando como um auxílio às práticas de formação, através do estímulo à novas relações docentes entre os saberes pedagógicos, locais e científicos.

## **MULTICULTURALISMO E EDUCAÇÃO INOVADORA NO AMAPÁ**

O Amapá, originariamente fazia parte do Pará, junto do qual formavam o extinto Grão-Pará. Portanto, além da origem, temos em comum muitos hábitos, estéticas, culinárias, expressões, linguagens, entre outras. Essa relação originária com o Estado do Pará diz muito sobre a história e cultura amapaense, mas o que vemos no dia a dia é que ela é em grande parte ignorada ou invisibilizada.

É notável que, se não totalmente, mas em grande parte por conta disso, a história, a cultura e identidade local constantemente sofrem crises existenciais no que diz respeito ao imaginário social coletivo. Já por parte da administração pública, é comum se ver negligências políticas em diversos níveis. No que diz respeito à manutenção da história e cultura material e imaterial locais há uma verdadeira cultura de apagamento, silenciamento e enfraquecimento que pode ser percebida a partir de diversas facetas na comunidade local, e cujas consequências podem ser vivenciadas diretamente em nossas escolas.

É comum, por exemplo, termos enquanto professores da rede pública amapaense, estudantes de origem indígena, ou oriundos de culturas afro-brasileiras, assim como é comum vermos muitos destes estudantes sentirem vergonha de afirmar suas identidades, preferindo evitar, por exemplo, falar seus sobrenomes pois que estes revelam suas etnias indígenas, ou não expor suas comunidades e religiões afro-amapaenses de origem.

Em sua maioria, independente da origem sócio-cultural, os estudantes não costumam responder com orgulho sobre suas trajetórias de vida e seus contextos originários quando indagados, sendo, por conseguinte, muito

comum, convivermos por anos com jovens indígenas, ribeirinhos ou pertencentes a comunidades afro-amapaenses em nossas escolas sem sequer sabermos de suas identidades. Diante disso nos indagamos: Como estimular, enquanto educadores, a valorização das subjetividades na escola sem conhecermos a fundo os elementos que constituem a gama de diversidade presente em nosso dia-a-dia? Como superar todo esse silenciamento de nossas próprias vozes enquanto povo, cidade, comunidades?

**Figura 2: Casa no Vale Verde, bairro do distrito de Fazendinha, 2016**



Imagem cedida pela fotógrafa Gabriela Campelo

As políticas educacionais estabelecidas para a Amazônia ainda se apresentam insuficientes para uma transformação, valorização e empoderamento mais profundos de nosso povo. No entanto, inegavelmente, registram-se no curso da história do Estado do Amapá, importantes iniciativas, projetos e experiências que se mostraram ou ainda se mostram como possibilidades profícuas relacionadas ao desenvolvimento de uma educação amazônida/amapaense transformadora. Gostaríamos de evidenciar de maneira breve quatro experiências



locais neste sentido:

**1. Escolas Bosque<sup>2</sup> do Amapá** - Um dos projetos realizados pelo Programa de Desenvolvimento Sustentável do Amapá (PDSA<sup>3</sup>), foi a construção das “escolas-bosque”, uma situada no arquipélago do Bailique e outra na Ilha de Santana (esta segunda nunca chegou a funcionar devido a descontinuidade do programa como política pública<sup>4</sup>). O modelo das escolas-bosque foi concebido pelo sociólogo Jose Mariano Klautau de Araujo, a partir da sua Filosofia Pedagógico-Ambiental, sendo que o projeto arquitetônico ficou a cargo da arquiteta Dula Maria Bento De Lima. A escola Bosque do Bailique foi inaugurada em 1998 e envolveu a comunidade local em todo o seu desenvolvimento, desde a escolha do terreno até o funcionamento de suas atividades.

A filosofia da escola bosque propunha a construção de saberes com identidade própria e a busca pela compreensão do ser humano enquanto natureza, a partir de uma visão multidimensional desta relação. A educação ambiental se mostrava o ponto de partida interdisciplinar para a construção de metodologias ativas, participativas, problematizadoras e que buscavam a autonomia dos sujeitos envolvidos. A escola possuía um currículo vivo, trabalhado de forma contextualizada, crítica e criativa,

---

<sup>2</sup> Blog da escola, com postagens até 2015. Disponível em: <https://escolabosquedoamapamrb.wordpress.com/>. Acesso em: 20 abr. 2018.

<sup>3</sup> Em 1995, o então governador João Alberto Capiberibe (PSB), iniciou a implantação do Programa de Desenvolvimento Sustentável do Amapá (PDSA), inspirado em Chico Mendes, o programa possuía como diretrizes “o desenvolvimento com preservação ambiental; o social como eixo do desenvolvimento; a redução das disparidades sociais e regionais. Valorização do saber local agregado ao saber científico e tecnológico”. Este programa foi responsável por dezenas de iniciativas voltadas a um freio na exploração predatória da madeira e na agricultura extensiva local, e à pela valorização das culturas tradicionais e saberes científicos. Em 2002 o PDSA deixou de ser uma política pública, devido à mudança de governos, mas as ações e projetos desenvolvidos em seu curso são tidos como referencial ainda hoje.

<sup>4</sup> Para mais informações sobre o histórico da Escola Bosque da Ilha de Santana acessem o site: < <http://santanadoamapa.blogspot.com/2015/10/ha-quase-20-anos-uma-escola-em-santana.html>>.

com ênfase nos problemas locais. Eram promovidos projetos integrados a contextualidade local, trazendo temáticas próprias da comunidade, estimulando estudantes, suas famílias e sua vizinhança a pensar a sua realidade.

A escola bosque do Bailique funcionou<sup>5</sup> até 2002 como uma proposta educacional inovadora, ancorada na interdisciplinaridade, tendo como eixo norteador a relação entre saber local e o saber científico através de uma ecologia integral que visava um desenvolvimento regional socioambiental e econômico, e para isso articulava teoria e prática a partir das dinâmicas, conhecimentos e subjetividades ribeirinhos. Tudo isso em uma arquitetura inspirada diretamente na organização de uma aldeia indígena, o que possibilitava a realização de aulas em espaços abertos, oferecendo contato direto com a natureza.

**2. Escolas Família Agrícolas e Agroextrativistas Do Amapá (EFAS)** – Desenvolvido no Amapá por meio de intensa mobilização coletiva que abrangeu lideranças sindicais e religiosas, famílias de agricultores, servidores públicos, profissionais e voluntários de todas as idades, o movimento das EFAs do Amapá articulou-se há mais de 35 anos e há 27 anos oferece aos sujeitos do campo do Amapá e de outros estados a oportunidade educativa de qualidade, alicerçada na compreensão do princípio educativo do trabalho e no desenvolvimento sustentável (SOUSA et al. 2016). Em 2016 foi inaugurada a quinta EFA do estado, a Escola Família Agroecológica do Macacoari. O modelo das escolas família enfatiza o envolvimento profundo entre a tríade família/escola/comunidade, ele tem origem italiana e adentrou o Brasil por meio da igreja católica na cidade do Espírito Santo.

---

<sup>5</sup> A escola bosque do Bailique, após alguns anos de abandono, foi tomada pela natureza ao redor e processos de erosão. Veja o estado atual da escola no site: <<https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/cidades/escola-bosque-no-arquipelago-comeca-a-ser-atingida-pela-erosao/>>. Veja reportagem da Revista Nova Escola sobre a potencialidade apresentada pela proposta no site: <<https://novaescola.org.br/conteudo/3570/a-escola-bosque-do-amapa-poderia-ter-mudado-a-educacao>>.

As EFAs têm a Pedagogia da Alternância como princípio e organização do trabalho pedagógico. Esta pedagogia tem como objetivo tanto a formação do estudante de forma integral quanto o desenvolvimento do meio socioambiental dos territórios em que são implantadas. A dinâmica de aulas se divide em dois momentos: o “tempo-escola” e o “tempo-família”. Os instrumentos que compõem o plano de formação do estudante são: plano de estudos, caderno da realidade, colocação em comum, visitas de estudo, intervenção externa, caderno didático, visita às famílias, projeto profissional do jovem e estágio (SOUSA et al, 2016).

A maioria das escolas-família do Amapá realiza o revezamento quinzenal, o ciclo de construção de conhecimento acontece da seguinte maneira: Na primeira etapa, caracterizada por Sousa (2016) como “Tempo de vivência e do olhar”, o estudante passa quinze no contexto familiar onde normalmente fazem parte dos processos de extrativismo, agricultura e trabalhos afins de subsistência de seus familiares.

Na próxima etapa “tempo do relatar, do questionamento; tempo de respostas e esclarecimentos, do ‘ensino’ dos saberes teóricos”, os estudantes permanecem quinze dias seguidos na escola, tendo aulas de uma matéria específica de forma intensiva, estudantes e professores moram na escola esse período. Na próxima etapa e “última” etapa, “Tempo do transmitir e do aplicar, do refletir novamente”, o estudante leva atividades, desafios, orientações e missões a serem realizadas e exercitadas no contexto familiar num processo de assentamento de saberes em que é levado a problematizar seu contexto a partir do embasamento teórico levantada na etapa anterior.

**3. E.M.E.F. Escola Goiás<sup>6</sup>** - É uma escola municipal macapaense de ensino fundamental localizada no distrito do Coração. A população residente neste território,

---

<sup>6</sup> Mais informações disponíveis em: < <http://macapa.ap.gov.br/509-escola-go%C3%A1s-exemplo-de-gest%C3%A3o-que-d%C3%A1-certo>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

como muitas outras comunidades amapaenses, teve suas origens a partir de famílias descendentes de africanos escravizados. Percebendo a riqueza cultural que a comunidade apresentava e que se faziam perceber nas festas tradicionais, religiosidade, crenças e jeito de ser, a Escola Goiás, a partir de 2012, começou a incluir de forma mais organizada em seu Projeto Político Pedagógico a temática da cultura, história e arte afro-amapaense, o que também serviu para contemplar as prerrogativas da legislação brasileira.

Neste contexto foram criados inúmeros projetos voltados para a valorização da identidade dos estudantes e da identidade cultural local, a partir da valorização das narrativas e conhecimentos locais. O ponto de partida deste processo foi o chamamento feito pela escola para que a comunidade participasse das atividades, sobretudo os moradores mais vinculados à história “afro” no Amapá. Desta forma, a comunidade passou a ter um papel fundamental nos processos pedagógicos da escola. Os conhecimentos tradicionais foram trazidos pela comunidade e se tornaram parte das atividades pedagógicas sistematizadas.

A Escola Goiás é hoje considerada, em vários aspectos pedagógicos, a melhor escola municipal do Estado do Amapá. Em 2017 apresentou um índice de 1% de evasão escolar e vem nos últimos anos apresentando índices acima da média nacional no IDEB. No ano de 2016, por exemplo, alcançou a nota 4.6, alcançando um desempenho esperado para o ano 2020.

**4. A Educação Ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)<sup>7</sup>** - O ICMBio é uma autarquia criada em 2007, pela Lei 11.516, vinculada ao Ministério do Meio Ambiente. O instituto possui a Educação Ambiental como um dos braços fortes de sua atuação nas áreas de proteção ambiental, apresentando uma coordenação voltada especificamente para a área educativa.

---

<sup>7</sup> Mais sobre o ICMBio. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/oinstituio>. Acesso em: 10 jun. 2018.

O Instituto Chico Mendes vem promovendo no seio da floresta amazônica/amapaense, inúmeras formações que relacionam educação, meio-ambiente, protagonismo comunitário, comunicação, entre outros, voltados para educadores, estudantes, gestores e comunidades indígenas e ribeirinhas no Amapá.

Podemos citar aqui dois exemplos muito exitosos nesse sentido, o primeiro foi o Curso de Capacitação em Pedagogias em Temas Ambientais (CPPTA<sup>8</sup>), realizado pelo Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque e pelo Laboratório de Botânica e Educação Ambiental, vinculado ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá (LABOT/UNIFAP), o curso foi realizado em diversas edições em municípios e áreas de conservação ambiental e envolveu além de agentes do ICMBio e as comunidades locais, bolsistas de projetos de extensão da Universidade Federal do Amapá, técnicos das secretarias municipais de Meio Ambiente e Educação. Nestes cursos eram reservadas vagas para professores indígenas, na edição ocorrida no Oiapoque, por exemplo, 25% das vagas foram destinadas para professores indígenas, que atuam em aldeias do Manga, Kumenê e Kumarumã, pertencentes às etnias Galibi-Marworo, Palikur e Karipuna.

O segundo exemplo de ação é o Projeto Educomunicação<sup>9</sup>, que é realizado em conjunto pelo Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (Iepé) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), e conta também com a participação do Coletivo Jovem do Meio Ambiente. O projeto vem promovendo oficinas, cursos, e produções audiovisuais com moradores das UC's e

---

<sup>8</sup> Sobre o CPPTA. Disponível em: <http://cppta-tumucumaque.blogspot.com/p/o-curso.html>. Acesso em: 10 jun. 2018.

<sup>9</sup> A educomunicação é um conceito-método-ação, pois sua aplicação requer a coexistência de teoria e prática. Este conceito-método, segundo Ismar Soares, seu principal representante no Brasil, compreende-se num "conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais e outros espaços formais ou informais de ensino e aprendizagem.

tem o objetivo de estimular o protagonismo da população envolvida nas questões de gestão do território e ainda promover a aproximação das comunidades com as áreas protegidas, além disso, vem também promovendo intercâmbios entre profissionais da comunicação da área urbana do Estado com as comunidades das unidades de conservação (UCs). Estas e outras ações promovidas pelo ICMBio no Amapá tem se mostrado pioneiras no campo da educação ambiental brasileira.

Além de iniciativas institucionais, é possível notarmos um crescente e sintomático movimento de iniciativas independentes da sociedade civil por meio de grupos, projetos, mobilizações, ações educativas e espaços alternativos voltados à cultura, educação e ciência a partir da dimensão do produzir autônomo. A partir desse espírito de “faça você mesmo” que podemos ter contato com práticas brilhantes na área da educação local, as quais são muitas vezes realizadas por educadores isolados, sem o devido apoio em seus contextos educacionais. Poderíamos detalhar um número sem fim de iniciativas neste sentido, mas infelizmente não caberá este detalhamento mais aprofundado neste texto, entretanto abordaremos de forma breve seis iniciativas autônomas locais, a fim de contribuir em sua visibilidade e valorização:

**1. O grupo Mirzan<sup>10</sup>** é um grupo independente de astronomia, formado por professores de física, que realizam projetos educativos para a democratização da ciência astronômica no Amapá. Surgido no Museu Sacaca, hoje o grupo Mirzan realiza palestras, eventos de observação em escolas e locais públicos, rodas de conversa, entre outras diversas ações científico-educativas.

**2. Os projetos tecnológicos do professor Pedro Aquino de Santana<sup>11</sup>**, que leciona sociologia no Instituto Fede-

---

<sup>10</sup> Breve história do grupo Mirzan de astronomia. Disponível em: <<http://clubemirzam.blogspot.com/p/historia.html>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

<sup>11</sup> Reportagens sobre o professor Pedro Aquino. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/professor-cria-casa-sustentavel-e-leva-projeto-a-35-familias-carentes-no-amapa.ghtml>> , <http://g1.globo.com/ap/amapa/jornal-do-amapa/videos/t/edicoes/v/no-amapa-professor-compra-container-e-transforma-em-uma-casa-sus>

ral do Amapá (IFAP) e vem realizando experiências solitárias e extremamente solidárias voltadas para geração de tecnologias sustentáveis em áreas pobres da cidade de Macapá. Ele criou sozinho uma casa autossustentável onde constrói experimentos utilizando energia solar e sistemas de reaproveitamento e tratamento de água, além de utilizar suas ações no desenvolvimento de projetos socioeducacionais que envolvem os moradores e estudantes do Instituto Federal do Amapá (IFAP).

**3. O “Museu Quilombo de Arte Tapuia”** foi idealizado e construído através da liderança da artesã Rozângela Costa, com a associação Aquidart<sup>12</sup> (Associação de Artesãos do Quilombo de Arte Tapuia) que já existe desde 2005. O Museu é mantido por mulheres artesãs da comunidade do Coração, cujas terras são remanescentes de quilombos. No museu, situado na própria comunidade, encontram-se diversos trabalhos produzidos pelas artesãs locais e apresenta também um pouco do universo da história afro-amapaense. O museu é utilizado pelas escolas da região em atividades de visitas e oficinas educativas.

**4. O espaço educativo do Mundo das Plantas**<sup>13</sup>, que se trata uma horta que se situa no distrito da Fazendinha, em Macapá. Criada e mantida pelo “seu” Domingos Gomes, horticultor e único produtor de biofertilizante no Amapá. A horta Mundo das Plantas possui em seu interior um espaço educativo voltado para realização de parcerias com escolas, universidades e institutos de pesquisa. O espaço educativo do “seu” Domingos foi construído por iniciativa e financiamento próprio e já realizou atividades em parceria com a EMBRAPA, o Tribunal de Justiça do

---

tentavel/6626737/. Acesso em: 10 jun. 2018.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/a-arte-tapuia-das-mulheres-do-coracao>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

<sup>13</sup> Rede social do Mundo das Plantas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MundodasPlantasFazendinha/>>. Um pouco mais sobre projetos no espaço educativo do Mundo das Plantas, disponível em: <<http://www.tjap.jus.br/portal/publicacoes/noticias/5383-alunos-do-programa-cidad%C3%A3o-mirim-e-cart%C3%B3rio-sustent%C3%A1vel-da-comarca-de-serra-do-navio-visitam-horta-org%C3%A2nica-no-distrito-de-fazendinha.html>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

Amapá (TJAP), a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), a Virada Educação-Fazendinha, inúmeras escolas públicas de ensino básico local, entre outros.

Acreditamos que toda essa diversidade de ações educativas no Amapá reafirma a pluralidade e riqueza local no que diz respeito a possibilidades e força mobilizadora para a realização de ações em direção a uma educação inovadora e integral que transforme nossas realidades positivamente.

A força civil-popular está mais do que posta e comprovada pelas iniciativas que surgem a todo o momento. O que parece se colocar como grande obstáculo para a longevidade destas ações é o compromisso do Estado em manter suas continuidades ou mesmo em mapear e utilizar modelos de projetos locais como estes, na construção de políticas públicas mais amplas, a serem mantidas e aprimoradas em longo prazo.

Vemos a complexidade da conjuntura local como um representativo da complexidade sociocultural de todo o Brasil, que precisa se tornar a força motriz que deve mobilizar nossos atos pedagógicos para que nossas próprias realidades se retroalimentem a partir de suas diferenças, em um processo acima de tudo de autocohecimento, fundamental para as construções de novos saberes.

Há saberes filosófico-culturais que permeiam e sustentam inúmeras das culturas originárias brasileiras e se pensarmos na conjuntura amazônica/amapaense, estes conhecimentos poderiam servir de base para a construção da educação local inovadora, integral e com identidade. Podemos citar aqui, como exemplo destes saberes, de forma geral, a visão das pessoas enquanto sujeitos integrais e parte integrante indissociável da natureza, oferecida por inúmeras culturas indígenas e a própria cultura ribeirinha, ou mesmo a ideia de valorização da integração social e construção coletiva de saberes, fortemente presente na cultura de inúmeros grupos africanos.

Assim, se temos na cultura indígena, africana e ribeirinha, o cerne de nosso estado enquanto povo, por que não se utilizar das visões e posturas de vida que estas



culturas nos oferecem e que vão totalmente ao encontro do que se busca para a educação brasileira como um todo? No caso específico da realização dos projetos que originaram esta publicação, fomos até a Finlândia ter conhecimento de práticas e conceitos que em muito dialogam com os pensamentos e modos de vida que deram origem a nossa história e cultura. Por que precisamos ir tão longe para aí sim nos olhar mais de perto? Não sabemos responder, mas o fato é que se faz urgente o estabelecimento de uma educação que não apenas valorize, mas que compreenda, alimente e fortaleça o multiculturalismo local, pois, quando não se tem plena consciência do que se é, seja enquanto sujeito ou grupo social, isto vai se delimitando a partir do que não se é, ou mesmo a partir de visões externas sobre nós mesmos.

Assim, mostra-se fundamental a compreensão de que não nos cabe, enquanto brasileiros, mas principalmente enquanto amazônidas, colocarmos o negro, o indígena, o ribeirinho, o imigrante, e todo e qualquer "diferente" no espaço de "outro" em nossos discursos e atitudes, pois, os outros neste contexto somos nós mesmos, essa é a essência socio-cultural de nossos "eus". As diferenças estão em cada um de nós, pois, do alto de nossa mais íntima humanidade, carregamos todos, nossos universos particulares, transbordantes de peculiaridades e idiossincrasias.

Os "outros", os diferentes, muitas vezes estão perto de nós, e mesmo dentro de nós, mas não estamos acostumados a vê-los, ouvi-los, reconhecê-los, valorizá-los e interagir com eles. Na sociedade em que vivemos há uma dinâmica de construção de situações de separação social e cultural que confinam os diferentes grupos socioculturais em espaços diferenciados, onde não somente físicas, como também afetivas e simbólicas entre pessoas e grupos cujas identidades culturais se diferenciam por questões de pertencimento social, étnico, de gênero, religioso, etc. Estes processos também se dão no contexto escolar e as questões de discriminação e racismo assumem diversas manifestações. A interação entre os diferentes está muitas vezes marcada por situações de conflito, de negação

e exclusão, que podem chegar a diversas formas de violência. O/a educador/a tem um papel de mediador na construção de relações interculturais positivas, o que não elimina a existência de conflitos. O desafio está em promover situações em que seja possível o reconhecimento entre os diferentes, exercícios em que promovamos o colocar-se no ponto de vista, no lugar sociocultural do outro, nem que seja minimamente, descentrar nossas visões e estilos de afrontar as situações como os melhores, os verdadeiros, os autênticos, os únicos válidos. (CANDAU, 2013, p.31).

A histórica disseminação do pensamento que reduz o ser humano às classificações científicas oriundas de conhecimentos objetivos, a partir de padronizações e estabelecimento de disciplina acrítica, escondeu por séculos o que é a fonte da diversidade: a gama de subjetividades e todo o universo sensível que compõem cada pessoa para além do que é invariante na natureza humana. A quem interessa o silenciamento das subjetividades, e por conseguinte, das expressões de identidade, do sensível, da criatividade e da diversidade na escola?

### **AFINAL, QUE EDUCAÇÃO QUEREMOS?**

Importante esclarecer o que queremos dizer quando falamos em inovação na educação. Para isso faz-se necessário compreendermos que fatores são determinantes para que uma escola seja considerada uma escola tradicional, para aí sim entendermos o que seria uma escola inovadora. Segundo Gouvêa (2016), existem fatores invariantes que constituem o que se compreende como escola tradicional – a qual ela se refere como “moderna” ou “hegemônica”. A autora afirma que os elementos invariantes mais relevantes ou constitutivos da escola moderna seriam: o tempo (fragmentado em torno de aulas de 50 minutos), o espaço (fragmentado com base nas salas de aula) e as relações pedagógicas (fragmentação do saber, classificação, programas e controle). (GOUVÊA, 2016)

A organização escolar que permanece hoje como hegemônica no Brasil e na maioria dos países, indepen-

dente do sistema e do nível escolar, mantém quase intacta a duração das aulas de 50 a 55 minutos e uma arquitetura que compartimentaliza os espaços. Nesta organização espacial a sala de aula permanece com sua estética e forma aparentemente intocáveis, além de manter as relações de poder e hierarquização entre gestores, demais funcionais, professores, estudantes e comunidade em geral.

Segundo Gouvêa, para ser considerada inovadora a escola deve romper com estas invariantes de alguma forma. Esta visão de educação abrange preceitos como a valorização do aluno, o estímulo à criação, à liberdade, a um ser/estar sustentável no mundo e à alfabetização político-sócio-cultural que busca o desenvolvimento do estudante de forma integral diante da natureza, da sociedade e de si próprio.

Acreditamos que além do estudante em si, toda a diversidade de subjetividades que compõe o universo escolar e seu contexto sócio-cultural deve ser valorizada e integrada aos fazeres pedagógicos.

Assim, a educação que queremos é, então, uma que contribua para o crescimento dos sujeitos envolvidos e seus contextos, e leve em conta todas as peculiaridades de seus atores, relacionando de forma fluida os saberes locais com a produção de conhecimento, assim como as subjetividades com os saberes científicos.

Acreditamos que os caminhos possíveis para uma prática educacional inovadora na Amazônia são infinitos e suas trajetórias vêm sendo criadas ao passo em que são percorridas. Assim, ao compartilhar nossas experiências através deste livro esperamos contribuir com o fortalecimento de ideias, projetos e políticas que visem a construção de cada vez mais novos caminhos para a educação na Amazônia.

## REFERÊNCIAS

AMAPÁ. Secretaria de Estado da Educação - Série Projeto Escola Bosque do. Amapa / Número VII -. MÓDULO REGIONAL DO BAILIQUE - MEMORIAL DO PROJETO. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/am-p/16290354-Projeto-escola-bosque-do-amapa.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

CANDAU, V. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M.(Org.). **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GOUVÊA, T. S. **O movimento brasileiro de renovação educacional no início do século XXI**. 2016. 274 f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16082016-113432/>>. Acesso em: 04 ago. 2016.

ICMBio. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/p>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/panorama>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e sua formação**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n. 40, p.143-155, abr. 2009. ISSN 1413-2478.

SOUSA, R. et al. **Educação do campo na Amazônia: A experiência histórica das Escolas Famílias do estado do Amapá**. Belém: Instituto Internacional de Educação do Brasil [IEB], 2016.

The background is a vibrant, abstract composition of geometric shapes in shades of blue, orange, yellow, and green. In the upper left, a silhouette of a person is partially visible. In the center, a larger silhouette of a person stands with hands on hips, holding a bowl. To the right, several stacks of bowls are depicted. A large, bold black number '2' is positioned on the right side, partially overlapping the bowl stacks.

# 2

## **A especialização “O professor coach” e o projeto “Metodologias coach de ensino”**

Carla Antunes  
Joyce Ferreira

# **A ESPECIALIZAÇÃO “O PROFESSOR COACH” E O PROJETO “METODOLOGIAS COACH DE ENSINO”**

## **O INÍCIO DA HISTÓRIA**

A trajetória do Projeto Metodologias Coach de Ensino Compartilhando Saberes e Construindo Possibilidades começa a ser narrada em outubro de 2014, quando os membros associados do Rotary Club Macapá (RCM), decidem o lançamento do curso de pós-graduação conferido aos professores da rede pública municipal. Por ocasião do planejamento pedagógico municipal do ano de 2015, o projeto foi apresentado aos diretores e pedagogos do sistema de ensino.

Em outubro de 2015 a especialização “Professor Coach: A Arte de Potencializar Habilidades em Sala de Aula” formou sua primeira turma. O curso aconteceu através de um convênio entre o Rotary Club de Macapá por meio da então presidente Cristina Gradella, a Universidade Cândido Mendes, sob a coordenação da professora Iolanda Martins e do acordo firmado com a Secretaria Municipal de Educação de Macapá – SEMED.

Esta especialização abrangeu aspectos da educação contemporânea, envolvendo metodologias ativas e o conceito de *coaching* atrelado à educação por meio da postura do professor coach.

Em abril de 2016, proporcionado pela fundação Rotária Internacional (distrito 4720-RI e distrito 1420 – RI por meio do subsídio global (GG 1528008– RCM) administrado, gerenciado e acompanhado pelo Rotary Club de Macapá (RCM), aconteceu um intercâmbio Brasil-Finlândia, com os educadores desta turma a experiência de pesquisa in loco sobre o sistema de ensino finlandês, considerado um dos mais evoluídos do mundo. Através deste intercâmbio tivemos acesso a realidades educacionais muito distintas às nossas, realizamos visitas em escolas, assistimos a palestras, assim como experimentamos inúmeras vivências metodológicas diferenciadas. Todo este conjunto, somado ao arcabouço teórico da especializa-

ção, expandiu ainda mais nossos horizontes com relação a possibilidades educativas e nos levou a buscar mais inspiração e fundamentação para fomentar mudanças possíveis na educação em nossa cidade.

Uma peculiaridade deste curso foi a obrigatoriedade, quando da avaliação acadêmica, de exigir dos alunos do curso a realização de projetos de intervenção. Os projetos foram aplicados de maio a setembro de 2016 em diversas escolas de Macapá, nas quais os professores cursistas da turma trabalhavam. A avaliação desta atividade gerou uma nota que representou a metade da média final do curso, somando-se com a nota do artigo final desenvolvido por cada especializando.

## **O PROJETO METODOLOGIAS COACH DE ENSINO (PMCE)**

No início de 2017, aproximadamente 25 dos 54 educadores e pedagogos que participaram da especialização e do intercâmbio, se uniram para elaborar e realizar um projeto de aplicação em contextos escolares de Macapá. Foi então que, contando novamente com o financiamento do Rotary Clube Macapá e apoio da SEMED-AP, surgiu o projeto **Metodologias coach de ensino: compartilhando saberes e construindo possibilidades**, que aconteceu de abril a novembro de 2017 e teve como público-alvo, educadores e estudantes de 13 escolas da rede municipal de educação macapaense.

O objetivo principal do projeto foi provocar e estimular o desenvolvimento de ideias e metodologias voltadas a nossa realidade educacional, através da realização de vivências com metodologias ativas e técnicas coach de ensino. Por meio do PMCE buscávamos também multiplicar e construir saberes com outros profissionais da educação escolar local, e assim contribuir para o urgente fortalecimento de um movimento de renovação educacional em nosso estado.

De modo algum se visou transportar tecnologias educacionais estrangeiras prontas para as escolas locais, pois, sabemos que além de inviável, isso seria pouco produtivo considerando que cada contexto possui suas



peculiaridades culturais, sociais, geográficas, antropológicas, políticas, entre outras, as quais devem representar o cerne de todo e qualquer processo educacional que se pretenda realizar em tais contextos.

Alguns eixos norteadores encontrados em realidades educativas às quais tivemos contato serviram, entretanto, de catalisadores para o desenvolvimento de metodologias a partir de nossas realidades escolares, os principais foram à questão da valorização da subjetividade e dos processos individuais de desenvolvimento de aprendizagem. Estes pontos influenciaram na busca por outras formas de avaliar e de enxergar os estudantes, professores e sujeitos em geral da comunidade escolar, formas as quais favoreceram diretamente a construção do projeto que realizamos, cujas atividades se desenvolveram em quatro etapas principais: 1-Workshop; 2- Oficinas de formação; 3- A aplicação nas escolas e 4- Produção do livro "O uso de metodologias ativas e a postura do professor coach: caminhos possíveis para uma práxis educacional inovadora na Amazônia".

No dia 18 de abril, como parte deste projeto foi realizado o Workshop Metodologias Coach de Ensino, que visou compartilhar a origem do projeto e apresentar alguns pontos importantes sobre as metodologias ativas e o conceito de professor coach. Neste dia estavam presentes na audiência não apenas os educadores que participariam das próximas etapas da formação, mas também os gestores e coordenadores das treze escolas envolvidas.

Em maio daquele ano iniciaram as oficinas com os professores e os momentos de intervenção nas escolas envolvidas. Estas etapas aconteceram através de uma dinâmica de ensino aplicado, na qual após cada módulo de formação os educadores participantes tiveram cerca de um mês para multiplicar práticas e técnicas em suas escolas.

Cabe ressaltar que, contando com um corpo de voluntários de apenas 25 profissionais, todos educadores em atividade na rede pública de ensino de Macapá, o projeto foi desenvolvido em 13 das 80 escolas de ensino fundamental da rede municipal, sendo que 53 professo-



res participaram da formação e desenvolveram atividades com aproximadamente 1.925 alunos de turmas de 5º ano dos Anos Iniciais do ensino fundamental.

Sobre as oficinas de formação, foram ao todo cinco módulos que proporcionaram vivências de metodologias ativas e técnicas *coach* de ensino-aprendizagem a partir de linguagens artísticas, estes temas e métodos foram relacionados ao currículo do ensino fundamental e a partir de rearranjos, adaptações e melhoramentos foram aplicados pelos professores participantes nas turmas de suas escolas.

Os cinco autores deste livro foram destacados do grupo de 25 voluntários que conceberam e executaram o projeto. Assumimos o desafio de, durante todo o processo de desenvolvimento das atividades, aprofundarmo-nos no papel de professores-pesquisadores. A questão primordial do trabalho do professor pesquisador, segundo Bortoni (2008), é o fato de este produzir uma “teoria prática”, o que contribui para a sistematização e socialização dos processos desenvolvidos. Além de ocupar as funções de professores-pesquisadores, buscamos no PMCE estimular nos demais professores participantes, este método de investigação ativa, que visa o aprimoramento de suas práticas pedagógicas por meio de processos de ação-reflexão-ação.

## **O CAMINHO METODOLÓGICO DO PROJETO**

Para a criação das análises contidas neste livro, além da participação em todo o processo de realização do projeto desde a sua concepção, foram analisados 56 diários de bordo de estudantes, 10 diários de educadores, 5 registros em áudio de rodas de conversa com os educadores cursistas e inúmeras observações realizadas pela equipe ao longo das oficinas.

Sabemos das lacunas existentes nas realidades escolares brasileiras no que se refere a processos educacionais que deem ênfase a aprendizagem, bem como no que diz respeito a parâmetros que contribuam para a construção de uma postura ideal do professor nos proces-

sos educativos que visem o protagonismo do estudante.

Relacionando estas questões à nossa inquietação quanto aos péssimos índices de desempenho que vem sendo apresentados pelos estudantes amapaenses em exames nacionais referentes à leitura e escrita, concebemos o problema que norteou todos os nossos trabalhos nesta pesquisa.

Que tipo de práticas poderíamos desenvolver voltadas a estas problemáticas visto que elas são extremamente complexas e unem desafios universais da educação brasileira com desafios específicos de nossa realidade local? Apostamos em realizar experimentações o uso de metodologias ativas por parte do educador e, a postura deste, enquanto *coach* como instrumentos catalisadores da construção de conhecimento nos processos educacionais. Mas como proporcionar aprendizagens significativas com os educadores participantes a ponto destes se verem como multiplicadores dos saberes desenvolvidos? A resposta para esta questão veio através da definição de que o projeto, de forma geral, teria um escopo metalinguístico, uma vez que trabalharia metodologias ativas e a postura do professor *coach* por meio da vivência direta dessas metodologias e com esta postura.

O Projeto Metodologias Coach de Ensino, foi concebido em um formato que se aproxima do conceito de pesquisa-ação, a qual é uma metodologia de pesquisa de abordagem participativa que tem como ponto de partida teórico-metodológico a articulação entre a produção de conhecimentos para a conscientização e solução de problemas socialmente relevantes (THIOLLENT, 1997).

Segundo Engel, a pesquisa-ação

surgiu da necessidade de superar a lacuna entre teoria e prática. Uma das características deste tipo de pesquisa é que através dela se procura intervir na prática de modo inovador já no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do projeto. Um dos pioneiros da pesquisa-ação foi o psicólogo alemão Kurt Lewin (1890-1947). [...] Além de

sua aplicação em ciências sociais e psicologia, a pesquisa-ação é, hoje, amplamente aplicada também na área do ensino. (ENGEL, 2000, p.182)

Nesta configuração, uma peculiaridade do PMCE, diz respeito ao fato de o formato se desmembrar em duas etapas de pesquisa-ação, envolvendo três grupos de sujeitos: uma etapa percorreu o viés da ação da equipe do projeto para com os educadores da rede municipal de Macapá, e a outra acompanhou o viés das ações destes educadores para com seus educandos, já imersos em suas realidades escolares.

Este caminho metodológico visou tanto colocar em prática o arcabouço de conhecimentos experimentados na especialização no âmbito teórico, como proporcionar vivências com práticas de metodologias ativas atreladas às técnicas *coaching*, e ainda, de acompanhar os processos de realização de novas práticas inspiradas nestas vivências, já de forma direta nos contextos de treze escolas diferentes.

A dinâmica de alternância entre as oficinas e a aplicação nas escolas proporcionou uma avaliação contínua de ambas, o que valorizou o processo desenvolvido ao longo do projeto. Como conceito de processo, tomamos como base o que afirma Barbier (2002), ao demonstrar a diferença entre “processo” e “procedimento”:

Um processo é uma rede simbólica e dinâmica, apresentando um componente ao mesmo tempo funcional e imaginário, construído pelo pesquisador a partir de elementos interativos da realidade, aberto à mudança e necessariamente inscrito no tempo e no espaço. [...] Um processo apresenta uma polarização de autonomia repleta de incertezas. Um procedimento, ao contrário, só se compreende por uma polarização de heteronomia garantindo o instituído. [...] posso controlar um procedimento, mas eu avalio um processo. (BARBIER, 2002, p. 111-146).

Toda abordagem participativa, requer no corpo de seu desenvolvimento a participação colaborativa do contexto através do envolvimento dos sujeitos locais na

lapidação e aplicação dos métodos simultaneamente à construção da pesquisa. O acompanhamento das ações desenvolvidas pelos educadores em suas realidades foi feito durante todo o processo do projeto, tanto por meio das rodas de conversa que aconteciam ao final das oficinas, onde além de serem expostas as impressões sobre as vivências experimentadas, eram compartilhadas também informações presentes em seus diários de bordo sobre as práticas desenvolvidas em suas escolas.

Os contextos de trocas promoveram reflexões tanto nos educadores pesquisadores quanto nos educadores participantes, reflexões as quais foram influenciando diretamente na condução das ações tanto no viés formativo quanto no viés de aplicação. Através desta dinâmica, foi possível vislumbrar de forma clara a pesquisa-ação acontecendo que segundo Michel Thiollent (1997) esta, deve ser realizada em um espaço de interlocução, onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação.

## **POR QUE TRABALHAR A LEITURA E ESCRITA NO PROJETO?**

O PMCE não dissocia das habilidades de leitura e escrita, o conceito de alfabetização defendido por Paulo Freire, que fazia uma distinção entre do mundo e leitura da palavra e afirmava que alfabetização vai muito além de do domínio do código escrito, pois, deve visar o exercício da leitura crítica da realidade (FREIRE, 2014). Alfabetizar então vai além de promover a habilidade de leitura e escrita nos estudantes, mas, o saber ler e escrever, obviamente são parte fundamental deste processo.

É notório o grande desafio das escolas brasileiras, os dados relacionados à leitura no Brasil mostram que nosso país não é uma nação leitora, segundo Zaira Failla (2016), 44% da população brasileira não lê, sendo que 30% nunca sequer comprou um livro. No contexto nortista, o desafio aumenta, pois, segundo os resultados da Avaliação

Nacional da Alfabetização (ANA)<sup>1</sup> de 2016, a região Norte apresenta 73% de seus estudantes do 3º ano do ensino fundamental com desempenho de leitura nos níveis 1 (elementar) e 2 (básico) e mais de 50% nestes mesmos níveis relacionadas à escrita, ambos situados como rendimentos insuficientes.

No que se refere à leitura a situação consegue ser mais grave quando temos em vista os índices do Amapá neste mesmo levantamento, pois o estado apresentou 79,4% de estudantes com nível inadequado de leitura, já de escrita a porcentagem apresentada é menor, mas não menos preocupante, 57,65%.

Como mostram os dados estatísticos apresentados, é correto se afirmar que uma das grandes dificuldades nas escolas brasileiras de anos iniciais, tem sido provocar aprendizagens efetivas com relação ao processo básico de ler e entender pequenos textos. Parte daí o interesse em se colocar a questão da leitura e escrita como cerne do PMCE. Sabemos que este tipo de pesquisa e de avaliação, por mais elaboradas que sejam não são capazes de adentrar os pormenores de cada município, estado ou região, mas, obviamente, servem como parâmetros muito importantes para a visualização de quadros situacionais mais gerais acerca das profundas lacunas arraigadas em nossas realidades educacionais. Inúmeros fatores multidimensionais influenciam para que tais quadros se apresentem na realidade brasileira, fatores que transcendem os números e rankings.

Apesar dos muitos dados alarmantes, a equipe realizadora do PMCE, assim como muitos dos mais de dois milhões (MEC, 2018) de professores atuantes na educação básica espalhados pelo Brasil, acredita de forma radical na educação como instrumento transformador, atribuindo, sobretudo, ao Estado a responsabilidade enquanto

---

<sup>1</sup> A Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) é uma avaliação externa que objetiva aferir os níveis de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa (leitura e escrita) e Matemática dos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental das escolas públicas. As provas aplicadas aos alunos forneceram três resultados: desempenho em leitura, desempenho em matemática e desempenho em escrita. (INEP, 2015)

criador e mantenedor de políticas públicas educacionais efetivas e eficientes, tanto voltadas ao chamado “chão da sala de aula” quanto ao início da trajetória dos educadores, em seus processos de formação.

Mas, acreditamos também que a cada um dos que se propõem contribuir para o fortalecimento da educação brasileira cabe o dever de exercitar a capacidade de perceber “os mistérios de seu tempo”, para que os re-cuos gerados pelas idas e vindas da história da educação neste país não correspondam em “desesperanças e medo generalizado” (FREIRE, 2014) que venham a nos frear e fazer-nos desacreditar também no poder das microrrevoluções possíveis em nossas realidades a partir de nossas práticas e posturas individuais.

### **POR QUE USAR LINGUAGENS ARTÍSTICAS COMO METODOLOGIAS ATIVAS?**

As linguagens artísticas são meios através dos quais o ser humano exercita suas faculdades de criação. Através da arte as pessoas expressam-se e comunicam-se, seja consigo mesmas ou com os demais e o mundo ao redor. É notória a forte ligação entre criatividade e arte, uma vez que todo produto da arte passa por um processo criativo. Promover situações de aprendizagem articulando as criações artísticas da criança ao seu contexto sociocultural também favorece sua compreensão sobre o mundo e amplia a consciência de seu papel na sociedade.

Não por acaso o Projeto Metodologias Coach de Ensino utilizou linguagens artísticas como fio condutor das práticas vivenciadas ao longo de seu desenvolvimento. A concepção do projeto partiu do pressuposto de que o fazer artístico proporciona experiências diretamente ligadas à criatividade, assim como oferece inúmeras possibilidades de desafios e estímulos à curiosidade, facilitando processos de aprendizagem.

Optamos por explorar nas linguagens artísticas e seus processos criativos a inerente capacidade catalisadora de aprendizagens, assim, estas foram utilizadas não

enquanto fins em si mesmas, mas como meios através dos quais foram trabalhadas a leitura e a escrita, buscando envolver nas práticas de forma geral a procura ativa por conhecimento e pelo desenvolvimento de soluções criativas para problemas cotidianos.

Proporcionar o fazer artístico na escola, é uma das maneiras mais assertivas de se trabalhar metodologias ativas, pois, para criar é necessário assumir as rédeas do processo criativo, uma vez que só se cria ativamente e sem ação não há criação. A criatividade é uma habilidade humana cobrada pelo fluxo natural da vida a todo o momento, habilidade a qual os próprios seres humanos exigem uns dos outros em contextos de mercado de trabalho, ou de relações interpessoais, por exemplo, mas que, contudo, paradoxalmente, é menosprezada no âmbito da educação em comparação com outras habilidades como o raciocínio lógico ou uma boa oratória.

O PMCE propôs aos educadores participantes inúmeras experiências a partir da relação entre produções com linguagens artísticas e técnicas de postura coach de trabalhos em grupo, o que resultou em ricas vivências com metodologias ativas. O projeto defende que essa mistura atrelada a postura do professor enquanto coach/tutor nos processos educativos são capazes de se tornar instrumentos catalisadores da construção de conhecimento no contexto escolar, e ainda, que podem representar repostas interessantes para as inúmeras perguntas que nos fazemos enquanto educadores diante do desafio atual da alfabetização e da própria educação como um todo.

## **PORQUE AGREGAR A EDUCAÇÃO SISTÊMICO-COMPLEXA À PRÁXIS DO PROFESSOR COACH?**

Não é nossa intenção aqui neste projeto o aprofundamento teórico com o rigor sistemático que a ciência requer, porém precisamos e necessitamos mencionar as abordagens filosóficas que nos movem e instigam em nosso fazer cotidiano. Podemos até dizer que, são alguns conceitos que permeiam nossa essência enquanto seres

humanos habitantes deste planeta e que nessa busca incessante por respostas aos nossos anseios e inquietações nos deparamos com o que nos convencionou chamar aqui de educação Sistêmico-complexa e a práxis do professor *coach*.

Extraímos dos conceitos da educação sistêmica embasados pela visão de Fritjof Capra um viés de significados que coadunam com as nossas expectativas de educação para o século XXI, bem como agregamos a esta visão a perspectiva da complexidade de Edgar Morin e para a ação desta nova concepção educacional a atitude e postura do Professor Coach alinhada ao conceito de práxis em Marx, Gramsci e Paulo Freire.

Chegamos a uma época de mudanças dramáticas e potencialmente perigosas, *“um ponto de mutação”* para o planeta como um todo. Estamos precisando de uma nova visão para a realidade que nos cerca, que permita que as forças que estão transformando o nosso mundo possam fluir como um movimento positivo de mudança saudável e promissora para a humanidade. Esta perspectiva parte da concepção mencionada por Fritjof Capra,

A nova visão da realidade, de que vimos falando, baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Essa visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais e será explorada no âmbito de novas instituições [...]. A concepção sistêmica vê o mundo em termos de relações e integração. Os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às de unidades menores [...] esses sistemas naturais são totalidades cujas estruturas específicas resultam das interações e interdependência de suas partes. (CAPRA, 2006, 259-260).

Em decorrência das características citadas acima, podemos fazer um contraponto de superação do antigo paradigma cartesiano-newtoniano de atitudes e pensamento lineares com verdades inquestionáveis e fechadas em si mesmas. Nesta nova visão educacional que des-



ponta para o século XXI, amplia-se a capacidade de conexões e os processos construtores da subjetividade ganham contorno mais definido e assim admitem-se outras saídas e outras respostas possíveis.

Em decorrência do que nos propõe Fritjof Capra em sua concepção sistêmica, bem como Edgar Morin na teoria da Complexidade, em ambos, notamos que a superação da perspectiva do cuidar das “coisas” de modo separado, cada parte em seu lugar, em seu tempo e espaço gerou uma realidade caótica que ao mesmo tempo isolou e afetou o todo.

Os acontecimentos, o mundo, a realidade, a sociedade, o conhecimento, o pensar filosófico, a ação educativa, a subjetividade/cognição nada disso pode ser possível isolado e separadamente. Como nos confirma Morin,

A fragmentação nos levou ao desperdício de ideias, pessoas, materiais, que nos remete a ter um mundo onde reina o individualismo, o centralismo e a ausência de uma visão do todo compreendido como diversidade, pluralidade e diferenças. A fragmentação consolidou a lógica determinista do já estabelecido pela tradição, gerando um mundo fechado, com certezas comprovadas e analisadas. (MORIN, 2007, p. 138).

Portanto, quando abordamos as temáticas das metodologias ativas, e dentro desta ressaltamos a subjetividade dos sujeitos, para uma aprendizagem significativa, entendemos que a produção do conhecimento de maneira geral deve responder aos dramas que desafiam a humanidade e que podem impulsionar o sujeito, a ser um criador, reconstrutor e empreendedor, em contextos diferenciados, para ir à busca do verdadeiro Eu humanizado, processo este que em tempos hodiernos está sendo esfacelado, a cada dia. A essência humana se dilui e se perde na fragmentação.

Para Maturana (1990), a humanidade tem percorrido uma bela e histórica caminhada, mas acredita que a inteligência humana somente poderá se desenvolver e

se expandir com a convivência amorosa e cooperativa entre os aspectos afetivos e intelectuais. De acordo com Sousa Neto (2004), o processo de humanização requer um relacionamento com o contexto sociocultural, mesclado de certezas e incertezas, ordem e desordem, que impulsiona o ser humano a interagir.

O processo de internalização da cultura, dos valores, a maneira de amar e de ser amado, de estabelecer amizades, a construção da afetividade, depende, num primeiro momento, de uma relação intersubjetiva e posteriormente intrasubjetiva. Podemos ter clara essa ideia a partir do que nos confirma o autor, a seguir,

Apesar de ser Natureza, ele não tem o mesmo estatuto do oceano, das árvores, dos rios e animais irracionais. A subjetividade não responde como máquina ou um mecanismo. Mas por meio dela [...] os homens agiram sempre no interior de um campo de possíveis, [...] e continuarão em seguida a agir e a transformar a realidade social, o mundo e também os conceitos teóricos. (NETO, 2002, p. 98).

Pareceu-nos muito lógico que somente através de uma ação agressiva de princípios éticos renovados e a criação de novos valores humanos através de uma Educação com um “olhar” completamente renovado como é o caso dos conceitos da Educação Sistêmico-complexa, poderemos finalmente fazer frente e nos inserir numa sociedade multifacetada e globalizada, sem perder de vista nossa essência humana.

A *práxis* do professor *coach* está propositalmente aqui aliada ao referencial teórico da educação sistêmico-complexa, porque entendemos que somos parte de um todo, ainda que continuemos a ser parte. Ao apoiar-mo-nos na visão sistêmico-complexa, estivemos a ampliar nossas possibilidades de atuação, porque nesta concepção deixamos de focar apenas o indivíduo para focar também no estudo das relações no todo.

Embora tenhamos utilizado de “métodos” e “técnicas” que aparentemente estão desligadas do conceito sistêmico-complexo, sendo estas as “rotinas de pensa-

mento" e "rotinas de participação" que se constituem em ferramentas do *coaching*, por meio destas podemos colocar em evidência o afeto/cognição no "ensinar aprendendo" e no "aprender ensinando". Conseguimos ainda criar momentos de protagonismo para o aluno numa ação educacional não alienante, construindo uma práxis educacional ressignificada, humanizada e transformada, pois a complexidade do mundo atual requer, com urgência, uma reforma do pensamento mais sintonizada com estas novas realidades e suas respectivas demandas.

Perdura ainda uma época de pensamentos compartimentalizados, separados uns dos outros. Neste sentido, mesmo o conhecimento mais sofisticado, se estiver isolado, deixa de ser considerado pertinente. As especializações das disciplinas não chegam a estabelecer comunicação com as demais, tratando cada uma de problemas a partir do seu ponto de vista e de modo isolado. Isto se torna realmente dramático quando percebemos que os problemas nas sociedades atuais são transversais, multidimensionais, sistemáticos, globais e planetários.

Portanto, neste projeto, nos utilizamos da visão sistêmico-complexa de educação numa ação autopoietica<sup>2</sup>, porque entendemos que cada vez mais nossos problemas educacionais precisam ser vislumbrados sob um novo "olhar" e porque partimos do pressuposto que todo ser humano é capaz de uma autocriação de suas ideias, aprendizagens e significações e entendemos que dentro de todo sistema o mesmo é capaz de se autoproduzir, autoconstruir, refazer-se e ressignificar-se.

Procurar desenvolver uma observação a partir da ideia de sistemas significa privilegiar alguns pressupostos possíveis de serem constatados em diversos tipos de observação, ou seja, a ideia de autopoiese tanto

---

<sup>2</sup> Autopoiese: do grego "auto próprio", "poieses criação". O termo foi criado pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela, para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios. A teoria tem como base um sistema organizado e autossuficiente, este sistema produz e recria seus próprios componentes diferenciando-se do meio exterior pela capacidade de autorrecriação e autoprodução.

em relação ao sistema biológico, como psíquico ou social, indica uma forma peculiar de organização. Essa organização que pressupõe também uma auto-organização se apoia primordialmente na diferença e relação entre sistema e ambiente. [...] convém mencionar que um sistema autopoietico é um sistema que se auto-organiza e se autoproduz a partir de suas próprias operações e elementos em um movimento recursivo, onde uma operação parte de uma operação imediatamente anterior e prepara a possibilidade para uma futura operação. [...] A partir dessa diferença sistema/ambiente através de contatos que são conhecidos como acoplamentos estruturais, podemos afirmar que tudo de alguma forma está relacionado, mesmo que essas relações sejam altamente contingentes e paradoxais. (TRINDADE, 2010, p.123).

Nessa perspectiva entendemos que a educação em suas disciplinas específicas não pode mais se fechar em seus compartimentos isolados, porque dificilmente estabelecerá relações com outras áreas do saber. Embora saibamos que as disciplinas sirvam como um delimitador para que não se tenha um conhecimento disperso, porém se fechada em si mesma corre o risco de se isolar e perder a capacidade de contextualização e conexão com problemas reais que transcendem seus limites, neste caso coloca-se a possibilidade não da extinção ou quebra total do limite das disciplinas, mas abre-se a possibilidade de que estas tenham suas fronteiras ao mesmo tempo abertas e fechadas para as possibilidades do mundo real.

Trata-se de um convite a uma observação diferenciada, problematizando a racionalidade que nos deixou promessas de soluções aos problemas da ciência, da técnica, do progresso, ou seja, a razão moderna, que significa problematizar a própria organização do pensamento e da Instituição universitária. Pois tanto a fragmentação do conhecimento através da criação de disciplinas, como a criação de departamentos e programas de aulas bem delimitadas, ou ainda uma forte tendência mercadológica que pressiona o ensino e a pesquisa a se adequarem às demandas econômicas, técnicas e administrativas do momento, dificultam uma tomada de consciência. (MORIN,

Deparamos-nos com um convite para uma observação minuciosa do que seja realmente o processo educativo nos moldes como o conhecemos hoje, nos chama a atenção para uma falta de lucidez que oculta o aspecto multidimensional do mundo e do ato de educar nesse emaranhado complexo de nossa realidade. Vivemos numa crise de percepção, porque nos deparamos com afirmações científicas que inevitavelmente nos induzem ao erro, porque padece de um “erro” desde o princípio seja porque se apoia nos sentidos que são falhos ou porque está presa numa racionalidade fechada, tal constatação nos traz a preocupação de repensar a própria ciência no século XXI e seu papel social. (MORIN, 2007).

[...] essa ciência elucidativa, enriquecedora, conquistadora e triunfante, apresenta-nos, cada vez mais, problemas graves que se referem ao conhecimento que produz à ação que determina à sociedade que transforma. Essa ciência libertadora traz, ao mesmo tempo, possibilidades terríveis de subjugação. Esse conhecimento vivo é o mesmo que produziu a ameaça do aniquilamento da humanidade. Para conceber e compreender esse problema há que acabar com a tola alternativa da ciência “boa”, que só traz benefícios, ou da ciência “má”, que só traz prejuízos. Pelo contrário, há que, desde a partida, dispor de pensamento capaz de conceber e de compreender a ambivalência, isto é, a complexidade intrínseca que se encontra no cerne da ciência. (MORIN, 2007; 16).

Sob esse ponto de vista, há que se entender que para uma compreensão do saber é imprescindível que sejam reatados novamente indivíduo/sociedade/espécie, para que se opere uma relação permanente e simultânea. Porque na medida em que se vive em uma perspectiva do erro e do engano assim como numa perspectiva fragmentada, há a dificuldade de se conectar as ideias aos acontecimentos vividos e percebidos no dia a dia resultando daí uma visão embaçada e deturpada da realidade que nos cerca.

*“A parte está no todo assim como o todo está na*

parte", é necessário que com uma visão educacional renovada possamos enxergar criticamente o fenômeno da fragmentação avaliando outras maneiras de tentar compreender a realidade que nos cerca, neste conceito outras possibilidades são existentes, outras hipóteses podem ser levantadas visando uma integração do todo com as partes e das partes com o todo.

Para assumir verdadeiramente uma nova forma de fazer educação os educadores primeiro precisam passar por uma reforma de pensamento como nos afirma Morin (2007), uma revolução na educação só será possível com a reforma de pensamento dos educadores, do contrário nada irá mudar.

Imbuídos de tais pressupostos é que buscamos agregar ao projeto os valores dos conceitos aqui mencionados de Educação sistêmico-complexa conexas à práxis do Professor coach. A pergunta é, porque o conceito de práxis agregada ao processo do coaching<sup>3</sup>? Primeiramente porque, quando mencionado o termo coach<sup>4</sup> por concepção de senso comum tendemos a relacionar com a tradução literal do inglês que significa treinador ou instrutor, portanto, a ideia do coach ainda está atrelada a resultados imediatos e mensuráveis, algo muito mecânico, pragmatista e minuciosamente planejado, sistematizado e programado.

Nesse sentido, quando, intencionalmente, estabelecermos relações do termo coach ao conceito de práxis, estamos associando à base teórica do materialismo histórico dialético, e a epistemologia de Paulo Freire, pois estes concebem a prática não como um fim em si mesmo, mas como um meio através do qual os seres humanos exercem suas atitudes, pensamentos e poder criativo no e

---

<sup>3</sup> Coaching é uma palavra em inglês que indica uma atividade de formação pessoal em que um instrutor (coach) ajuda seu cliente (coachee) a evoluir em alguma área de sua vida. A palavra coaching vem da palavra inglesa "coach" que significa treinador ou instrutor.

<sup>4</sup> Coach é um profissional que exerce o coaching (ferramenta de desenvolvimento pessoal), O coach por sua vez tem como meta primordial incentivar, encorajar e motivar o seu cliente a atingir um objetivo, ensinando novas técnicas que facilitem sua aprendizagem.

com o mundo. Portanto, somente uma filosofia das práxis pode realizar um movimento permanente de articulação das vivências do senso comum e o do saber elaborado tendo como meta a superação da consciência ingênua e naturalizada do fazer pedagógico não refletido e não vivenciado de muitos educadores.

Uma filosofia da práxis só pode apresentar-se, inicialmente, em uma atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente (ou mundo cultural existente). E, portanto, antes de tudo, como crítica do "senso comum" (e isto após basear-se sobre senso comum para demonstrar que "todos" são filósofos e que não se trata de introduzir ex-novo uma ciência na vida individual de "todos", mas de inovar e tornar "crítica" uma atividade existente). (GRAMSCI, 1981, p.18).

Portanto, temos um desafio lançado por Gramsci de "tornar crítica uma atividade já existente", isto é, os educadores precisam realizar o movimento permanente entre o particular e o universal, entre a estrutura e a conjuntura, entre parte e todo como elementos de uma totalidade histórica, e não como instâncias automatizadas pela visão fragmentada de mercado e de suas ideologias naturalizantes, neutralizantes e desistoricizadas. Estas tendem a reduzir a práxis do educador a uma perspectiva subordinada às noções de competências que visam os resultados no mundo da "mercantilização" servindo aos interesses do capital, e a essência educacional a um ativismo de adaptação para resolução de problemas imediatos do cotidiano no mundo de economia globalizada. Para Marx, a práxis deve ser a ação social de indivíduos concretos e historicamente contextualizados.

São os homens que, desenvolvendo sua produção material e suas relações materiais, transformam com essa realidade que lhes é própria seu pensamento e os produtos desse pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. (MARX, 1965, p.22).

A *práxis*, dessa forma, engloba certas categorias fundamentais como: transformação do meio natural em que vive o homem (conquista e humanização da natureza, modificação, supressão e criação de objetos, transformação de condições naturais da vida humana); criação de distintas formas e instituições da vida humana – das interações, comunicação mútua e trabalho cooperativo e associativo.

A existência humana requer transformações das condições de vida sociais e ao mesmo tempo autocriação e criação coletiva dos homens. O conceito de *práxis* também requer um conceito de homem sujeito, com uma atividade consciente, dirigida a uma ação específica, supõe um ser consciente de si mesmo e dos outros, da matéria e o meio de sua atividade e do fim que deseja alcançar.

No conceito de Marx encontramos um homem criador, que não só recebe impressões, mas também as elabora, as interpreta, correlaciona, antecipa acontecimentos, esboça imagens e conceitos de objetos por produzir-se cria formas e relações simbólicas para aplicações futuras. A *práxis* promove a compreensão do sujeito como um ser social em transformação e transformador num contínuo fazer-se e, estar sendo, no mundo real.

Sendo assim o conceito de sujeito da *práxis*, conexo ao *coach*, nos remete a postura do Professor *coach*, uma vez que este é o facilitador, mediador, cocriador e autoprodutor dentro dos processos educacionais do *coaching*, com *práxis* transformadora dentro de uma dada realidade. Esse estabelecimento de conduta nos promove o exercício à Pedagogia de Paulo Freire que nos ensina que:

[...] é na história como possibilidade que a subjetividade, em relação dialético-contraditória com a objetividade, assume o papel do sujeito e não só de objeto das transformações do mundo. O futuro deixa, então, de ser inexorável e passa a ser historicamente o que é: problemático. (FREIRE, 2001, p. 51).

Neste projeto elaboramos tentativas de constituir



essa dinâmica, da relação entre o ensinante e o aprendente, desvelando o quadro relacional em que vivemos e, dele fazer um diagnóstico, e nele descobrir alternativas possíveis, que contribuem para a construção e o resgate dos valores humanos. Situando-nos, dentro da condição humana de nossa existência, no momento presente. Estamos conectados uns com os outros e essa relação estende-se aos ancestrais e aos que ainda estão por vir.

## REFERÊNCIAS

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução Lucie Didio. Brasília, DF: Plano Editora, 2002.

BORTONI-Ricardo, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Notas Estatísticas Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar 2017**. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1ul8OptGdTzory5J0m-TvvSZILCr-XmWeE/view>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2006.

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. **Educar**, Curitiba, n. 16, p. 181-191, 2000. Editora da UFPR. Disponível em: <[http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos\\_16/irineu\\_engel.pdf](http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf)>. Acesso em: 22 abr. 2018.

FAILLA, Z. **Retratos da leitura no Brasil 4**. In: \_\_\_\_\_ (Org.). Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. In: FREIRE, A. M. A. (Org.). São Paulo: Editora UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, M. **Alfabetização e letramento** - Como negar nossa história. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/>>

naysataboada/alfab-letramento-2005-gadotti-73567422 acesso em: 02/04/2017>. Acesso em: 22 abr. 2018.

GRAMSCI, A. **A Concepção Dialética de História**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

INEP. **A prova ANA**. Disponível em: <<http://ana.inep.gov.br/ANA/>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Sobre **a ANA**. Disponível em: <[Instihhttp://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb/sobre-a-ana](http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb/sobre-a-ana)>. Acesso em: 22 abr. 2018.

MARX, K. **A Ideologia alemã e outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MATURANA, H. **O sentido do humano**. Santiago do Chile: Dólmén, 1990.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

NETO, J. C. S. **Criança e adolescentes abandonados – estratégias de sobrevivência**. São Paulo: Expressão & Arte, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

TRINDADE, A. (Coord.). **Direito educacional: sob uma Ótica Sistêmica**. 1. ed. 2007, 2. reimpressão. Curitiba: Juruá, 2010.

A stylized illustration of a woman walking towards the right. She is wearing a large, wide-brimmed hat and a bright yellow sleeveless dress. In her right hand, she carries a blue bucket. The ground is composed of small, colorful rectangular stones in shades of blue, green, and yellow. The background is a vibrant orange, with a large, abstract shape in shades of blue and green on the right side.

# 3

## **Conceitos norteadores**

Joyce Ferreira.  
Agnaldo Silveira

## CONCEITOS NORTEADORES

A torneira seca  
(mas pior: a falta de sede)  
A luz apagada  
(mas pior: o gosto do escuro)  
A porta fechada  
(mas pior: a chave por dentro)

José Paulo Paes in Convite à Filosofia

### **Método Ativo e significação no aprender: a busca permanente na práxis do professor Coach**

Não somos livres apesar do mundo, mas graças a ele. Em muitas ocasiões circunstanciais vivenciadas no dia a dia na área da educação nos deparamos com situações conflituosas que aparentemente não têm solução ou saída. Uma delas e muito recorrente é o desinteresse e desmotivação dos educandos a insatisfação de muitos professores com sua profissão, a falta de reconhecimento profissional, entre tantos outros problemas. Porém, todo ser humano possui em si um desejo pelo novo, por uma mudança substancial. O pensamento livre é a capacidade para darmos um sentido novo ao que parecia fatalidade, transformando a situação de fato numa realidade nova, criada por nossa ação. Como nos confirma Chauí,

Essa força transformadora, que torna real o que era somente possível é o que faz surgir uma obra de arte, uma obra de pensamento, uma ação heroica, um movimento antirracista, uma luta contra a discriminação sexual ou de classe social, uma resistência à tirania e a vitória contra ela. (CHAUÍ, 2005, p. 339).

Segundo a autora o possível não é pura contingência ou acaso. O necessário não é fatalidade bruta. O possível é o que se encontra aberto no coração do necessário e que nossa liberdade agarra para fazer-se liberdade. Portanto, partindo desse pressuposto entendemos que nosso desejo e nossa vontade não são incondicionados, porém, os condicionantes não são obstáculos fa-

tais e impeditivos à liberdade e sim o meio pelo qual ela pode exercer-se.

Instigados pelo desejo de mudanças por inovações surgidas dentro de uma possibilidade real é que nos propomos a mergulhar na perspectiva do Professor Coach como uma postura a ser forjada tendo em sua essência atitudes de mudança substancial, porque entendemos o ser humano como um ser projetado para o futuro, porém com uma grande capacidade de modificação no presente, a concepção do coach amplia o olhar do profissional da educação desenvolvendo e potencializando habilidades e competências que promovem a mudança e estimulam a ação no momento presente.

Nossa abordagem resulta de um exercício de análise da dissertação de mestrado da pesquisadora Karen Ciaccio Secco que tem como tema: "Coaching e formação da consciência docente", temática esta que converge diretamente para nossos anseios no que diz respeito à postura do Professor Coach. Entretanto, em sua abordagem a autora utiliza o termo Teacher Coach, porém para nosso contexto local e para fundamentação do Projeto, denominamos de perspectiva ou postura do Professor Coach.

## **ESSÊNCIA DO COACHING**

Todo o processo do coaching começa com a necessidade e vontade latente de mudança. Assim como no poema, a torneira seca, a luz apagada a porta fechada (representam contingências do mundo real), a falta de sede, o gosto do escuro, a chave por dentro (representam a resignação do ser), isto é, em muitas situações contingenciais do dia a dia os professores encontram-se resignados e desesperançados, porém pior do que uma fatalidade ocasional será a aceitação pacífica de situações que foram colocadas para dentro da educação de forma banalizadas ou naturalizadas como, por exemplo, o discurso popular de que a educação pública não tem uma "qualidade" satisfatória.

A torneira seca qualquer um pode abri-la, a luz apa-

gada qualquer um pode acendê-la, a porta fechada qualquer um pode abri-la. Porém, a vontade e desejo de mudança é como uma porta que só se abre por dentro, nem todos possuem esse anseio, pois cabe a cada indivíduo querer se abrir para o novo buscando novos horizontes, enfrentando novos desafios e conseqüentemente se desenvolvendo numa ação contínua a caminho da evolução.

Segundo Secco (2012) o coaching em sua essência,

Possibilita a mudança do ser humano e da realidade na qual está inserido, pois, a partir da compreensão da subjetividade do ser, de suas crenças e valores, o professor estará resgatando seu 'brilho no olhar', visando sempre potencializar seus talentos dentro e fora da sala de aula e, conseqüentemente, assumindo também o papel de teacher coach, um profissional que olha para seu aluno e crê que este pode se desenvolver mais a cada dia. (SECCO, 2012, p.10).

Percebemos que alguns princípios do coaching têm ligação íntima com a filosofia e método socrático. Para Sócrates o mestre deveria sempre conduzir seu discípulo a encontrar as respostas por si mesmo, em busca da verdade, mais este era um caminho do próprio discípulo, sendo o papel do mestre apenas potencializar o discípulo nessa busca pela verdadeira sabedoria.

Portanto, na essência do coaching encontramos a aplicação dos postulados maiêuticos de Sócrates; na qual, acredita-se na capacidade/potencial que as pessoas possuem para procurar e encontrar as respostas por si próprias. O processo de coaching pode ser empregado na vida pessoal ou profissional, especialmente na mudança de comportamento. Toda pessoa que passa por um processo de coaching, descobre e desenvolve habilidades, recursos e comportamentos, administrando as mudanças com mais consciência e atitude positivas.

Para Atkinson (2011) Sócrates elegeu princípios e valores que estão voltados para os indivíduos, estes por sua vez estão fortemente presentes na postura, atitudes, pensamentos e na cultura do que vem a ser o coach:

- Autoconhecimento como base em uma vida autêntica;
- Autoridade moral e espiritual do indivíduo sobre sua própria "Alma";
- Questionamento do "senso comum" para verificação da verdade, e não confiar na tradição;
- Liberdade de expressão, direito de discordar abertamente e de questionar a autoridade são elementos essenciais de uma sociedade saudável;
- Pensamento disciplinado pela lógica e pela experiência pessoal.

Perez (2009) afirma que o método socrático está baseado no diálogo, onde através de perguntas se questionam conceitos e se encontram as respostas. Este método se configura em duas fases:

1) *Ironia*: fase na qual Sócrates conseguia que seu interlocutor reconhecesse sua ignorância e a partir desse momento, então estivesse preparado para adquirir conhecimento para chegar a verdade universal;

2) *Maiêutica*: fase em que começa a real procura da verdade, através da dialética. Consiste numa evolução progressiva quanto à exatidão de definições elaboradas. Quanto mais correta for a definição mais perto se estará da verdade.

Portanto, Sócrates não dava respostas ou soluções, ajudava seus discípulos a encontrarem as respostas, por si mesmos. Favorecia o autoconhecimento e a aprendizagem significativa à medida que instigava a reflexão. Dessa mesma forma ocorre o processo do coaching (tutor), que tem como premissa promover a reflexão, a aprendizagem e o autoconhecimento do coachee (aprendiz).

O lema de Sócrates "conhece-te a ti mesmo", significa precisamente consciência racional de si mesmo para organizar sistematicamente a própria vida, sendo este um dos propósitos fundamentais do coaching. Atkinson (2011) nos define ainda cinco princípios maiêuticos fundamentais, que podemos dizer que foram incorporados integralmente pelo coach:

- **As pessoas são como são.** Este princípio diz que as pessoas podem

crescer e mudar a partir de sua própria vida, através de suas escolhas. Todas as pessoas têm capacidades e habilidades que podem ser desenvolvidas a partir do seu querer;

• **As pessoas já possuem todos os recursos de que necessitam.** Imagens mentais, vozes interiores, sensações e sentimentos são os blocos básicos de construção de todos os nossos recursos mentais e físicos. Podemos usá-los para construir qualquer pensamento, sentimento ou habilidade que desejarmos, colocando-os depois nas nossas vidas, onde quisermos ou mais precisarmos;

• **As pessoas sempre fazem a melhor escolha disponível para elas.** Cada um de nós tem a sua própria e única história. Através dela aprendemos o que querer e como querer, o que valorizar e como valorizar, o que aprender e como aprender. Esta é a nossa experiência. A partir dela, devemos fazer todas as nossas opções, isto é, até que outras novas e melhores sejam acrescentadas;

• **A mudança é algo inevitável.** A transformação é algo inevitável. O mundo está em transformação e, conseqüentemente as pessoas também;

• **Todo comportamento tem uma intenção positiva para o sujeito.** Todos os comportamentos nocivos, prejudiciais ou mesmo impensados tiveram um propósito positivo originalmente: gritar para ser reconhecido; agredir para se defender; esconder-se para se sentir mais seguro etc. Antes de se tolerar ou condenar essas ações, podemos separá-las da intenção positiva daquela pessoa para que seja possível acrescentar novas opções mais atualizadas e positivas a fim de satisfazer a mesma intenção.

Portanto, a autora nos recomenda que o coach tenha a responsabilidade de seguir integralmente tais princípios e o sujeito deve ter muito claramente, além da prática daqueles princípios, deve levar em consideração na sua prática a importância de três elementos nesse processo **mudança, relacionamento e aprendizado.**

A mudança está diretamente relacionada ao desenvolvimento em busca de algo no e para o sujeito. Segundo o Dicionário Aurélio da Língua portuguesa a palavra mudança significa: ação ou efeito de mudar, transformação; pressupõe uma alteração de um estado, modelo ou situação anterior para um estado modelo ou situação futura, por razões inesperadas e incontroláveis ou por razões planejadas e premeditadas; modificação



ou alteração de sentimentos e atitudes. Portanto, mudar é imprescindível até para a sobrevivência do indivíduo.

O relacionamento é um dos elementos importantes de todo o processo do coaching, pois este elemento cria uma poderosa relação de confiança e parceria com o coachee (aprendiz), pois a partir da confiança se estabelece uma parceria de confidencialidade na qual o coach (tutor) incentivará o coachee impelindo-o para a mudança.

O aprendizado é o elemento que fecha a tríade, pois o coaching vê a vida como uma trajetória em melhoria contínua, onde aprendizagem e evolução pessoal caminham lado a lado, em que o sujeito é o protagonista de sua própria história de desenvolvimento e aprendizado.

Para concluir esse item, vale ressaltar também o que nos diz Secco (2012),

O coaching é um processo que foca no futuro sem perder de vista as ações do presente, para que esse futuro realmente possa acontecer. O coach faz as perguntas e o coachee é que tem as melhores respostas. O coach não dá sugestões de ações e nem diz o que o coachee deveria fazer, independente da sua própria experiência em determinados assuntos. Ele tem o coachee como um ser único [...] auxilia o mesmo a se desenvolver e descobrir seus próprios recursos para alcançar suas metas e objetivos, encontrar soluções para o que realmente lhe incomoda. (SECCO, 2012, p.24).

Portanto, o professor coach busca instigar dentro de cada indivíduo, seu potencial latente, para atingir suas metas de vida fazendo com que o próprio indivíduo partindo de seus recursos atuais considere as competências e habilidades que já possui e aquelas em que precisa melhorar, assim como o leva a um processo de autorreflexão no sentido de que o mesmo reconheça suas limitações seus pontos fracos, assim como também, reconheça hábitos improdutivos que precisam ser vencidos nos níveis, intrapessoal, interpessoal. Para isso, deve buscar dentro de si um potencial positivo que já existe, para comba-

ter essas falhas e ultrapassar seus limites e alcançar alto desempenho. No final, o resultado esperado é que o ser humano seja o agente construtor de sua própria história.

## **O PROFESSOR COACH: A RELAÇÃO ENTRE O COACHING E EDUCAÇÃO**

### **O que se espera do professor no contexto do século XXI?**

É notório que a natureza do trabalho do professor é cheia de complexidades e singularidades. Numa abordagem sociológica, pode-se afirmar que as relações existentes no processo ensino-aprendizagem, e que envolvem um conjunto de sujeitos, são regidas por um contrato social, ou, como diz Perrenoud (1997), por um contrato didático, o qual confere ao professor uma autoridade advinda de sua posição e conhecimentos a serem comunicados, porém, que não se resume somente à transmissão de conteúdo, mas a um conjunto de atitudes éticas, estéticas, técnicas, políticas e humanas. Nesse contexto é que a questão da formação, em relação à atuação pedagógica, é problematizada.

Contudo, além da compreensão do seu fazer diário, e das implicações que esse fazer condiciona ao meio social, cabe ao professor, à análise crítica das dimensões do seu fazer pedagógico; o que requer pensar e repensar a sua formação em um contexto de novos paradigmas, uma vez que,

As pesquisas sobre formação e profissão docente apontam para uma revisão da compreensão da prática pedagógica do professor, que é tomado como mobilizador de saberes profissionais. Considera-se, assim, que este, em sua trajetória, constrói e reconstrói seus conhecimentos conforme a necessidade de utilização dos mesmos, suas experiências, seus percursos formativos e profissionais. (NUNES, 2001, p. 27).

Historicamente, a profissão docente caracterizou-se pelo estabelecimento de alguns traços em que predominava o conhecimento objetivo, o conhecimento das

disciplinas, à imagem e semelhança de outras profissões. Possuir certo conhecimento formal era assumir a capacidade de ensinar, ou seja, era mais importante que o professor soubesse o conteúdo a ser transmitido, do que como transmiti-lo.

Por essas razões, torna-se imprescindível que toda instituição educativa e a profissão docente mude radicalmente, tornando-se algo realmente diferente. Em suma, a profissão docente deve abandonar a concepção de ensino predominante no século XIX, de mera transmissão do conhecimento acadêmico, e evoluir para uma prática pedagógica efetiva e socialmente referenciada.

Significa dizer que a relação entre professor-aluno que se espera nessa nova concepção se fundamenta a atuação pedagógica colaborativa, onde a transmissão do conhecimento seja substituída pela construção coletiva de aprendizagens. A hierarquia do professor não deve, nesse caso, ser algo limitador ou até mesmo intimidador do processo criativo, pelo contrário, essa autonomia advinda da função docente deve gerar momentos de construção de aprendizagens que encontre sentido e interlocução na realidade do grupo de aprendizes.

Para Masetto (2003), é importante que o professor desenvolva uma atitude de parceria e corresponsabilidade com os alunos, que planejem as atividades juntos, usando técnicas em sala de aula que facilitem a participação de todos e considerando os alunos como protagonistas que podem se corresponsabilizar por seu período de formação.

Professores não podem continuar serem vistos como meros executores de currículos e reformas definidas por especialistas. Grande parte dos docentes vem cumprindo um papel passivo diante de um guia de ensino, definido e descrito pelas instituições formadoras, e repetido por diversas vezes nos eventos de capacitação. Isso porque, as políticas educacionais voltadas para a formação dos profissionais da educação não postulam mudanças com os docentes e sim para docentes. (CAMPOS, 2006).

Desse modo, inverter o papel dos docentes de uma posição passiva para uma de protagonista, implica tra-

tar de três aspectos fundamentais para redefinição da docência como profissão e com profissionalismo. O primeiro aspecto refere-se à necessidade de aprofundar a compreensão acerca da função dos docentes e de suas dimensões; o segundo remete à concepção sobre o desempenho profissional e os fatores que o influenciam; e o terceiro volta-se ao desenvolvimento profissional docente, como um conceito integrador da formação inicial e da formação em serviço ou continuada, em seus diversos momentos. (IMBERNÓM, 2000).

Significa dizer que a experiência de formação não deve vir de fora. O conteúdo e o processo de formação devem partir dos sujeitos. Deve nascer de dentro e voltar-se para dentro da própria prática docente. Ou seja, a contextualização é um elemento imprescindível na formação, uma vez que é na própria instituição de ensino que se produzem as situações-problema que afetam o fazer dos professores. A formação exige prática, exige um pensar-fazer (reflexão-ação) de dentro, e para dentro, do próprio fazer - pensar (ação-reflexão). (HERNÁNDEZ, 2006).

Nessa perspectiva, é importante à atuação do professor que assuma uma postura encaminhadora de processos de protagonismo no aprender com ênfase nos aspectos, criativos, significativos e de método ativo, tomando como modelo a postura do Professor Coach essa perspectiva coaduna claramente com essa nova postura do educador para o século XXI.

Na compreensão do papel do Professor Coach, o pensamento de Rousseau fornece sustentação teórica, pois remete a ideia de uma educação sensível aos movimentos que emanam do interior da alma, onde o ser humano deve estar em sintonia direta com seus desejos, paixões, sentimentos intimamente ligados à natureza e a vida.

Rousseau deixa clara a importância das paixões e das sensações da própria vontade da criança em aprender onde o professor não deve impor de fora para dentro, mais sim o movimento deve ser de dentro para fora, quando este propõe que a educação deve respeitar

a integridade, autenticidade e autonomia da criança. Abordando uma educação que valoriza muito mais, o aprender do que o ensinar.

[...] vede que raramente cabe a vós propor o que ele deve aprender; cabe a ele desejá-lo; procurá-lo; encontrá-lo; cabe a vós colocá-lo ao seu alcance, fazer habilmente nascer esse desejo e fornecer-lhe os meios de satisfazê-lo. (ROUSSEAU, 2004, p. 49).

Compreendemos assim, que a postura de tutoria do professor coach, quando este deve preparar um caminho através do diálogo com seu coachee (aprendiz), conduzindo-o a uma reflexão profunda, procurando as respostas dentro de si mesmo. O professor coach não dá a resposta pronta ele conduz seu aprendiz a encontrar seu próprio caminho. Ele é uma espécie de tutor, ou seja, aquele que guia, ampara, protege e defende seu aluno. Vale mencionar ainda que Rousseau aponta a necessidade de equilíbrio entre o poder e o desejo, resultando dessa ação a felicidade,

[...] só neste estado primitivo o equilíbrio entre o poder e o desejo é reencontrado e o homem não é infeliz. Quanto mais o homem tiver permanecido próximo a sua condição natural, mais diferença entre as suas faculdades naturais e seus desejos será pequena, menos distante estará de ser feliz [...]. (ROUSSEAU, 2004 p.50).

Rousseau superestima a possibilidade da felicidade humana com seu pensamento romântico sobre a realização desta condição, tal qual percebemos que o processo do coaching nos dias atuais tem como uma de suas premissas básicas levarem o coachee (aprendiz) o mais próximo possível da realização pessoal buscando um equilíbrio entre o poder e o desejo trabalhando durante um processo com o mundo real e o mundo imaginário, mas sempre na busca de alcançar o mais próximo possível da felicidade ideal do aprendiz.

Portanto, para Rousseau o mundo real (realidade vivida pelo sujeito) tem seus limites e o mundo imaginá-

rio (aquilo que se imagina) é infinito não tem limites. O autor afirma que a diferença entre esses mundos é o que nos provoca o sofrimento. Sendo assim, o processo do coaching atua com os dois mundos, minimizando alguns sofrimentos e frustrações, pois o coach trabalha na perspectiva de ações pautada com objetivos claros e bem definida no sentido de minimizar supostos sofrimentos e realizar possíveis sonhos.

A teoria de Rousseau, diz respeito ao conceito de liberdade humana, isto é, o homem deve ser livre sendo protagonista de sua própria história, tendo o poder de criar, recriar e construir uma nova realidade social. Este também é um dos princípios do coaching, onde cada pessoa é responsável pela construção de sua realidade, cabendo ao sujeito o poder da ação e da mudança de sua história.

Durante o desenvolvimento deste projeto nossa proposta sempre foi inserir a ideia do professor coach como elemento propulsor e transformador da realidade educacional, no sentido de criar um desenvolvimento pessoal e profissional visando à liberdade de pensamento, a felicidade no ato de educar bem como forjar o protagonismo do educador como agente de mudança em seu contexto, sem esquecer que a educação é um ato político e democrático.

Sobre o aspecto teórico que sustenta a postura do professor coach, John Dewey, grande precursor da escola Nova, contribui de forma enfática com algumas categorias que estão extremamente ligados ao processo do coaching, uma vez que este autor sempre priorizou a aprendizagem pela experiência e enfatizava que a escola deveria preparar os alunos para a resolução de problemas reais.

O ensino corre sempre o risco de afogar a experiência vital, conquanto limitada, do discípulo, num acúmulo de noções transmitidas. Aquele que não é mais um instrutor acaba onde começa o verdadeiro professor: no ponto em que a matéria transmitida incute, em tudo que entrara pela exígua, estreita porta da percepção sensorial e da atividade motora, uma vida

mais completa e significativa. (DEWEY, 1959, p.287).

Neste sentido cabe ao professor buscar a postura do Professor coach, no sentido de levar seu aluno à reflexão instigando-lhes esta reflexão através de perguntas que promovam o pensamento e a coparticipação, quebrando o antigo paradigma da simples transmissão de informação e conhecimento. O professor coach busca problematizar situações que levem cada vez mais o educando a percepção e reflexão crítica sobre a realidade, promovendo aprendizagem significativa e o desenvolvimento do indivíduo enquanto ser humano.

Cabe mencionar ainda que no processo de coaching busca-se aplicar através de novos hábitos descartarem hábitos antigos e falhos, no sentido de modificar atitudes e posturas para a obtenção de uma vida feliz, promovendo a formação intelectual, emocional e profissional saudável e prazerosa modificando quem pratica a mudança e quem sofre o processo de mudança. Esse pensamento pode ser corroborado em Dewey quanto este afirma que,

A característica básica do hábito é a de que toda ação praticada ou sofrida em uma experiência modifica quem pratica, e quem a sofre, ao mesmo tempo em que esta modificação afeta, quer queiramos ou não, a qualidade das experiências subsequentes, pois ao ser modificada pelas experiências anteriores, de algum modo será outra pessoa que passará pelas novas experiências. A concepção ampla de hábito envolve a mudança de atitudes emocionais e intelectuais; envolve nossas sensibilidades básicas e nossos modos de receber e responder a todas as condições com as quais nos deparamos na vida. (DEWEY, 2010, p.35)

O autor indica que todo processo educativo deve ser identificado como um crescimento pessoal. Esse princípio converge com o processo do coaching que também promove o crescimento e o desenvolvimento do sujeito, assumindo o professor coach, a condução do processo encaminhando o coachee de um ponto a outro.

Os desejos, para Dewey assim como para o professor coach são a mola mestra propulsora da ação, sempre refletindo numa forma de realizá-los. É por meio desses desejos que se criam as possibilidades para o planejamento de ações presentes que já desenham uma visão de futuro. Dewey (2010) nos confirma que,

[...] a experiência desperta a curiosidade, fortalece a iniciativa e dá origem a desejos e propósitos suficientemente intensos para levar a pessoa, no futuro a lugares além de seus limites. A continuidade funciona de uma maneira bastante diferente. Toda a experiência é uma força em movimento. Seu valor pode ser julgado para que e para onde ela se move [...] Sua tarefa enquanto educador é ver em que direção caminha uma experiência[...] (Ibidem, p.38).

Segundo o autor, o educador pode visualizar a si mesmo no futuro e escolher quais passos, atitudes e hábitos devem praticar no presente tendo em vista um futuro que se concretiza por meio de novas escolhas e experiências as quais impulsionarão o educador a redescobrir seus próprios limites e venha a superá-los. Este pensamento é convergente com a postura do professor coach uma vez que este também propõe um planejamento das ações, trazendo para o presente um planejamento flexível e que permita o livre acesso da individualidade de experiência e que seja sólido o bastante para direcionar um contínuo desenvolvimento das potencialidades dos sujeitos envolvidos no processo.

Em suma, o autor define basicamente cinco condições para uma aprendizagem que integra diretamente a vida. Não se pretende aqui detalhar minuciosamente cada uma delas, porém, é pertinente mencioná-las a fim de que possamos reconhecer uma aproximação com o processo do coaching: só se aprende o que se pratica; mas não basta praticar, é preciso haver reconstrução consciente da experiência; aprende-se por associação; não se aprende nunca uma coisa só; toda aprendizagem deve ser integrada à vida. Para Dewey a educação é baseada na democracia, na experiência, na interação



com o outro e deve ser para a vida toda, promovendo a transformação social ao mesmo tempo em que traz à tona a importância de se olhar e valorizar a individualidade do ser humano.

Outro autor que também nos traz uma grande contribuição para o presente projeto e para nos dar base na perspectiva do professor coach é Lev Vygotsky. Este autor nos chama a atenção, pois aborda o desenvolvimento interativista a partir de uma concepção social, "os processos mentais superiores tem origem em processos sociais", ou seja, a interação social é fundamental para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, por provocar constantemente novas aprendizagens a partir da solução de problemas sob a orientação ou colaboração de crianças ou adultos mais experientes.

Vygotsky considera que a aprendizagem ocorre dentro da zona de desenvolvimento proximal, que é a distância entre o nível de desenvolvimento cognitivo real do indivíduo, (sua capacidade de resolver problemas independentemente) e o nível de desenvolvimento potencial (sua capacidade de resolução de problemas sob orientação de um adulto). Sendo assim, o professor sempre deverá levar em conta o conhecimento real da criança, partindo disso, provocar novas aprendizagens, as quais, quando tornarem-se conhecimentos reais, novamente provocarão outros aprendizados, se transformando num círculo contínuo de aprendizagem. Para melhor esclarecimento deste pensamento sobre Zona de desenvolvimento proximal ou potencial, convém analisarmos o que o autor nos diz,

[...] a distância entre o nível do desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independentemente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problema, sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1998, p.112).

Quando tratamos de Zona de Desenvolvimento proximal no contexto de sala de aula entendemos que

o professor precisa tratar do assunto desenvolvimento e aprendizagem de forma interligada, observando sempre os movimentos que as funções mentais das crianças estão realizando (no caso, especificamente aqui, no desenvolvimento do projeto, tanto com professores como com os alunos trabalhamos utilizando os Diários de Bordo – como forma de acompanhar esse desenvolvimento, e movimentação mental de todos os envolvidos), bem como, precisam identificar os níveis de conhecimento das crianças para que o processo ensino-aprendizagem complete o ciclo do interpessoal para o intrapessoal.

Dentro do processo do coaching levando em consideração a postura do Professor coach este trabalha sempre na Zona de Desenvolvimento proximal do educando, pois age exatamente na distância entre o nível real deste indivíduo, de onde ele está e como efetivamente solucionará determinado desafio ou problema independentemente, e aonde chegará efetivamente, que seria o nível potencial deste educando, realizado sempre a partir das indagações e instigações do Professor coach buscando a solução do problema a partir da interação com o outro.

Entendemos a visão do autor que toma a matriz epistemológica básica de sua teoria o materialismo histórico e dialético, considerando que, ao produzir o meio em que vive o homem se autoproduz, isto é, o homem é determinado historicamente, mas é simultaneamente determinante da história neste caso é produtor de um movimento recursivo de causa e efeito, infinitamente. Percebemos que para este autor a constituição do indivíduo se apresenta num movimento dialético entre aprendizagem e desenvolvimento, neste ponto encontramos uma convergência com a perspectiva do Professor coach que também se constitui nesse movimento dialético e dinâmico de produção e autoprodução do conhecimento e aprendizagem contínuos a partir das próprias potencialidades do sujeito intermediado pelo meio.

Em suma, assim como na Zona de Desenvolvimento proximal ocorrem interações sociais, confrontações de pontos de vista diferenciados, bem como trocas de

experiências entre sujeitos tanto adulto/jovens/crianças, entre pares ou mesmo numa interação com um interlocutor ausente, o que caracteriza a aprendizagem na Zona de Desenvolvimento proximal é a confrontação ativa e cooperativa de diferentes compreensões a respeito de uma situação problema, assim também encontramos no processo educacional a partir da perspectiva coaching, pois o Teacher coach busca caracterizar um espaço de trocas múltiplas e de diferentes naturezas, afetivas, cognitivas, socioemocionais, significativas onde os sujeitos envolvidos estejam em interação diversificada e constante em busca sempre do crescimento pessoal.

Freire nos ensina que *“é preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, até que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”*. O autor reitera que o futuro não é algo dado e sim algo que se faz com a interação entre pessoas e o mundo, sendo assim “[...] mais do que uma presença no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros”. (FREIRE, 2005, p. 20).

O sonho de transformarmos a sociedade é possível, mesmo que muitas vezes possa parecer pela realidade que enfrentamos que é impossível, não podemos deixar que nossas mentes sejam tomadas pelo aniquilamento da fatalidade do mundo real não podemos perder nossas forças criadoras.

É neste sentido que tenho dito em diferentes ocasiões que somos esperançosos não por teimosia, mas por imperativo existencial. É aí também radica o ímpeto com que luto contra o fatalismo. Não faço ‘ouvidos de mercador’ ao discurso fatalista de educadores que em face dos obstáculos atuais ligados à globalização da economia reduzem a educação à pura técnica e proclamam a morte dos sonhos, da utopia. [...] O meu discurso em favor do sonho, da utopia, da liberdade, da democracia é o discurso de quem recusa a acomodação e não deixa morrer em si o gosto de ser gente, que o fatalismo deteriora. (FREIRE, 2001, p. 86)

Acreditamos que a postura do Professor coach res-

gata em nós alguns valores para o desempenho qualitativo do educador no e para o século XXI, porque essa postura instiga dentro de cada professor seus sonhos, anseios e esperanças por uma educação transformadora renovada ativa e significativa. Como nos afirma Freire, o sonho é possível porque é uma questão existencial, ninguém vive sem sonhos. O professor coach instiga o coachee a pensar em caminhos, ações e atitudes que possam ser tomadas e realizadas no presente a fim de que esses sonhos futuros possam se tornar realidade e não ser apenas utopia.

A teoria de Paulo Freire dialoga com a perspectiva do Professor coach, como por exemplo, a problematização da realidade, a relação dialógica (pergunta) dentro do processo educacional oportunizando a escuta aos estudantes, o protagonismo e a postura crítica e autônoma dos educandos como forma de promover uma educação significativa, valorizar a opinião dos alunos bem como encorajá-los a exercitarem a empatia, sem esquecer-se da reflexão sobre o contexto no qual estão inseridos professores e alunos. Outro ponto muito importante também e que converge para os processos do coaching é autorreflexão, o professor busca a melhoria profissional e pessoal constante, bem como instiga nos educandos o protagonismo e a autonomia.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. [...] Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os 'argumentos de autoridade' já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE, 2005, p.78-79).

Importa salientar ainda que o professor coach potencializa essa autopercepção do sujeito no mundo em que se encontra e faz com que este reflita que ele é um ser em construção e que cabe a nós mesmos a decisão

de mudarmos nossas práticas, posturas e atitudes em busca de uma educação melhor, de uma vida mais equilibrada e de uma sociedade mais justa para todos. Para que esse processo se efetive o diálogo entre professor e aluno é fundamental. O professor adotando a postura do coach elabora perguntas poderosas que fazem com que o educando se encoraje e chegue a uma autorreflexão e de posse das respostas chegue então a uma ação de mudança. O diálogo entre ambos provocará o pensar crítico problematizador, implicando numa *práxis* social, reflexiva, que é o compromisso entre a palavra dita e a ação humanizadora. É a partir da dialogicidade e da reflexão que os caminhos se abrem para repensar a vida e transformar o mundo que nos cerca. (STRECK et. al., 2008, p.117).

Portanto, o homem constrói a si mesmo por meio da reflexão-ação mediatizado pelo comprometimento com sua realidade. Devemos nos compreender como sujeitos de nossa própria história e criadores de nossa cultura. O professor coach certamente não terá todas as fórmulas do processo educacional, entretanto, ainda assim possui uma saída, porque o educador ao adotar essa postura do coaching estará em busca de uma transformação de sua prática educativa, regatando a valorização profissional, assim como estará em busca do autoconhecimento e uma mudança da cultura escolar, isso não significa eliminar conflitos e desafios, porém, significa criar novas possibilidades em contexto real de diálogos, interpretações recriações e porque não, ressignificações educacionais.

## **APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

A busca por metodologias que possibilitem aprendizagem significativa é uma constante na vida de profissionais da educação que realmente buscam educação de qualidade. E, por educação de qualidade, podemos dizer que é aquela capaz de gerar conhecimentos voltados para uso prático do educando, ao mesmo tempo em que podem tornar-se potenciais para novas aprendizagens, chegando-se ao pensamento autônomo. Con-

trário ao conhecimento estático, enciclopédico, esse conhecimento que se busca transita entre as atividades práticas, aquelas de uso diário do educando e aquelas que se situam no mundo da imaginação onde se desenvolvem sondagens e análises mais elaboradas no campo do intelecto.

Diante da imperiosa e árdua missão de responder aos objetivos postulados na educação formal, a escola busca se equipar com materiais pedagógicos e, principalmente, processos pedagógicos inovadores e que possam transformar-se em potencial criador de saberes. Principalmente aqueles saberes em que o aluno possa construir autonomia crítica; possibilitando a prática de uma cidadania que ultrapasse aquela que já foi definida e, historicamente é praticada, mas que não responde aos anseios de liberdade dos sujeitos em suas relações sociais. Aqui se postula uma educação que rompa com as delimitações impostas e que se pense além das regras e seja base para a construção de novas realidades.

Contudo, o elemento básico da educação, a partir do qual se pode pensar mais além, é o letramento. E, antes da conquista do aperfeiçoamento cognitivo da criança que se pode chamar de letramento, há de se pensar na decodificação satisfatória da leitura e da escrita. Pesquisas nacionais mostram que um dos problemas sérios da educação do país é o analfabetismo funcional.

A universalização da educação básica, alicerçada e fomentada nas políticas nacionais já se pode afirmar como uma realidade. Contudo, o acesso à escola não tem garantido os instrumentos educacionais satisfatórios. Daí, cria-se um contingente que frequenta a escola, mas tem, de forma geral, dificuldade de exercer a plena cidadania através da compreensão de textos mais elaborados, não indo além de uma rudimentar decodificação.

Assim, para subsidiar o tipo de formação que foi realizada e dar suporte ao desenvolvimento do projeto de extensão denominado de *Metodologias Coach de Ensino: compartilhando saberes e construindo possibilidades*, faremos uma análise do pensamento de importantes teóricos sobre o tema em debate, dentre eles, Lev Vygot-

sky (1896-1934), David Ausubel (1918-2008), Paulo Freire (1921-1997), Marco Moreira (2010), que discutem e propõem alternativas para que, de fato, a educação que é praticada, possa estar conectada com as necessidades e realidades dos estudantes atuais. O diálogo que propomos fazer com estes autores partirá de três conceitos: aprendizagem significativa, metodologias ativas e professor coach.

A aprendizagem significativa é o conceito central da teoria de David Ausubel. E, segundo estudos realizados por Moreira (2010), um dos princípios de Ausubel é postular que o conhecimento prévio é, isoladamente, a variável que mais influencia a aprendizagem. E que em última análise, só podemos aprender a partir daquilo que já conhecemos. Ainda segundo Moreira, e como se percebe na assertiva acima, as ideias de Ausubel têm semelhanças conceituais com as teorias de Lev Vygotsky (1896-1934) e a sua zona de desenvolvimento proximal. Assim, é possível dizer que a aprendizagem tem etapas que vão além da execução de tarefas, necessitando de certa maturidade prévia no campo do intelecto de cada aprendiz.

Cabe destacar que a gênese do termo aprendizagem significativa não se constitui em algo novo, pois, ainda segundo Abreu (2009), o primeiro indício dos métodos ativos encontra-se na obra Emílio de Jean Jacques Rousseau (1712-1778), tido como o primeiro tratado sobre filosofia e educação do mundo ocidental e na qual a experiência assume destaque em detrimento da teoria. Ou seja, a realidade vivida é mais significativa e tem mais influências na aprendizagem do que aquilo que se situa apenas no campo das possibilidades.

Contudo, nossa análise volta-se para os dias atuais e toda a fluidez da atualidade, que segundo Bauman (2007), é perceptível o contraste que há no estágio atual da humanidade denominado de líquido, com o anterior, denominado de sólido. Para ele, o estágio sólido corresponde a um período em que a durabilidade era a lógica, e os conhecimentos adquiridos pelo sujeito davam suporte à resolução de problemas pelo resto da vida,

haja vista os contextos previsíveis e duráveis em que vivia. Já o estágio líquido é, para este teórico, a condição sócio-histórica da contemporaneidade, e é caracterizado pela fluidez e incerteza, em que a imprevisibilidade é a palavra de ordem. Dentro dessa dinâmica, a volatilidade e inconstância fazem parte da educação contemporânea e, mais precisamente, a escola, com seus processos, e as realidades diversas que se aglutinam no seu interior e tornam um cenário ainda mais imprevisível e carente de direcionamentos.

Moreira (2010) esclarece a dicotomia que há entre a educação tradicional, transmissora de informações, e a educação que se pretende próxima da realidade do aluno e dos seus significados sociais e cognitivos. Para este autor, no outro extremo da aprendizagem significativa está a aprendizagem mecânica, onde se prioriza a memorização, a arbitrariedade e as informações não significativas de um ponto de vista das práticas de vida do aprendiz. Na qual as informações são memorizadas de maneira arbitrária, literal, não significativas. Assim, pode-se até dizer que essa metodologia se traduz em aprovação nas avaliações, progressão de série, contudo, pouco serve para que o aluno retenha os conhecimentos e habilidades necessários para atender as etapas do desenvolvimento intelectual em que se encontra, e muito menos lhe oferece suporte para novas aprendizagens.

Nesse direcionamento, a escola precisa rever conceitos e, numa autocrítica sincera, contestar as suas verdades absolutas. Cada vez mais não se concebe uma escola detentora do saber último, certo. E, mais uma vez, alicerçado nas condições de mudanças constantes nas relações sociohistóricas percebidas por Bauman (2007), faz-se urgente que as verdades dos livros didáticos, do professor, dos tipos e objetivos das relações que estão no interior das escolas sejam postas sob a análise dessa nova configuração de realidade na qual estamos. É preciso que a instituição “escola” tenha a humildade de pensar outras realidades, ou de pelos menos oportunizar aos seus educandos que estes percebam outras verdades que podem estar além daquelas que ela, escola, muitas ve-



zes de forma mecânica, apresenta como certas e totalmente úteis para quem as adquirir.

Nesse entendimento pode-se dizer que uma grande parcela das informações que são dadas na escola fica apenas no campo do conhecimento teórico mecânico, sem que estes se vinculem com significados reais de uma aprendizagem que faça algum sentido na cabeça de nossas crianças. Nos primeiros anos do ensino fundamental toda criança aprende que a fórmula da água é  $H^2O$ , contudo, apesar desse produto fazer parte da vida diária da criança, não se procura informar as características químicas dessa fórmula. A escola, sobretudo a de bases tradicionais, ensina como são os fatos, fenômenos e coisas em geral, mas não ensino o porquê dessas “coisas” serem como são.

Não se explica, inclusive, a arbitrariedades das regras. Ou as origens destas. Onde e quem determinou que antes de p e b não se pode usar n, mas sim o m? Qual o processo que resultou nessa determinação, já que ambas as letras não interferem na sonorização das palavras? São possibilidades de pensamento e construção da aprendizagem que não são discutidas; são apenas transmitidas e afirmadas. A construção do conhecimento não passa pela análise metódica, sistêmica quanto aos seus objetivos e fins. Aplica-se de forma linear e arbitrária, tornando-se, assim, informação vazia de sentido. Aqui não se questiona o conhecimento que é produto cultural e que deve ser compartilhado, mas se questiona a sua aplicabilidade descontextualizada, fora do diálogo e na lógica da imposição.

Talvez o maior e melhor projeto pedagógico da escola da atualidade seja o de possibilitar processos em que a construção do pensamento autônomo seja o objetivo maior. Vivemos em um mundo de informações. Temos informações demais sobre quase todas as coisas, contudo, o conhecimento que possibilita a seleção e filtro dessas informações ainda é uma realidade para poucos. A capacidade de pensar e definir, em uma lógica de criticidade, ainda não é uma realidade dos alunos; além do mais, não tem sido objeto de análise das esco-

las. O “conteúdo” dos currículos tem significado de quantidade, preenchimento. A qualidade geralmente fica em segundo plano.

O conhecimento ou aprendizagem para ser significativo precisa partir da realidade dos sujeitos aprendizes e ser problematizado diante das implicações políticas e sociais que trazem para o embate acadêmico que será realizado. Freire (2015). Essa problematização, por si só, torna os sujeitos envolvidos no processo em produtores de conhecimentos, uma vez que estes são gestados a partir da realidade em que estão os estudantes e são instrumentos para projetar o que se pretende construir.

## **METODOLOGIAS ATIVAS**

As metodologias ativas situam-se numa dinâmica em que a reflexão cuidadosa assume lugar privilegiado nos diversos momentos da aprendizagem. O que significa uma ruptura com a metodologia da atenção para internalizar. A pedagogia do silêncio e da audição passiva dá lugar à participação efetiva. O professor que quer os olhos e ouvidos do estudante em si dá lugar a uma postura de diálogo receptivo aos posicionamentos do aprendiz.

O que significa dizer que a autonomia, antes centrada no professor, passa a ser compartilhada. A postura pedagógica comumente utilizada produz um aluno inseguro, ao mesmo tempo em que, este transfere toda a segurança do saber ao professor, o que se pretende com o uso das metodologias ativas, centradas em uma aprendizagem significativa é que a autonomia no ato de aprender seja compartilhada entre educador e educando.

Para Berbel (2011) o exercício da autonomia é essencial para a afirmação das futuras ações do aluno em sua constituição de aprendiz e construtor da sua cidadania. Para ele, o engajamento do educando em relação a novas aprendizagens, pela compreensão, pela escolha e pelo interesse, é condição essencial para ampliar suas possibilidades de exercitar a liberdade e a autonomia na tomada de decisões em diferentes momentos do proces-

so que vivencia.

Assim pode-se pensar na quebra de paradigmas que viciaram a prática pedagógica que está em curso, sendo aquela que postula verdades finitas, incontestáveis. Nessa nova dinâmica, o espírito colaborativo e inovador podem contestar e propor alternativas para o que já se tem como regras a serem seguidas. Nessa perspectiva, a contestação que busca a verdade é preferível à acumulação passiva de conhecimentos irrefutáveis. Aqui se pretende, alcançar a inovação em contraponto à repetição mecânica aquém de investigação dos seus fins, intenções e utilidades para a vida prática daquilo que é objeto da aprendizagem.

Para isso, há de se pensar na problematização da realidade pretendida por Paulo Freire em sua Pedagogia da Autonomia. As mudanças atuais, o acesso às informações, as inovações conceituais e valorativas das relações humanas requerem a problematização da realidade, o que se opõe à postura de aceitação do que está posto como explicação ou verdade a ser internalizada e seguida. (FREIRE, 2015).

Outro ponto a ser destacado e, que é fundamento a ser superado pelas metodologias ativas é o contraditório individualismo acadêmico que é usual, e até incentivado, nas práticas vigentes nas escolas, sendo que a realidade social vigente requer trabalho em equipe. Há de se valorizar a interação entre os pares e grupos de interesses comuns para que o aprendizado flua numa dinâmica de complementação e descoberta coletiva.

Entende-se, corroborando com Paulo Freire, que a ação de aprender numa relação dialógica constrói possibilidades que vão além do espaço físico em que o grupo atua, mas agregam elementos que fazem parte de um conjunto maior de significados históricos, culturas e políticos, já que estes se forjam da interação dos sujeitos nas suas múltiplas relações sociais.

Assim, diante dos argumentos apresentados, mostraram que é possível pensar em uma educação com significado para o aluno e onde este, de fato, seja protagonista da sua própria aprendizagem. Não se pretende

dizer que o aluno tem a capacidade de direcionar totalmente os instrumentos e processos de aprendizagem, mas acreditamos que quando estes processos partem da realidade, interesse e competências cognitivas subjacentes a ele, significa dizer que existe maior potencial para a aprendizagem tornar-se significativa e dentro de uma perspectiva que fomentem novas possibilidades para a sequência acadêmica desse educando.

É possível acreditar em formas de educação diferentes, onde as realidades dos educandos sejam referendadas na hora das tomadas de decisão de, por exemplo, qual currículo e práticas seguir. Nessa configuração, acreditamos que a escola, ao assumir a postura de pensar diferente, a partir das características vividas pelos alunos e nesse contato, inexorável, de transformações em curso nas relações sociais, produtivas e ambientais pelas quais passa o mundo, estará contribuindo no sentido de tornar o aprendizado significativo, visto que se vincula com as vivências do educando com as potencialidades do conhecimento sistemático, científico, mas que ao mesmo tempo não deixa de ser social em sua gênese.

Dessa forma, juntar metodologias ativas, aprendizagem significativas balizadas pela postura do Professor Coach na construção do protagonismo do aluno, e na perspectiva de participação referendada em objetivos claros e factíveis de realização é uma forma real e efetiva de participação dos sujeitos, para que não fique apenas na participação vazia de significados, ou na aprendizagem que se apoia em verdades que negam as necessidades do aluno, assim como sua realidade social e as suas visões de mundo. Nessa perspectiva é forçoso nutrir no aluno uma curiosidade que lhe dê suporte para pensar a realidade, contesta-la e transformá-la, sempre que for necessário.

Assim, criar possibilidades de formar alunos que pensem, analisem, formulem e reformulem hipóteses, é um caminho para superar a velha prática da transferência vertical de informações que submetem o aluno a uma passividade alienante. Ser um professor na perspectiva do coach é buscar nessas Metodologias Ativas um signifi-

cado constante para a aprendizagem deste sujeito, é um caminho a ser percorrido numa visão sistêmica de educação. Tudo está interligado e faz parte de um grande sistema chamado vida, a educação é essencialmente o fio condutor dos homens neste labirinto chamado mundo em busca de uma vida ética, justa, digna e integra para todos.

Para isso, acredita-se que a postura do professor, na busca pela perspectiva do Coach é um dos elementos chave desse processo, precisa se pautar pela problematização da realidade, em que se busque criar situações onde o aluno torne-se pesquisador e descobridor de conhecimentos. Assim, a escola passa a diferenciar as suas relações pedagógicas e se notabilizar por transformar informação em oportunidade de aprendizagens significativas, superando a transmissão mecânica de informações que pouco ou nada influenciam no desenvolvimento integral do ser humano.

Em se tratando aqui de contexto de sociedade globalizada, o protagonismo juvenil é o cerne que move as relações sociais. Estamos geograficamente localizados no meio do mundo. O Amapá está mais precisamente no norte do Brasil situado e cortado pela linha do Equador, é uma região ribeirinha no extremo norte do país, se levarmos em consideração que estamos às margens do rio Amazonas e a maioria de nós somos descendentes de povos indígenas ou afrodescendentes, portanto ribeirinhos por nascença. No entanto, escolhemos ser educadores, e independentemente de onde viemos, estamos no e com o mundo fazendo parte dele, sonhando e sofrendo toda a problemática do que é ser educador nesta parte do Brasil.

Quando falamos em sonho é porque este nos move e impulsiona a planejarmos e agirmos por uma educação e conseqüentemente por uma vida de qualidade aqui no extremo da Amazônia, apesar de ser tarefa difícil, não é algo impossível. E ao mesmo tempo em que também sofremos porque lidamos com todos os tipos de mazelas humanas que foram relegados a escola e ao contexto educacional na sociedade hodierna, inversão de

valores, descaso pela vida, violência banalizada, tráfico de drogas e drogadição, abusos de todos os níveis com crianças e jovens, estrutura física inadequada dentro das escolas, precarização de capital intelectual e recursos financeiros escassos no ambiente escolar entre outras situações que não nos cabe aqui aprofundar.

Porém, mesmo tendo em vista todas as problemáticas do contexto atual aqui do Amapá, uma boa parcela de educadores ainda sonha e tem esperanças por dias melhores para o contexto educacional do Estado, quando nos propomos a trabalhar com a proposta das Metodologias Ativas tendo em vista a Aprendizagem significativa e adotando a postura do Professor Coach, percebemos que poderíamos fazer uma grande mudança ou ainda uma diferença em todo esse contexto de nossa cidade Macapá e porque não do Estado do Amapá, somos sabedores de que não teremos todas as respostas, e muito menos todas as soluções, o caminhante constrói o caminho ao caminhar, uma vez que o ser humano segundo Marx é o próprio autor de sua história, dessa forma, embora tenhamos limitações no campo educacional ainda assim temos o poder de buscar novos rumos para nossa sociedade.

Sendo assim, lançamos a proposta em contexto amazônico de trabalharmos na perspectiva do Professor coach utilizando como ferramentas as Metodologias Ativas para alcançarmos aprendizagens significativas em nossa educação no meio do mundo mais precisamente em "Terras Tucujús!".

---

<sup>1</sup> De acordo com o prefácio de Gilberto Pinheiro no livro "Falar Tucuju", o então D. João V, rei de Portugal, se referia oficialmente a este território como Tucujulândia ou Província dos Tucujus. Os Tucuju foram um dos grupos indígenas que viviam na região, além dos Tapuiaçu e Marigus.

Assim, a palavra tucuju se refere a um dos povos que estavam antes da chegada dos colonos- exploradores, a partir do século XVI. FONTE: <https://amapanomapa.com/os-povos-da-floresta/> acesso em 08 de junho de 2018.

## REFERÊNCIAS

ABREU, J. R. P. de. **Contexto Atual do Ensino Médio:** Metodologias Tradicionais e Ativas-Necessidades Pedagógicas dos Professores e da Estrutura das Escolas. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ATKINSON, M. W. **A Arte e a ciência do Coaching:** a dinâmica interna. (Trad. Quitéria N. Silvado). 1. ed. São Paulo: Perse, 2011.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos.** (Trad. Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BERBEL, N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. **Semina:** Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

CAMPOS, M. R. Mudanças com os docentes, não para os docentes: algumas considerações sobre o desenvolvimento profissional. Separata da revista Pátio: **Formação docente e o desafio da qualificação cotidiana.** Porto Alegre: Artmed, nov. 2006.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia.** 13. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

DEWEY, J. **Como pensamos.** São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1959.

\_\_\_\_\_. **Experiência e educação.** São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** In: FREIRE,

Ana Maria Araújo (Org.). São Paulo: Editora UNESP, 2001.  
HERNÁNDEZ, F. A formação a partir da experiência vivida. Separata da revista Pátio: **Formação Docente e o desafio da qualificação cotidiana**. Porto Alegre: Artmed, nov. 2006.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2000.

MASSETO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo. Summus, 2003.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa: a teoria e textos complementares**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 74, p. 27-42, 2001.

PEREZ, J. F. B. **Coaching para docentes**. Porto, Portugal: Porto Editora. 2009.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas**, profissão docente e formação. Lisboa: D. Quixote, 1997.

ROSSEAU, J. J. **Emílio ou Da Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

SECCO, K. C. **Coaching e formação da Consciência docente**. 2012. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação: currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

STRECK, D. et al. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.



# 4

## Processos e instrumentos avaliativos

Carla Antunes  
Simone Almeida

DETERMINA

## PROCESSOS E INSTRUMENTOS AVALIATIVOS

### SOBRE AVALIAÇÃO

Sabemos que as ações que envolvem o ensino e a aprendizagem muitas vezes giram em torno de processos avaliativos e acabam por se regular em função deles, invertendo, desta forma, a relação de causa/efeito que deveria conduzir o duo processo educativo/avaliação, pois, as avaliações, que deveriam servir de fontes de informações sobre o efeito da educação no geral, acabam se tornando a causa para a realização de determinadas práticas. Nestes contextos em que se equiparam avaliação à provas/exames, se diminuem tanto o valor dos processos educacionais de aprendizagem em detrimento aos eventos imediatos de aferição de resultados, quanto o valor da autonomia dos estudantes em seus caminhos de aprendizagens. Luckesi (2005) afirma que para se fazer uma distinção entre

essas duas condutas - examinar ou avaliar na escola- basta lembrar sucintamente que o ato de examinar se caracteriza, especialmente (ainda que tenha outras características) pela classificação e seletividade do educando, enquanto que o ato de avaliar se caracteriza pelo seu diagnóstico e pela inclusão. O estudante não vem para a escola para ser submetido a um processo seletivo, mas sim para aprender [...] O investimento necessário do sistema de ensino é para que o educando aprenda e a avaliação está a serviço desta tarefa. (LUCKESI, 2005, p.29).

O modelo tradicional de educação não considera o indivíduo como autor do seu próprio processo de desenvolvimento de habilidades. Mas como os estudantes desenvolverão a autonomia tão almejada se a escola continuar se considerando a total responsável por seus processos de aprendizagem?

Nessa perspectiva, nos interessa a questão da avaliação de aprendizagem feita pelos próprios estudantes, bem como os instrumentos avaliativos utilizados no proje-

to com essa finalidade. Não pretendemos aprofundar as discussões sobre os conceitos e vertentes de avaliação, mas consideramos importantes as etapas da avaliação somativa, diagnóstica, formativa como avaliação processual no desenvolvimento do projeto.

O projeto desenvolvido nas escolas macapaenses concebeu a avaliação não como aquela que gira em torno das notas, mas sim como processo, o que já se mostra concreto em diversas escolas brasileiras e nos sistemas educacionais de países como a Finlândia. A escola infantil finlandesa Katajanokan, por exemplo, em 2016 iniciou um processo de abandonar totalmente as provas, passando a realizar a avaliação apenas através da autoavaliação com os portfólios e acompanhamento contínuo com o envolvimento das famílias. Há de se reforçar ainda que este processo deva estar alinhado ao diálogo entre professor, estudante e família, os quais juntos buscarão condições para que o estudante, acima de tudo, aprenda a aprender e desenvolva o senso de comprometimento consigo e com o outro para que os desafios de aprendizagens sejam superados.

A avaliação em contextos de educação inovadora se estabelece como um processo contínuo que inclui e valoriza a autoavaliação. Um dos grandes desafios para a concretização da avaliação realizada de forma processual nas escolas públicas parece ser o enfoque na aprendizagem e, por conseguinte, nos caminhos individuais de construção de conhecimentos dos estudantes.

A partir desta visão de avaliação, tornam-se questionáveis os métodos avaliativos que apenas comparam os estudantes uns aos outros ou a parâmetros estabelecidos, uma vez que desta forma não se leva em consideração a trajetória de subjetividade de cada sujeito e se gera resultados que não condizem com a complexidade real da situação de aprendizagem do aluno.

Assim, nestes contextos, a avaliação passa a ser guiada por dispositivos de autorregistro como portfólios, diários de bordo, roteiros, entre outros, nos quais é registrada cada etapa em que os alunos se encontram com relação ao que vêm aprendendo, alguns destes disposi-

tivos apresentam-se como uma espécie de plano pedagógico individual que envolve as escolhas e processos de aprendizagens destes. De acordo com Cañete,

[...] este tipo de registro faz parte de um conjunto de documentos – dossiês, portfólios, memoriais, cadernos reflexivos, diários de aula, biografias, autobiografias e outros – que ultrapassa a escrita burocrática e tem a intenção de registrar a prática pedagógica do professor e possibilita (re) pensá-la. (CAÑETE, 2010, p. 61).

Sabemos que o sistema educacional brasileiro leva as escolas a se limitar a uma espécie de “notacentrismo”, em que tudo ou boa parte dos atos pedagógicos circulem em torno deste cerne quantitativo, assim como são cobrados dos educadores notas, relatórios, boletins, cadernetas e assim por diante. Como seria possível então, na prática, no chão de nossa realidade escolar, avaliar o progresso dos diferentes grupos que constituem uma sala de aula sem desconsiderar nenhum estudante e suas peculiaridades de aprendizagens e sem deixar de cumprir com as demandas burocráticas do sistema educacional brasileiro?

A experiência com avaliação processual de aprendizagens em sala de aula através do uso de instrumentos avaliativos individualizados nos mostrou que é possível transformarmos a dimensão avaliativa das escolas mesmo partindo de contextos e locais de fala tão negativamente complexos quanto os que a situação da educação no Amapá encontra-se inserida.

### **MÉTODOS AVALIATIVO-PEDAGÓGICOS UTILIZADOS NO PROJETO**

A avaliação do Projeto Metodologias Coach de Ensino foi realizada de forma processual e se estabeleceu nos dois níveis do projeto enquanto pesquisa: 1. No decorrer do processo de formação oferecido pela equipe do projeto aos educadores da rede municipal; e 2. No decorrer dos processos educativos realizados pelos professores participantes em suas escolas. Em ambos os ní-

veis de avaliação o processo avaliativo foi balizado por dois dispositivos pedagógicos principais: os diários de bordo e as rodas de conversa.

A seguir falaremos um pouco sobre estes recursos, apresentando registros e impressões relacionados ao uso destes no PMCE.

## **DIÁRIOS DE BORDO**

Os diários de bordo são dispositivos educacionais avaliativos presentes nas escolas inovadoras da atualidade e em contextos de educação à distância. Sua origem está relacionada às antigas navegações de desbravamento, nas quais era utilizado para fins de registro das viagens e percursos.

Diário de bordo também é um conceito que pertence à etnografia. No entanto, no caso deste estudo o instrumento foi utilizado no contexto das salas de aula. Nesse sentido, alguns autores atribuem significados variados, porém o objetivo é basicamente o mesmo: trata-se de um espaço destinado para registros, anotações e reflexões individuais sobre um determinado processo de aprendizagem. Esse instrumento ou ferramenta que muito se assemelha a um memorial possibilita que sejam feitas anotações relacionadas às experiências vivenciadas, ou seja, é um lugar onde se relatam atividades, conquistas, frustrações, impasses, dúvidas, inquietações, desabafos, avanços e recuos que se expressam em uma caminhada para o aprender, as quais, talvez, oral e presencialmente nunca fossem expressadas. (COPPETE, 2014, p.05).

Para as ações do projeto foi feita uma mesclagem sintética de um formato possível de diário de bordo e um portfólio de aprendizagem, a intenção do material oferecido foi o de colocar os professores participantes e mais a frente, seus educandos, a par de seus processos de aprendizagem no projeto. Ressaltamos que estes não são instrumentos avaliativos inflexíveis, podendo ser acrescentadas neles anotações necessárias, assim como anexar dados, imagens, ou textos que contribuirão para

a avaliação de seus processos de construção de saberes.

Utilizadas pelo professor, estas ferramentas servem para auxiliar suas ações didáticas. Podemos considerar como principal finalidade o seu caráter informacional amplo, pois, os registros dão maior visibilidade, por exemplo, as situações que por vezes ficam ocultas no contexto da sala de aula, como um comportamento considerado fora do normal, uma atividade que gerou desconforto ou foi pouco produtiva, um conteúdo que necessita de um tempo maior para ser concluído, as relações de afetividade ou desafeto na turma, alunos que necessitem de um acompanhamento assíduo, dentre outros.

O PMCE utilizou como referência para a criação destes diários de bordo, os instrumentos avaliativos desenvolvidos pelas escolas do Instituto Lumiar, localizado em São Paulo, tais instrumentos são apresentados e analisados no livro "Ação e percepção nos processos educacionais do corpo em formação" de Cecilia Saito (2010) e no site institucional das escolas Lumiar. Estas instituições escolares utilizam um aplicativo virtual chamado Mosaico, que possui entre os três elementos principais o subsistema "Portfólio de aprendizagem", acreditamos que seja importante compartilharmos a descrição deste elemento apresentada na página virtual da escola, a qual esclarece que

[...] Ele conterá, primeiro, uma **avaliação inicial** do aluno que entra na escola, que procurará detalhar quais competências [...] o aluno já domina ao entrar na escola, e em que nível as domina. Essa avaliação inicial servirá de base para o trabalho de aconselhamento do aluno acerca dos tipos de projeto de aprendizagem [...] em que deverá se engajar ao longo dos quatro bimestres do primeiro ano na escola. Em seguida, o Portfólio de Aprendizagem conterá algo equivalente ao **histórico escolar** do aluno: uma listagem completa e detalhada de todos os projetos de aprendizagem que o aluno vier a contratar [...]. Em terceiro lugar, o Portfólio de Aprendizagem deverá conter as **avaliações do desempenho dos alunos nos projetos** que ele contratou [...]. Essas avaliações deverão indicar quais competências os alunos desenvolveram em cada um dos projetos em que se envolve-

ram. Em seguida, o Portfólio de Aprendizagem deverá conter **avaliações bimestrais abrangentes do desempenho dos alunos** feitas pelos educadores que lhes servirem de orientadores. Essas avaliações deverão incluir não só os aspectos relativos ao desempenho cognitivo dos alunos, mas também aspectos relativos ao que se convencionou chamar de sua "inteligência social e emocional", isto é, às suas relações interpessoais (com dados retirados de observações de todos os educadores e da "Roda" [mecanismo democrático de solução de problemas internos da escola]), ao seu comportamento em geral (em especial fora do trabalho com os projetos), às suas atitudes (para com a vida, os outros, as coisas), aos seus valores, etc. Por fim, o Portfólio de Aprendizagem deverá conter **avaliações anuais do desempenho dos alunos**, que contêm o resumo de seu desenvolvimento durante o ano. Elas deverão conter os mesmos componentes das avaliações bimestrais abrangentes. A avaliação anual feita ao final dos Ciclos (Infantil, Fundamental-1, Fundamental-2 e Médio) deverá conter uma análise detalhada do desenvolvimento do aluno que justifique o prosseguimento de estudos no nível imediatamente superior. (INSTITUTO LUMIAR, 2016, n.p.).

Achamos importante oferecer aos participantes uma proposta de modelos de diário e fichas de acompanhamento ainda que estes instrumentos não fossem utilizados tal qual a estrutura apresentada aos docentes, mas que servissem como exemplo de dispositivos exequíveis para a realização da avaliação processual nas escolas. Tais modelos poderiam ser utilizados ou não, ficando a cargo dos educadores as adaptações necessárias.

Sabemos que professores, para atender demandas de seu fazer pedagógico se utilizam corriqueiramente de registros de cunho mais burocrático, como por exemplo, planejamentos das ações pedagógicas, elaboração de relatórios de aluno, plano de aula, registros de situações corriqueiras no contexto escolar, entrega de rendimento, dentre outras situações subordinadas ao cumprimento das informações a serem repassadas aos setores de órgãos oficiais partindo de uma primeira instância advinda das orientações das escolas.

Visando uma reflexão mais subjetiva encontramos



essa possibilidade nos diários de bordo dispositivos educacionais avaliativos muito presentes nas escolas inovadoras da atualidade. O diário de bordo foi definido como uma das ferramentas avaliativas principais do projeto por ser possível de ser utilizado de um simples caderno, material ainda extremamente presente na escola, podendo também ser realizado virtualmente, seja por meio de um aplicativo, formulário online ou programas comuns de criação de texto, neste segundo caso utilizando-se como meio para o acesso aparelhos portáteis ou computadores de mesa.

A intenção ao trazer o diário de bordo como elemento do projeto foi acima de tudo, promover experiências de forma contextualizada à realidade local e ao mesmo tempo para servirem de parâmetros para o processo avaliativo geral do projeto, assim, optamos por fazer uso da construção de diários de bordo tanto por parte dos educadores participantes quanto de seus educandos.

### **Questões observadas na experiência com os diários dos educadores:**

Os educadores participantes das oficinas de formação receberam um material impresso com as fichas avaliativas e as orientações, a fim de serem utilizados no diário de bordo durante o desenvolvimento das etapas das oficinas do projeto. Vale ressaltar que colocamos durante as orientações a possibilidade de uso do diário de bordo como portfólio, o que foi feito por algumas escolas.

Esta se mostrou uma ferramenta pedagógica bastante relevante, uma vez que através dos diários os educadores puderam estruturar de forma simples os planos de ações e decisões acerca das atividades a serem desenvolvidas. Além disso, o diário serviu como instrumento de registro subjetivo de momentos e situações importantes/marcantes/diferenciadas da aula, de forma geral isso possibilita uma avaliação reflexiva mais direta do educador sobre as peculiaridades e impactos gerados pelas atividades em cada turma/estudante.



Uma questão importante observada foi a possibilidade de o professor colher informações durante o calor do acontecimento, e assim, gerar um registro concreto de pontos mais relevantes, dificuldades e facilidades relacionadas as suas ações pedagógicas, criando um banco de questões fundamentais para a sua autoavaliação ao longo do processo.

Ao final do projeto, notamos que apesar de boa parte dos professores participantes terem utilizado adequadamente os diários, muitos apresentaram dificuldade nesse uso, alguns por compreender que o preenchimento deste seria um trabalho a mais, e outros por não vislumbrarem no diário uma ferramenta interessante para agregar na sua rotina de avaliação.

Acreditamos que isso se deu tanto pelo fato de o diário de bordo ser uma ferramenta pouco usual, quanto por ser apresentado imerso no contexto de um projeto criado de forma externa às escolas, sem a participação dos educadores na sua concepção, o que, sabemos, é uma prática extremamente comum nas escolas e por acontecer exaustivamente, os educadores já a repelem naturalmente.

**Figura 1: Ficha de acompanhamento em página de diário de bordo de professor.**

**FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE ATIVIDADES- POR TEMA / MÓDULO**

Atividades desenvolvidas: oficinas de poesia

Tema: Poesia Período de realização: 05 a 14 de junho

**METAS E PLANO DE ATIVIDADES**

Que os estudantes possam aprender:	E que desenvolvam atitudes no sentido de:
<ul style="list-style-type: none"> <li>- O significado de poesia.</li> <li>- Se apropriar de biografias e obras de autores nacionais</li> <li>- Forma de expressar emoções (sentimentos) através da poesia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprimorar conhecimentos</li> <li>- Saber se expressar, falar em público.</li> <li>- Ter facilidade em se expressar e expor seus sentimentos.</li> </ul>

**AValiação GERAL DAS ATIVIDADES REALIZADAS**

As aulas estão sendo prazerosas e significativas para o aprendizado e construção de poesias, facilitando a espontaneidade ao se expressar diante das outras turmas.

**PRÓXIMOS PASSOS**

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

**Figura 2: Ficha de acompanhamento em página de diário de bordo de professor.**

**FICHA AVALIATIVA DE ACOMPANHAMENTO – PROFESSOR**

Esta ficha servirá como auto-avaliação do seu processo individual de aprendizagem no curso de formação "Metodologias Coletivas de Ensino: Compartilhando saberes e construindo possibilidades", seu intuito é tanto apresentar (de forma sintética) uma possibilidade de avaliação processual quanto de registrar o seu processo individual de desenvolvimento de atividades para fins de acompanhamento e avaliação do projeto como um todo. É importante que você preencha esta ficha no decorrer da realização das atividades, para que possamos ter uma visão mais próxima de como se dão as ações em seu contexto escolar.

**(PARA PREENCHER NO INÍCIO DA FORMAÇÃO)**

Nome: Marcela Sacramento Antójea  
 Escola: EMEF Ana Maria da Silva Ramos Turno: manhã

Turma participante:	Quantidade de alunos:	Faixa etária:	Observações sobre a turma:
<u>5ª ano C</u>	<u>3</u>	<u>10-15</u>	

Seus objetivos com relação a esta formação: Apropriar de novos Conteúdos.  
- melhorar a dinâmica do planejamento  
- vivenciar boas experiências

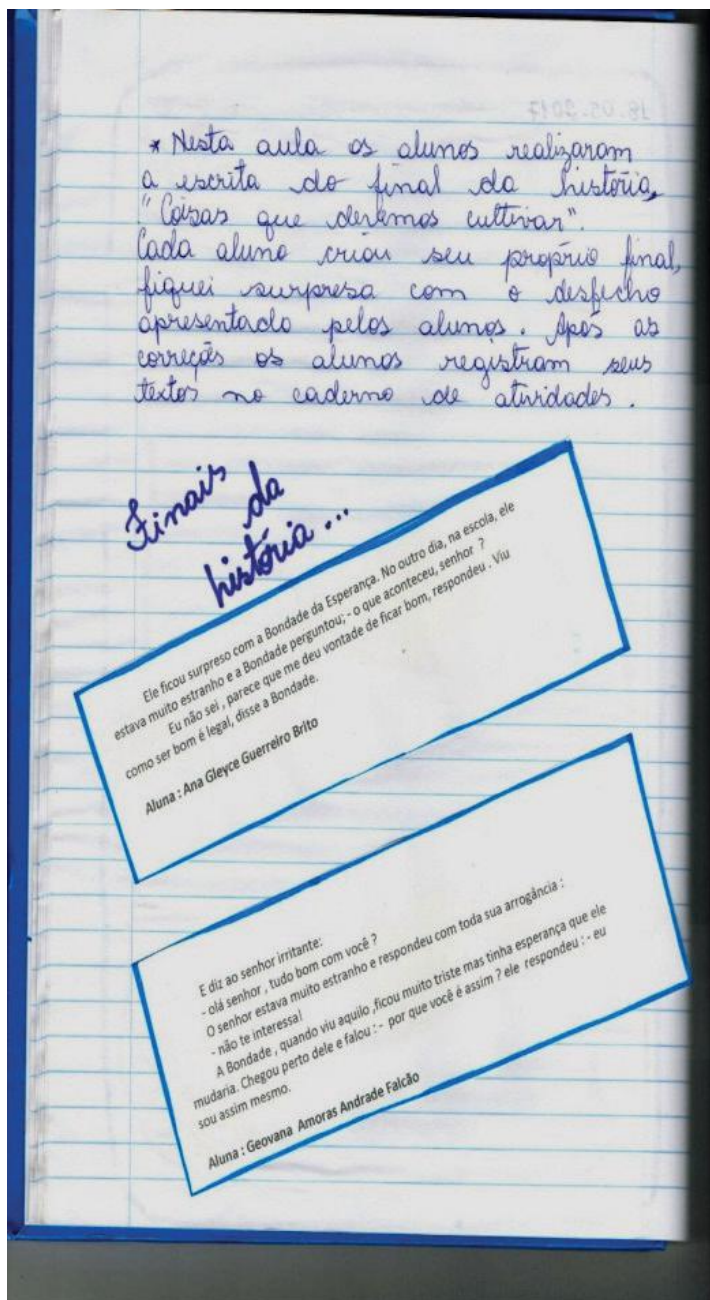
**(PARA PREENCHER AO FINAL DA FORMAÇÃO)**

Síntese do seu percurso no projeto (Sei de algo agora sobre os temas trabalhados na formação, que não sabia antes? O quê? Há algo que faço agora melhor do que antes? O quê? Algo mudou na minha postura enquanto professor? O que eu percebi em meu contexto escolar e/ou educacional depois da formação que antes não havia percebido?) Os temas e as formas trabalhadas no projeto foram essenciais para a busca de novos meios de conduzir a aprendizagem, o que faz fazer intermediação, de forma clara e acessível, fazendo com que os alunos assimilassem de maneira mais fácil, percebi o quanto a minha postura mudou como professora, de uma experiência que era construída com muita prática em sala de aula, pessoalmente transformei a postura dos alunos, de como eles recebem e conduzem estes conteúdos.

Como você avalia este projeto? Você tem alguma crítica/sugestão? Quais?  
O projeto é grandioso, me encaminhou para uma educação de qualidade, conduziu o aluno a ser protagonista de sua própria aprendizagem, uma sugestão a ser colocada é que esse projeto seja implantado em todas as escolas.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Figura 3: Observações de professora em seu diário de bordo



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

## **Questões observadas na experiência com os diários dos estudantes:**

O diário de bordo dos estudantes buscou conhecer alguns aspectos cognitivos e subjetivos destes, por meio da coleta de informações que se deram através de questões de caráter avaliativo, com características de cunho diagnóstico, formativo e processual. Tais questões abrangem temas sobre os objetivos com relação à aula do dia, os conhecimentos prévios do estudante sobre o tema trabalhado, sua participação nas atividades e a opinião acerca das ações desenvolvidas.

O uso dos diários de bordo do estudante consistiu em uma estratégia de acompanhamento significativa, pois através deles foi possível observarmos de maneira individual e ao mesmo tempo coletiva de que forma as práticas vivenciadas e desenvolvidas pelos professores os afetaram diretamente. Além disso, por meio da produção escrita, foi possível coletarmos um conjunto de informações sobre os diferentes processos de construção de conhecimento dos estudantes e quais abordagens satisfaziam melhor suas necessidades educativas.

Diante do acesso aos diários de bordo, observamos que o uso deste como ferramenta na sala de aula pode ser extremamente eficaz no que se refere à sondagem sobre os níveis de dificuldades e progressos dos estudantes, o que pode ser observado desde o momento de sua escrita, envolvendo a forma como interpreta as informações dos diários e a forma como organiza as ideias sobre sua produção durante as atividades.

A inclusão dos diários de bordo nos processos educativos deu maior visibilidade dos momentos de análise compartilhadas destes instrumentos com os estudantes e se mostrou um grande desafio para o professor, uma vez que esses momentos de diálogo mais personalizados entre educador e educando se faz necessário para que os sujeitos aprendizes sejam orientados a buscar a ter uma visão global de seu caminho de aprendizagem, e aí sim exercitem a autonomia de protagonizar seus processos de construção de conhecimento.

A partir das realidades das escolas participantes do projeto, uma solução prática surgida no decorrer das atividades para o uso dos diários, foi a de inserir esses momentos nos plantões pedagógicos nas escolas, onde educadores e estudantes de posse de seus diários e em conjunto com os familiares responsáveis podem dialogar sobre as potencialidades do estudante e possíveis estratégias para alcançar suas metas.

Quando o diário de bordo traz questões sobre os objetivos dos estudantes com relação às atividades propostas naquele dia em sala de aula, ou sobre o que almeja aprender durante o período das atividades, por exemplo, parte-se do princípio de que o estudante precisa ter um objetivo ao estar ali imerso naquele processo educativo específico, bem como precisa ter interesse em assimilar conhecimentos novos nesse contexto, assim, ao se responder diariamente sobre seu intuito e suas perspectivas na escola, se gera reflexões na criança sobre sua experiência no contexto educacional e promove e/ou fortalece os compromissos e responsabilidades em construir novos saberes a partir de sua trajetória de aprendizagem.

Observamos que os estudantes encontraram seu maior desafio quando motivados a refletir sobre si e por meio de seu relato demonstrar as necessidades de aprendizagem, como "pontuar melhor o texto", aprender mais sobre os cálculos matemáticos, por exemplo. As reflexões que o aluno faz de si são um ponto chave para que ele comece a compreender suas dificuldades e capacidades de superação, o que estimula também para que ele coopere com o trabalho do professor, ao compreender que este está a serviço de seu próprio processo educacional.

Uma questão observada por alguns professores no direcionamento das atividades com os diários foi a necessidade recorrente de se esclarecer certos vocábulos presentes nos diários de bordo, assim como observamos no preenchimento de diários de turmas de diferentes escolas a ausência ou desorganização de informações.

Relacionamos estas dificuldades com o fato de a criação do diário de bordo utilizado no projeto não ter



sido precedida por uma avaliação diagnóstica mais personalizada das turmas participantes. Neste contexto ressaltamos que para um uso mais efetivo do diário de bordo na escola, ao se criar os tópicos contidos nestes deve-se levar em conta a avaliação diagnóstica dos estudantes e assim nivelar a linguagem e o nível de dificuldade dos itens do diário de acordo com a média das habilidades e competências apresentadas por eles.

Assim, cabe ao professor, antes de tudo, produzir um diário que apresente formato e questões que vão facilitar o aprendizado e não o contrário, e durante o seu uso, fazer o acompanhamento e orientação dos estudantes verificando como estão sendo compreendidas pelos alunos as informações repassadas, dialogando sobre suas impressões, metas e dificuldades.

Outra dificuldade apresentada por parte dos professores foi a de como encaixar o preenchimento do diário de bordo em meio ao trabalho na sala de aula. Ao se apresentar uma ferramenta pedagógica nova para os estudantes, seja qual for, evidentemente haverá uma necessidade inicial maior de orientação e reforço da importância desta.

Observando as dificuldades de alguns de seus alunos, um caminho encontrado por um dos professores foi o de estabelecer com os estudantes uma rotina para o momento de preenchimento dos diários, assim, juntos se utilizaram um tempo da aula estipulado entre eles somente para se preencher as observações contidas na ficha do diário de bordo. Esta rotina ocorria antes, durante e ao final de cada atividade desenvolvida com os alunos.

Sabemos que o ritmo atribulado de trabalho gerado por contextos que na maioria das vezes sobrecarregam os educadores, podem se mostrar como obstáculos ao uso dos diários ou qualquer outra rotina mais personalizada, entretanto, acreditamos que o estabelecimento de combinados com os estudantes no que se refere à frequência, importância e local do preenchimento dos diários, torna possível o desenvolvimento do hábito de construção e compreensão destes como uma tarefa importante para seus próprios caminhos de aprendizagem.

Outra sugestão prática é a de se preencher os diários em sala de aula nos primeiros momentos de contato com esta experiência e mais a frente combinar com os estudantes que preencham em casa, ficando a cargo do professor a função de verificar esporadicamente o andamento dos diários dos alunos e possíveis orientações necessárias.

Independente da maneira definida pelos educadores e estudantes para a inclusão do preenchimento dos diários no decorrer das aulas, ao término de cada bimestre, os diários podem servir como base para uma roda de conversa envolvendo toda a turma, acerca dos conteúdos trabalhos e dos interesses, desinteresses, dificuldades e facilidades que apresentaram com as metodologias naquele período do ano.



Figura 4: Ficha avaliativa em página do diário de bordo de estudante.

**FICHA AVALIATIVA DE ACOMPANHAMENTO - ALUNOS**  
PARA PREENCHER ANTES DA OFICINAS/ATIVIDADES NAS ESCOLAS

Nome: Samah Buiny de Silva Botelho  
Escola: Ana Maria da Silva Ramos Turma: 5ª ano B  
Professor: Simone Almeida Período de realização: Mês de maio

Seus objetivos com relação a esta atividade:

1. Aprender a contar história
2. Conhecer a
3.

O que você já sabe sobre o tema tratado?

Eu sei que a arte de contar história é como uma imaginação, que as pessoas contam uma

DIÁRIO DE BORDO		
DATA	ATIVIDADE/TEMA PROPOSTO	VOCÊ PARTICIPOU? COMO FOI? O QUE ACHOU?
<u>08</u> <u>05</u> <u>2012</u>	<u>A arte de con-</u> <u>tar história</u> <u>Roda de conversa</u>	<u>Sim, falando, eu achei</u> <u>legal porque eu me di-</u> <u>verti.</u>
<u>10</u> <u>05</u> <u>2012</u>	<u>Textos narra-</u> <u>tivos</u>	<u>Sim, em grupo, eu achei ótimo</u> <u>porque a gente se ajudou pa-</u> <u>ra conversar sobre a atividade</u>
<u>15</u> <u>05</u> <u>2012</u>	<u>Reconhecendo ge-</u> <u>neros textuais.</u>	<u>Sim, falando o que eu sei,</u> <u>legal porque eu compari-</u> <u>tei.</u>
<u>18</u> <u>05</u> <u>2012</u>	<u>Escrita do final</u> <u>da história.</u>	<u>Sim, escrevendo textos,</u> <u>eu achei bastante legal por</u> <u>que eu fiz orthografia.</u>
<u>22</u> <u>05</u> <u>2012</u>	<u>Confecção de mar-</u> <u>teus para o teatro</u> <u>+ confecção do final</u> <u>da história</u>	<u>Sim, fazendo marionetas, eu</u> <u>achei legal porque a gente</u> <u>fez projeto.</u>

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Figura 5: Ficha avaliativa em página do diário de bordo de estudante.

Resumo do seu caminho de aprendizagem (o que sei agora que não sabia antes? O que faço agora melhor do que antes? O que mudou na forma de me relacionar com as pessoas?)

Na minha sala de aula eu aprendi mais coisas, escrever melhor, ler melhor com pontuação e outras coisas.

Antes eu não sabia o que era poesia agora eu sei mais eu mesmo, também antes eu não sabia muito escrever poesia agora eu sei um pouco.

Com esse trabalho deu pra mim conhecer mais coisas, colegas que eu não conhecia muito, deu pra mim pensar, melhor, e também minha aprendizagem.

Meus próximos desafios a partir do que aprendi:

aprender a escrever poesia, aprender a resolver melhor as contas de divisão, aprender a escrever algumas palavras que eu não sei.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

## QUESTÕES SOBRE AS RODAS DE CONVERSA

O segundo principal instrumento avaliativo utilizado pelo projeto foi a roda de conversa, que é um método pedagógico que oferece um grande leque de possibilidades, pois, a base da roda de conversa é o diálogo e o dialogar está no cerne do desenvolvimento de toda e qualquer relação humana.

A roda de conversa une dois elementos que historicamente compõem a formação civilizatória da humanidade: a organização em círculo e a troca de conhecimento a partir da oralidade.

Nas rodas de conversa do PMCE foram experimentadas várias formas de valorização da oralidade, a partir de exercícios de escuta, do trabalho com narrativas ou relatos pessoais, por exemplo. Perceber que no contato com o outro nos forjamos enquanto pessoas, nos faz refletir sobre o quanto o estímulo a este contato foi (e ainda vem sendo) aliado dos processos escolares brasileiros. Sobre a roda de conversa, Warschauer afirma que

[...] não é uma técnica que possa ser reproduzida independente da sensibilidade do envolvimento das pessoas e da paixão pelos conhecimentos, nem foi inventada recentemente. Trabalhos comunitários e iniciativas coletivas, das mais diversas naturezas se desenvolveram de maneira semelhante há muito tempo. [...] Na educação Celestin Freinet e Paulo Freire desenvolveram abordagens específicas com princípios semelhantes, seja por intermédios das atividades colaborativas das classes de Freinet, registradas no "Livro da vida", seja nos "Círculos de cultura", utilizados no método freiriano de alfabetização. (WARSCHAUER, 2004, p.15.)

O trabalho de Freire sobre alfabetização que se deu fortemente através da realização dos chamados círculos, primeiro os de "pais e professores" e mais tarde os "círculos de cultura" (FREIRE, 2014) destacam a influência inovadora da experiência brasileira no mundo inteiro. Os círculos do método Paulo Freire, ou método freiriano, evidenciaram a importância da valorização do diálogo nos

processos pedagógicos, esta proposta apesar de simples e comprovadamente eficaz ainda se mostra ausente como metodologia oficial no sistema de ensino nacional.

Atualmente, acreditamos que os princípios da proposta freiriana, balizados na educação democrática e libertadora mostram-se possíveis através da reformulação dos círculos, que podem ressurgir reinventados nas rodas de conversa (que também se apresentam com diversos outros nomes) de forma menos ambiciosa no que se refere às mudanças gerais da escola, mas tão revolucionária quanto os círculos de Paulo Freire, no que diz respeito ao espaço para o aprender pelo diálogo, por meio da valorização e interação entre as bagagens de cada um dos sujeitos envolvidos nos processos educacionais.

Destacam-se na roda de conversa o trabalho com a subjetividade e sensibilidade, elementos através dos quais se estimula o exercício do autoconhecimento por meio do confronto com as outras concepções, posturas e crenças. Sua característica é o diálogo aberto e sensível que oportuniza uma aprendizagem significativa e momentos relevantes para os alunos que buscam compreender e ser compreendidos. Esta prática representa uma importante ferramenta para o exercício do saber ouvir, saber perguntar, e saber interagir, pois abre espaço para debates, reflexões, diálogos, e socialização de conteúdos, habilidades e competências. Para Moretto (2008),

Competência é a capacidade do sujeito de mobilizar recursos (cognitivos) visando abordar uma situação complexa. O conceito relaciona quatro aspectos importantes. O primeiro é entender a competência como uma capacidade do sujeito: "ser capaz de". O segundo é ligado ao verbo "mobilizar", que significa movimentar com força interior, diferente de "deslocar", que é apenas transferir de um lado para o outro. O terceiro está ligado a palavra "recursos". Colocamos entre parênteses o termo "cognitivo", porque em nossa interpretação a competência exige, além dos recursos da cognição, isto é, do conhecimento intelectual, recursos do domínio emocional. Por fim, o conceito de competência está ligado a sua finalidade.

de: abordar (e resolver) situações complexas. (MORETTO, 2008, p.19).

Pensada para o desenvolvimento de competências em diferentes campos do saber, na etapa de alfabetização, por exemplo, o uso da roda de conversa favorece ao professor o trabalho a partir da linguagem oral quando se utiliza uma contação de histórias, se realiza uma leitura de imagens, entre outros. Esse tipo de atividade não deixa de ser um momento para se tecer avaliações tanto das habilidades dos alunos, quanto da prática do professor, que pode buscar avaliar os pontos acerca do processo de ensino e aprendizagem. Para isso, o professor precisa conhecer bem os seus alunos, ter habilidades necessárias e estudar estratégias para organizar e conduzir de maneira competente este evento.

### **RODAS DE CONVERSA: QUESTÕES OBSERVADAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E NA APLICAÇÃO NAS ESCOLAS**

Nosso intuito ao levar a roda de conversa para a formação com os professores foi de utilizá-la tanto na avaliação do projeto, quanto apresentá-la como ferramenta pedagógica para sensibilização acerca de sua eficácia no trabalho com os estudantes, demonstrando na prática, possibilidades de condução desta vivência sem necessidade de qualquer outro recurso que não fosse o diálogo. As rodas de conversa foram desenvolvidas ao final de cada módulo de formação e os educadores participantes foram orientados a realizá-la ao término de cada atividade referente ao projeto.

**Figura 6: Roda de conversa acontecendo em escola participante do projeto.**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

As rodas se mostraram perfeitas aliadas ao uso dos diários de bordo, pois, os momentos de trocas que elas proporcionam mostraram-se um terreno ideal para a socialização de impressões, objetivos e demais informações pessoais registradas nos diários.

Ressaltamos que diferente dos diários, que geram produtos palpáveis, o material gerado nas rodas de conversa é muito mais fenomenológico e para além de todas as questões pedagógicas implicadas nessas vivências, observamos que tanto nos momentos entre a equipe do projeto e a turma de professores participantes quanto entre estes educadores e seus educandos, imersos em seus contextos escolares, as rodas de conversa se mostraram um espaço extremamente rico para a criação e aprofundamento de vínculos entre professores e estudantes, e entre ambos e o contexto escolar.

Observamos por meio de relatos dos docentes como um dos grandes desafios para a prática da roda de conversa na sala de aula, a questão da sua condução de maneira adequada, pois, no início, a realização desta rotina ou de qualquer metodologia ativa pode gerar certo tumulto e descontroles do processo devido à falta de hábito de ambos com este tipo de método. Ressaltamos novamente, para um melhor aproveitamento do tempo

e da atividade, a importância do estabelecimento dos chamados “combinados” entre professores e estudantes, pois, é fundamental deixar todos a par do que está sendo desenvolvido para que assim compreendam melhor sua função neste contexto.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Os professores, ao fazerem uso do diário de bordo como um instrumento avaliativo processual e ao aderirem às rodas de conversas como aliadas para as atividades desenvolvidas com os estudantes, construíram de forma muito enriquecedora sobre questões relacionadas aos processos de significativa aprendizagem que estiveram aliadas à prática docente no ambiente escolar.

Ao final desta experiência, analisando mais especificamente a questão da avaliação e os métodos avaliativos, a nós se mostrou evidente a importância de se levantar debates em torno dos mecanismos avaliativos vigentes em nosso modelo de educação. Pois, se quisermos alcançar o real objetivo de avaliar as aprendizagens, não podemos concordar que a avaliação termine no momento em que se obtém com precisão o número que traduz o rendimento do estudante. Número este, que na maioria dos casos, é obtido por meio de instrumento classificatório ou com base em uma média atribuída à turma de forma geral. Não seriam esses dados relevantes para se mensurar os desafios e eficácia das ações desenvolvidas durante todo o processo educacional realizado ao longo do ano? Sabemos, pois, que no atual contexto educacional é urgente a reconstrução dos métodos e recursos didáticos pedagógicos e, sobretudo, o do processo avaliativo.

Cabe reforçar que não é nossa intenção defender a anulação dos métodos avaliativos tradicionais, tampouco questionar as habilidades dos professores que já desenvolvem métodos próprios de avaliação e observação, mas sim de contribuir com o cabedal de práticas docentes a partir de uma perspectiva de avaliação escolar condizente com os novos paradigmas educacionais.



A proposta de uso dos diários de bordo e da roda de conversa deu-se por encontramos nestes instrumentos pedagógicos, características que oportunizam a realização de uma estratégia avaliativa processual, assim como se mostram ferramentas que apresentam um rico leque de possibilidades para o diálogo, hoje, ainda tão ausente do contexto escolar brasileiro.

A avaliação, para se tornar eficaz e eficiente, deve passar a considerar mais verdadeiramente as peculiaridades dos estudantes, pois no contexto da sala de aula essas adversidades confirmam que os alunos aprendem de diferentes maneiras. Consideramos necessária uma prática sistemática que contemple instrumentos avaliativos diversificados e adequados ao contexto educacional contemporâneo que visa o educar de forma integral de nossos estudantes, enxergando-os em suas multiplicidades e encarando o desafio de formar para a vida e não para provas.

Reforçamos que cabe à escola um olhar mais atento e sensível, que ofereça aos profissionais o devido apoio para inovarem em seu trabalho. Acreditamos que essa diversificação dos instrumentos avaliativos favorece maiores condições para coleta das informações quanto ao trabalho desempenhado pelos estudantes, frente aos seus processos de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

SAITO, C. N. I. **Ação e Percepção nos Processos Comunicacionais do Corpo em Formação**. São Paulo: Hedra, 2010.

Moretto, V. P. **Prova**: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. 8. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São



Paulo: Paz e Terra, 2014.

CAÑETE, L. S. C. O Diário de Bordo como instrumento de reflexão crítica da prática do professor. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2014.

COPPETE, M. C. Diários de Bordo e Ensaios Pedagógicos: possibilidades para pensar a formação de professores na modalidade de educação a distância. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2014.

INSTITUTO LUMIAR. Apresentação disponível em: <<http://lumiard.org.br/index.php/como-fazemos/um-novo-cidadao/>>. Acesso em: 09 ago. 2016.

INSTITUTO LUMIAR/MOSAICO. Sobre o Mosaico. Disponível em: <[http://www.institutolumiard.org.br/mosaico\\_inter-na.php](http://www.institutolumiard.org.br/mosaico_inter-na.php)>. Acesso em: 09 ago. 2016.

WARSCHAUER, C. Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação. In: **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna**. (Org.) Beatriz Judith Lima Scoz et al. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: ABPp, 2004.



The background is a vibrant, abstract composition of overlapping geometric shapes in primary and secondary colors: red, yellow, green, blue, and purple. The shapes create a sense of depth and movement, reminiscent of a modernist painting or a collage. A large, dark blue number '5' is positioned on the right side, partially overlapping the abstract shapes.

# **Os Contos como caminhos possíveis para a autoria de pensamento**

Joyce Ferreira

# 5

# OS CONTOS COMO CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A AUTORIA DE PENSAMENTO

*Liberdade*

*Quando soar o grito de liberdade,  
O pássaro que não voava voará,  
O homem mudo falará finalmente.  
O pássaro voando,  
O homem fluente,  
Uma bala só não bastará,  
Para tirar a esperança da gente.*

*(História de Pássaro, Mauro Guilherme, 2015)*

A leitura é um dos meios pelos quais o ser humano adquire conhecimento, facilitando a argumentação e o vocabulário para a produção de texto e para a comunicação oral. É fundamental a aquisição e domínio da leitura, pois além de obter conhecimento, desenvolve a escrita, o senso crítico e a capacidade de questionar a realidade social, duvidar e expor suas opiniões com segurança, além de ter a capacidade de interpretar o mundo.

Portanto, observa-se a importância dos contos na construção do hábito da leitura para os alunos, por meio dos contos de forma lúdica, o aluno adquire o gosto da leitura, e conseqüentemente a escrever melhor, instigando a curiosidade para descobrir e se encantar com o mundo do faz de conta.

A fantasia dos contos de fada é marcante para o desenvolvimento da criança. Há significados mais profundos nos contos de fada que se contam na infância do que a própria vida adulta ensina. É por meio dos contos infantis que a criança desenvolve seus sentimentos, emoções e aprende a lidar com essas sensações. (DA RESSURREIÇÃO, 2005, p.19).

Podemos perceber nitidamente a mudança de comportamento da criança quando ela escuta e compreende a história, isto é, quando esta história tem significado profundo para o eu do interlocutor e este, por

sua vez, passa a utilizá-la como referência para seus atos. Ocorre uma mudança de comportamento, pensamentos e atitudes a partir do que a história os sensibilizou.

Histórias como: Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, Cinderela, Patinho Feio, o Lobo Mau e todos os seus companheiros continuam sendo os antídotos mais eficientes contra angústias e temores infantis. Quando essas histórias são apresentadas às crianças, os personagens podem ajudá-las a se tornar mais sensíveis, esperançosas, otimistas e confiantes na vida. A fantasia é fundamental para o desenvolvimento emocional da criança. Nessas histórias, a criança se identifica mais facilmente com os problemas dos personagens. Ao mergulhar com prazer no faz-de-conta, as crianças dão vazão às próprias emoções. (DA RESSUREIÇÃO, 2005, p.20-21).

Há uma articulação significativa entre o desenvolvimento emocional e a realidade da criança. Nesse sentido, para que isso ocorra de forma significativa é necessário que a leitura proporcione prazer e que seja atrativa conforme a faixa etária dos alunos. A leitura e a escrita não devem ser colocadas como forma de atividades penosas ou punitivas, se esta ensinar uma ação mecânica, forçada ou coercitiva dificilmente a criança irá construir um hábito positivo no exercício daquelas ações. O professor no afã de instigar a leitura e a escrita poderá estar criando práticas mecanicistas, tornando o interesse do aluno comprometido, pois sabemos que é o despertar das emoções e do prazer que determinam o gosto por livros e assuntos de gêneros variados. Para tanto, observa-se que,

“De forma evidente, a criança precisará de vários estímulos possíveis para que possa alcançar o nível de indivíduo letrado; ser letrado não se resume em saber ler e escrever, é preciso saber ambas as atividades acrescidas do domínio da língua e entendimento daquilo que foi lido e escrito, é saber ler, interpretar, entender, escrever e explicar”. (SOARES, 1999, p. 37)

Os Contos por sua vez instigam os sentimentos mais

profundos do sujeito, porque neles o bem e o mal aparecem claramente esboçados, auxiliando as crianças a identificarem seus problemas, suas emoções, suas limitações e suas possibilidades de evolução nas dificuldades individuais. Nessas condições entendemos que, trabalhar com gêneros infantis, especialmente os contos, proporcionam o desenvolvimento de capacidades cognitivas e sociais, trazendo à tona uma reflexão para quem os lê.

Com o desejo de estimular novas práticas e fornecer aos professores do 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental uma base metodológica consistente, positiva e prazerosa para trabalhar com os alunos desse seguimento é que foi pensada e desenvolvida a Oficina de Contos, buscando atingir a sensibilidade dos alunos nas observações sobre valores, desafios e superação explicitadas nas histórias dos Contos, bem como potencializar a leitura e escrita por meio da reflexão com auxílio das Rotinas de pensamento.

A proposta para esta Oficina foi trabalhar a partir de contos já conhecidos como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Lobo Mal, O Patinho Feio, entre outros popularmente conhecidos para alcançar os Contos locais da região amazônica mais especificamente do extremo norte do Brasil, os Contos do Amapá. A Oficina foi desenvolvida seguindo um roteiro de aplicação no primeiro momento para os professores em formação e para o segundo momento, estes conteúdos seriam aplicados com os alunos do 5º ano em sala de aula.

Foi disponibilizado um material de apoio aos professores para subsidiar seus trabalhos em sala de aula, seguindo um formato de apostila, o material além dos conteúdos trabalhados, sugere links onde o professor poderá obter outras informações pertinentes ao tema e aprofundar os conteúdos. O material foi produzido e configurado da seguinte maneira:

# OFICINA: CONTOS

**Duração:** 4h

**Conteúdo:** Contos

**Autores e ministrantes da oficina:** Joyce Ferreira, Cláudia Aquino, Maria Bernadeth Moraes e Maria Madalena Araújo.

## Competências

- Desenvolver atitudes de escuta de texto compreendendo seus possíveis significados e mensagens;
- Participar de maneira colaborativa no desenvolvimento das atividades mostrando interesse, respeito, e disposição em efetivar as atividades propostas;
- Socializar sua leitura por iniciativa própria;
- Socializar sua leitura por solicitação dos outros;

## Habilidades

- Representar, simbolicamente suas emoções e sentimentos;
- Dramatizar textos escritos;
- Expor suas ideias e conhecimentos, formular perguntas e respostas com clareza, explicar e defender seus pontos de vista, expor suas dúvidas;
- Socializar a leitura de textos;
- Saber sua hora de falar e ouvir? Tem concentração no que fala?

Metodologia/Prática:

- Relaxamento
- Exibição de vídeo
- Roda de conversa
- Rotinas “O que te faz dizer/pensar isso?” e “Criadores de perguntas”.

## Referencial teórico

Metodologias Ativas, Rotinas de Pensamento, Professor Coach.

## ROTEIRO

**8h** – Abertura com dinâmica de relaxamento;

**8h30** – Vídeo (Ressignificação: o poder de transformar coisas negativas em positivas) em seguida “Roda de Conversa” para a socialização de experiências positivas e negativas do cotidiano escolar;

**9h** – Apresentação da oficina por meio de slide explicativo contendo (Metodologias Ativas; Professor Coach; Metodologias Utilizadas; Questões trabalhadas) e posteriormente distribuição de tarefas para os grupos;

**10h** – INTERVALO

**10h15** – Retorno para a socialização das atividades dos grupos;

**11h** – “Roda de Conversa” com a socialização das experiências vivenciadas neste dia e seus significados para a sala de aula;

**11h40** - Encerramento com as recomendações para o desenvolvimento da oficina em sala de aula durante o mês seguinte.

## MÉTODOS UTILIZADOS

### Dinâmica de Relaxamento

Após uma sessão de alongamento, organizados em círculo, os participantes devem virar para o lado esquerdo e fazer massagem em quem está à frente por dois minutos e meio após e mais dois minutos e meio em quem está atrás, isto é, cada um massageia o colega.

### Exibição de vídeo

A utilização de produções audiovisuais possui um grande potencial como facilitadora de processos de aprendizagem no contexto escolar, uma vez que devido ao processo de edição com que é feito, um vídeo em



poucos minutos é capaz de apresentar um grande número de informações, em um nível de síntese que o educador muitas vezes não consegue ter, portanto, esta é uma ferramenta muito útil quando se quer provocar uma discussão, iniciar uma conversa, incitar reflexões, entre outros.

### **Roda de Conversa**

Trata-se de organizar os estudantes em círculo, dentro do qual o professor também se insere e neste formato, fomentar de diversas maneiras o diálogo entre todos. Sempre de forma democrática, exercitando a escuta e trabalhando a ansiedade comum em querer compartilhar impressões. É crescente o retorno da utilização de rodas de conversa em contexto escolar, pois, além de ser uma metodologia totalmente livre da necessidade de recursos materiais ela é muito eficaz para criar uma aproximação entre professor-alunos e alunos-alunos, além de exercitar a questão da alteridade, empatia e a comunicação saudável. É sempre bom antes de iniciar as rodas de conversa apresentar questões provocadoras, seja através de uma breve fala, um vídeo, um texto, uma imagem, ou qualquer linguagem através da qual se possa passar uma mensagem.

### **Combinados**

É importante que se estabeleça combinados com os alunos durante todo e qualquer processo de aprendizagem na escola, pois se trata de deixar os alunos a par dos processos pelos quais estão passando, o que estimula o sentido de responsabilidade e compromisso com o desenvolvimento das atividades propostas. Como por exemplo, podemos citar o momento de se pronunciar, para o qual existe um combinado praticamente universal de se levantar a mão e aguardar sua vez. O professor deverá sempre determinar os comandos antes de iniciar a tarefa para que o aluno saiba o que é esperado dele.

### **Rotina, “O que te faz dizer/pensar isso?”**

Esta rotina nada mais é que um processo de investigação puro. Nela você estimula o educando a procurar pelas razões de suas falas, pensamentos e escolhas através de questionamentos como: “O que está dizendo ou pensando?” “O que te faz dizer ou pensar isso?”.

### **Rotina, Criadores de perguntas**

Esta rotina lista alguns começos de perguntas que podem alimentar a possibilidade de se perguntar e explorar muitas coisas sobre um tópico ou tema. Por exemplo, você pode utilizar frases como estas que estão listadas abaixo, e ir monitorando perguntas que provoquem o pensamento: “Por que...?”, “Como seria diferente se....?”, “Quais são as razões para...?”, “E se...?”, “E se soubéssemos...?”, “Qual o propósito de ...?”, “O que mudaria se....?”, etc.

## **QUESTÕES TRABALHADAS**

### **Partir da subjetividade dos alunos**

A metodologia utilizada provoca no aluno atitude de reflexão e recriação, a partir do momento que propicia ao aluno pensar e refletir sobre as narrativas dos contos, que apesar destas serem estórias fictícias o mesmo pode ter a possibilidade de fazer uma analogia com a realidade vivenciada, tendo a possibilidade de recriar outra história exercitando sua sensibilidade para a reflexão, bem como possibilitará o despertar da criatividade.

### **Importância do diálogo**

A conversa é um espaço de interação, de troca de impressões e subjetividades. A partilha de histórias, opiniões e diferentes visões de mundo é um exercício da es-

cuta e da fala significativa, o que é fundamental para a comunicação humana em qualquer situação. O diálogo é um elemento que vem sendo negligenciado a alguns séculos dos processos educacionais formais, ele pode se dar a partir da conversa propriamente dita, mas não só, quando enfatizamos a importância do diálogo falamos do quanto é fundamental estabelecer relações nas quais as pessoas envolvidas se enxerguem enquanto humanos, que suas subjetividades realmente interajam em processos que vão muito além dos processos unilaterais de ensino a que somos acostumados. Em uma troca de olhares ou em um gesto ou postura, é possível se estabelecer diálogos.

### **Pensamento crítico**

As duas rotinas utilizadas nesta oficina servem para que o educador conheça e/ou convide o educando a visitar as evidências que embasam o que o mesmo está pensando ou dizendo, além de auxiliar no aprofundamento de questões ou temas, através do contato com visões alternativas sobre algo. Estes dois pontos são cruciais para construirmos junto aos estudantes uma cultura de compreensão do próprio pensamento, na busca de entender suas referências e conexões (ou desconexões) e até mesmo proporcionar possibilidades de rever ou desconstruir ideias e opiniões. O pensar crítico é fundamental para a autonomia no desenvolvimento de opiniões próprias, bem como para a interpretação de fatos e dados com os quais os educandos têm contato diariamente.

## **+POSSIBILIDADES**

### **Estudo de caso**

Os alunos começam a trabalhar sobre um caso. Eles usam seu conhecimento existente e buscam novas informações. O caso pode ser uma história, um modelo, des-

crição, solução ou aplicação. Pode-se também elaborar perguntas relacionadas a um caso para que os alunos busquem as respostas. Esta técnica torna o aprendizado mais real para os alunos. Os casos são ótimos para testar conhecimento anterior e treinar habilidade de aplicação do conhecimento. O resultado do estudo de caso pode ser apresentado em forma de infográfico, entre outros.

### **Discussão passo a passo**

O professor prepara um conjunto de questões e os alunos procuram as respostas. Eles passam para pergunta seguinte após encontrar a resposta para pergunta anterior. As respostas podem ser em leituras ou em discussões ou solução de problemas. O nível de dificuldade vai aumentando à medida que os alunos resolvem as questões.

## **INSPIRAÇÕES**

**Quando Sinto Que Já Sei:** Disponível em: <<https://www.facebook.com/QuandoSintoQueJaSei/>>.

“Quando Sinto Que já sei” é um documentário cuja proposta é levantar uma discussão sobre o atual momento da educação no Brasil. Carteiras enfileiradas, aulas de 50 minutos, provas, sinal de fábrica para indicar o intervalo, grades curriculares, conhecimento dividido em diferentes caixas. As escolas, como são hoje, oferecem os recursos necessários para que uma criança se desenvolva ou a transformam em um robô, com habilidades técnicas, mas sem senso crítico?

**Faz Sentido:** Disponível em: <<http://fazsentido.org.br/>>.

A plataforma FAZ SENTIDO tem o propósito de apoiar redes de ensino, escolas e professores na construção de um ensino fundamental dos anos finais, mais conectado com as características, o contexto, as necessidades e os

interesses dos adolescentes do século XXI. FAZ SENTIDO é parte de um projeto mais amplo, denominado Ensino Fundamental 2.0, que busca inspirar a reformulação dessa etapa da educação básica, a fim de que assegure o aprendizado, promova o desenvolvimento e prepare os adolescentes para enfrentar os desafios do mundo atual.

**PEDAL (Pedagogias Alternativas):** Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/programapedal/>>.

Coletivo de difusão de propostas educacionais alternativas, de experiências de protagonismo infantil e iniciativas autônomas da juventude. Realizam oficinas de educomunicação originadas por suas três plataformas de apoio.

**Viração:** Disponível em: <<http://www.viracao.org/>>.

Site colaborativo mantido por jovens de todo o Brasil. Veja a seguir o texto de apresentação do projeto, extraído do site do mesmo: "Dizia o pintor Pablo Picasso: que o difícil era o primeiro ponto, um ponto, um desenho, uma obra de arte". No caso da Viração: uma palavra, uma página, uma revista. Tudo começou por aqui, por um projeto social impresso. Uma proposta de revista feita para, com e a partir de adolescentes e jovens de todo o Brasil, e não apenas do eixo Rio-São Paulo. E essas primeiras palavras encarnadas no projeto ganharam vida em março de 2003 a partir do slogan: mudança, atitude e ousadia jovem.

## PROVA BRASIL

Neste tópico em todas as apostilas do material de apoio, apresentamos explicações e descritores que podem ter relação com as metodologias sugeridas em cada oficina. Os descritores foram extraídos do Plano de Desenvolvimento da Educação, disponível no documento: PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova

Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. (MEC, 2008) Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/prova%20brasil\\_matriz2.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/prova%20brasil_matriz2.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2018.

## **O QUE É UM DESCRITOR?**

O descritor é uma associação entre conteúdos curriculares e operações mentais desenvolvidas pelo aluno, que traduzem certas competências e habilidades. Os descritores:

- Indicam habilidades gerais que se esperam dos alunos;
- Constituem a referência para seleção dos itens que devem compor uma prova de avaliação. (MEC, 2008)

## **APRENDIZAGEM EM LÍNGUA PORTUGUESA**

O ensino da Língua Portuguesa, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S), deve estar voltado para a função social da língua. Esta é requisito básico para que a pessoa ingresse no mundo letrado, para que possa construir seu processo de cidadania e, ainda, para que consiga se integrar à sociedade de forma ativa e a mais autônoma possível. (MEC, 2008)

Nesse aspecto, para ser considerado competente em Língua Portuguesa, o aluno precisa dominar habilidades que o capacitem a viver em sociedade, atuando, de maneira adequada e relevante, nas mais diversas situações sociais de comunicação. Para tanto, o aluno precisa saber interagir verbalmente, isto é, precisa ser capaz de compreender e participar de um diálogo ou de uma conversa, de produzir textos escritos, dos diversos gêneros que circulam socialmente. (MEC, 2008)

## **LEITURA E ESCRITA**

Ler e escrever, por suas particularidades formais e funcionais, são também competências mais especificamente desenvolvidas no ambiente escolar. Tanto os tex-

tos escritos de uso mais familiar (como o bilhete, a carta), quanto os textos de domínio público (como o artigo, a notícia, a reportagem, o aviso, o anúncio, o conto, a crônica e etc.) são objeto do estudo sistemático na escola. Daí a importância de promover-se o desenvolvimento, no aluno, da capacidade de produzir e compreender textos dos mais diversos gêneros e, em diferentes situações comunicativas, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral. (MEC, 2008)

## REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Educação. Publicações: **Prova Brasil**. Disponível em: <<http://provabrasil.inep.gov.br/>>. Acesso em: 09 mar. 2018

\_\_\_\_\_. **PDE**: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008. 200 p.: il.

Cuginotti, A. **Postura e Rotinas do Professor Coach**. Apostila do Curso de Pós-graduação "Professor Coach: a arte de potencializar habilidades em sala de aula". Macapá, UCAM, 2016.

FERRO, A.; SOARES, G. A Reinvenção Da Roda: Roda De Conversa: Um Instrumento Metodológico Possível. **Revista temas em educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p.98-106, jan./jun. 2014.

MORIN, E. **A Cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SECCO, K. C. **Coaching e formação da Consciência docente**. 2012. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação: currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

## **PRÁTICAS DESENVOLVIDAS NA OFICINA COM OS EDUCADORES**

As atividades da Oficina foram iniciadas com uma apresentação geral da equipe e do que se tratava o tema “Metodologias Coach de Ensino: compartilhando saberes e construindo possibilidades” e em seguida foram feitos os esclarecimentos a respeito da Oficina de Contos.

Nesta primeira Oficina os trabalhos foram desenvolvidos com os professores, no intuito de sensibilizá-los e despertar-lhes o interesse pelas Metodologias Ativas e pela postura do Professor Coach. Mostrando a importância das Metodologias Ativas como ferramentas para subsidiá-los em seus trabalhos em sala de aula, assim como para enriquecer suas aulas tornando-as mais prazerosas, agradáveis, coparticipavas e mais significativas, tanto para seus alunos como para si mesmo. Bem como, ressaltamos a importância de adotar a postura do Coach como elemento de ressignificação de pensamentos, atitudes e da prática cotidiana do educador.

**Figura 1: Grupo Professor Coach em ação equipe presente na Oficina de Contos**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.



## Dinâmica de Relaxamento

A rotina das escolas com seus prazos, datas e metas a serem cumpridas, bem como as dificuldades individuais dos alunos e em muitos casos a falta de estrutura adequada no ambiente escolar, acabam por acarretar no professor uma pressão que o deixa geralmente cansado, estressado e sem motivação. A Oficina foi iniciada com um relaxamento geral, ao som de uma música instrumental, foram feitos exercícios de alongamento e de contatos físicos entre todos os participantes, o que gerou um ambiente descontraído, alegre e confortável para todos os presentes. A iniciativa era promover esse contato e aproximação entre os professores para a criação de um momento agradável e acolhedor.

**Figura 2: Exercício de relaxamento na oficina de contos**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

## Exibição de vídeo

A escolha do vídeo “Ressignificação: o poder de

transformar coisas negativas em positivas" foi intencional no sentido de mostrar ao professor que ao adotar uma postura do coach, utilizando perguntas poderosas que o levem a reflexões profundas o professor pode promover uma transformação, tanto em seus alunos como nele mesmo. Pode modificar uma situação que aparentemente não tem solução, levando a ambos, professor e aluno a uma mudança de comportamento, pensamento e atitudes que antes poderiam ser negativas e que a partir da reflexão podem se transformar em pontos de vista e atitudes positivas. Portanto, o vídeo também pode ser um recurso muito enriquecedor desde que seja muito bem aplicado e explorado pelo professor em sala de aula.

### **Rotinas de Pensamento**

É uma ferramenta muito utilizada pelo Coach, porque provoca reflexões profundas assim como provoca a exposição de pensamentos, sentimentos e emoções. Nesta Oficina foram utilizadas as Rotinas de pensamento: O que está dizendo ou pensando? O que te faz dizer ou pensar isso? Bem como foram utilizadas as Rotinas Criadores de perguntas: Por que...? Como seria diferente se...? Quais as razões para...? E se...? E se soubéssemos...? Qual o propósito de...? O que mudaria se...?

Os professores nos trabalhos de grupos ao recriarem as histórias dos Contos, utilizando-se de Rotinas de pensamento e Criadores de perguntas, perceberam a infinidade de possibilidades, na recriação das histórias por meio dos enunciados reflexivos propostos.

No universo infantil esse tipo de rotina, ajuda a ampliar o pensamento, instigando a imaginação, favorecendo as possibilidades de criação e recriação dentro de um contexto já posto como o conto inicial escolhido pelo grupo, a criança tem a oportunidade de soltar a imaginação e ir muito além do texto inicial.

**Figura 3: Professores em atividade na oficina**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

## **Combinados**

Os combinados pertencem aos quatro passos que fazem parte da postura do Professor Coach que são: Conhecer, combinar, construir juntos e celebrar. O item Combinados foi enfatizado nesta primeira Oficina como forma de estabelecer um ambiente de cumplicidade e respeito mútuo dentro do grupo. E, como forma de identificar ao professor que apesar das atividades serem diversificadas e diferentes das atividades do cotidiano dos alunos, ele continua sendo o mediador que irá conduzir o processo. Portanto, há um direcionamento onde os alunos devem saber o que é esperado deles, bem como devem se sentir coparticipantes e corresponsáveis pelo desempenho do grupo.

## **Roda de conversa**

A Roda de conversa nesta Oficina foi utilizada para um momento de autorreflexão onde os professores tiveram a oportunidade de compartilhar experiências positivas e negativas de seu cotidiano escolar, bem como foi um momento de troca de experiências entre todos. Esse foi um dos pontos altos da Oficina. A Roda de conversa

também foi utilizada no final das atividades da Oficina como forma de trocar ideias e pontos de vista sobre tudo o que foi vivenciado naquele dia. A Roda de conversa se constitui num caminho para o aprendizado da convivência ao mesmo tempo em que propicia a construção dos conhecimentos de forma integrada e com significado para os alunos, garantindo o espaço de cada um e o exercício do raciocínio argumentativo para todos, assim como, ajuda a construir um clima de trabalho participativo e permeado pela busca de respeito às diferenças de cada um, criando um ambiente de ajuda mútua favorecendo o desenvolvimento de habilidades e competências em todos.

**Figura 4: Roda de conversa com educadores ao final da formação da Oficina de Contos**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Ao final da Oficina de Contos os professores participantes avaliaram de maneira muito positiva tudo o que foi desenvolvido naquela manhã. Os professores destacaram principalmente a oportunidade de compartilha-

rem as experiências exitosas ou não dentro do âmbito da leitura e escrita das diferentes escolas que estavam participando do Projeto. Este momento se constituiu muito rico para a troca de informações e de maneiras para como lidar com as diferentes realidades. Muitos professores se pronunciaram como um momento de desabafo das angústias vividas no cotidiano escolar, e pela fala dos presentes perceberam que suas dificuldades também eram compartilhadas por outros professores em situação parecida.

Houve algumas ressalvas em relação a formas de como trabalhar os Contos, ou seja, gostariam que houvesse tido mais dicas para desenvolverem os Contos em sala de aula, sugestões de outras atividades que poderiam ser trabalhadas através dos Contos com os alunos, além das que foram propostas. Entretanto, de maneira geral, pelas avaliações que foram feitas no final da Oficina, os professores ficaram satisfeitos com a proposta do Projeto em si, e da Oficina de Contos avaliaram que os objetivos foram atingidos. Tudo isso se pode observar através dos relatos na avaliação final da Oficina:

**Figura 5: Ficha de avaliação da oficina de contos**

**Rotary**  
Club de Macapá

**Ficha de avaliação da Oficina de Contos "Metodologias coach: Compartilhando Saberes e Construindo Possibilidades"**

Prezado participante, assim como sua presença é muito importante para a realização deste evento, sua opinião é essencial ao aperfeiçoamento dos nossos próximos encontros, por isso, solicitamos o preenchimento dessa ficha e sua devolução.

1 - As informações obtidas nessa oficina contribuirão em sua vida profissional?  
(X) sim ( ) Não

2 - Quais os aspectos mais positivos nesta oficina?  
*Os relatos de experiências compartilhadas pelos colegas. Algumas que adotará em minhas aulas.*

3 - Quais os aspectos menos positivos desta oficina?  
*A princípio a falta de metas para realizar as atividades e o pouco tempo p/ realização das atividades.*

4 - Deixe-nos suas sugestões e críticas a respeito desta oficina para que possamos melhorar nos próximos eventos.  
*Hoje quero parabenizar por tudo que nos foi proporcionado.*

Obs: Estipular minuto para fala das pessoas. Tem gente que se estende muito e fica chato.

Macapá-AP, 29 de abril de 2017.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.



## APLICAÇÃO NAS ESCOLAS

O segundo momento da Oficina de Contos ocorreu no ambiente escolar, e foi desenvolvida por meio de planejamento próprio de cada escola, porém utilizando-se ainda das Metodologias Ativas. O objetivo principal era desenvolver no ambiente escolar conjuntamente com os alunos um processo de aprendizagem favorável para o desenvolvimento das potencialidades de leitura e escrita dos alunos, mas de forma prazerosa, agradável e significativa de maneira a construir para o aluno a estrada de seu protagonismo.

**Figura 6: Alunos da EMEF Ana Maria da Silva Ramos em momento de contação de histórias**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

### **Atividades significativas – Foco na Prática e no aprendizado como processo.**

Há um fio condutor que instigou e mobilizou a equipe responsável pela Oficina de Contos que foi o desejo de estimular, desenvolver e potencializar as habilidades

de leitura e escrita dos alunos do 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Procuramos propiciar meios para instigar a criatividade, criticidade e participação ativa dos alunos em sala de aula, partindo da subjetividade destes, em sua forma de pensar, sentir e agir diante da proposta do Conto.

Ao longo das atividades desenvolvidas, pudemos observar que algumas escolas conseguiram atingir uma aprendizagem significativa, com a aplicação de metodologias que oportunizaram um protagonismo do aluno, transformando-o em coautor de sua aprendizagem.

Inicialmente os alunos escolheram os Contos e posteriormente recriaram suas histórias utilizando-se das Rotinas de pensamento e Criadores de perguntas para facilitar a produção de suas próprias histórias. Entretanto, destacaremos a seguir atividades desenvolvidas por alguns professores que atingiram um nível de aprendizagem significativa além da proposta de leitura e escrita, podemos ressaltar que foram atividades que fizeram uma grande diferença na vida de cada aluno participante, ao ponto de tocar no mais íntimo de cada um, provocando uma mudança substancial no pensamento, comportamento e atitudes tanto nos professores quanto dos alunos e constatamos esse fato pelos próprios relatos dos envolvidos.

**Figura 7: Alunos da EMEF Wilson Malcher em produção textual em sala de aula.**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

**Figura 8: Alunos do Emef Ana Maria da Silva Ramos e Prof.<sup>a</sup> Hildete em Roda de Conversa**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

O momento de celebração, último passo dos itens que compõem a atitude na Postura do Professor Coach é um momento para “[...] Celebrar as conquistas do que foi construído por cada um e pelo grupo é um passo importante tanto para o reconhecimento de onde se chegou como para gerar uma oportunidade de conhecer o outro, em outro patamar de conhecimento e maturidade”. (CUGINOTT, 2016, p.8).

Portanto, partindo da premissa da Celebração, os alunos do 5º ano da EMEF Wilson Malcher, compartilharam com toda a escola os trabalhos produzidos na Oficina de Contos, nesta ação os alunos são estimulados a alcançarem escritas e leituras de qualidade e se sentem valorizados, ao mesmo tempo em que o professor trabalha a autoestima do aluno no sentido de lhes proporcionar o protagonismo em suas aprendizagens.

As atividades na EMEF. Ana Maria da Silva Ramos, também se mostraram muito ricas e significativas para o protagonismo dos alunos do 5º ano, os professores Simone Almeida Barbosa, Hildete Campos, Jonathas Leite e Marcela Sarmento desenvolveram um trabalho muito consistente e com resultados surpreendentes.

No momento da celebração, da Oficina de Contos da Emef. Ana Maria da Silva Ramos os alunos compartilharam suas produções em forma de livros escritos por eles mesmos, maquetes, Contação de histórias e apresentação teatral.



**Figura 9: Apresentação teatral**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

A cotidianidade para nós educadores é o palco onde a vida de todo homem acontece, ninguém se desliga deste cotidiano, portanto, é a vida do homem inteiro, aquele que interfere de alguma forma no contexto seja de maneira positiva ou negativa. É o instante no qual desenvolvemos as capacidades intelectuais, habilidades, competências, sentimentos, paixões, ideologias é o momento em que aprendemos.

Observemos este relato de Ginzburg (2007, p.7) “Os gregos contam que Teseu recebeu de presente de Ariadne um fio. Com esse fio Teseu se orientou no labirinto, encontrou o Minotauro e o matou. Dos rastros que Teseu deixou ao vagar pelo labirinto, o mito não fala”. O que chama a atenção neste caso é a relação entre o fio e os rastros. No relato do autor entendemos que a relação entre o fio (o fio do relato, que ajuda a nos orientarmos no labirinto da realidade) e os rastros são para nós professores uma metáfora para a premissa do entendimento do sujeito inserido da cotidianidade.

Porque este é o nosso espaço privilegiado em que podemos encontrar os sinais e indícios que nos permitam melhor compreender a realidade de nosso aluno, sua subjetividade e seu contexto. É pelo exame dos pormenores, dos fatos que muitas vezes são negligenciados que podemos encontrar elementos que nos aproxime da singularidade dos indivíduos. Portanto, o contexto para o educador é como o fio condutor (na realidade que o cer-

ca) e a subjetividade são os rastros, por meio dos quais, buscamos entender a condição humana. Nos Diários de Bordo dos alunos conseguimos alcançar um pouco dessa subjetividade, por meio da ponta desse fio condutor, podemos analisar profundamente seus anseios, desejos, falhas, progressos e perspectivas de melhora para o futuro. Vejamos os relatos de duas alunas, Luana Silva Pompeu e Vitória Brito Penha ambas do 5º ano da Emef. Ana Maria da Silva Ramos:

Figura 10: Diário de Bordo de estudante

Resumo do seu caminho de aprendizagem (o que sei agora que não sabia antes? O que faço agora melhor do que antes? O que mudou na forma de me relacionar com as pessoas?)

Eu sou Luana, eu aprendi que, a leitura é para a vida toda e eu não sabia ler e interpretar.

eu aprendi a Pontuar, as palavras. eu ler um texto na calasa inteira eu que aprendi a não mais te vergonha.

eu sou amiga de todos a toda parte

eu falava errado.

Eu aprende a escrever isto.

e você aprendeu as queas :caca rim e não?

Meus próximos desafios a partir do que aprendi:

Eu quero ler mais e melhor

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Figura 11: Diário de Bordo de estudante

Resumo do seu caminho de aprendizagem (o que sei agora que não sabia antes? O que faço agora melhor do que antes? O que mudou na forma de me relacionar com as pessoas?)

Nós nós de nós nós fizemos um projeto que envolveu todas as turmas do 5º Ano eu não sabia ler direito eu aprendi a melhorar a minha escrita e nós fizemos um texto. nós fizemos fantoche, nós trabalhamos juntos em grupo nós fizemos a apresentação sobre fantoche. Fizemos contos, fizemos texto narrativos, vimos também outras turmas do 5º Ano da manhã e da tarde e também fizemos uma atividade lúdica e trabalhamos a leitura ajudando uns aos outros.

Eu achei interessante fazer a apresentação de fantoche. A Professora nós ajudou a construir o fantoche e fizemos atividade no caderno vermelho e nós trabalhamos tudo isso.

Meus próximos desafios a partir do que aprendi:

Eu espero que nos próximos dias eu melhore mais na aprendizagem, na leitura, nos contos, na produção de textos, e na pontuação, aprendendo a escrever, mais rápido e melhorar a minha escrita, e não gaguejar quando eu estiver lendo outras histórias.

Fonte: Acervo pessoal dos autores

A partir dos trabalhos desenvolvidos a aluna Luana reconhece que não sabia ler e interpretar, porém após os trabalhos realizados a mesma considera que aprendeu a pontuar as palavras, conseguiu superar a vergonha porque exercitou a leitura para a sala inteira ouvir, melhorou sua pronúncia de palavras e tem a perspectiva de ler cada vez mais e melhor. A aluna Vitória também faz uma avaliação de crescimento pessoal quando relata que não sabia ler direito e melhorou a escrita e a

leitura, além da possibilidade da ajuda mútua em sala de aula. Ressalta ainda o encontro com as turmas de outro turno, e que também ficou impressionada com o Teatro de Fantoques. Suas perspectivas futuras são melhorar a aprendizagem da leitura, escrita e pontuação nos textos e não pretende mais “gaguejar” quando estiver lendo.

Em tempos de reconfiguração de pensamentos, atitudes e paradigmas, pensar no processo de autoria para os alunos nos remete primeiro a uma compreensão deste aluno que aprende, porque para conhecer é preciso experimentar, observar, estar em movimento, chegar aos significados e ter acesso ao mundo compartilhado pelos grupos atuais. E acima de tudo fazer um resgate da autoestima de nossas crianças, instigando em sua subjetividade o fortalecimento das mentes e corações prosseguindo para o alvo do conhecimento. Portanto, vale ressaltar o pensamento de João Beauclair,

É necessário ainda querer, desejar este conhecimento, e neste/desejar estar em movimento de curiosidade, de procura, de busca e contato com a variedade. [...] os fios podem nos conduzir. Tal como o fio que nos permite entrar no “Labirinto do Minotauro” e dele sairmos, não mais como entramos, mas com a experiência de lá ter estado, de lá ter vivido, conhecer é estar em movimento de ir, de voltar, e neste retorno sermos outros/as. (BEAUCLAIR, 2004, p.25).

A professora Maria Hildete Campos de Azevedo da Emef. Ana Maria da Silva Ramos, também, nos traz impressões significativas por meio de alguns de seus registros no Diário de Bordo do professor.



Figura 12: Diário de Bordo Prof.<sup>a</sup> Maria Hildete

18/05/17  
Criação de contos.  
Neste dia os alunos começaram a construir suas histórias e compartilhavam com os colegas.  
Houve um envolvimento muito grande dos alunos e muitos mostraram interesse em criar suas histórias e a produção de seu próprio livro.

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Figura 13: Diário de Bordo Prof.<sup>a</sup> Maria Hildete

22/05/17  
Criação de conto e produção dos livros.  
Neste dia, os alunos concluíram suas histórias com seus livros e, cada aluno fez questão de contar sua história, o que chamou muita atenção pois, lembrei que muitos nem sabiam que seria capaz de criar uma história e muito menos produzir seu próprio livro.  
26/05/17 Culminância do projeto  
Os alunos compartilharam com outros turmas suas produções e resumo do texto e ficaram muito felizes ao perceber o que haviam feito e alcançado.

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Ao final dos relatos, entendemos que, tanto a professora quanto os alunos sentiram que houve mudanças significativas no comportamento e pensamento de ambos. Professora e alunos evoluíram no caminho do crescimento e evolução pessoal, os alunos atingiram o nível da autorreflexão se reconhecendo com suas falhas e buscando sempre uma perspectiva de melhora ao mesmo tempo em que começam a traçar novos caminhos para sua evolução pessoal. A professora se mostrou muito surpresa ao constatar o empenho e capacidade de evolução de seus alunos.

Percebemos com isso, que pelo fato de se tratarem de crianças na faixa etária entre 10 e 11 anos, alguns até com 14 anos (estes últimos classificados no quadro da distorção idade/série), e pelo fato de serem crianças oriundas de um ambiente carente sem muito acesso à leitura e escrita, acabamos por subestimá-los em suas capacidades individuais, uma vez que os próprios alunos também não se sentem capazes, por acreditarem que por se tratar de algo fora de suas realidades a produção textual lhes aparenta uma ação muito difícil. Entretanto, observamos que independente de situação econômica, o aluno desde que seja devidamente estimulado será capaz de produzir tão bem e satisfatoriamente quanto uma criança estimulada desde muito cedo. A escola pode abrir esse portal de acesso, basta que estejamos engajados verdadeiramente na causa da educação como instrumento e ferramenta de libertação. Paulo Freire nos reforça a ideia de que,

Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização. [...] O meu discurso em favor do sonho, da utopia, da liberdade, da democracia é o discurso de quem recusa a acomodação e não deixa morrer em si o gosto de ser gente. (FREIRE, 2001, p.86).

A EMEF. Josafá Aires da Costa desenvolveu seus trabalhos tendo à frente e coordenando as turmas de 5º ano os professores: Aretusa Silva Coelho, Cleonete Ramos

Miranda, Emerson Freitas, Danielle Dos Santos Ataíde, Maria Verônica da Câmara. Nesta escola, destacamos algumas atividades que mais nos chamaram atenção por seus significados.

**Figura 14: Alunos em atividade ao ar livre**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Aqui nesta imagem os alunos estão realizando uma atividade de leitura de contos em grupos fora da sala de aula, utilizando-se dos espaços do ambiente escolar. Apesar de passar grande parte do tempo na sala de aula, o aluno também pode aprender fora dela.

Promover atividades no ambiente externo à sala de aula, além de diversificar a rotina escolar, permite que o educando seja autor de seu próprio conhecimento e vivencie o que aprendeu. Este instante nos remete a Paulo Freire,

“Penso que seja nosso papel desenvolver métodos de trabalho que permitam aos oprimidos, pouco a pouco, revelarem sua própria realidade”. (FREIRE, 2001, p.35).

Por entender essa questão profundamente, é que destacamos também a atividade a seguir,

Figura 15: Alunos com suas produções



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Figura 16: Alunos do 5º ano com produções próprias



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Em conversa com o professor Emerson Renato Rodrigues de Freitas que foi quem conduziu esta atividade na Emef Josafá Aires. Obtivemos o seguinte registro em conversa informal com o professor:

**Questão 1.** Professor como foi o desenvolvimento desta atividade? Quais suas impressões? E como os alunos a receberam e desenvolveram?

**Professor Emerson Freitas** - os alunos estavam em



produção de ensaios textuais para contos. Os alunos já tinham tido contato com leituras de outros contos e viram orientações de escritores sobre o roteiro de produções e organização dos contos (textos e ilustrações). A atividade consistia na produção do resumo da narrativa. Após a produção individual os alunos formaram grupos que escolheram os melhores textos, analisando todos os seus elementos (enredo, narrador, personagens, conflitos, clímax, tempo, ambiente). Em outro momento os grupos melhoraram o texto e escolheram um Título definitivo do texto caracterizando pelo tipo de enredo e elementos gráficos criativos (letras, cores, símbolos). Em outra aula eles fizeram a ilustração da apresentação do conto.

**Questão 2.** Além dos cartazes com as ilustrações, os alunos produziram algo escrito, um conto? Os textos foram eles mesmos que criaram? As ideias surgiram de onde? Ao final da produção qual o avanço percebido nos alunos?

**Professor Emerson Freitas** – os alunos tinham experiências bem distintas sobre os gêneros. Eles tinham habilidades para produzir textos narrativos. Mas apresentaram dificuldades para criar diálogos e a utilização da pontuação. Os enredos refletem experiências e principalmente conflitos da vida pessoal de cada um, - por exemplo: - “Separação”: famílias com pais separados; - “Agressão do pai”: vizinho alcoólatra que espancava a mulher e filhos; “Família pobre”: histórias de famílias oriundas da zona rural; “Amizade Infeliz”: dois amigos que gostavam da mesma menina na escola; “Morte na Ilha”: ficção. O gênero conto despertou a imaginação deles, a experiência foi grandiosa. Eles desenvolveram habilidades para interpretação textual, resumindo e antecipando resultados das ações. Os alunos obtiveram e ampliaram a percepção do tempo, percepção da temática abordada por cada narrativa, além da identificação do tipo de narrador a partir de elementos textuais.

Nestas produções dos alunos, com os desenhos muito bem elaborados, vale ressaltar ainda que são co-moventes as temáticas das histórias criadas pelos mesmos, que retratam explicitamente conflitos do cotidiano

da vida pós-moderna na sociedade globalizada, sendo elas: conflitos nas relações interpessoais em "*Amizade infeliz*", dificuldades financeiras em "*Família pobre*", conflitos de casais em "*Separação*" e violência doméstica em "*Agressão do Pai*".

Os alunos retratam situações de seu cotidiano, porque em sua maioria convivem diariamente com esses conflitos e em muitos casos não sabem como lidar com as problemáticas geradoras desses conflitos, entretanto, sofrem porque são as vítimas mais indefesas diante de situações como essas. A escola por sua vez, acaba sendo o palco para essas discussões, porque se configura no local onde os alunos podem explicitar sem medo seus dramas, dores e aflições e podem até se sentirem amparados desde que a escola não os ignore.

Neto (2004) nos remete a mudança de atitude a partir do transfazer do sujeito, para este autor, somente o ressignificar do passado com a recriação do presente e enxergando o mundo através de um prisma antitragico podemos construir um projeto de vida saudável. Descreve com certa peculiaridade que o elemento fundamental para as mudanças no sujeito é o amor,

O amor e o desejo são forças vulcânicas que impulsionam o sujeito a superar e a romper com as ditaduras do ambiente, da representação da economia, das frustrações, da política mal encaminhada, do medo que congela e impede um encontro conosco, com o outro e a sociedade. [...] é pelo amor que o homem adquire a capacidade de expandir a inteligência. É o amor a mola impulsora que leva o sujeito a reconhecer sua existência, a do outro e a do planeta e deles cuidar. (NETO, 2004, p.43).

A escola em muitos casos é o único refúgio de crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade, em nossas escolas da rede municipal no Município de Macapá nos deparamos com todos os tipos de mazelas humanas. Sabemos que a escola não consegue dar conta de todas as situações que se nos apresentam, porém mesmo assim ainda podemos fazer algo.

Em muitas ocasiões percebemos dentro das escolas que a organização e dinâmica da vida social contemporânea de modo geral, resultam numa situação de vivências empobrecidas para o desenvolvimento emocional e intelectual de nossas crianças. Parece-nos que a criança não tem mais tempo nem acolhimento do outro para o sentir, para vivenciar os fatos da vida, permanecendo como espectadora e depositária de instruções, obrigações e determinações.

Nesse contexto, o matar e o morrer, a mentira, a trapaça, a traição, a ignomínia, assim como todas as formas de violência humana veiculadas por meio da mídia, de forma naturalizada, são, já, conceitos incorporados [...]. Mas principalmente e infelizmente assimilados e incorporados pelas crianças e pelos adolescentes [...]. E, nesse "quadro", o que restou? O vazio! A insegurança! O medo! A angústia! O terror! A perda do sentido da vida! A solidão! Restou a produção, em massa, de mercadorias que coisificam as pessoas e personalizam as coisas. (FERREIRA, 2004, p.1.235).

Nesse quadro de agudização das relações humanas e deterioração da afetividade de maneira geral, restou ao educador o resgate da autoestima dessas crianças e adolescentes e uma constante reconstrução de sua confiança na vida. Em alguns casos é um processo bem difícil, porém não é impossível. Como educadores que assumem a postura do professor coach, precisamos buscar meios de ressignificar nossa prática e nossas vidas em meio à cultura globalizada.

Outra atividade que teve um grande impacto positivo tanto para a professora Aretusa Silva Coelho quanto para seus alunos foi a partir da leitura do livro "A menina e o vestido de sonhos" do autor Alexandre Rampazo. A professora conseguiu desenvolver esta atividade partindo da história da menina e seu vestido mágico. A história se resume no seguinte: a menina possuía um vestido especial no qual estavam costurados não apenas os sonhos dela mais de todas as pessoas de sua cidade que por algum motivo trocaram seus sonhos ou iam com o passar do tempo esquecendo-se desses sonhos, a menina os

recolhia e costurava na saia do vestido. Para completar sua missão a menina teve um sonho muito especial, costurar botões de amora no vestido, porém em sua cidade esses botões não existiam e a menina obstinada saiu pelo mundo viajando num balão em busca de seu sonho. Até que num determinado momento o balão onde ela viajava caiu, e justamente numa cidade onde morava um “louco” (este por sua vez, era considerado assim, porque tinha muitos “sonhos”). E justamente o “louco” tinha os botões de amora que ela tanto precisava para completar seu sonho, este os concedeu a menina que retornou para sua cidade e provou a todos que não existe sonho impossível.

Partindo desta leitura, a professora propôs que cada aluno escrevesse seus sonhos num papel, estes sonhos foram colocados dentro de balões e jogados para o alto onde cada aluno pegaria um balão. A professora confeccionou um vestido com TNT colorido e confeccionou uma saia cheia de fitas. Posteriormente os balões seriam estourados e os sonhos foram colocados na saia do vestido de sonhos. Nesta dinâmica proposta pela professora a menina no centro está vestida com o vestido dos sonhos. Os colegas que estão ao seu redor cada um pegou uma fita do vestido e nesta fita contém os sonhos de cada um dos alunos da turma, neste momento retratado pela fotografia cada um estava lendo o sonho de seu colega de turma e compartilhando os sonhos com os demais.

Segundo a professora Aretusa Silva Coelho “Esta foi uma experiência muito emocionante, quando falo sobre isso fico emocionada, chego a me arrepiar. Foi um momento muito importante, tanto pra mim quanto pra eles. Onde, os sonhos de todos foram compartilhados senti que a autoestima de meus alunos melhorou bastante, além do que foi importante mostrar para eles que nunca devemos desistir de nossos sonhos por mais impossível que possam parecer”

**Figura 17: Realização da dinâmica a menina e o vestido de sonhos**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Todos podem tirar proveito de um conto. Neste caso específico aqui, tratou-se de sonhos que são elementos constitutivos em todas as etapas de nossas vidas. Promover momentos para que nossos alunos possam soltar a imaginação, sonhar com voos cada vez mais altos, que os levam a lugares diferentes, demonstrando que em muitos casos nem precisam sair do lugar, assim como os livros, que nos permitem viajar através das emoções, dos sentimentos, das palavras. Sonhar com um impossível cheio de possibilidades, com um imaginário real, com os pés no chão e a cabeça no infinito. Como nos confirma Freire,

Contudo, para mim, é impossível existir sem sonhos. [...] em minha visão “ser” no mundo significa transformar e retransformar o mundo, e não adaptar-se a ele. Como seres humanos, não resta dúvida de que nossas principais responsabilidades consistem em intervir na realidade e manter nossa esperança. Enquanto educadores progressistas precisamos nos comprometer com essas responsabilidades. Temos que nos esforçar para criar um contexto em que as pessoas possam questionar as percepções fatalistas das circunstâncias nas quais se encontram, de modo que todos possamos cumprir nosso papel como participantes ativos da história. (FREIRE, 2001, p. 36).

Na Emef Roraima os alunos desenvolveram a recriação de contos, bem como produziram desenhos de forma significativa para suas aprendizagens.

**Figura 18: Estudantes mostrando suas produções**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

**Figura 19: Estudante participando das atividades com produção de desenho**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Conforme os relatos nos Diários de Bordo os alunos sentiram dificuldades na recriação, porém se sentiram muito felizes e capazes quando perceberam que possuíam a competência para realizar uma criação própria ou quando conseguem derrubar as barreiras de se expressarem em público, superando seus próprios limites.



Figura 20 - Página de diário de bordo de estudante

Data 19, 22, 23 / 05 / 2017

Atividade / tema Proposto:

- Releitura de Contos de fadas
- Produção de histórias em quadrinhos

Você Participou? Como foi? O que achou?

achei muito legal me diverti muito só que eu fiquei nervosa para fazer fazer uma parte que pra mim eu achei um pouco difícil foi que eu não conseguia fazer uns bonecos direito mais depois foi me acostumando e consegui

Data: 26 / 05 / 2017

Atividade / tema Proposto:

- Reescrita do Conto Popular "A roupa nova do rei".

Você Participou? Como foi? O que achou?

eu participei da história a roupa nova rei e foi legal achei muito engraçado. Achei que não ia conseguir descobrir que consigo escrever uma história

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Figura 21 - Página de diário de bordo de estudante

Nome: Brogielly Minder Marques  
Escola: Roraima  
Professora: Alcilia Pinheiro  
Turma: 5º ano - C  
Período de realização: 18/05/ a 31/06/2017

**Ficha avaliativa**

\* Deixar objetivos com relação a esta atividade:  
Eu quero saber produzir um texto e aprender tudo o que eu não sei muito bem fazer.

\* O que você já sabe sobre o tema tratado?  
Eu sei que todos os contos de fadas tem final feliz que todos os contos tem princípio e princesa tem pessoas maledosas.

**Diário de bordo**

Data: 18/05/2017  
Atividade/tema proposto:  
Contos de fadas e histórias

Você participou? Como foi? O que achou?  
Eu participei, foi muito legal a experiência e essa atividade serviu para todos nós perder a vergonha de falar em público e acho bem legal, divertido e interessante.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.



O professor ao assumir a postura do coach cria mecanismos de inserção do protagonismo para seus alunos, bem como instiga em suas mentes e corações as potencialidades, habilidades e competências que estes já possuem, porém, em muitos casos o próprio aluno não se reconhece como capaz e nem mesmo acreditam que já as possuem, o papel do professor coach é fazê-los sentirem-se e reconhecerem-se como protagonistas.

A Emef Odete de Almeida Lopes está localizada num bairro periférico da zona Norte de Macapá, composta em parte por uma área de invasão construída nas áreas de ressacas que aqui se convencionou chamar de “baixadas”, e uma grande maioria dos alunos atendidos por esta escola veem dessas áreas. São locais com pouquíssima iluminação, não há saneamento básico e as casas são palafitas construídas por cima dos alagados. A locomoção nessas locais se dá por meio de pontes construídas de madeira, não há segurança suficiente ou infraestrutura, uma vez que são áreas proibidas para construção de moradias, porque se constituem em áreas de proteção ambiental, a violência e o tráfico de drogas é uma constante nesses locais. Os professores Bernardo Picanço, Ana Júlia dos Anjos Gomes Martins, Elen e Dejenane foram os professores atuantes nas turmas de 5º ano, nesta escola.

**Figura 22: Capa do Livro Gigante**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

**Figura 23: Livro Gigante confeccionado pelos alunos do 5º ano da Prof.ª Ana Júlia**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Na Oficina de Contos os professores prepararam dentro de suas salas o “Cantinho da leitura”, era um local dentro da sala onde o aluno poderia ficar à vontade e tranquilos para fazerem suas leituras. A professora Ana Júlia Martins relatou que seus alunos ficaram surpresos e empolgados com o local preparado para eles, e sempre pediam para que a professora disponibilizasse aquele momento especial. Nesta oficina os alunos tomaram as histórias de clássicos conhecidos, como “Chapeuzinho vermelho”, “Os três porquinhos”, entre outros e recriaram suas próprias histórias, em seguida construíram o “Livro Gigante” que foi primeiramente apresentado em sala de aula e posteriormente foi utilizado na etapa de Celebração com apresentação para as outras turmas da escola, assim todos tiveram acesso ao “Livro Gigante” e conheceram as histórias contidas nele.

Outra dinâmica realizada foi a das “Sacolinhas da Leitura itinerante”, esta dinâmica se constituía em que três sacolas com um livro ou dois, eram sorteadas para três alunos, estes por sua vez tinham a obrigação de lerem os livros e com a ajuda de suas famílias recontarem as histórias, no retorno essas histórias deveriam ser compartilhadas com todos na turma. Esse rodízio deveria decorrer durante o ano letivo, até que todos dentro da sala tivessem tido a oportunidade de levarem a sacola com

os livros para casa. Essa era uma forma de envolver as famílias no processo de leitura, escrita e interpretação das crianças.

**Figura 24: Alunas do 5º ano no Cantinho da Leitura**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

**Figura 25: Estudantes com a sacolinha de leitura**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste Projeto inicial não tivemos a pretensão de encontrarmos todas as respostas para o contexto conflituoso que se apresenta diante de nós todos os dias, o professor da escola pública no município de Macapá tem suas batalhas diárias e seus desafios constantes, porém parafraseando o grande Jean Paul Sartre “não importa o que fizeram de nós, e sim o que faremos com o que quiseram fazer conosco”. Porém, muito pior do que, nos depararmos com as dificuldades e mazela cotidiana será se cruzarmos os braços e assistirmos a tudo inertes, passivos e acomodados.

Concordamos genuinamente com o que nos diz Paulo Freire que também como nós, foi um educador incansável, neste país que não valoriza a educação como ela merece, este, porém nos deixou um legado incomensurável e uma lição de amor, esperança e sonhos possíveis a partir do impossível, nesta causa tão imprescindível que é a da educação.

Mas para o professor (a) tornar-se um educador é importante que ele ou ela desafie a liberdade criativa dos alunos (as) e que estimule a construção da autonomia do aluno (a) [...] em meu caso particular, o que eu consideraria como substantividade de minhas ideias – mas não a totalidade de minhas ideias – é que precisamos respeitar o outro. [...] outra substantividade de minhas ideias é minha compreensão da história como possibilidade, minha rejeição de qualquer compreensão fatalista ou visão determinista da história. Outro aspecto de minha substantividade é meu amor incondicional pela liberdade e minha certeza de que podemos nos tornar seres transformativos e não adaptativos, que podemos nos tornar seres dialógicos, que podemos também nos tornar seres com a capacidade para tomar decisões e que podemos também desenvolver a capacidade para tomar decisões e que podemos também desenvolver a capacidade para a ruptura. (FREIRE, 2001, p.80).

Portanto, possuímos todas as ferramentas, um professor, um aluno, um determinado contexto histórico e

toda a nossa vontade e disposição para construirmos nesse país uma educação digna e comprometida com os direitos humanos de uma parcela da população que hoje só possuem o direito a não ter direitos. Como afirma a estudante e ativista mundial da educação, Malala Yousafzai, “uma criança, um professor, um livro e um lápis podem mudar o mundo”, a educação não vai mudar magicamente a realidade mais é um caminho que cria as possibilidades da mudança.

Com as ações desenvolvidas ao longo da Oficina de Contos, percebemos que fazer a diferença na vida de um aluno carente de escola pública para uma aprendizagem significativa não depende de muitos recursos, elevar sua autoestima, criar um ambiente acolhedor, promover uma Roda de Conversa são atitudes simples que requerem apenas que saiamos de nossa comodidade, a zona de conforto pode nos parecer um lugar almejável e tranquilo, pena que neste lugar nada prospera ou floresce.

## REFERÊNCIAS

BEAUCLAIR, J. In: **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna.** (Orgs.) Beatriz Judith Lima Scoz et al; Sílvia Amaral de Mello Pinto, (coord.). Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: ABPp, 2004.

Cuginotti, A. **Postura e Rotinas do Professor Coach.** Apostila do Curso de Pós-graduação “Professor Coach: a arte de potencializar habilidades em sala de aula”. Macapá: UCAM, 2016.

DA RESSURREIÇÃO, J. B. **A importância dos contos de fada no desenvolvimento da imaginação.** 2005. 16 fls. Pós-graduação em Novas Abordagens em Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa - Faculdade Cenesista de Osório-FACOS/RS. Disponível em: <<http://facos.edu.br/old/galeria/129102010020851.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

FERREIRA, N. S. C. Repensando e ressignificando a gestão democrática da educação na “Cultura Globalizada”.

**Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1227-1249, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 3 maio 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GUILHERME, M. **História de Pássaro**. 1. ed. São Paulo: Scortecci Editora, 2015.

GINZBURG, C. **O Fio e os Rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NETO, J. C. de S. In: **Psicopedagogia**: contribuições para a educação pós-moderna. (Orgs) Beatriz Judith Lima Scoz et al; Silvia Amaral de Mello Pinto, (coord.). Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: ABPp, 2004.

SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, ano XVIII, n. 162, p. 05 -17, 2003. Disponível em: <[www.scielo.br/rbedu](http://www.scielo.br/rbedu)>. Acesso em: 25 maio 2018.





6

**Experiências poéticas  
como instrumento  
de ensino-aprendizagem**

Carla Antunes

# EXPERIÊNCIAS POÉTICAS COMO INSTRUMENTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

*"O voo pode ser visto, mas não pode ser dito. O voo dos pássaros está além das palavras. Quando os poetas falam sobre o voo eles não estão dizendo o voo. O poema é o dedo do poeta apontando para o voo do pássaro que está além das suas palavras".*

Rubem Alves

A priori o tema poesia determinado para esta oficina se referia ao gênero literário, mas a equipe optou por ampliar o sentido do tema e pensar as atividades a partir da poesia enquanto fruição abstrata e íntima de beleza. Apesar de comumente confundidos os conceitos de poesia e poema, partimos do pressuposto de que a poesia não é algo que se limita a uma figura de linguagem, ela existe a partir dos olhos (ou de qualquer um dos sentidos) de quem vê/sente/percebe. No universo do texto de Rubem Alves citado acima, a poesia seria o voo dos pássaros, ou seja, o intangível, o impalpável, contido não apenas em produções humanas, mas perceptível apenas através do sentir humano.

Desta forma, por esta perspectiva a poesia está muito mais relacionada com vivências de experiências sensíveis, do que com um tipo específico de texto ou mesmo de linguagem. Podemos encontrar a poesia em um poema, em uma fotografia, em uma peça de teatro, mas também em um momento, em uma pessoa, em um lugar. A poesia pode surgir de qualquer coisa, pois vem à tona a partir da carga sensível de cada um, ou seja, o mundo subjetivo dos indivíduos é que determina se algo é poético ou não, transpassando assim, todo e qualquer delimitação, ou barreira conceitual. Quando o ser humano

se debruça sobre o seu universo interior e exterior, une a *techné*<sup>1</sup>, sua capacidade de operar os meios com

---

<sup>1</sup> Movimento que arranca o ser do não ser, a forma do amorfo, o ato



sabedoria, com a *poiesis*<sup>2</sup>, sua capacidade de criação, desvelando verdades presentes na natureza e na vida que ficariam submersas sem sua presentificação. Desse modo, o ser humano poetiza sua relação com o mundo. (MARTINS et al, 1985, p. 24).

Como sintetiza o diretor russo conhecido mundialmente pela carga poética de suas produções cinematográficas, a poesia transcende a linguagem em si e para ele

a poesia é uma consciência do mundo, uma forma específica de relacionamento com a realidade. Assim, a poesia torna-se uma filosofia que conduz o homem ao longo de toda a sua vida. (TARKOVSKI, 1998, p.18).

Desta forma, uma experiência poética seria uma experiência íntima, do sentir e do perceber individual. Mas então de que forma a poesia poderia ser utilizada para contribuir com a construção de processos de aprendizagem significativa no contexto da educação escolar? Podemos proporcionar experiências poéticas a partir da realização de atividades que provoquem e estimulem os sentidos e a sensibilidade, ou seja, promovendo experiências sensíveis. Podemos definir uma experiência sensível como uma vivência que acesse a bagagem individual de sentimentos e sensações de cada um, despertando através desta vivência um “sentir” e um “perceber” específico.

Quando é proporcionada uma experiência sensível em qualquer contexto educacional, relacionada a qualquer conteúdo, cria-se a partir desta vivência um marco referencial na memória dos sujeitos envolvidos, pois se trata da vinda à tona de uma gama de elementos subjetivos os quais ficarão relacionadas aqueles determinados

---

da potência, o cosmos do caos [...] Modo exato de perfazer uma tarefa, antecedentes de todas as técnicas de nossos dias. (BOSI apud MARTINS et al, 1985:13)

<sup>2</sup> Do grego: ação de fazer algo; aquilo que desperta sentido do belo, que encanta e enleva. (MARTINS, 1985)

acontecimentos a partir daquela vivência.

Toda experiência que quebra a chamada ordem natural das coisas marca os sentidos de quem que a frui de forma muito mais assertiva do que as experiências comuns às rotinas das pessoas. Essa quebra da rotina pode se tornar uma grande aliada dos processos de aprendizagem nas escolas. Quando se rompe com o fluxo natural estabelecido pela dinâmica escolar, se facilita para a criação de marcos de referência experienciais nas subjetividades dos estudantes.

No caso das experiências sensíveis, esse marco referencial atinge dimensões ainda mais íntimas dos envolvidos, pois esse tipo de vivência se utiliza de elementos que provocam emoções, sentimentos, sensações, etc. Por envolver toda esta carga afetiva, experimentar a poesia na aprendizagem pode contribuir na construção de processos criativos e no exercício da sensibilidade e valorização da diversidade de expressões individuais, elementos fundamentais no desenvolvimento de saberes relacionados à empatia e ao bem-conviver, competências socioemocionais tão importantes na contemporaneidade quanto alijadas do contexto tradicional de educação.

Assim, a construção de experiências poéticas na escola pode representar também uma forma de se estimular a valorização das subjetividades, das expressões pessoais e da relação saudável entre os universos íntimos dos sujeitos.

A inserção da poesia em processos educacionais não deve se limitar ao espaço de componentes curriculares específicos como o de artes e de literatura, ou de momentos lúdicos isolados, pelo contrário, o caráter sensível pode ser inserido nas experiências educacionais nos contextos de todo e qualquer tipo de aprendizagem, esteja ela relacionada a todo e qualquer componente curricular. A fruição e expressão poética relacionadas a processos de produção de conhecimento alocados nas mais diversas áreas do saber, promovem um eficaz meio de acesso às dimensões subjetivas dos educandos, configurando-se, desta feita, como via fundamental de reforço de processos efetivos de aprendizagens em todas os

campos de conhecimento.

A proposta aqui especificada apresentará a poesia inserida em contextos de metodologias educacionais construídas nas escolas, isto se dará através da descrição e análise de ações e atividades desenvolvidas tanto no módulo de facilitação com os educadores participantes do projeto quanto nas atividades de aplicação realizadas nas escolas municipais, sob coordenação destes educadores.

## **EXPERIÊNCIA DE FACILITAÇÃO COM OS EDUCADORES**

No dia 29 de maio de 2017, aconteceu a oficina “Poesia através de metodologias ativas”. Este momento de formação apresentou duração de quatro horas e foi construído e aplicado pelas educadoras Carla Antunes, Rilde Guimarães, Shirlene Silva e Darciane Viana. Para se trabalhar o conteúdo de poesia neste módulo de formação, partiu-se de memórias da infância dos educadores participantes para proporcionar experiências sensíveis ao mesmo tempo em que foram utilizados métodos de estímulo a socialização destas, de maneira a valorizar as formas individuais de aprendizagem e a interação entre os participantes.

Antes de abordarmos como se deu o desenvolvimento desta oficina, compartilharemos a seguir o material de apoio recebido pelos professores participantes, trata-se de uma apostila que sintetizou o que se buscava alcançar através das práticas construídas. Este material ofereceu recursos, possibilidades metodológicas e outros conteúdos a fim de servirem como referência e auxílio aos estudos futuros dos educadores participantes. Nele também é possível ter acesso a informações mais aprofundadas sobre como desenvolver cada atividade. Veja a seguir o material na íntegra:

# OFICINA: POESIA

## POESIA ATRAVÉS DE METODOLOGIAS ATIVAS

**Autoras deste material:** Carla Antunes, Rilde Guimarães, Shirlene Silva e Darciane Viana.

### ROTEIRO

**8h** - Momento aberto de espera, com sons e/ou vídeos relacionados ao tema, os participantes ficarão livres para olhar o espaço com os materiais, conversar, etc;

**8h15 1º Momento** - Apresentação: oficinas, o que vai ser a vivência, como vai acontecer, o que pretendemos. (10 min)

**8h30 2º Momento** - Intervenção poética (10 min)

**8h40 3º Momento** - Café mundial (Rotina de participação) (1 hora: 35min + 15min)

**9h40** - Intervalo e lanche

**10h 4º Momento** - Menor sarau do mundo (35 min: 10+15)

**10h35 5º Momento** - Roda de conversa

**11h40 6º Momento** - Conclusão da vivência, fala das oficinas

## MÉTODOS UTILIZADOS

### Intervenção poética

Intervenção é uma linguagem artística caracteri-

zada pelo caráter de surpreender, normalmente algo oriundo de um determinado contexto é deslocado e apresentado em um contexto diferente ou inesperado. Neste caso contamos com a presença de uma criança, ex-aluna de uma das oficinas, a mesma declamou um poema antes de iniciarmos as atividades. Ao se levar uma experiência inesperada para o contexto de uma formação profissional pretendeu-se criar uma experiência única partindo do sensível, que marcasse a memória de nossos alunos.

### **Rotina de participação “café mundial”**

- A turma será dividida em 5 grupos iguais (formados por 10 pessoas aprox.), por afinidade ou como eles acharem melhor.
- Cada grupo terá uma folha branca “toalha de mesa” e várias canetas coloridas. Cada grupo escolherá um/a “anfitrião/ã”. As pessoas devem socializar suas lembranças e histórias ou o que vier à mente sobre o assunto, podendo conversar e/ou escrever/desenhar seus “pensamentos” na folha em branco. Depois de 5 minutos todos, exceto o/a anfitrião/ã, mudam de mesa. Uma nova discussão é iniciada por um resumo feito pelo secretário da discussão anterior. Os grupos trocam de mesas até que todos tenham passado por todas as mesas.
- Cada grupo ficará um tempo determinado em cada mesa, desta forma deve ser calculado e controlado o tempo aproximado para que o primeiro grupo retorne à primeira mesa.
- Concluída a rotatividade entre as mesas, cada anfitrião falará brevemente sobre as conversas, o tema abordado ou algo que chamou atenção durante a experiência.

### **Roda de conversa**

- Veja na página 10 da primeira apostila a descrição desta metodologia.

## **O menor sarau do mundo**

- A sala deverá estar organizada em roda;
- Meia luz e música suave de fundo;
- Estarão à disposição dos alunos em alguns pontos da sala, produções poéticas impressas, (poemas, letras de músicas, desenhos, fotos, etc), alguns livros e revistas de poesia, ou que envolvam temas poéticos e folhas em branco;
- Os participantes serão convidados a circular pelo espaço sem pressa e escolher dentre essas coisas o que mais lhe tocou, perturbou ou chamou atenção. Quem quiser poderá escrever ou desenhar algo poético de que gostem muito e não tenha ali, ou mesmo produzir brevemente algo que lhe venha à mente;
- Os participantes serão divididos em grupos de 1 a 4 pessoas, cada grupo deverá escolher para si um guarda-chuva que estará disponível, embaixo destes as pessoas deverão trocar impressões sobre suas escolhas, poderão fazer a leitura ou explicarem suas interpretações do trabalho escolhido;
- Esta atividade pode ser feita em espaço externo;
- Após um tempo, os participantes serão convidados a sentar na roda e os guarda-chuvas e livros serão recolhidos;

## **QUESTÕES TRABALHADAS**

### **Experiências sensíveis**

O que seria uma experiência sensível? Uma experiência que “toque” nossa bagagem individual de sentimentos e sensações, despertando através desta vivência um “sentir” específico. Ao proporcionar uma experiência sensível em qualquer contexto educacional, relacionada a qualquer conteúdo, cria-se um marco referencial na memória dos envolvidos, pois se trata não apenas de um acontecimento inesperado, mas da vivência de sen-

sações relacionadas a este acontecimento e ao que a pessoa carrega consigo.

Experienciar a poesia na aprendizagem provoca um grande encontro de carga afetiva, de fantasias, de criatividade e de sensibilidade, onde a linguagem poética que é parte natural da linguagem humana, muito expressiva na infância dialoga com o mundo de maneira informal e lúdica, através das vivências diárias. As expressões artísticas estimulam o desenvolvimento e a percepção sensórioemocional, provocando maior sensibilidade, autoconhecimento e a percepção de si mesmo e do mundo, proporcionado pelo contato com a experiência poética, estética e criativa.

### **A importância da relação não hierárquica entre professor-aluno**

Todos somos aprendizes, o professor é apenas o orientador/tutor/mediador/coach dos processos de aprendizagem na escola, sendo assim precisamos considerar na relação professor-aluno novas estratégias pedagógicas, e novas posturas enquanto mediadores da construção de conhecimento. Isso é possível através da valorização de ações dialógicas e o estabelecimento de um ambiente democrático, na qual, os alunos se sintam participantes e protagonistas da construção e reconstrução do conhecimento.

### **Planejamento flexível, aberto ao que é imprevisível**

Estamos acostumados a pensar em planejamento enquanto algo fixo, uma espécie de roteiro que determina o que acontecerá na aula, e nesta visão, um planejamento bem executado é aquele que ocorreu fielmente ao que estava traçado. Mas uma das características da educação transformadora é a adoção de planejamentos flexíveis, e como seria isso? Um planejamento flexível não possui nada de extraordinário, pois continua sendo uma espécie de norte baseado nos objetivos do educador com aquele momento, contendo as atividades que



este pretende realizar, o que se pretende alcançar, conteúdos que deseja trabalhar, e etc, mas suas metas e objetivos devem estar abertos à participação dos estudantes e a mudanças que surjam durante o seu desenrolar com estes.

Ao instigarmos a participação e estarmos abertos a sugestões e intervenções espontâneas que sejam pertinentes ao contexto, é possível se adaptar o que foi planejado às situações inesperadas, às surpresas guardadas na interação com os estudantes entre estes. Desta forma se valoriza os interesses particulares de todos os envolvidos no processo de aprendizagem, não apenas dos professores.

### **Reconhecimento dos estilos de aprendizagem dos alunos**

É comprovado cientificamente que o cérebro assimila melhor as informações novas quando consegue fazer uma conexão destas com algo que conhece, ou seja, informações que já possui. Um exemplo bem simples: se você vai trabalhar o conceito de mitologia com os alunos, por que não partir da expressão “#mitou” tão utilizada por crianças e jovens na internet atualmente? Partindo de algo que faz parte da subjetividade dos alunos fica mais fácil estabelecer um vínculo com o conteúdo que está embasando sua aula.

Para conhecermos os estudantes é fundamental valorizarmos suas expressões individuais, e a diversidade de gostos, opiniões e personalidades. Existem muitas formas de fazer isso, a mais simples é dando espaço e estimulando para que suas singularidades sejam compartilhadas e a partir de quaisquer linguagens sejam externadas as formas como estes se relacionam com o mundo, como percebem e interagem a partir de suas perspectivas particulares. A beleza e a feiura estão nos olhos de quem observa, a partir do momento que expressamos nossas subjetividades aprendemos a valorizar as subjetividades que nos cercam.

Identificar as características dos alunos e seus estilos de aprendizagem propicia melhores experiências de

aprendizagem, uma vez que parte da importância do “aprender” em detrimento ao “ensinar”, além de facilitar na dinamização das práticas educativas dos professores, pois cria e orienta estratégias educacionais individuais de acordo com o perfil de aprendizagem dos alunos. Veja no quadro a seguir uma simplificação dos principais estilos de aprendizagens já estudados.

## PRINCIPAIS ESTILOS DE APRENDIZAGEM

AUDITIVO	VISUAIS	CINESTÉSICOS
Barulho ou movimentos atrapalham a atenção e concentração. Gostam de realizar atividades em que precisam escrever. Quando em contato com objetos e imagens necessitam escrever nomes, fatos relacionados para melhor fixar a aprendizagem.	São bons com textos escritos, mas podem assimilar bem imagens, gráficos, diagramas, vídeos e outros materiais de aprendizagem desse estilo.  Necessitam de reforço visual para assimilarem melhor os conteúdos.	Precisa de estímulo externo, caso contrário, pode perder interesse. O pensamento normalmente é amplo, fazem anotações de acordo com seu raciocínio.  Interagem melhor através do movimento e do contato manual e corporal.

## COMO APRENDEM

Vídeos e arquivos de voz, leitura em voz alta	Imagens ajudam a lembrar de ideias ou conceitos.	Prática e movimento
Vídeo aulas ou audição músicas e histórias para estudar, etc.	Uso de mapas mentais para representar um fluxo de pensamento, etc.	Aulas práticas com montagens, construções de objetos e simulações da realidade, etc.

**Fonte:** Disponível em: < <http://www.institutoinclusaobrasil.com.br/estilos-de-aprendizagem-e-inteligencias-multiplas/> >. Acesso em: 02 jan. 2018.

### Pergunte ao autor

Selecione um poema que poderá ser escrito no quadro branco, cartaz, em mídia para Datashow ou lousa digital e pedir para que a classe imagine que está conversando com o poeta e faça a ele perguntas sobre

seu trabalho. Em seguida peça para que a classe levante hipóteses sobre as possíveis respostas às perguntas elaboradas. As respostas poderão ser anotadas ao lado do poema.

### **Jogo “De repente poeta!”**

Coloque vários objetos em uma caixa. Divida a classe em grupos de 4 a 6 alunos e peça para que retirem da caixa até 3 objetos. Os alunos deverão construir um poema narrativo ou descritivo sobre os três objetos. Em seguida socializar as produções com a rotina “café mundial”.

## **+POSSIBILIDADES**

### **Observação**

Ambas as atividades podem ser realizadas a partir de trabalhos feitos com qualquer linguagem, não apenas a escrita, você pode substituir o poema por uma pintura, uma música ou um vídeo, por exemplo.

## **INSPIRAÇÕES**

### **Inova Escola**

Disponível em: <<http://fundacaotelefonica.org.br/inova-escola/>>. Data de acesso: 02 jan. 2018.

Material resultante de pesquisa realizada pela fundação telefônica, um convite para a experimentação e um suporte para processos de transformação. Reunião de diversos casos que, certamente, vão inspirar na criação da sua receita, com os ingredientes que você tem ao seu redor, para alimentar sua fome de inovação na educação.

### **Porvir**

Disponível em: <<http://porvir.org>>. Data de acesso: 02

jan. 2018.

Iniciativa de comunicação e mobilização social que promove a produção, difusão e troca de conteúdos sobre inovações educacionais, com o propósito de inspirar políticas, programas e investimentos que melhorem a qualidade da educação no Brasil.

### **Websérie Educação.doc**

Disponível em: < <https://www.facebook.com/educacao-doc> >. Data de acesso: 02 jan. 2018.

É possível termos uma escola pública de qualidade no Brasil? Na série Educação.doc, os cineastas Luiz Bolognesi e Laís Bodanzky tentam responder a essa pergunta. Para isso, mergulharam no cotidiano de oito escolas públicas que conseguem oferecer um ensino com padrões de primeiro mundo, mesmo estando em áreas pobres. Qual é a mágica? Quem responde são professores, alunos, diretores, secretários, funcionários e pais que fazem essas escolas. Seus depoimentos são complementados por reflexões de pensadores da Educação e artistas que estudaram no ensino público. O resultado editado nos cinco episódios dessa série, apresenta um panorama de otimismo e esperança para quem aposta na escola como a principal instituição capaz de mudar o Brasil.

Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=ZnUuFz-D1xEG&list=PLPrFX65xJWXUUyf7T2irLuXD4VB336tL\\_](http://www.youtube.com/watch?v=ZnUuFz-D1xEG&list=PLPrFX65xJWXUUyf7T2irLuXD4VB336tL_)>. Data de acesso: 02 jan. 2018.

## **PROVA BRASIL**

A seguir listamos alguns descritores que podem ter relação com as metodologias sugeridas. Os descritores foram extraídos do Plano de Desenvolvimento da Educação, disponível no documento: PDE: Plano de Desenvol-

vimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. (MEC, 2008).

Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/prova%20brasil\\_matriz2.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/prova%20brasil_matriz2.pdf)>. Data de acesso: 02 jan. 2018.

## **DESCRIPTOR 1 - LOCALIZAR INFORMAÇÕES EXPLÍCITAS EM UM TEXTO**

### **Que habilidades pretendemos avaliar?**

A habilidade que pôde ser avaliada por este item relaciona-se à localização pelo aluno de uma informação solicitada, que pode estar expressa literalmente no texto ou pode vir manifesta por meio de uma paráfrase, isto é, dizer de outra maneira o que se leu.

### **Que sugestões podem ser dadas para melhor desenvolver essas habilidades?**

Sugere-se que o professor, até o quinto ano, desenvolva em sala de aula estratégias de leituras utilizando diferentes gêneros textuais.

## **DESCRIPTOR 4 - LOCALIZAR UMA INFORMAÇÃO IMPLÍCITA NO TEXTO**

### **Que habilidades pretendemos avaliar?**

Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade de o aluno reconhecer uma ideia implícita no texto.

### **Que sugestões podem ser dadas para melhor desenvolver essas habilidades?**

Utilizar diferentes gêneros textuais principalmente aqueles que se compõem de escrita e imagem como: tirinhas, propagandas, rótulos etc.

## **DESCRIPTOR 6- IDENTIFICAR O TEMA DE UM TEXTO**

### **Que habilidades pretendemos avaliar?**

Habilidade que pode ser avaliada refere-se ao reconhecimento pelo aluno do assunto principal do texto de forma direta.

### **Que sugestões podem ser dadas para melhor desenvolver essas habilidades?**

Devem-se propor atividades que leve o aluno a estabelecer relação entre as informações implícitas e explícitas do texto, para que ele possa fazer uma síntese do texto. Os textos informativos são ótimos para desenvolver essa habilidade.

## **DESCRIPTOR 11 - DISTINGUIR UM FATO DA OPINIÃO RELATIVA A ESSE FATO**

### **Que habilidades pretendemos avaliar?**

Pode-se avaliar a habilidade de aluno identificar, no texto um fato relatado e diferenciá-lo do comentário que o autor ou personagem fazem sobre esse fato.

### **Que sugestões podem ser dadas para melhor desenvolver essas habilidades?**

Para se trabalhar em sala de aula a habilidade de estabelecer a diferença entre fato e opinião sobre o fato, sugerimos que o professor utilize gêneros textuais como contos fragmentos, crônicas, poesias e poemas.

Dai a importância de se trabalhar com as rotinas de aprendizagens, porque permite o educando fazer o seu processo de cognição. Trazer o pensamento visível o que o auxilia a treinar o desenvolvimento das habilidades indicadas pelos descritores.

# REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. S. R. **Estilos de Aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educar/educacao-especial-sala-maria-tereza-mantoan/ARTIGOS/Estilos-de-aprendizagem-e-inteligencias-multiplas.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

ANASTASIOU, L. G. C; ALVES, L. P. (Orgs.) Estratégias de ensinagem. In: **Processos de ensinagem na Universidade**: Pressupostos para estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2004. p. 67-100.

BRASIL. Ministério da Educação. **Publicações**: Prova Brasil. Disponível em: <<http://provabrasil.inep.gov.br/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008. 200 p.

\_\_\_\_\_. Lei n. 9394 de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996; 175º da Independência e 108º da República. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9m-wf2qHSOo&list=PLIUtsSsEPAPW0GTllku-4V7LumZ50QLCHA>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

QUANDO SINTO QUE JÁ SEI (2014) Direção: Anderson Lima, Antonio Lovato e Raul Perez. 78 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg>> Acesso em: 02 mai. 2016.

PEREIRA, R. Método Ativo: Técnicas de Problemática da Realidade aplicada à Educação Básica e ao Ensino Superior. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL. EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 2012, São Cristóvão, SE. **Anais...** São Cristóvão, SE. , 2012.

ROBINSON, K. **As escolas matam a criatividade?** Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/ken\\_robinson\\_says\\_schools\\_kill\\_creativity?language=pt-br#t-3209](https://www.ted.com/talks/ken_robinson_says_schools_kill_creativity?language=pt-br#t-3209)>. Acesso em: 15 jul. 2016.

UNESCO, Brasil. **Repensar a educação:** rumo a um bem comum mundial? Brasília, 2016. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244670POR.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2016.

## **PRÁTICAS DESENVOLVIDAS NA OFICINA COM OS EDUCADORES**

### **Intervenção poética**

Em um ambiente escolar tradicional, qualquer tipo de apresentação/produção artística tende a se configurar como intervenção, uma vez que o lócus da escola não abrange este tipo de linguagem de forma rotineira.

No caso da oficina em questão contamos com a presença de uma criança, ex-aluna de uma das educadoras que ministraram a oficina. A menina declamou o poema “A bailarina” de Cecília Meireles antes de todas as atividades. A presença infantil e suas vestimentas características de bailarina já despertaram de imediato a curiosidade e interesse dos participantes, mesmo enquanto ela estava apenas sentada aguardando o momento de iniciar sua apresentação. De forma estratégica, não foi esclarecida a sua presença ali até o momento de sua declamação.

O mesmo tipo de intervenção artístico poética pode ser realizado em qualquer contexto educacional. Uma maneira interessante de conseguir concretizar algo neste sentido é estabelecer parceria com artistas locais, o que pode acontecer através de permutas entre os parceiros e a escola.

### **Rotina de participação “café mundial”**

Também conhecida como World Cafe, esta é uma



metodologia de conversação colaborativa, muito utilizada para facilitar o diálogo em grupo, contribuindo para a valorização da diversidade e complexidade dos indivíduos participantes. (THE WORLD CAFE, 2018).

Um ponto que ressaltamos com relação ao uso desta e de qualquer outra dinâmica na qual o grupo se autorregule é a questão da experiência com a relação não hierárquica entre professor-aluno. Ao utilizar esse tipo de método, os envolvidos assumem a responsabilidade de conduzir o processo de produção de conhecimento e isso se dá em conjunto e de acordo com as regras da metodologia, mas, sobretudo, o educador se retira do centro do processo, entrando em cena como orientador/mediador deste.

**Figura 1: Professores participando do primeiro momento da ação "Menor sarau do Mundo"**



Fonte: Fotografia de Aline Pacheco.

**Figura 2: Educadores realizando a dinâmica de conversação**



Fonte: Fotografia de Aline Pacheco

Quando se questiona a relação vertical entre edu-

cadres e estudantes, não se visa de modo algum retirar a responsabilidade do professor diante de seu papel, entretanto, pretende-se além de fortalecer os vínculos entre os sujeitos envolvidos, estimular a vivência da autonomia dos estudantes, através da qual eles podem se tornar verdadeiramente protagonistas de seu processo de aprendizagem, pois passam a poder tomar as rédeas do seu próprio desenvolvimento ao serem convidados a sair do local de receptores e ocuparem junto com os demais atores educacionais o espaço do agir e do construir inúmeras possibilidades.

Parte-se aqui da concepção de que todos somos aprendizes, visto isso, o professor ressurgue neste contexto como mediador (tutor, orientador, coach, etc) dos processos de aprendizagem alocados nos contextos escolares, assim torna-se imprescindível a valorização de ações dialógicas e o estabelecimento de ambientes democráticos, nos quais os estudantes se sintam não apenas partícipes, mas também artífices na construção e reconstrução da sua bagagem de conhecimento.

## **O menor sarau do mundo**

Livrementemente inspirada em uma intervenção poético-educacional de nome homônimo, realizada pelo Movimento Entusiasmo em 2015 em uma escola pública de São Paulo, esta metodologia estimulou bastante o grupo a interagir e a explorar o espaço em que ocorreram tais atividades. Utilizamos como ponto de partida do método, o ato de escolher, que por si só retira o indivíduo das zonas de conforto ao mesmo tempo em que acessa a bagagem individual de subjetividades dos participantes, já que envolve gostos e opções pessoais.

O desenvolvimento do Menor Sarau do Mundo, explorou inicialmente as afinidades e identidades de cada um dos participantes ao lhes oferecer opções variadas de objetos e produções lúdicas, para a partir disso, relacionar o que fora escolhido às ações que se sucederiam a este momento. A disponibilização de material diversificado como pinturas, fotografias, bonecos, pequenos

instrumentos musicais, livros, textos poéticos impressos, bíbelôs, entre outros, acionou de imediato a curiosidade e o interesse em se aproximar e analisar o que estava ali diante de seus sentidos.

Experiências metodológicas como estas, abrem espaço para a expressão da singularidade dos indivíduos através da necessidade de optar pelo que “toca” seu íntimo, assim, são oportunidades para se proporcionar dentro dos ambientes educacionais a valorização dos estilos de aprendizagem de cada estudante.

**Figura 3: Professores participando do momento de interação, parte da ação "Menor sarau do mundo"**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Durante a execução deste módulo de formação, a flexibilidade do planejamento e sua abertura ao desconhecido se mostraram ao grupo através da sugestão de um dos professores participantes de realizarmos a atividade “o menor sarau do mundo” na área externa da escola, e não em um dos corredores, como havíamos planejado. O resultado foi incrível e surpreendente, levou a todos a conhecer uma agradável e extensa área escondida atrás da escola repleta de árvores, sombra, vento e espaços interessantes para uma conversa, o que era a base da atividade.

A assimilação da proposta surgida de forma espontânea durante a aula agregou aquele momento de aprendizagem experiências sensoriais inusitadas e ainda

lembranças afetuosas. O término desta atividade acabou por sofrer um pouco de atraso devido ao interesse dos participantes em continuar naquele ambiente.

### **Roda de conversa**

O momento da roda de conversa, que foi comum a todas as oficinas dos módulos de formação, se mostrou muito rico como espaço de fortalecimento de conteúdos e para a construção de um diálogo imediato acerca das atividades realizadas.

Na roda de conversa surgiram alguns pontos interessantes sobre a realização do método Café Mundial, por exemplo, dentre eles o fato de que é possível trabalhar esta dinâmica mesmo com um grupo grande, sendo importante nesses casos se estar atento ao tempo das trocas dos grupos e ainda que a questão do material utilizado é adaptável, podendo ser realizada a metodologia até mesmo sem material algum.

## **APLICAÇÃO NAS ESCOLAS**

Os educadores participantes tiveram um mês para a realização de práticas que dialogassem com o que foi vivenciado na formação. Vale ressaltar que este momento de aplicação nas escolas não visava à replicação das metodologias trabalhadas no contexto escolar de cada educador, mas sim a construção de novas experiências a partir dos conceitos e conteúdos trabalhados na formação.

Consideramos estes momentos de desenvolvimento de atividades nas escolas o ápice de cada módulo, pois através deles foi possível termos acesso as ideias e projetos realizados pelos professores em suas realidades escolares. As escolas participantes do projeto realizaram desde intervenções poéticas no entorno da escola, passando por exposições e saraus, até criações de textos poéticos e autobiografias, apresentações, rodas de conversa, exibição de vídeos, audição de músicas, entre outras

práticas. Destacaremos a seguir três práticas realizadas pelas escolas E.M.E.F. Professora Ana Maria da Silva Ramos e E.M.E.F. Professora Raimunda Virgulino

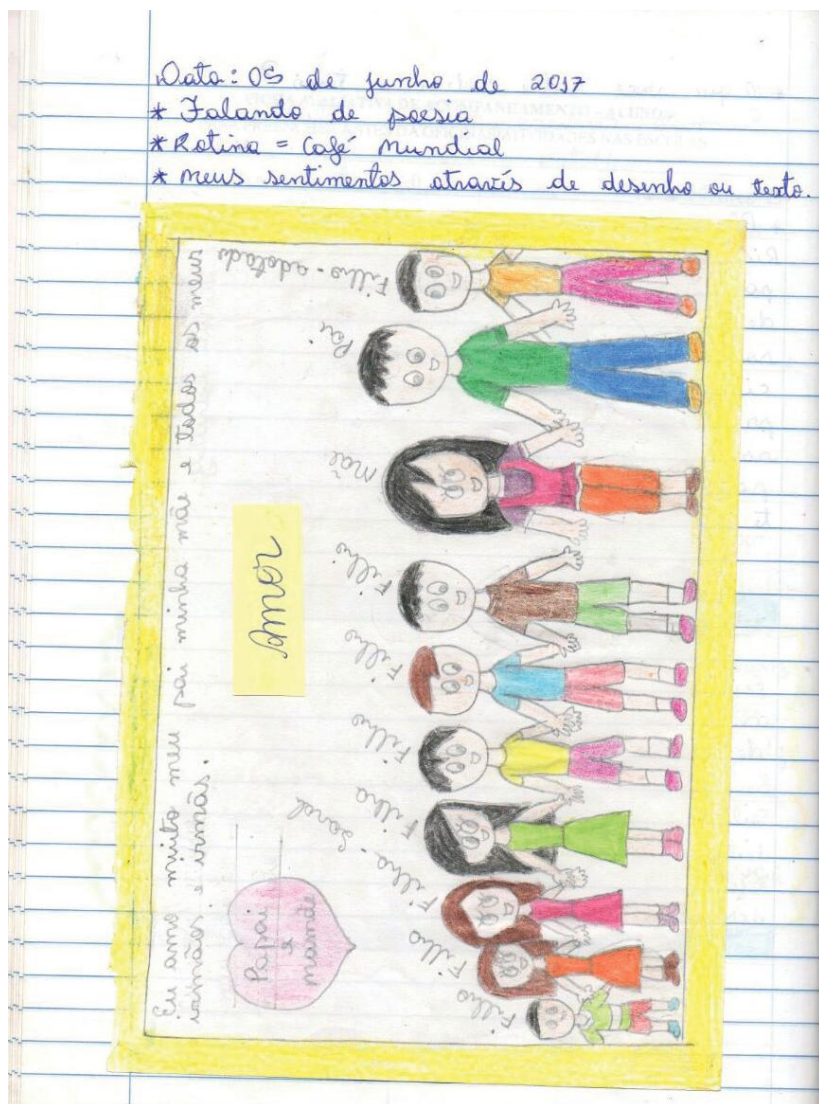
**Figura 4: Página de diário de bordo de estudante da EMEF Ana Maria da Silva Ramos**

FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE ATIVIDADES- POR TEMA / MÓDULO	
Atividades desenvolvidas: <u>oficinas de poesia</u>	
Tema: <u>Poesia</u> Período de realização: <u>05 a 14 de junho</u>	
METAS E PLANO DE ATIVIDADES	
Que os estudantes possam aprender:	E que desenvolvam atitudes no sentido de:
<ul style="list-style-type: none"><li>- O significado de poesia.</li><li>- Se apropriar de biografias e obras de autores nacionais</li><li>- Formas de expressar emoções (sentimentos) através da poesia.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Aprimorar conhecimentos</li><li>- Saber se expressar, falar em público.</li><li>- Ter facilidade em se expressar e expor seus sentimentos.</li></ul>
AVALIAÇÃO GERAL DAS ATIVIDADES REALIZADAS	
<p>As aulas estão sendo prazerosas e significativas para o aprendizado e construção de poesias, facilitando a espontaneidade ao se expressar diante das outras turmas.</p>	
PRÓXIMOS PASSOS	

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

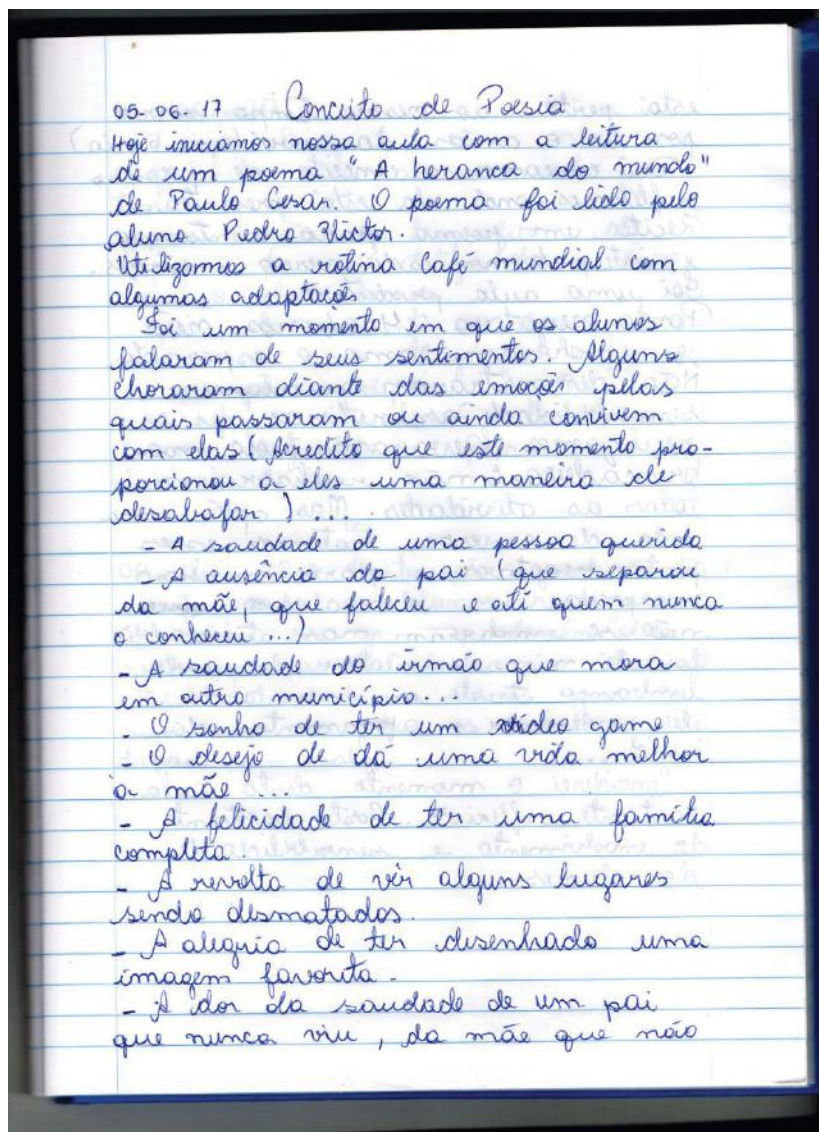


**Figura 5: Página de diário de bordo de professora da escola EMEF Ana Maria da Silva Ramos**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Figura 6: Página de diário de bordo com anotações de uma professora sobre a aula



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

## **DESBRAVANDO CAMINHOS INTERIORES A PARTIR DA INTERAÇÃO COM O OUTRO**

### **O Café Mundial na escola EMEF Ana Maria da Silva Ramos**

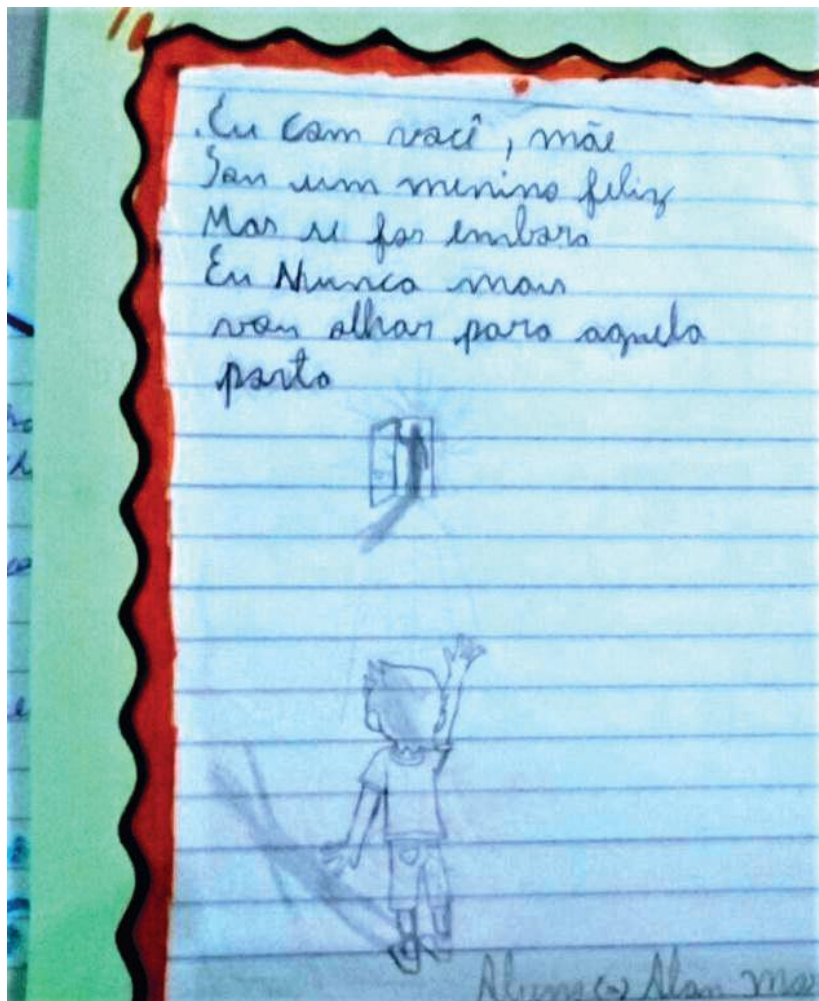
A dinâmica Café Mundial foi adaptada de forma interessante nesta escola, durante a socialização que ocorre ao final das rodadas de conversação, a educadora Simone Almeida foi registrando ao longo das falas dos estudantes, palavras como saudade, tristeza, alegria, entre outras, que traduziam sentimentos presentes nos depoimentos e mais a frente colou etiquetas com estas palavras nos trabalhos produzidos pelas crianças.

Se na aplicação desta rotina na oficina de formação com educadores, as atividades conduzidas partiram de estímulos às memórias de infância dos professores participantes, nesta escola o tema voltou-se para a história e realidade das próprias crianças.

Importante destacar a valorização da expressão dos estudantes acerca de sua vivência, tendo em vista a sociedade adultocêntrica (SILVA, 2016) na qual nos inserimos atualmente, em que comumente não se leva em consideração as impressões e opiniões na dimensão da infância. E esta visão acaba por contaminar os contextos escolares, materializando uma verdadeira contradição na prática de alguns educadores, os quais lidam diretamente com crianças, tem seu trabalho voltado para este tipo público e ao mesmo tempo não enxergam os estudantes enquanto seres humanos que apesar de se encontrarem em construção – tal qual qualquer indivíduo adulto - já carregam consigo sua história, sua bagagem emocional, social, cultural, etc.



Figura 7: Página de diário de bordo com anotações "Eu com você, mãe. Sou um menino feliz. Mas se for embora. Eu nunca mais vou olhar para aquela porta."



Fonte: Arquivo pessoal dos professores participantes.

**Figura 8: Trabalho de estudante produzido no contexto de realização da dinâmica Café Mundial na EMEF Ana Maria da Silva Ramos**



Fonte: Arquivo pessoal dos professores participantes.

**Figura 9: Apresentação de estudantes durante o "Sarau de Poesia" desenvolvido na EMEF Professora Ana Maria da Silva Ramos**



Fonte: Arquivo pessoal dos professores participantes.

A adaptação do Café Mundial, nesta escola mostrou-se de uma riqueza ímpar, dadas as expressões resultantes deste momento. Vale ressaltar que a escola em

questão é localizada em região periférica e sua clientela é, em sua maioria, composta por crianças em situação de vulnerabilidade social, incluindo famílias desestruturadas, convívio com drogas, furtos, saneamento básico precário, e outros tipos de violências sociais, uma realidade, infelizmente não muito incomum na cidade de Macapá. Referindo-se ao momento de socialização de sentimentos acerca de suas vidas, o professor Jhonatas Leite resumiu da seguinte forma a experiência:

“Houve muita timidez, pois a poesia é forte e estimulou os alunos a se expressarem. Envolver sentimentos e dizer o que sente foi comovendo a todos os envolvidos [...] Fazer com que alguém que convive diariamente com violência se expresse sobre bons sentimentos como o amor e apreço foi o mais difícil e bonito”.

Nota-se que no desenvolvimento de práticas que estimulam o diálogo a partir de assuntos que envolvem a vida e as subjetividades dos estudantes, seja a partir de experiências próprias ou próximas de sua convivência, criam-se conexões diretas destes para com as atividades propostas e, por conseguinte, a conversação passa a fluir de forma mais natural, o interesse acaba por se mostrar inevitável e, sobretudo, o educador fica diante de uma profícua oportunidade para acessar mais profundamente às subjetividades dos estudantes.

Observamos quão constante é a necessidade dos estudantes sejam estes jovens, crianças ou adultos, em escoar suas falas, opiniões, histórias e dúvidas, daí a importância de se exercitar a escuta sensível na escola, a valorização do “eu” e do “outro” através de processos nos quais se baseiam na interação. Este tipo de prática provoca oportunidades para o exercício de competências socioemocionais, tais como a empatia e a valorização da diversidade, competências fundamentais para a formação dos estudantes de forma integral.

O documento “Repensar a educação: rumo a um bem comum mundial?” produzido pela Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas (UNESCO) em 2016, afirma sobre a urgência de se es-

tabelecer no mundo uma educação que leve em conta o ser humano em sua integralidade:

O mundo está em mudança – a educação também precisa mudar. Em todo o planeta, as sociedades sofrem profundas transformações e isso exige novas formas educacionais que promovam as competências necessárias para sociedades e economias, agora e no futuro. De maneira concreta, isso significa ir além da alfabetização e de habilidades básicas em matemática para focar em ambientes de aprendizagem e novas abordagens à aprendizagem, em busca de mais justiça, equidade social e solidariedade mundial. A educação deve tratar de aprender a viver em um planeta sob pressão. Deve visar à alfabetização cultural, baseada no respeito e na igual dignidade para todos, contribuindo para tecer em conjunto as dimensões sociais, econômicas e ambientais do desenvolvimento sustentável. (UNESCO, 2016, p.15)

Experiências como estas, facilitam com que haja uma maior e melhor compreensão de aspectos da vida das crianças que são silenciados no cotidiano dos contextos escolares, o que oferece subsídios para a concretização de processos de ensino-aprendizagem pautados em uma educação que enxerga os estudantes enquanto seres humanos multidimensionais que o são.

## **A ESCOLA VAI A PASSEIO**

### **O menor sarau do mundo como intervenção artística na EMEF Raimunda Virgulino**

Na escola Raimunda Virgulino sob coordenação das professoras Silvania Valente e Mariza Pinheiro, a dinâmica “O menor sarau do mundo” foi realizada como uma ação de intervenção artístico-urbana. Com acompanhamento dos educadores, os estudantes foram convidados a abordar pessoas desconhecidas nas ruas em torno da escola e lhes fazer leituras poéticas.

A ação possuiu uma carga estética e poética muito grande, uma vez que as crianças partiam em conjunto

em busca de ouvintes para suas declamações, o que se viu nestes momentos foram grupos alegres e coloridos de crianças portando sombrinhas enfeitadas com tiras esvoaçantes de papel crepom e poemas para oferecer aos transeuntes.

**Figura 10: Intervenção poética realizada pelos estudantes da EMEF Professora Raimunda Virgulino, na Zona Norte de Macapá.**



Fonte: Arquivo pessoal dos professores participantes.

Realizada desta forma, levando os estudantes ao encontro da rua, do bairro, integrando-os aos moradores, logradouros e suas peculiaridades urbanísticas promoveu-se ali um resgate da ocupação da cidade pelas crianças, através do exercício do desbravar, que envolve o contato tanto com a dimensão geográfica, físico-espaical quanto à dimensão simbólica poético-cultural das ruas.

A vizinhança ocupada como território de aprendizagem, estimula o desenvolvimento de uma postura de disciplina que se difere de qualquer disciplina imposta, pois se dá através da experiência empírica com as regras do fluxo urbano. Já não se trata de receber, sentados em fileiras de cadeiras, voltados para um educador e um quadro, envolto de paredes, a informação de que se deve levantar o braço e esperar calmamente os automóveis pararem, para que se atravessasse uma faixa de pedestres, por exemplo. A vivência desta experiência na prática, sem necessidade de encenações, contribuirá mais diretamente para a naturalização destas regras de trânsito.



**Figura 11: Intervenção poética realizada pelos estudantes da EMEF Professora Raimunda Virgulino, na Zona Norte de Macapá.**



Fonte: Arquivo pessoal dos professores participantes.

Outro ponto que vale ressaltar sobre a experiência de processos educativos extramuros é a promoção da integração entre a própria escola enquanto lócus de ensino-aprendizagem, com a comunidade. A interação rompe barreiras duplamente, tanto da comunidade para com a escola, quanto da escola para com esta, pois tanto a cidade se abre para reconhecer, valorizar e participar dos processos educacionais daquele grupo antes isolado pela estrutura que o aparta do restante da comunidade, quanto à escola, transpassa suas paredes e passa a se compreender parte do todo, enxergando-se como ponto integrante dessa rede de diversidades que são os bairros.

André Gravatá e Danilo Lanae, no livro *Mistérios da Educação* (2015) descrevem a realização de um projeto pedagógico considerado uma “experiência sem volta” pela diretora da escola com a qual as ações foram realizadas. Tal definição gerou aos autores questionamentos que servem a nós no contexto deste texto enquanto reflexão acerca da ousadia de se proporcionar aprendizagens fora do espaço físico escolar, impulsionando a escola a transcender sua estrutura:

Como redescobrir a ousadia no ato de brincar e compartilhar a cidade com as crianças, jovens e educa-

dores? Como criar outras dinâmicas para vivenciar um aprendizado? Que momentos são esses que nos fazem romper e seguir para uma nova possibilidade? Abrir uma conversa sobre a ousadia é olhar o que estamos dispostos a revirar neste momento e o que permanecerá, mesmo sob camadas de medo e apatia. (GRAVATÁ E IANAE, 2015, p. 55).

**Figura 12: Intervenção poética realizada pelos estudantes da EMEF Professora Raimunda Virgulino, na Zona Norte de Macapá**



Fonte: Arquivo pessoal dos professores participantes.

## **O TRADICIONAL RENOVADO**

### **O Sarau de Poesia na EMEF Professora Ana Maria da Silva Ramos**

Muitos educadores, principalmente no âmbito da educação infantil, seja pública ou privada, já costumam realizar inúmeras atividades pedagógicas que se configuram como metodologias ativas, mesmo não utilizando exatamente este termo.

No caso deste módulo de aplicação nas escolas, voltado à poesia, por se tratar de temática que envolveu o estímulo à expressividade dos estudantes, a partir de produções poéticas, a tradicional exposição de trabalhos pelos corredores das escolas foi uma metodologia recorrente, entretanto em alguns casos, como foi na



EMEF Professora Ana Maria da Silva Ramos, ao tradicional somou-se a já menos convencional realização de um sarau entre as turmas.

A realização do sarau tornou viva a exposição de trabalhos produzidos no módulo de aplicação. Foram realizadas apresentações as quais eram tanto relacionadas ao processo de produção ao longo do mês quanto também eram escoamento de demandas expressivas dos próprios estudantes, que tiveram espaço para apresentações diversas, como foi o caso de um número de balé ensaiado autonomamente pelas estudantes que o construíram e socializaram a programação.

**Figura 13: Apresentação de estudantes durante o "Sarau de Poesia" desenvolvido na EMEF Professora Ana Maria da Silva Ramos**



Fonte: Arquivo pessoal dos professores participantes.

Quando se cria ações como esta, envolvendo os estudantes, vários educadores e ainda familiares, a escola vai fortalecendo-se enquanto um organismo pulsante, vivo e consciente de seu espaço social. Esta vivacidade só é possível a partir da valorização das contribuições individuais de todos os atores que compõem a comunidade educacional.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

[...] o pensar, o sentir e o imaginar na infância são muito próximos dos processos da criação artística. As crianças vivenciam espontaneamente o que pensamos pertencer apenas à literatura, às artes, à filosofia, à mitologia. Essa dimensão criativa, mitopoética, está em todas as vidas. Mesmo as que são impedidas de viver, impedidas de florescer sua humanidade, pelas variadas formas de misérias e violências, trazem a poesia do mundo, trazem a história da humanidade: o que foi e o que poderia ter sido. (SEVERINO, 2013, p.56).

É preciso que a escola esteja preparada para a inventividade e produção expressiva dos estudantes. Estimular a expressão e a criatividade em crianças não se configura tarefa das mais simples, visto que as próprias crianças carregam consigo impulsos criativos mais latentes do que os adultos, assim, como provocar ou estimular esta faculdade ainda mais? Como explorar esta potência poética que cada estudante carrega consigo?

Se faz importante que todos os indivíduos que ocupam papéis relacionados a orientação de processos de aprendizagens, exercitem antes o próprio olhar, sobre si e sobre o mundo, uma vez que, como muito bem define Rubem Alves, “a primeira função da educação é ensinar a ver” e para ensinar o que quer que seja é imprescindível que de certa forma nada se tenha a ensinar, para que assim seja possível “dedicar-se a apontar os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana.” (ALVES, 2004)

A utilização de metodologias ativas na educação escolar faz com que os processos de aprendizagem conversem diretamente com o movimento cotidiano da vida e a dimensão subjetiva da escola a partir de seus indivíduos. As atividades desenvolvidas nas escolas participantes no módulo “Poesia através de metodologias ativas” mostraram que por meio de esforço conjunto é possível a materialização de uma escola mais viva, afetiva, ousada e sensível.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. A complicada arte de ensinar a ver. **Folha Online**, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>>. Acesso em: 01 maio 2018.

GRAVATÁ, A.; IANAE, D. **Mistérios da Educação**. São Paulo: SM editora, 2015.

MARTINS, M. C. F. D. **Didática do ensino de arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. (Orgs) Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque, M. Terezinha Telles Guerra. São Paulo: FTD, 1998.

SEVERINO, A.; TAVARES, K. **Uma pedagogia poética para crianças**. 1. ed. Americana, SP: Adonis, 2013.

SILVA, A. L. Para repensar o modelo adultocentrado de nossas relações junto às crianças. **Rev. Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 26, n. 3, p. 455-465, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/4755>>. Acesso em: 15 jan. 2018

TARKOVSKI, A. **Esculpir o tempo**. (Tradução Jefferson Luiz Camargo). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

THE WORLD CAFE, History. Disponível em: <<http://www.theworldcafe.com>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

UNESCO Brasil, 2016. **Repensar a educação**: rumo a um bem comum mundial?. Brasília. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244670POR.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2016.



# A música popular amapaense como metodologia de aprendizagem ativa

Agnaldo Silveira



DE RIEL

# **A MÚSICA POPULAR AMAPAENSE COMO METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM ATIVA**

*Meu endereço é bem fácil  
é ali no meio do mundo  
onde está meu coração meus livros  
meu violão  
meu alimento fecundo  
A casa por onde paro  
qualquer carteiro conhece  
é feita de sonho e linha que brilha  
quando anoitece  
Na minha casa se tece  
mesura na luz do dia  
pra afugentar quebranto na hora da fantasia  
É fácil o meu endereço vá lá quando  
o sol se pôr  
na esquina do rio mais belo  
com linha do equador*

*(Música: Meu Endereço. Compositor: Zé Miguel)*

A educação brasileira ainda se encontra fortemente vinculada a uma metodologia que tem sua base na transmissão de conhecimentos prontos, sendo que este deveria ser internalizado pelo sujeito aprendiz como produto final. Contudo, as regras, fórmulas, informações prontas do método enciclopédico de ensino não respondem mais as necessidades do mundo atual. Tão pouco são capazes de superar o fracasso histórico com o qual convive a educação brasileira. Avaliações de abrangência nacional apresentam índices insatisfatórios quanto ao desempenho dos alunos em todos os níveis da educação básica. O que tem provocado análises e debates acalorados de especialistas e sociedade civil na tentativa de superar essa condição nada animadora. E umas das questões que sempre estão em pauta, fazem referência às metodologias usadas pelos professores no exercício da docência. Mesmo que não sejam menosprezados fatores como financiamento, estrutura, formação profissional e outros que podem interferir na qualidade da educação que temos hoje, os recursos e estratégias pedagógicas

sempre estão em questionamentos.

Assim, são perceptíveis os impasses que se situam no campo educacional. Mesmo diante de uma das tarefas mais elementares da educação, que é a de fazer com que o aluno se aproprie da decodificação de escrita e leitura, para, posteriormente, subsidiar o processo de letramento, fica patente que há falhas que precisam ser superadas.

Diante desse cenário, as propostas pedagógicas que estão sendo apresentadas, e que tiveram seu delineamento a partir dos objetivos do projeto em discussão, procuram subsidiar o professor com novas possibilidades metodológicas que possam ser eficazes, apresentando outras possibilidades para fomentar a aprendizagem do aluno.

Um das formas que educadores têm lançado mão para trabalhar a leitura e a escrita é a música. Essa se constituiu num instrumento pedagógico devido a sua inserção no cotidiano da população em geral. Como forma de entretenimento, pessoas de todas as idades e classes sociais usam a música constantemente. Os instrumentos por meio dos quais ela se propaga tem contribuído para a sua popularização. A música está nas casas, mercados, na escola, nos automóveis, na praça e em diversos outros lugares de vivências.

Muito além de ser a música um instrumento pedagógico pelo fato de estar ao alcance dos ouvidos e da interpretação de praticamente todas as pessoas, independente de local e classe social, a música pode ter seu potencial explorado no ensino, devido às características que apresenta. O fato de ela ter estrutura textual em que se exige leitura e interpretação, já seria ela um forte recurso pelo qual se pode trabalhar fundamentos de leitura e escrita, ao mesmo tempo em que se inicia ou amplia-se o letramento, mas além disso, ainda tem os ritmos, estruturas, combinação de sons instrumentais e vocal, que a coloca em um patamar privilegiado de linguagem.

A música é composta por som (vibrações audíveis e regulares de corpos elásticos, que se repetem com



a mesma velocidade, como as do pendulo do relógio; as vibrações irregulares são denominadas ruídos), ritmo (é o efeito que se origina da duração de diferentes sons, longos ou curtos), melodia (é a sucessão rítmica e bem ordenada de sons) e harmonia (é a combinação simultânea, melódica e harmoniosa dos sons). (WEIGEL, 1988, p. 10).

Por essas particularidades, é inegável a capacidade que a música tem de adentrar os ouvidos e provocar interpretações. Independente de gosto ou opção por tipos de músicas que fazem parte da nossa cultura, é notória a influência que ela exerce sobre as pessoas. Dadas as especificidades de locais, tipos, características, pode-se dizer que todos os ritmos encontram seus públicos. Assim, um forró tem um público expressivo em nosso meio, como o tem, também, por exemplo, a MPB de Chico Buarque e Caetano Veloso.

Com a riqueza de possibilidades sonoras, sensoriais, rítmicas acima descritas, a música, de fato, se constitui valiosa ferramenta de construção de conhecimentos. Assim

[...] a aprendizagem é um processo dinâmico e contínuo e não se restringe apenas à leitura e à escrita das palavras e dos textos. É necessário propiciar às crianças atividades desafiadoras e prazerosas, a fim de que elas busquem investir na sua produção pessoal e espontânea, descobrindo e reinventando o mundo a partir de experiências ativas na cultura. (BOLZAN, 2007, p. 23).

Vincular mecanismos de ensino da leitura e escrita à música é acreditar que ela, com o potencial artístico que a compõe, pode perpassar os meandros da cultura do povo, agregando estímulos únicos e capazes de superar as metodologias que procuram apresentar propostas de análises pedagógicas de forma compartimentada. Muitos dos textos usados em sala de aula carecem de sentido prático ou de alguma forma de vínculo com a realidade do aluno. Apresentado dessa forma, esse texto se constitui matéria morta, sem conexões com possíveis

estímulos sensoriais da criança.

Nesse entendimento, a música parece ter particularidades desejáveis para adentrar esse mundo da curiosidade e do interesse da criança, fazendo com que as conexões sinápticas, que estão em fase de amadurecimento, possam ganhar representações significativas, em uma configuração que pode ser definida como,

[...] favorecedora do desenvolvimento cognitivo/linguístico, psicomotor e sócio afetivo da criança, pois, já que estão todos correlacionados; [...] a ação musical deve induzir comportamentos motores e gestuais, que direcionados às atividades lúdicas de alfabetização, escrita, leitura, e que facilitem a compreensão e associação dos códigos e signos linguísticos, gerando uma construção do saber. [...] É importante que o professor, por meio da música, direcione sua ação pedagógica [...] a uma formação crítica e sensibilizada e, que a música ajude-o a levar os alunos a aprender a sentir, expressar e pensar a realidade ao seu redor, desenvolver capacidades, habilidades e competências; criando situações de comunicação e expressão para que o aluno se conecte ao imaginário e a fantasia dos processos de criação, interpretação e fruição, desenvolvendo a dimensão sensível que a música traz ao ser humano (SOARES e RUBIO, 2012, p. 2-4).

Contudo, para tornar a música uma aliada na aprendizagem de leitura e escrita ainda com mais significado para as crianças de onde o projeto foi realizado, optamos por termos como base a Música Popular Amapaense. Destacamos, desde já, que esse segmento musical apresenta singularidades em muitos aspectos. Diferenciando-se bastante da música em nível nacional e da música características de outras regiões do Brasil, como Nordeste e Sul, por exemplo, a Música Popular Amapaense retrata elementos da natureza amazônica, mesclando-os com costumes tradicionais e a história do estado do Amapá, o que lhe tem garantido especificidades únicas. E, mesmo considerando as características das composições musicais da Amazônia, da qual esta recebe influências, a música amapaense conseguiu construir identidade própria e se firmar na cultura do Estado.

Ao incorporar os elementos contidos no conhecimento popular e divulgá-los, é possível dizer que ela é produto da cultura local, ao mesmo tempo em que a ajuda fortalecer, uma vez que expressa e ajuda a divulgar traços presentes nos costumes do povo.

Aglutinando essas particularidades, a música amapaense fala, nos dizeres dos compositores locais, Joaozinho Gomes e Val Milhomem, “do jeito de ser, do povo daqui” e, com o foco em criar composições, ritmos, sons, melodias, e demais arranjos musicais centrados nas “coisas” do povo que habita essa parte da Amazônia, os artistas regionais conseguiram retratar com riqueza de detalhes os costumes do povo, o modo como estes se relacionam com as florestas e rios; os conhecimentos tradicionais; a história; assim como um vocabulário tipicamente regional. E, compreendemos que os versos e sons dos compositores locais, exatamente por não apresentarem uma linguagem universal, podem não fazer sentido para quem não vive aqui, mas no contexto local essa linguagem é facilmente interpretada por ser rica em semânticas e noções de pertencimento para os nativos desse cantinho do Brasil.

Um trecho de uma canção local, dos compositores Val Milhomem e Joaozinho Gomes, gravada em 1989, procura evidenciar esse entendimento, sendo que para eles,

*Quem nunca viu o Amazonas  
Jamais irá compreender a crença de um povo  
Sua ciência caseira, a reza das benzedadeiras, o dom milagroso  
Não contará nossa história por não saber e por não fazer juz  
Não curtirá nossas festas tucujus  
Quem avistar o Amazonas, nesse momento,  
e souber transbordar de tanto amor  
Este terá entendido o jeito de ser do povo daqui*

E, exatamente por perceber a força que a música regional tem em ser entendida, interpretada e divulgada, sobretudo nos meios de comunicação local, é que ela foi escolhida como elemento pedagógico para se trabalhar a leitura e a escrita no projeto em discussão.

Essa escolha apoia-se na percepção de que a linguagem usada nas músicas locais é a mesma usada pelo povo em várias situações do dia a dia. Essa linguagem é falada nas feiras, nos igarapés, nas brincadeiras de rua, nas empresas e nas calçadas do final da tarde, ou seja, faz parte da vida social. Por essas características, consideramos que ela tem potencial para fomentar aprendizagens significativas, visto que faz parte do vocabulário local.

Para aproveitar da melhor forma possível esse potencial, realizou-se uma seleção criteriosa das composições musicais mais conhecidas que temos no estado e, evidentemente, dos compositores considerados mais populares, dentre eles podemos citar Zé Miguel, Osmar Jr, Rambolde Campos, Negro de Nós, Nivito Guedes, Val Milhomem, Joaozinho Gomes. Além da obra desses artistas, trabalhou-se também, as composições de marabaixo, que é uma música com forte expressão da cultura local. As composições ou "letras" desse gênero musical são chamadas de "ladrões de marabaixo" e procuram retratar aspectos significativos da cultura negra local, sendo que este tem suas origens em toda tradição das matrizes africanas e afro-brasileiras.

Seguindo as metas do projeto que originou toda a discussão aqui apresentada, as formas usadas para a exploração do tema, tiveram como base as metodologias ativas, já mencionadas neste trabalho, onde explora o protagonismo criador do aluno. Por esses motivos, procuramos propor condições didáticas onde o aluno pudesse usar as músicas para ampliar os potenciais de leitura e escrita. Para isso, foi necessária a realização de uma oficina onde os professores envolvidos no projeto se apropriassem das metodologias ativas e as usassem em sala de aula. Na oficina foram realizadas atividades para subsidiar as intervenções nas futuras aulas, assim como oferecido outros exemplos de procedimentos metodológicos para o professor usar com os alunos e explorar todo o potencial criador existente na música.

Com esse intuito foi organizada uma apostila e compartilhada com os professores envolvidos no projeto,

sendo esta uma ferramenta de apoio pedagógico para subsidiar as atividades em sala de aula. E, para fomentar o entendimento do que se fez na formação, veremos a seguir alguns pontos relevantes do referido material e o passo a passo da oficina, assim como as orientações para o trabalho do professor.

## OFICINA: MÚSICA REGIONAL

**Duração:** 4 horas

**Conteúdo:** Música Popular Amapaense (MPA)

**Autores do material de apoio e ministrantes da oficina:**

Agnaldo Silveira, Alberly Amaral, Elisangela Mendes, Mara Portal, Manoel Tomé, Telma Vivian e Wanny Patrícia

**Metodologia/prática:** Intervenção musical

**Rotinas:** Cor - símbolo – imagem e Espaço aberto

### ROTEIRO

**8h 1º Momento** - Abertura com a apresentação dos oficineiros e a dinâmica das atividades que serão desenvolvidas no dia, assim como as orientações a serem seguidas.

**8h 15m 2º Momento** - Apresentação cultural sobre a temática “Música Popular Amapaense”.

**8h 35m 3º Momento** - Rotina: Cor - símbolo - imagem

**9h 30m 4º Momento** - Intervalo para o lanche.

**9h 45m 5º Momento** - Rotina: Espaço aberto

**10h 30m 6º Momento** - Roda de conversa

**11h 7º Momento** - Conclusão da oficina com as considerações finais dos oficineiros e a avaliação do grupo de professores participantes da formação.

## O QUE É MÚSICA REGIONAL?

Segundo Aurélio Buarque de Holanda, a música é a arte de combinar harmonicamente os sons de acordo com certas regras, formando, assim, uma composição musical. Visto que em todos os espaços e ambientes que estamos e ocupamos, estão permeados por diversos tipos de sons vindos das ruas, dos automóveis, das pessoas, dos pássaros, da natureza, daí as várias possibilidades de combinação de sons. Contudo, os sons que possibilitam uma composição musical, têm características próprias e únicas.

Já o termo região, Aurélio entende como um território que se distingue dos outros por características próprias, fazendo referência também a cada uma das cinco divisões geográficas e políticas do Brasil; região Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e região Sul. Contudo, outras formas de regiões, com características mais restritas ainda são possíveis de identificação.

O termo popular define como algo que diz respeito ao povo, que se desenvolveu ou se pratica por costume ou tradição, por exemplo, a medicina popular, a música e as festas populares.

Neste sentido, a definição de música regional vem da junção dos adjetivos de dois gêneros relativos, pertencente ou próprio de uma determinada região brasileira, onde os músicos populares (cantores, compositores, instrumentistas), e conjuntos musicais compõem e executam músicas resgatando ou exaltando os valores, hábitos, costumes e tradições culturais próprias de uma região.

Com essa visão, a oficina de música regional, tem o objetivo de trabalhar esses elementos culturais em sala de aula, através da **música popular amapaense** e seus mais expressivos expoentes.

No caso específico da representação musical genuinamente do nosso estado, percebe-se que ela é uma manifestação artística que realmente se faz presente no cotidiano dos amapaenses. É possível dizer, também, que as composições musicais produzidas por nossos artistas

populares conseguem retratar com riqueza de significados os espaços, costumes, territorialidade, natureza, população e outros elementos que nos atribuem características ímpares. Diante dessa constatação, acreditamos que essa musicalidade pode se tornar uma possibilidade para o ensino da leitura e da escrita em nossas escolas, vistos que, sendo a música regional um recurso que permeia nosso modo de vida, ela pode ser melhor assimilada e entendida por nossas crianças, uma vez que é rica em significados para quem aqui vive.

## MÉTODOS UTILIZADOS

### INTERVENÇÃO MUSICAL

Abertura das atividades com a participação do grupo musical “O Som do Coração”, cantando o hino de Macapá e a música Tarumã, em ritmo de marabaixo. O grupo é formado por alunos, de 06 a 13 anos, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Goiás. (Nas escolas podem-se usar outras formas de introdução do tema)

**Rotina de Pensamento:** Cor – Símbolo – Imagem

#### Execução

- A turma é dividida por estilos musicais e/ou autores, em grupos de quantidades iguais.
- Cada grupo ouve uma música utilizando-se de recursos tecnológicos disponíveis (celular, fone de ouvido, caixa de som, pendrive, micro system)
- Cada participante tem em mãos um aparelho celular e um fone de ouvido.
- Os cursistas ouvem a música e conforme vão ouvindo, irão tomando nota das palavras, frases, sons, que pareçam mais interessantes, importantes ou intuitivos.
- De todas as ideias que forem anotadas, os cursistas são orientados a escolher as três que lhes pareçam mais importantes.
- Para uma escolha, definem uma cor que considere que melhor representa ou reflita a essência desta ideia.



- Para outra, escolhem um símbolo que sintam que melhor representa ou reflete a essência desta ideia (desenho).
- E para outra, desenharam ou escolheram uma imagem (metáfora) que acham que melhor representa ou reflete a essência desta ideia.
- Após a escolha, caso haja necessidade, poderá ser socializado verbalmente o critério de sentido que provocaram as escolhas.

## **Rotina de Participação**

### **Técnica do Espaço Aberto**

## **Execução**

- No início 4 pessoas se colocam como voluntárias a começar a rotina.
- Cada uma dessas 4 pessoas se dirige à mesa ou círculo e escolhe uma letra de música.
- Após a escolha, a pessoa fala o nome do autor e a música que escolheu.
- Os demais participantes serão orientados a se agrupar por preferência musical, formando-se 4 grupos.
- Após a socialização da letra da música no grupo, outro componente do grupo se dirige a mesa e escolhe uma imagem que, segundo ele, se relaciona com a música.
- Socializando a música e a imagem escolhida pelo grupo, outra pessoa se dirige a mesa e escolhe um tema (paródia, teatro, pintura, poesia) para explorar e apresentar os elementos semânticos contidos na música e na imagem através do tema escolhido.
- Momento de discussão e construção coletiva.
- Os grupos apresentarão as interpretações que foram sendo construídas ao longo do processo de escolha, culminando com as apresentações em forma de paródia, teatro, pintura e poesia.

# **QUESTÕES TRABALHADAS**

## **Subjetividade**

Sendo a música uma composição artística, apresenta em sua composição muitas palavras e estruturas frasais carregadas de subjetividade. É a partir dessa subjetividade que o artista povoa o imaginário daqueles que o ouvem com uma infinidade de interpretações. Assim, na educação, essas composições possibilitam ao aluno

construir ou interpretar novas narrativas diante dessa riqueza semântica proporcionada pela música. Vale ressaltar que essa subjetividade se torna potencializadora de interpretações justamente por não ser abstrata, mas pelo fato de estar ligada aos elementos contidos nos meios sociais, culturais e naturais em que a criança constrói as suas vivências e agrega significados a elas dentro das suas experiências diárias.

Nesse sentido, o potencial da Música Popular Amapaense pode ser importante instrumento pedagógico, principalmente pela possibilidade de criar significados diversos ao mundo da leitura, escrita e interpretações da criança. Fatores esses que podem dinamizar as estruturas cognitivas para uma aprendizagem mais autônoma e rica em aprendizagem significativa. E o principal, despertar a capacidade de pensar, criar, agir, transformar.

### **Imagem, linguagem e escrita**

Antes de poder usar a oralidade e a escrita para se expressar, a criança constrói um conjunto de significados não verbais ou codificados do mundo ao seu redor. A sonoridade e os códigos desse mundo onde ela interage desde o nascimento vão povoando de sentidos o seu imaginário, ou melhor, a sua forma de apreender a realidade em que vive. A interação da criança com o mundo exterior, mesmo nos níveis mais básicos possíveis, como os que se apresentam através do tato, da visão, audição, vão fomentando cadeias de significados que mais na frente se consolidarão pela organização dessas impressões primeiras em códigos escritos e falados, assim como toda uma rede mais elaborada de interação com o mundo.

Colocando em uma sequência lógica que acompanha o amadurecimento do intelecto, poderíamos dizer que, quando criança, o contato do ser com o mundo externo se dá por meio das imagens visuais e o tato; ao ganhar familiaridade com certos elementos culturais através das imagens, o sujeito percebe que estes elementos têm sons que o identificam, ou seja, um nome. Mais na

frente, com o fortalecimento e convivência com a sua cultura, a criança percebe que existem uma codificação que permite dá nome àqueles elementos que conheceu como imagem e depois aprendeu a identificá-los com sons. Chega-se, nessa fase, ao mundo da escrita.

Contudo, sabemos que essa capacidade de entendimento de “mundo” baseado na percepção visual, na fala e escrita, ainda são elementares diante das possibilidades que as estruturas culturais mais complexas podem oferecer a formação humana.

Diante dessa constatação, percebe-se o potencial de elementos culturais consolidados e que, historicamente, influenciam o processo de apropriação do conhecimento; e é possível afirmar que a música se configura como um desses elementos.

Com esse entendimento, acreditamos que a música regional é um forte instrumento cultural que pode ampliar a formação do aluno, visto que faz parte do seu mundo de significados cognitivos que precede o letramento.

Com esse viés pedagógico, a música regional agrega significados que traduzidos por suas letras, melodias, ritmos, interpretações apresentam “leituras” que não poderiam ser transmitidos apenas por letras e seus sons separadamente. É este espaço maior de significados e possibilidades que pode ser explorado pelo professor para que o aluno amplie suas capacidades interpretativas.

### **Territorialidade e linguagem regional**

A Música Popular Amapaense apresenta fortes traços que a vinculam de forma significativa aos nossos espaços naturais como rios, florestas, clima, população, enfim, com as paisagens amazônicas. Vinculam-se, também, com as expressões mais fortes da nossa cultura como, marabaixo, batuque, remanescentes quilombolas, indígenas, religiosidade, dentre outros.

Nessa perspectiva, o aluno em contato com esses elementos, pode ter fortalecido a noção de pertencimento. Esse sentir-se pertencendo ao lugar das suas relações sociais diárias pode se transformar em potencial de

aprendizagem, visto que os instrumentos de suas vivências, sejam no campo ou na cidade, são retratados nas composições musicais. Podendo, assim, se transformar em possibilidades de reflexões mais significativas. Transformando-se em sinapses linguísticas, sensoriais, intuitivas.

Como exemplos desse significado mais próximo da realidade da criança, temos: as expressões usadas nas músicas e que são do cotidiano do amapaense; os produtos usados para o sustento como, o camarão, açaí, peixe, espécies florestais; modo de vida, representados, principalmente, pelos caboclos, ribeirinhos, pescadores, lavadeiras, agricultores.

Vale ressaltar que o conteúdo cultural ou simbólico-cultural delimita o território a partir das representações e subjetividades que compõem a teia de relações no espaço ou território, dando-lhe identidade. Os movimentos das águas, o cantar dos pássaros, as frequências e importâncias das chuvas, as florestas que compõem a nossa região formam um conjunto de significados que se expressam na fala, no agir, no pensar e no ser do povo que aqui vive. Nesse sentido, o território é visto como produto de uma apropriação simbólica ampla e que transita, ao mesmo tempo em que une, os elementos e formam um conjunto ímpar, o que se convencionou chamar de cultura. Bourdieu (1998).

Portanto, esses elementos simbólicos que permitem composição cultural única, assim como a natureza e suas influências sobre quem aqui vive, são retratados pela nossa música regional, e esta, com toda a sua riqueza de significados, podem tornar-se instrumento pedagógico relevante.

### **Figuras de linguagem**

As figuras de linguagem são de uso corrente na música amapaense. Com essas características ela se torna importantíssima para que o aluno possa ampliar o seu vocabulário.

Exemplificaremos alguns casos que se adequam aos estudos nas séries iniciais e que podem ser encontradas

em muitas composições da música regional amapaense.

A ambiguidade é considerada um vício de linguagem. É também chamada de Anfibologia. Ocorre quando há a duplicidade de sentido em palavras ou expressões do texto. No caso da música, muitas vezes essas expressões são escolhidas de propósito para deixar dúvidas ou para expandir o sentido da mesma ou de uma frase. O autor deixa os espaços para a interpretação, o que é uma postura recorrente na música e de outras formas de arte.

O eufemismo ocorre quando aceita-se e se usa uma palavra ou expressão em lugar de outra, por diversos motivos, e em diferentes situações. Na verdade, é a utilização de vocábulos mais leves e mais sutis, para suavizar determinadas mensagens que precisam ser transmitidas.

O artista vale-se desse artifício quando quer passar uma mensagem mais "dura" ou triste, mas usa palavras que tornam o sentido da mesma mais suave ou mais agradável aos ouvidos.

Pode-se dizer que a metáfora é uma das figuras de linguagem que mais se encontram em letras de música. Ela se caracteriza como um recurso semântico, ou seja, quer dizer que é um meio utilizado por quem escreve, ou por quem fala, para melhorar a expressividade de um texto literário. Quando é empregada em uma frase, faz com que esta se torne mais eloquente para os que a leem e a ouvem. No caso da música essa figura de linguagem é comumente usada para deixar o sentido de uma palavra mais "bonito", ou expressar um sentimento com bastante ênfase.

A metonímia é a figura de linguagem que possibilita troca de um termo por outro de mesma similaridade. Para conceituá-la com maior clareza podemos dizer que é definida como a substituição de uma palavra por outra quando há proximidade de sentido entre elas. É a substituição de palavras que guardam uma relação de sentido entre si. Na música essa figura de linguagem é usada para que alguns termos não fiquem repetitivos ou para fazer comparações.

A onomatopeia é a figura de linguagem que per-

mite o uso de vocábulos para representar um som. Ela se faz presente quando há a necessidade de uma palavra escrita ou falada representar um ruído, um barulho ou qualquer tipo de som. Na música esse recurso linguístico é usado quando o autor quer expressar um som que não pode ser transmitido com uma palavra usual. Como a Música Popular Amapaense apresenta, em muitas situações, sons produzidos pela natureza, esse recurso linguístico é bastante usado.

## **+POSSIBILIDADES**

### **Rotina de Pensamento: Iceberg**

Essa rotina de pensamento é assim denominada porque, assim como um iceberg, que só enxergamos a ponta, em um problema comum, um texto, uma imagem, um fenômeno, há “coisas” e análises a serem feitas que vão bem além e que também podem ser bem mais eficazes do que aquelas que os olhos alcançam.

A intenção dessa rotina é provocar análises diversas das crianças e propiciar momentos de participação dentro de um contexto em que a música possa gerar análises ricas em significados a serem explorados. Os praticantes/crianças dessa atividade podem dedicar tempo para construir textos, representações imagísticas de como eles entendem as mensagens apresentadas em uma música.

As formas de expressar esse entendimento ou aprendizagens podem ser por meio de paródia, desenhos, relatos, charges e outros elementos que podem aflorar durante o processo criativo da criança.

### **Rotina de Participação: Círculo de Conversa**

O círculo de conversa é um momento rico para criar análises mais aprofundadas sobre diversos pontos de interesse do aluno ou sobre situações que possibilitem aprendizagem compartilhada. Pensando dessa forma,

o círculo de conversa é um momento em que as crianças têm oportunidade de dialogar de forma autônoma, expondo suas opiniões, organizando as ideias, apresentando argumentos e pontos de vista diversos para uma mesma situação a ser analisada. Portanto, esses momentos se configuram como metodologias pedagógicas nos quais o processo cognitivo pode ser ampliado significativamente.

No caso da música, onde os termos, frases, arranjos podem suscitar interpretações diversas, ela pode ser um instrumento que, a partir da abordagem e encaminhamento pedagógico que o professor faça, fomenta aprendizagens importantes para a criança e para o grupo como um todo.

## PROVA BRASIL

A seguir listamos alguns descritores que podem ter relação com as metodologias sugeridas. Os descritores foram extraídos do Plano de Desenvolvimento da Educação, disponível no documento: PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. (MEC, 2008) Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/prova%20brasil\\_matriz2.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/prova%20brasil_matriz2.pdf) >. Acesso em: 20 abr. 2018.

### **D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão**

Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade de o aluno relacionar informações, inferindo quanto ao sentido de uma palavra ou expressão no texto, ou seja, dando a determinadas palavras seu sentido conotativo.

Inferir significa realizar um raciocínio com base em informações já conhecidas, a fim de se chegar a informações novas, que não estejam explicitamente marcadas no texto. Com este descritor, pretende-se verificar se o



leitor é capaz de inferir um significado para uma palavra ou expressão que ele desconhece.

#### **D4 – Inferir uma informação implícita em um texto**

As informações implícitas no texto são aquelas que não estão presentes claramente na base textual, mas podem ser construídas pelo leitor por meio da realização de inferências que as marcas do texto permitem. Além das informações explicitamente enunciadas, há outras que podem ser pressupostas e, conseqüentemente, inferidas pelo leitor.

Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade de o aluno reconhecer uma ideia implícita no texto, seja por meio da identificação de sentimentos que dominam as ações externas dos personagens, em um nível básico, seja com base na identificação do gênero textual e na transposição do que seja real para o imaginário. É importante que o aluno apreenda o texto como um todo, para dele retirar as informações solicitadas.

Essa habilidade é avaliada por meio de um texto, no qual o aluno deve buscar informações que vão além do que está explícito, mas que à medida que ele vá atribuindo sentido ao que está enunciado no texto, ele vá deduzindo o que lhe foi solicitado. Ao realizar esse movimento, são estabelecidas de relações entre o texto e o seu contexto pessoal. Por exemplo, solicita-se que o aluno identifique o sentido da ação dos personagens ou o que determinado fato desperte nos personagens, entre outras coisas.

#### **D6 – Identificar o tema de um texto**

O tema é o eixo sobre o qual o texto se estrutura. A percepção do tema responde a uma questão essencial para a leitura: “O texto trata de quê?” Em muitos textos, o tema não vem explicitamente marcado, mas deve ser percebido pelo leitor quando identifica a função dos recursos utilizados, como o uso de figuras de linguagem, de exemplos, de uma determinada organização argumen-

tativa, entre outros.

A habilidade que pode ser avaliada por meio deste descritor refere-se ao reconhecimento pelo aluno do assunto principal do texto, ou seja, à diferença do que trata o texto. Para que o aluno identifique o tema, é necessário que relacione as diferentes informações para construir o sentido global do texto.

Essa habilidade é avaliada por meio de um texto para o qual é solicitado, de forma direta, que o aluno identifique o tema ou o assunto principal do texto.

### **D11 – Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato**

O leitor deve ser capaz de perceber a diferença entre o que é fato narrado ou discutido e o que é opinião sobre ele. Essa diferença pode ser ou bem marcada no texto ou exigir do leitor que ele perceba essa diferença integrando informações de diversas partes do texto e/ou inferindo-as, o que tornaria a tarefa mais difícil.

Por meio deste descritor pode-se avaliar a habilidade de o aluno identificar, no texto, um fato relatado e diferenciá-lo do comentário que o autor, ou o narrador, ou o personagem fazem sobre esse fato.

Essa habilidade é avaliada por meio de um texto, no qual o aluno é solicitado a distinguir partes do texto que são referentes a um fato e partes que se referem a uma opinião relacionada ao fato apresentado, expressa pelo autor, narrador ou por algum outro personagem. Há itens que solicitam, por exemplo, que o aluno identifique um trecho que expresse um fato ou uma opinião, ou então, dá-se a expressão e pede-se que ele reconheça se é um fato ou uma opinião.

### **D13 – Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados**

Por meio deste descritor pode-se avaliar a habilidade do aluno em identificar, no texto, efeitos de ironia ou humor auxiliados pela pontuação, notação ou ainda expressões diferenciadas que se apresentam como suporte

para esse reconhecimento.

Essa habilidade é avaliada por meio de textos verbais e não-verbais, sendo muito valorizadas neste descritor as tirinhas, que levam o aluno a perceber o sentido irônico ou humorístico do texto, por exemplo, por uma expressão facial da personagem ou por uma expressão verbal inusitada.

## INSPIRAÇÕES

- O Portal do professor apresenta orientações sobre planejamento para o professor, mídias digitais, fóruns de discussões, publicações e inovações nas áreas da docência. Disponível em: <portaldoprofessor.mec.gov.br>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- Portal do professor "Palavra cantada" na alfabetização. Link voltado para a prática da leitura e escrita com ênfase no potencial da música enquanto instrumento pedagógico.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

HOLANDA, A. B. de. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Positivo, 2010.

A oficina foi realizada em 04 de agosto de 2017, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Roraima. Cabe ressaltar que o objetivo da referida oficina era a formação dos 53 (cinquenta e três) professores envolvidos no projeto *Metodologias Coachs de Ensino, compartilhando saberes e construindo possibilidades*. Sendo que as atividades, reflexões, orientações e técnicas de ensino desenvolvidas nesse dia, além da apostila em discussão, foram

instrumentos pedagógicos de subsídio aos professores cursistas para que estes aproveitassem todas as possibilidades para explorar a temática Música Popular Amapaense (MPB) em suas escolas.

Assim, na abertura das atividades da formação tivemos a participação do grupo musical “O Som do Coração”, cantando o hino de Macapá e a música Tarumã, em ritmo de marabaixo. Ressaltando que a música Tarumã é bastante conhecida no cancioneiro popular do estado. Já o grupo, ele é formado por alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Goiás e tem como principal objetivo cantar músicas de marabaixo, além da execução dos hinos Nacional, do Amapá e de Macapá. Com essa forma de introdução do tema procuramos delimitar o estudo que faríamos e incentivar os professores a pensarem em formas criativas de introduzir as atividades que seriam trabalhadas com os alunos das suas escolas.

**Figura 1: Alunos do grupo “O Som do Coração”, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Goiás fazendo apresentação de Música Popular Amapaense na abertura da oficina.**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Após a apresentação dos alunos, iniciamos as atividades com a execução de duas metodologias ativas. Sendo que esse tipo de trabalho a partir da participação direta dos alunos cursistas já era conhecido dos mesmos, devido à participação destes nas oficinas realizadas anteriormente.

A primeira a ser realizada foi a rotina de pensamento: cor – símbolo – imagem. Esta rotina procura tornar visí-

vel o pensamento e expressá-lo com recursos distintos dos da linguagem oral ou escrita. A rotina tem como objetivo possibilitar que os alunos identifiquem o essencial das suas ideias, sendo que estas ideias podem ser despertadas e elaboradas a partir do que se leu, viu ou ouviu, e que essas interpretações devem ser transmitidas através de formas não verbais de comunicação.

**Figura 2: Professores cursistas realizando a rotina de pensamento: cor – símbolo – imagem.**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Ao fazer este esforço cognitivo os alunos utilizam o pensamento metafórico, ou seja, criam formas comparativas de expressar, de muitas formas, uma mesma conclusão a que chegaram. Diante dessas elaborações mentais, acreditamos que a criança construa uma teia de novas possibilidades de aprender e, mais do que isso, que essa aprendizagem seja qualificada, visto que é fruto de análises mais aprofundadas e da organização das ideias para vir a se manifestar com coerência. Dessa forma, a resolução de um problema não tem como maior objetivo a conclusão ou resposta final em si mesmo, mas o esforço mental que se faz na construção e reconstrução de possibilidades.

Outra rotina usada na formação foi a de participação, denominada de técnica do espaço aberto. Essa técnica se mostra oportuna quando queremos aproveitar a criatividade de um grupo, especialmente aqueles bastante heterogêneos, com interesses, ideias e habilidades diferentes. Então, quando se deseja explorar todo o

potencial do grupo, essa rotina se mostra eficaz, visto que há a necessidade de escolher, selecionar, criar, relacionar, ou seja, onde é possível aflorar as contribuições criativas e o melhor de cada um dos envolvidos.

Assim, reunindo-se em torno de uma questão central importante, o grupo fica ciente de quaisquer fatos ou dados a serem analisados ou discutidos. No decorrer do processo criativo as pessoas são livres para escolher as ferramentas disponíveis que melhor se adequem as suas capacidades intelectuais ou criativas e que possam possibilitar uma intervenção mais satisfatória e que responda aos objetivos pretendidos no momento.

Além dessas descritas acima, ainda foram sugeridas como possibilidades de trabalho a rotina de pensamento: iceberg e a rotina de participação: roda de conversa. Ainda nas sugestões de trabalho contidas na apostila de apoio, faz-se destaque ao item denominado de questões a serem trabalhadas, que elenca um conjunto de elementos que podem ser desenvolvidos pelo professor em suas aulas e explorar o potencial da linguagem apresentada nas músicas regionais, sendo eles: subjetividade; imagem, linguagem e escrita; territorialidade e linguagem regional; figuras de linguagem. E, acreditamos que explorando todas essas possibilidades semânticas, e que realmente se fazem presente nas letras e arranjos musicais, além de toda a simbologia que as músicas populares amapaenses apresentam, pode-se contribuir significativamente para o alcance dos objetivos do projeto.

Após o final das atividades da oficina, pedimos aos participantes que avaliassem o momento de formação e o que achavam do tema para as atividades escolares. E, as falas de quem se propôs a avaliar vieram na mesma linha de raciocínio em que foram pensados os objetivos da oficina. Assim, quando indagados se as informações e técnicas pedagógicas obtidas na mesma contribuiriam para a vida profissional, estes foram unânimes em dizer que sim. E, quanto os aspectos mais positivos da oficina, as respostas apresentaram poucas variações, sendo que a maioria convergiu para afirmar a importância de se trabalhar aspectos da cultura, da história, da língua e da

territorialidade do estado através da música. Ficou evidente, também, a percepção que os professores tiveram sobre o potencial da música regional para se trabalhar a leitura e escrita quando associada técnicas criativas e a elementos que fazem parte da vivência das crianças. Referendando uma das falas dos cursistas, citamos o planejamento da EMEF Esforço Popular:

A Música, em suas diferentes formas de expressão, faz parte do cotidiano de nossos alunos e é vista por eles como uma atividade prazerosa, manifestando-se de diferentes maneiras, em ritos, festas e celebrações das mais diversas. Nesse sentido será trabalhado o potencial da música popular amapaense como instrumento pedagógico, levando em conta que este gênero textual possui um papel importante na socialização das pessoas, pois ela cria e reforça laços sociais e vínculos afetivos. Além disso, a música exerce um relevante papel na formação cultural das pessoas, por meio do repasse e troca de ideias, informações e conceitos, servindo para o aprimoramento do aprendizado. (Professores da EMEF Esforço Popular.

Assim, é perceptível a aceitação, por parte desses professores, quanto à força semântica que a Música Popular Amapaense apresenta em suas composições. Nas palavras destes profissionais, a música regional exerce um relevante papel na formação da cultura do povo. Daí, conclui-se que a música pode ser entendida como produto e, também, como produtora de cultura.

Portanto, as falas, observações e iniciativas dos cursistas confirmam o que os teóricos com os quais dialogamos nesse trabalho já afirmaram que a música pode ser transformada em importantíssima ferramenta pedagógica, caso seja ela usada com as metodologias e dinâmicas de ensino corretas e que se vinculem à linguagem das crianças.



## PLANEJAMENTO NAS ESCOLAS

Após a realização da oficina e as orientações metodológicas a serem trabalhadas, além da disponibilização da apostila de apoio acima descrita, os professores foram orientados a fazerem o planejamento pedagógico para trabalharem a temática nas escolas. Assim, cada professor ou grupo de professores das treze escolas contempladas com o projeto, organizaram seus planejamentos com base nas especificidades locais e dos alunos com os quais o trabalho seria realizado.

Tomamos como referência para análise a Escola Municipal de Ensino Fundamental Goiás, que está localizada no distrito do Coração, zona rural de Macapá. Vale registrar que esta escola apresenta uma clientela estudantil composta por crianças, que, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP), se enquadra no indicador de nível socioeconômico médio, sendo que este indicador situa o público atendido pela escola em um estrato ou nível social, apontando o padrão de vida referente ao conjunto da comunidade atendida no que se refere a escolaridade dos pais e a posse de bens da família dos estudantes.

Outro fator detectado pelo INEP, é que a formação dos professores daquele educandário apresenta um índice de 57,8%, o que indica uma formação que se enquadra no meio da pirâmide de qualidade, quando o referencial é a formação docente.

**Figura 3: Planejamento para a realização das atividades referentes ao tema Música Popular Amapaense na Escola Municipal de Ensino Fundamental Goiás.**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

As especificidades do planejamento para a realização das atividades pedagógicas referentes ao tema em debate definido pela escola.

## **ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL GOIÁS**

**Metodologias Coach de Ensino:** Compartilhando Saberes e Construindo Possibilidades

### **CANTANDO MARABAIXO NA ESCOLA**

#### **I – Identificação**

**Equipe de elaboração:** Catiana Almeida Dias, Helton Clay Pedrosa Carvalho, Maria de Nazaré Souza Marques, Agnaldo da Silva Silveira

**Diretor:** Belcivaldo Pimentel Matos

**Público alvo:** 79 alunos do 5º ano.

**Período de realização:** de 06 a 31 de agosto de 2017.

#### **II – Apresentação**

As ações pedagógicas a serem desenvolvidas nas oficinas de música regional pretendem ter como base a potencialização das habilidades de leitura e escrita dos 79 alunos contemplados pelo projeto METODOLOGIAS COACH DE ENSINO: compartilhando saberes e compartilhando possibilidades. Nossas atividades, tendo como mecanismos pedagógicos as metodologias ativas, terão como foco de estudo a Música Popular Amapaense, seus intérpretes, suas características e os elementos singulares que a caracterizam como regional e popular. E, diante da evidência de que o marabaixo tem uma forte capacidade de caracterizar significativos elementos da nossa música regional, além desse gênero musical ser genuinamente amapaense, desenvolveremos as nossas atividades com foco no concurso estadual denominado "CANTANDO MARABAIXO NA ESCOLA". As produções

dos alunos, as conversas, pesquisas, terão como objeto principal o marabaixo e os vínculos que essa musicalidade tem com a história do Amapá, o que ela representa para a comunidade em geral, especialmente para as de origem negra, assim como para a própria comunidade onde a escola está localizada, já que esta tem fortes traços da cultura remanescente de quilombo do estado do Amapá, ambiente em que esse gênero musical foi criado.

Com essa metodologia de aliar elementos significativos da história da comunidade à própria dinâmica de participação em um concurso de nível estadual, onde as crianças se sentem desafiadas, acreditamos proporcionar momentos ímpares para se trabalhar leitura e escrita de uma forma prazerosa e estimulante.

### **III – Justificativa**

A iniciativa de trabalharmos com o tema CANTANDO MARABAIXO NA ESCOLA foi possível diante do convite feito à escola para participar de um concurso estadual que consiste na autoria e interpretação de "ladrões de marabaixo". (Que são os versos e estrofes que formam a "letra" da composição desse gênero musical). Outro fator decisivo foi a constatação de que as crianças da comunidade estão inseridas em um ambiente rico de significados culturais, históricos e sociais em que a música de origem africana tem significados importantíssimos para a comunidade. E, acreditamos, também, que aproximar a criança dos elementos das suas vivências, pode gerar possibilidades significativas no aprendizado.

Outro fator importante, é que os objetivos das oficinas vão ao encontro do que já é praticado em nossa escola, onde estamos diariamente tentando propor uma maior integração entre as áreas do conhecimento e os sujeitos envolvidos, buscando trabalhar com a interdisciplinaridade por meio de projetos pedagógicos.

É oportuno informar que a escola já tem o projeto Minha Identidade na Diversidade, onde são trabalhados elementos da cultura local, combate aos preconceitos

raciais, autoafirmação e valorização das diferenças, o que reforça as noções de pertencimento ao lugar e a sua historicidade. Dentro do referido projeto temos um grupo de marabaixo denominado "Som do Coração" que tem como foco as cantigas de marabaixo e a entoação dos Hinos Nacional, do Amapá e de Macapá em ritmo de marabaixo e, agora, com a execução do projeto, elas terão oportunidade de criar suas próprias músicas para apresentá-las no concurso, reforçando, assim, a aprendizagem de leitura e escrita.

## **IV – Objetivos**

### **Geral**

Proporcionar momentos significativos em que a Música Popular Amapaense seja um instrumento potencializador das habilidades de leitura e escrita, tendo como ferramentas as metodologias ativas.

### **Objetivos Específicos**

- Construir as definições de música.
- Perceber as características, elementos e significados da Música Popular Amapaense.
- Conhecer os principais autores e composições musicais dos artistas populares amapaenses.
- Investigar a historicidade em que foram construídas a música, canção e dança que conhecemos como marabaixo.
- Fazer com que o aluno se perceba parte de uma construção social e histórica.

## **IV - Público**

- 79 discentes do 5º Ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Goiás

## **V – Recursos**

- Materiais: coleção de livros, caderno brochura caderno brochura, papel A4, papel 40 kg, papel colorset, papel cartão, pincel de pelo, giz de cera, lápis de cor, barbante, tesouro, estilete, cola branca, cola

de isopor, fita adesiva, fita dupla face, fita adesiva colorida, pistola de silicone, bastão de silicone, estojo de pincel hidrocor, cola glitter, grampeador, clipes.

- Tecnológicos: lousa digital, pen drive, caixa de som, computador, notebook, impressora.

## **VI – Metodologias**

- Apresentação de diversos gêneros musicais e suas características.
- Conceituação de música regional.
- Manipulação e leitura de letras de músicas populares amapaenses.
- Audição de músicas populares amapaenses.
- Produção escrita, desenho, diálogos sobre músicas amapaenses.
- Composição de ladrões de marabaixo.

## **VII - Avaliação**

Avaliaremos o projeto a partir da realização de todas as etapas das atividades. Essas observações focarão a qualidade do envolvimento das crianças; motivação com que se realizam as tarefas propostas; o nível e qualidade das produções; significados semânticos e estéticos das produções; criticidade e autoavaliação; protagonismo e produção autônoma; compartilhamento de ideias e resultados; construção coletiva baseada na cooperação mútua.

Portanto, tentaremos identificar os pontos positivos e negativos que a temática em estudo e as metodologias ativas provocaram. Essa avaliação pontual se faz necessário para fortalecer ações realizadas ou para reelaborá-las.

## **ANÁLISE DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS REALIZADAS NAS ESCOLAS**

Nas atividades realizadas na escola Goiás, percebe-se que o objetivo geral pretendido pela equipe caminha no mesmo entendimento defendido por teóricos já mencionados neste trabalho, sendo que a música deve ser um instrumento para “Proporcionar momentos significativos em que a Música Popular Amapaense seja um

instrumento potencializador das habilidades de leitura e escrita, tendo como ferramentas as metodologias ativas". (Objetivo Geral - Planejamento da escola Goiás).

Dentre os objetivos específicos observamos a preocupação da escola em explorar o potencial da música amapaense e de vinculá-la à cultura da comunidade. E, segundo a própria justificativa da equipe escolar, optou-se por trabalhar com mais ênfase a criação de "ladrões de marabaixo", por esse tipo de gênero musical já ter interlocutores e intérpretes no grupo de discentes envolvidos.

Assim, esse fator se mostrou significativo uma vez que a comunidade do Coração, onde a escola está localizada, contém elementos da história, tradição e cultura amapaenses e que fazem parte da construção social que se forjou a partir dos remanescentes de quilombo, sendo o marabaixo uma das suas principais expressões culturais. Portanto, a escola cumpriu fielmente as metas que se pretendia no projeto maior aqui discutido, sendo que essa forma de trabalho aproximou a música e cultura local tornando-as instrumentos pedagógicos relevantes ao se relacionarem, em nível extremamente próximo, à vida das crianças.

**Figura 4: Produção das crianças da Escola Municipal de Ensino Fundamental Goiás que retrata cenas da cultura local.**



Fonte: Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Outro fator importante foi a iniciativa da escola de usar o tema a ser trabalhado inserido num contexto maior de abrangência, no caso a participação das crianças em um concurso de nível estadual, e tendo como produto a ser apresentado, as produções que fizeram na escola.

Segundo relatos, a produção e escolha das composições dos chamados "ladrões de marabaixo" aconteceu numa dinâmica de concurso. Assim, terminada a fase teórica dos estudos sobre o tema, as crianças partiram para a parte prática, realizando as suas próprias criações, das quais destacamos alguns exemplos:

*Vida no Distrito do Coração*

*Aqui no coração  
Tenho muitos irmãos  
Aqui eu nasci  
Aqui eu cresci.*

*Minha avó conta  
Que era apenas um caminho  
Não tinha ruas e nem muitas casas  
O que tinha mais era espinho.*

*A cultura amapaense  
Mantém o legado  
De nossos antepassados  
O marabaixo é uma dança  
Que encanta e balança.*

*E o povo do coração  
Se enche de emoção  
E ainda tem a comida  
Que enche nossa barriga  
Açaí com camarão  
Tirados do rio matapi.*

*(Composição do aluno Gabriel Guedes Ferreira, 5º ano da EMEF  
Goiás)*

Observa-se que o aluno que fez a composição acima tem conhecimento dos elementos peculiares do vocabulário local. Assim como procura agregar valor à sua produção ao buscar conhecimentos históricos do lugar



quando recorre à sua avó para saber como era a comunidade do coração no passado. Demonstra, também, entender que o marabaixo faz parte do legado histórico do povo do Amapá, além de saber em quais circunstâncias esse ritmo musical foi criado.

**Figura 5: Grupo de música “O Som do Coração”, e professores que participaram das atividades da EMEF Goiás**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Na composição seguinte, as duas crianças que a criaram apresentam basicamente os mesmos conhecimentos que a anterior, contudo, estas ainda vinculam elementos da natureza à sua criação quando falam dos pássaros, campos e das riquezas naturais. Elas também compreendem as mudanças pelas quais vem passando a comunidade, por isso dizem “No coração quase não morava ninguém. Pouca gente, mas todos viviam bem”. Mas, a compreensão das características em que se forjou a dança do marabaixo, que também foi uma forma de resistência dos escravos negros que aqui viveram, parece ser a parte mais significativa da composição. Vincular os passos curtos e ritmados do marabaixo com as correntes que os aprisionavam e “que os mantinha com os pés no chão” demonstra conhecimento de história e da cultura local que se forjou nas peculiaridades da escravização negra que existiu neste Estado. Mas outros detalhes importantes também são suscitados. Vejamos:

*Nessas terras tem muito o que falar  
Ouçam os pássaros a cantar  
Na vila do Coração  
Tem muita animação.*

*Nessas terras tem muito o que contar  
Vejo crianças no campo a brincar e falar  
No coração não é lugar de tristeza  
Levanto bem cedo para ver as riquezas.*

*No coração quase não morava ninguém  
Pouca gente, mas todos viviam bem  
Temos que salvar a nossa cultura  
O marabaixo, arte e pintura.*

*O marabaixo é uma dança muito antiga  
Pois os escravos não podiam dançar direito  
Nos seus pés tinham corrente e grilhão  
Que os mantinha com os pés no chão.*

*(Composição dos alunos Jefferson Lacerda Gonçalves e  
Gabriela Tavares da Silva, 5º ano da EMEF Goiás)*

A produção da aluna Thayssa Wanny foi a composição campeã do concurso Cantando Marabaixo na Escola, evento de nível estadual e que foi realizado na escola Estadual Jesus de Nazaré, nesta cidade de Macapá, em 21 de outubro de 2017, com a participação de oito escolas que se localizam em áreas remanescentes de quilombos ou de tradição quilombola. Logo após faremos alguns comentários.

**Figura 6: Troféus recebidos pela aluna Thayssa Wanny Lemos Barros e EMEF Goiás, campeãs do concurso Cantando Marabaixo na Escola.**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

*Marabaixo é dança boa  
Expressão do Amapá  
Entoado pelos negros  
É cultura do lugar*

*Marabaixo é amor  
Marabaixo é tradição  
Venha conhecer a história  
Da vila do Coração*

*Por aqui passa a estrada de ferro  
Que não vi construir  
Mas agora que cresci  
Não vejo trem passar ali*

*Ê é essa é minha vila  
Ê é vila de tradição  
Meu santo é São Francisco  
Me carrega de bênção*

*O rio que banha aqui  
É perto do rio Amazonas  
E trás sua força é vida  
Se chama rio Matapi*

*Despedimo-nos agora  
Com esperança de voltar  
Bater nossos tambores  
Na festa deste lugar.*

*(Composição da aluna Thayssa Wanny Lemos Barros, vencedora  
do concurso Cantando Marabaixo na Escola)*

Essa composição apresenta questões que demonstram um conhecimento bem vasto desta aluna. Apesar de existirem traços semelhantes nas criações das crianças que já foram citadas, esta parece ir um pouco além. Ela vincula à sua criação noções de pertencimento ao falar que o marabaixo é tradição do lugar e convida os ouvintes a conhecerem; parece entender os elementos que o permitiram se constituir como expressão cultural do Estado; relaciona os elementos da natureza e a importância destes para a vida; liga o marabaixo com os aspectos culturais e religiosos da vila do Coração ao citar o santo padroeiro e as festividades; analisa as questões da

história e as mudanças pelas quais a comunidade passa ao dizer que tinha uma estrada de ferro que atualmente encontra-se desativada. Esses fatores nos permitem imaginar que a aluna, por meio das fontes orais, conhece a importância que a estrada de ferro do Amapá já teve para esse estado e hoje não tem mais. Além das suas palavras demonstrarem o respeito pela tradição cultural que vem fazendo parte da comunidade do Coração há várias gerações.

Outro espaço escolar que mereceu destaque nas atividades realizadas dentro da temática Música Popular Amapaense foi o da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ana Maria da Silva Ramos. Vale ressaltar que esta escola se localiza na zona urbana da cidade de Macapá, capital do Amapá, apresentando características diferentes da escola Goiás, anteriormente apresentada.

Dadas as características dos educandos, esta escola em análise optou por trabalhar os compositores e as canções amapaenses mais conhecidas dos diversos segmentos sociais, ou seja, aquelas que apresentam maior difusão na sociedade local. Dando ênfase para aquelas músicas que permitissem exploração das possibilidades linguísticas já mencionadas anteriormente.

Não faremos uma exposição minuciosa de como ocorreu o planejamento para a execução das atividades na escola, contudo, destacaremos algumas anotações do caderno de planejamento de uma professora, onde se encontram os objetivos principais que nortearam o trabalho pedagógico. Vejamos:

Figura 7: Ficha de acompanhamento de atividades e avaliação.

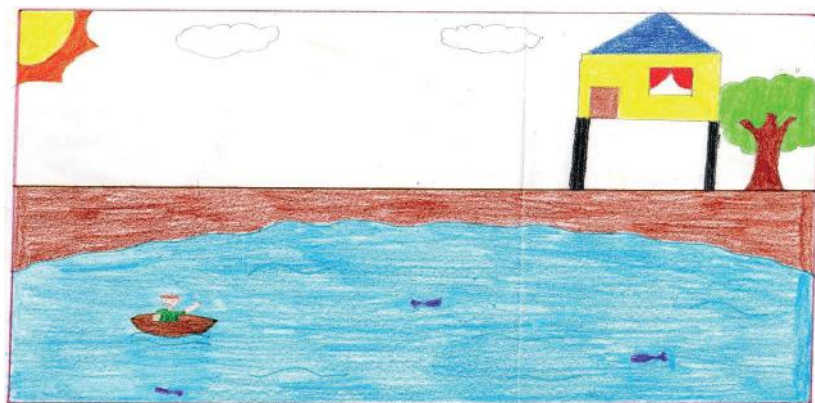
FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE ATIVIDADES- POR TEMA / MÓDULO	
Atividades desenvolvidas: <u>Oficinas de Música Regional</u>	
Tema: <u>Música</u> Período de realização: <u>08 de Agosto a 06 de Setembro</u>	
METAS E PLANO DE ATIVIDADES	
Que os estudantes possam aprender:	E que desenvolvam atitudes no sentido de:
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conceito de músicas</li> <li>- Compositores amapaenses.</li> <li>- Trabalhar letras de músicas</li> <li>- Música Tarumã</li> <li>- Ilustrações de músicas amapaenses.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Se apropriar de músicas amapaenses</li> <li>- Conhecer compositores</li> <li>- Saber se expressar</li> <li>- Hábito pela leitura e escrita e produções.</li> <li>- Expressar sentimentos através da música</li> </ul>
AVALIAÇÃO GERAL DAS ATIVIDADES REALIZADAS	
<p>Os alunos participaram das aulas emotivos, pois despertaram a vontade de se expressar através da música, produziram letras expressivas, contribuindo para um aprendizado eficaz.</p>	
PRÓXIMOS PASSOS	

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Observa-se nos escritos feitos pela professora e que constam na “avaliação geral das atividades realizadas” que o produto final e objetivos pretendidos foram alcançados pelas crianças. E, quando a professora indica que os educandos demonstraram emoção durante a realização das atividades, pode-se acreditar que as músicas usadas provocaram reflexões que antes não tinham sido possíveis, seja por não conhecer as canções ou por ainda não as ter ouvido dentro de uma dinâmica de criticidade e de vínculo com outros fatores ligados aos seus sentimentos.

Quando a atividade solicitada foi a de ilustrar ou desenhar o que se apreendeu de uma música após ouvi-la, fazendo as relações com a realidade das crianças, o exemplo seguinte merece destaque.

**Figura 8: Produção da aluna Sarah Luisy da Silva Botelho, da EMEF Ana Maria da Silva Ramos**

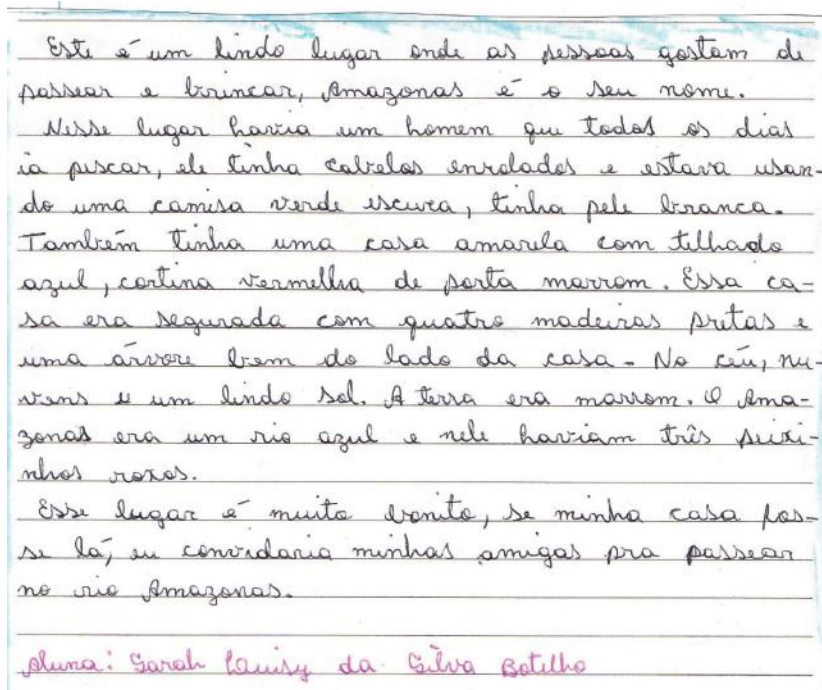


Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Observa-se que a imagem evidencia cenas do cotidiano do homem amazônico em seu contato diário com os rios; o peixe que proporciona sustento e renda para si e sua família; as casas em seu estilo palafita que é uma realidade dos ribeirinhos e até mesmo de grande parte da população das áreas urbana do estado do Amapá. Assim, ficam perceptíveis os elementos da natureza que

povoam o imaginário aqui demonstrado. Essas características de territorialidade ficam mais evidentes no texto que a criança fez para descrever a composição imagística que criou. Para ela:

**Figura 9: Diário de bordo de estudante**



Este é um lindo lugar onde as pessoas gostam de  
passar e brincar, Amazonas é o seu nome.  
Nesse lugar havia um homem que todos os dias  
ia pescar, ele tinha cabelos enrolados e estava usan-  
do uma camisa verde escura, tinha pele branca.  
Também tinha uma casa amarela com telhado  
azul, cortina vermelha de porta marrom. Essa ca-  
sa era decorada com quatro madeiras pretas e  
uma árvore bem do lado da casa. No céu, nu-  
vens e um lindo sol. A terra era marrom. O Ama-  
zonas era um rio azul e nele haviam três peixe-  
rinhos roxos.  
Esse lugar é muito bonito, se minha casa fos-  
se lá, eu convidaria minhas amigas pra passar  
no rio Amazonas.  
pluma: Sarah laury da Silva Botelho

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Aqui notamos a ênfase dada em alguns elementos textuais, sobretudo os substantivos e adjetivos usados, que possibilitam compreender como a criança percebe a vida na Amazônia, ou seja, no seu lugar de vivências, assim como os sujeitos que povoam esses lugares, nesse caso o ribeirinho, tão bem caracterizado pela autora. Mesmo que ela diga “se minha casa fosse lá”, fazendo uma referência à vida no interior, distante de si, são notórias as influências que o rio Amazonas, que corre ao lado da cidade de Macapá, e é tão cantado pelos nossos poetas, provoca nas vidas do povo desse Estado e nas formas de ver e entender a realidade desse “mundo” a



sua volta, o que reflete no entendimento expressado nas palavras da aluna.

Quando ela diz que essa casa era “segurada por quatro madeiras pretas”, fica evidente que a criança conhece as características das casas em estilo palafita e que, como já mencionado, é uma realidade do nosso Estado e de grande parte da Amazônia, sobretudo, das áreas de interior e dos bairros das cidades mais pobres.

Essa realidade que se apresentou na produção da criança, é a mesma realidade que a música amapaense procura mostrar. Os artistas apresentam em suas composições a riqueza natural que o Estado detém, suas florestas e rios repletos de vida e belezas, a calma e tranquilidade da vida às margens dos rios. Contudo, em seus versos, encontram-se denúncias diante da ausência e precariedade dos mais elementares serviços e condições de cidadania em que vive boa parte da população local e, também, das formas de exploração predatórias pelas quais vem passando os recursos naturais da Amazônia.

Assim, analisando as produções das crianças, é possível concordar que os objetivos traçados pela equipe da escola foram atingidos. E, analisados de uma forma mais ampla, é possível dizer, também, que a proposta de trabalhar a Música Popular Amapaense como forma de potencializar as habilidades de leitura e escrita foram atingidos nas duas escolas onde se concentraram as análises, o que nos faz acreditar que nas demais escolas ocorreram processos semelhantes.



Figura 10: Diário de bordo de estudante

Resumo do seu caminho de aprendizagem (o que sei agora que não sabia antes? O que faço agora melhor do que antes? O que mudou na forma de me relacionar com as pessoas?)

Durante as aulas no mês de agosto, eu não sabia muito algumas músicas regionais, agora eu sei mais ou menos. Também a gente fez instrumentos, um chocalho que foi feito com garrafinhas de refrigerante e arroz. Também a gente fez tambor que foi feito com latas, outros com cano, balão e um pedaço de pau para bater no tambor. Antes eu não sabia os nomes dos cantores das músicas amapaenses, agora eu sei alguns. E com esse trabalho eu conheci mais pessoas que eu não conhecia. Eu gostei muito das músicas regionais, de fato que elas foram feitas, as letras e etc.

Meus próximos desafios a partir do que aprendi:

Quero aprender a resolver algumas contas que eu tenho dificuldade.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Portanto, com as discussões, produções e análises suscitadas durante o trabalho nas escolas, tendo a Música Popular Amapaense como instrumento pedagógico e que se mostrou eficaz no ensino da leitura e escrita, assim como possibilitou, também, o desenvolvimento de análises mais aprofundadas do contexto social e de vivência de aprendizagens significativas para as crianças que fizeram parte desses momentos de estudos, acreditamos estar possibilitando que outras escolas e profissionais da

educação possam se apropriar das reflexões aqui oportunizadas para usarem nas suas práticas pedagógicas. Não temos a pretensão de deixar um manual a ser seguido, mas instigar colegas professores a usarem a música como instrumento pedagógico e que esta possa contribuir significativamente com a aprendizagem autônoma, referenciada na realidade e, portanto, significativa para o educando.

## REFERÊNCIAS

BOLZAN, D. P. V. (Org). **Leitura e escrita: ensaios sobre alfabetização**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007.

BRASIL. Indicadores contextuais. **Avaliação Nacional da Alfabetização**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Publicações: Prova Brasil**. Disponível em: <<http://provabrasil.inep.gov.br>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Sistema de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2014.

GOMES, J.; MILHOMEM, V. Jeito Tucuju. **Dança das Senzalas**. Macapá, AP: Centro de Cultura Negra do Amapá, 1998.

SOARES, M. A.; RUBIO, J. A. S. A Utilização da Música no Processo de Alfabetização. **Rev. Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, SP, v. 3, n. 1, p. 1 – 14, 2012. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Maura.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

MIGUEL, Z. Meu Endereço. **Quatro Ponto Zero**. Macapá: Estúdio Albatroz, 2004.

WEIGEL, A. M. G. **Brincando de Música**. Porto Alegre: Kuarp, 1988.





# **As artes visuais como articulação de sentidos para um contexto significativo de aprendizagem**

Simone Almeida

# 8

# **AS ARTES VISUAIS COMO ARTICULAÇÃO DE SENTIDOS PARA UM CONTEXTO SIGNIFICATIVO DE APRENDIZAGEM**

Há um instante mágico na vida em que, nem mesmo sabendo porque, ficamos envolvido num jogo. Num jogo de aprender e ensinar. Fazemos parcerias. Não só com os outros, mas também parcerias internas nos propondo desafios. Porém, só ficamos nesse estado de total cumplicidade com o saber se este tem sentido para nós. Caso contrário, somos apenas espectadores do saber do outro. Em que o ensino da Arte faz sentido para você? (MARTINS et al. 2009, p.117).

As múltiplas linguagens que permeiam o espaço natural são frutos dos objetos culturalmente produzidos pela humanidade e desencadearam o processo histórico-cultural refletido nos conhecimentos das civilizações, desde os seus primórdios. O contato com elementos existentes na história provocam diversas sensações que estimulam nossos sentidos e ao mesmo tempo nos despertam emoções das mais variadas formas. Diante da frequência de acontecimentos e situações que circundam a vida da sociedade estamos o tempo todo em movimento tendo que aprender a conviver com as interferências múltiplas de comportamentos e conceitos sociais que gradativamente mexem com os nossos pensamentos e com as nossas emoções. Isso porque mesmo antes de nossa existência já havia uma história em nosso contexto social para justificar toda produção cultural da qual fazemos parte. É por isso que estamos a todo o tempo em processo de aprendizagem.

No universo infantil, enquanto sujeitos apreciadores da dança, da música, do teatro, da pintura, das brincadeiras, dos jogos, da literatura, da poesia, das narrativas, das cantigas de roda e de muitas outras linguagens, as crianças agem e reagem diante desse mundo comunicativo e de seus elementos. Entretanto, não podemos negar-lhes o acesso a essas vivências, pois, inevitavelmente, configuram estímulos importantes para o desenvolvimen-

to cognitivo visto que em diferentes situações de seu convívio social, as crianças comunicam-se através de desenhos, gestos, atitudes, sentimentos agradáveis ou não e ainda, de maneira muito particular, são capazes de expressar suas emoções, criatividade e comportamentos.

Ao se iniciar a escolarização, o fazer educativo deve contribuir para o desenvolvimento, emocional, intelectual, social, criativo, afetivo e solidário dos estudantes, de modo que a partir desta experiência formadora a aprendizagem resulte na formação de um sujeito integral, sendo capaz de superar os desafios e desenvolver-se cognitivamente.

O ponto de partida para introduzir os conceitos sobre o que a arte representa para a sociedade, nos leva a destacar, primeiramente o trabalho voltado para conscientização e o reconhecimento das situações complexas sobre a diversidade. Vivemos em um mundo cercado de coisas para as quais buscamos sentidos e significados e gradativamente vamos nos adaptando a esse contexto e na figura de expectadores passamos a admirar, julgar, discordar, criticar, apreciar as manifestações das atividades culturais. Mas é justamente nesse contexto que a escola está inserida e consequentemente se firma como um espaço para a construção e sistematização do conhecimento que acontece na troca de informações, no convívio entre as pessoas e com as coisas historicamente criadas e recriadas a partir da necessidade do homem.

Neste sentido, apontamos os anos iniciais como a fase escolar de uma etapa especial na formação da criança, pois, nesta fase ela passa a ter maior consciência da sua relação social e neste entendimento sua aprendizagem cognitiva precisa ser alimentada com informações que lhe permitam imaginar, questionar, observar e refletir que as coisas produzidas ao seu redor estão carregadas de histórias, sentimentos, emoções, dúvidas.

Com o intuito de buscar mecanismos norteadores que ampliem o campo cognitivo da criança em fase de alfabetização, colocamos no centro dessas discussões a importância que a arte representa enquanto aprendizagem significativa para o desenvolvimento integral do



indivíduo, pois, compreendemos que este campo de conhecimento possibilita o rompimento de alguns paradigmas que aprisionam a subjetividade do aprendiz e dificultam sua compreensão sobre o universo cultural que tanto explica a sua história. Dessa forma, torna-se relevante o lapidar das sensibilidades visando a qualidade das condições de vida em sociedade e, sobretudo, por entendermos a arte um campo de estudos que se reporta para a formação crítico-reflexiva dos estudantes através de suas múltiplas linguagens.

Somos rodeados por ruidosas linguagens verbais e não verbais – sistemas de signos – que servem de meio de expressão e comunicação entre nós, humanos, e podem ser percebidas por diversos órgãos dos sentidos, o que nos permite identificar, por exemplo, uma linguagem oral( fala), uma linguagem gráfica ( a escrita, um gráfico), uma linguagem tátil( o sistema de escrita braile, um beijo), uma linguagem auditiva(o apito do guarda ou do juiz de futebol), uma linguagem olfativa( um aroma como o do perfume de alguém querido), uma linguagem gustativa( o gosto apimentado do acarajé baiano ou o gosto doce do creme de cupuaçu)ou as linguagens artísticas. (MARTINS et al , 1998, p.37).

Ao buscarmos as características de cada linguagem, notamos que suas peculiaridades se manifestam pelo caráter simbólico comunicativo presente nos elementos que as identificam. Diferentes da linguagem verbal que expressa a comunicação por meio de palavras, seja pela oralidade ou através do registro escrito. As linguagens artísticas, por exemplo, buscam expressões comunicativas de modo mais subjetivo e encontram-se organizadas em grupos ou modalidades de linguagem: artes visuais, música, teatro, dança, arte audiovisual, dentre outras. Trouxemos para o estudo deste trabalho situações favoráveis de aprendizagem a partir das vivências emotivas e cognitivas aliadas ao ensino das artes visuais.

Entendemos as artes visuais como o conjunto de expressões artísticas em que a fruição acontece por meio do sentido da visão. Nosso espaço de convivência está

mergulhado no conceito visualizar, assim, as coisas, os objetos e os cenários que se apresentam diante de nossos olhos como, por exemplo, o desenho, a pintura, a fotografia, escultura, a arte urbana, a gravura, dentre outros ingredientes, complementam a denominação atribuídas a estes de elementos visuais. Estes recursos podem ser utilizados em diversos suportes metodológicos já que se destinam às experiências visuais de caráter comunicativo com proposições de utilidades nos domínios expressamente artísticos, mas que também são destinadas aos receptores desses informes visuais.

A primeira experiência por que passa uma criança em seu processo de aprendizagem ocorre através da consciência tátil. Além desse conhecimento "manual", o reconhecimento inclui o olfato, a audição e o paladar, num intenso e fecundo contato com o meio ambiente. Esses sentidos são rapidamente intensificados e superados pelo plano icônico- a capacidade de ver, reconhecer e compreender em termos visuais, as forças ambientais e emocionais. Praticamente desde nossa primeira experiência no mundo, passamos a organizar nossas necessidades e nossos prazeres, nossas preferências e nossos temores com base naquilo que vemos. Ou naquilo que queremos ver. (DONDIS, 1997, p. 5-6).

A experiência visual da criança ocorre naturalmente devido sua inserção no espaço social, o qual sabemos está rodeado de imagens e objetos que apresentam cor e forma, a espera de serem interpretados e reinterpretados pelos sujeitos e ao transitarem neste espaço entendemos que as crianças, estarão na condição de sujeitos passivos perante a ampla visualização que se imprime diante de seus olhos e neste momento, sua aprendizagem entrecruza interesse por elementos comunicativos, uma vez que, estes demandam a ação de interpretar, e ao interpretar as crianças, são provocadas a trabalhar sua capacidade de meditação e memorização, "ver é uma experiência direta" e diante de tais desafios, são provocadas a apontarem sentidos e significados em diferentes contextos de aprendizagem.



Não menos importante que as outras formas de linguagem, as artes visuais compreendem ferramentas de aprendizagens alimentadoras, elas são indispensáveis ao estímulo da criatividade, da reflexão e do conhecimento. Além disso, cumprem função importante como instrumento de leitura, pois, sabemos que independente de suas peculiaridades sociais, emocionais e cognitivas as crianças observam, preveem, interpretam e atribuem sentido as coisas que circulam ao seu redor, cabendo um pouco ao professor descobrir quais estratégias ou técnicas podem amparar a necessidade dessa linguagem ou expressão para um dado momento de sua aula.

Portanto, trabalhando com essas operações intelectuais, é como se estivéssemos apresentando às crianças um pouco de como funciona o mundo observado por elas. Em diferentes situações de leitura, teremos diferentes comportamentos de leitores. Isso porque tanto a individualidade das imagens quanto as dos sujeitos leitores provocam reações distintas e neste sentido, a leitura de um objeto ou imagem torna possível sua reescrita em diferentes contextos favorecendo estímulos à imaginação, discriminação, criatividade e sensibilidade dos alunos.

A capacidade de ler, escrever e interpretar configura linguagens próprias de um processo evolutivo do homem e na aprendizagem da criança quanto mais puderem ser trabalhadas por meio de construções simbólicas, tornam os atos de sua alfabetização menos complexos. No contexto da sala de aula todos os objetos ilustrativos podem ser tomados para o trabalho com a leitura e releitura num processo que podemos entender de alfabetização visual e isso ajuda a instrumentalizar as práticas em artes visuais, gerando aulas interessantes que podem partir de sugestões que envolvam: a apreciação das imagens compostas nos desenhos dos alunos, observação da capa de um livro, da cena de uma história muda, das imagens em mídias, da composição de cenas observadas da janela da sala de aula, da lembrança de um lugar, dentre outras situações.

Os educadores devem corresponder às expectativas de todos aqueles que precisam aumentar sua competência em termos de alfabetismo visual. Eles próprios precisam compreender que a expressão visual não é nem um passatempo, nem uma forma esotérica e mística de magia. Haveria então, uma excelente oportunidade de introduzir um programa de estudos que considerasse instruídas as pessoas que não apenas dominassem a linguagem verbal, mas também a linguagem visual. (DONDIS, 1997, p.230).

Consideramos aqui, as artes visuais disparadores para a prática educativa onde os sujeitos – professores e alunos- interagem dentro de um espaço de situações favoráveis à alfabetização visual, bem como, às práticas construtivas da aprendizagem que necessitam acontecer por intermediações que evidenciem o território social dos estudantes, essas ações são necessárias para inserção dos alunos no contexto contemporâneo do mundo visual . Entretanto, o interesse pelas aulas, no caso da disciplina de artes, não necessariamente deve partir do interesse do aluno, pois sabemos a pouca valorização dada a este componente, mas, é necessário que se busque motivar os estudantes, aproveitando as vantagens do trabalho de sensibilização que a prática oferece para conscientizá-los de que fazem parte de um contexto que precisa ser conhecido, explorado, cuidado e valorizado e isso justifica um trabalho que exponha os alunos ao contato com o seu universo cultural.

A inserção das aulas de arte em situações de aprendizagem deve ser encarada como um desafio, não como um tempo que prejudica a carga horária de outros componentes ou como uma prática trabalhosa e que gera bagunça ou se alimentar na concepção de que não é viável porque demanda recursos materiais. Estamos tratando da qualidade do ensino e para isso é preciso que haja uma grande disposição para que esta qualidade se sobressaia à quantidade. A seleção dos conteúdos, os procedimentos metodológicos e as propostas devem se entrecruzar de modo a garantir oportunidade a todos.

O trabalho com arte não deve limitar-se às ações

de desenho que chegam prontos nas mãos dos alunos com propostas de pintura, mas inverter essa ordem pode favorecer o desenvolvimento da criatividade, por meio de experiências visuais, que no caso da falta de materiais, uma roda de conversa para fazer uma leitura visual utilizando os objetos que estiverem ao alcance, explorar um conteúdo a partir de uma imagem muda, uma dinâmica, etc. São experiências educacionais que podem se articular a todo e qualquer componente curricular.

Na aula, as artes visuais em articulação com outras disciplinas e linguagens tornam possíveis vivências emotivas, aproximação entre pessoas, acesso a diferentes tipos de conhecimentos, pois, exercitam no aluno o fazer artístico com experiências em suas localidades e culturas e proporcionam, ainda que a distância o acesso às culturas distintas que pode se dá a partir dos conteúdos onde os alunos perceberão as semelhanças e os elementos que se distinguem acerca dos processos artísticos, promovendo assim, um trabalho de reflexão onde os estudantes no exercício prático de aprender mais de si e sobre o outro, percebam que sua história compreende um contexto sociocultural.

Na perspectiva de compartilhar experiências com o uso de metodologias ativas no contexto educacional amazônico, abordaremos neste diálogo o trabalho desenvolvido no PMCE, o qual mobilizou atividades contempladas a partir das contribuições dos professores que puderam somar conosco suas experiências profissionais bem como, vivenciar as experiências que recebemos a partir da especialização na qual estivemos contemplados. As vivências com atividades práticas a partir de propostas inovadoras foram um dos eixos norteadores para o trabalho pedagógico desenvolvido no módulo de formação com a temática em as artes visuais. A satisfação ao compartilhar com nossos colegas tais experiências, trouxe a este grupo de trabalho a responsabilidade com a devolutiva dos conhecimentos que adquirimos enquanto estivemos em formação e preparar um momento dinâmico com aqueles aguerridos profissionais e colegas de trabalho.

Os subsídios metodológicos aplicados na oficina de artes visuais puderam servir de eixos norteadores ao trabalho desenvolvido e, que posteriormente buscou a participação direta dos estudantes atendidos pelos docentes que passaram pela formação. As atividades diferenciadas e ao mesmo tempo desafiadoras permitiriam aos alunos maior envolvimento e atitudes para interagir uns com os outros enquanto protagonistas do processo de aprendizagem. Assim, estes compreenderam, explicaram, produziram e compartilharam suas experiências com a comunidade escolar.

Para melhor compreensão das questões relatadas no decorrer deste capítulo, consideramos importante fazer uma exposição do material distribuído aos cursistas. Trata-se de uma apostila que discrimina todas as ações executadas no projeto, contendo sugestões de possibilidades para o ensino de artes visuais, dispõe de links com orientações e propostas de atividades a partir do ensino de arte dentro de outros componentes curriculares, assim como apresenta descrição passo a passo das rotinas desenvolvidas na oficina e que serviram de apoio ao professor na aplicação das atividades que foram realizadas nas escolas. Os registros e relatos dessas vivências podem ser acompanhados após a apostila que segue:

## OFICINA: ARTES VISUAIS

**Duração:** 4h

**Conteúdo:** Arte

**Autores do material de apoio e ministrantes da oficina:**

Ana Cláudia, Simone Almeida, Lana Melissa, Edson Amaral e Ivone Castro

### **Metodologia/Prática**

- Discussão: silenciosa
- Atividade: ditado de desenho/ produção textual
- Rotina: eu vejo, eu penso, eu imagino...

- Dinâmica: O monumento mais alto
- Rotina: antes eu pensava.../ agora eu penso...
- Dinâmica: caixinha de surpresa

## Referencial teórico

Metodologias ativas, rotinas de pensamento, professor coach;

## ROTEIRO

**8h 1º Momento** - Discussão silenciosa (momento de espera: os professores ficarão livres, ao chegarem para responder aos questionamentos fixados nos cartazes espalhados pela sala).

**8h 40m 2º Momento** - Apresentação do grupo e das rotinas a serem trabalhadas na oficina.

**Dinâmica:** O monumento mais alto.

**9h 05m 3º Momento** - Retomada da rotina discussão silenciosa/ leitura do conto: Flor vermelha do caule verde e Leitura reflexiva "Era uma vez um menino".

**9h 30 4º Momento** - Atividade: ditado de desenho.

**10h** - Intervalo e lanche.

**10h 20 5º Momento** - Retorno para socialização das Atividades do ditado de desenho realizada através da Rotina: eu vejo, eu penso, eu imagino...

**10h 40 6º Momento Rotina** - antes eu pensava.../ agora eu penso...

**11h 20 5º Momento** - Informes gerais.

**12h** - Encerramento.

# MÉTODOS UTILIZADOS

Sabemos que o contato com a arte existe desde os primórdios da vida humana e sua abordagem no contexto escolar é fundamental para aprendizado e compreensão do aluno quanto à forma deste se relacionar com as situações do mundo. No entanto, o ensino de arte compreende perspectivas e caminhos diversificados e por se apresentarem como um universo de subjetividade, através dos diferentes elementos comunicativos que caracterizam-se como linguagens artísticas e por meio delas é que se aprende a construir sentidos pois, no trabalho que envolve diferentes linguagens, "a linguagem visual também pode ser revelada à criança através de um sensível olhar pensante"( MARTINS, et al. 2009, p.126) e neste caso, mesmo antes de sua escolarização, a criança está inserida no contexto da arte através do contato que estabelece com tudo a sua volta, ela manifesta seus agrados e desagradados e num processo de criação e manipulação de objetos com formatos e cores variadas, faz seus primeiros rabiscos nas paredes da casa, no caderno, na areia, desenha, pinta, dança ao mesmo tempo que canta, realiza leitura de imagens, compõe narrativas orais, tudo por meio de experiências simbólicas existentes nas diferentes linguagens expostas a ela e para este contexto de trabalho é que se escolheu as artes visuais, enquanto linguagem artística potencializadora de aprendizagem significativa.

A criança não é uma produtora de signos, de forma consciente. Mas, como está no mundo da cultura, em um mundo essencialmente simbólico, já é leitora de índices e imitadora de símbolos. É assim que aprende a dar "até logo". A assoprar a velinha de mentira, bater palmas. Ato que são aprendidos na relação sociocultural e recriados diante das visitas, para orgulho dos pais. (MARTINS et al ,2009, p.93)

Essas potencialidades diante das situações repre-

sentadas pelas crianças servem de justificativa para o papel que as artes visuais desempenham no aprendizado dos estudantes. Podemos considerar enquanto conceito, que artes visuais configuram as situações relacionadas ao órgão do sentido mais utilizado pelas pessoas, a visão. As ações que as crianças praticam, estimulam e instrumentalizam o modo de ver e de se expressarem, provocando o contato com experiências que se apresentam por meio das produções individuais ou coletivas, construídas através das vivências diárias e no contato com os elementos visuais disponíveis nos locais em que estas circulam, imagens televisivas, fotografias, gravuras, pinturas e em desenhos dispostos em livros e revistas manipulados por elas, dentre outros. Entretanto, para que a aprendizagem seja disparadora de interesse da criança é de grande relevância que o ambiente escolar promova ações com atividades individuais e coletivas, provoque a imaginação, desperte as habilidades motoras, imaginativas, afetivas e cognitivas dos estudantes.

Neste contexto de aprendizado, é útil dialogar com o estudo de (MARTINS et al ,2009, p.130) ao demonstrar que "o educador é um mediador entre a arte e o aprendiz, promovendo entre eles um encontro rico, instigante e sensível". É notório, pois, que a criança apreenda muitas coisas na interação que tem com seu meio de convívio social e reflete certos comportamentos na escola, cabendo ao professor acompanhá-la nesse processo de percepção e expressão. Entretanto, para que as experiências obtidas pelo contato com as artes visuais sejam significativas e despertem as potencialidades do aluno consideramos relevante trabalhar estratégias didáticas que relacione elementos com as quais a criança tem contato e que estejam de acordo com fundamentos metodológicos condizentes do ponto de vista artístico comunicativo. O conhecimento artístico ainda é um campo pouco valorizado no currículo e nas práticas pedagógicas que não vislumbram situações provocativas a partir de atividades que despertem as ideias imaginativas e trabalhe a sensibilidade dos sentidos garantindo a formação artística e estética dos estudantes. Entendemos que



em qualquer etapa escolar, se desenvolvidas com foco na expressividade e por meio de práticas que valorizem o que os alunos têm de potencial ou mesmo estimule sua imaginação, as aulas de artes visuais ajudam a construir conceitos e estruturar o pensamento do aluno, para que este compreenda melhor o mundo e sua relação com ele, sendo ainda capaz de conhecer de maneira dinâmica a capacidade que tem de desenvolver suas potencialidades.

Neste sentido, as aulas de artes visuais devem promover a significação das produções realizadas pelos estudantes, pois nos anos iniciais esse contato deve estar vinculado às orientações de reconhecimento da expressividade artística como produto cultural presente nas relações sociais e que por estabelecerem sentidos e significados muito específico a cada leitor, necessitam do trabalho que envolva suas experiências visuais.

### **Rotina de pensamento:** Discussão silenciosa

- Cada participante se dirige para responder as perguntas distribuídas nos cartazes que estarão expostos na sala de aula, as respostas podem ser colocadas de forma aleatória.
- Concluída as respostas dos participantes, abre-se uma roda de conversa para as reflexões acerca do ensino da arte e o seu papel na aprendizagem dos estudantes.

### **Dinâmica:** Monumento mais alto

**Objetivo:** Favorecer o aprendizado por meio da construção coletiva, levantar reflexões sobre o trabalho em equipe, descobrir estratégias de aprendizado.

### **Materiais**

- Papel A4
- Clips
- Ligas

## Procedimentos

- Dividir a classe em grupos com mesmo número de participantes;
- Distribuir para cada grupo, a mesma quantidade de materiais (papel A4- ligas e clips).
- Cada equipe deverá, de maneira livre, utilizar os materiais que receberam e construir o monumento mais alto que puderem. As equipes terão um tempo determinado pelo professor para cumprir a tarefa. Ao final do tempo, as equipes deverão deixar a construção do jeito que estiver (acabada ou não) e o professor observará qual equipe concluiu o monumento mais alto. Nesta etapa, a obra deverá ficar fixa por 10 segundos. Ganha a equipe que tiver feito a construção mais alta.

### **Ponto de discussões: após a dinâmica, discutir com as equipes alguns pontos relevantes do trabalho em grupo**

- Como foi realizar a atividade?
- Surgiu algum líder? Como conduziu o grupo?
- Quais foram as dificuldades encontradas?
- Quais foram as estratégias utilizadas para superá-las?
- O que auxiliou o trabalho dos grupos?
- Como avaliam o trabalho do grupo?
- De que forma vocês relacionam esta atividade com o que acontece no ambiente de trabalho?

### **Atividade: Ditado de desenho**

- Entregar uma folha de papel a4 a cada aluno;
- Propor que façam seus desenhos seguindo as instruções e orientações dadas pelo professor. (Procure trabalhar com desenhos ricos em detalhes, faça solicitações difíceis de serem executadas; assim os alunos serão estimulados a desenhar coisas novas e acabarão se encantando com o trabalho). Isso ajudará na segunda parte da atividade.
- Concluído o desenho, peça-lhes que, baseados nele, produzam um texto descritivo, como se o desenho fosse uma cena que tem de contar para outra pessoa que não está vendo.

### **Observação: Caso o aluno queira interferir, propondo novos detalhes para o desenho, aceite suas sugestões.**

- A produção textual pode ser feita por meio da linguagem oral.

### **Rotina: Eu Vejo / Eu Penso / Eu Imagino**

- A sala deverá estar organizada em círculo;
- Apresentar uma imagem e cada aluno, na sua vez observará e dirá:
- Eu vejo... (fala o que vê na imagem);
- Eu penso que... (diz o que pensa a respeito da imagem);
- Eu imagino... (fala o que imagina ao vê a imagem );
- A rotina pode seguir até que todos exponham seus pensamentos.

### **Rotina:** Eu Costumava Pensar, Hoje Eu Penso

- A sala deverá estar organizada em forma de círculo;
- Convidar o educando para refletir sobre como evoluiu seu próprio pensamento, aprendizado, comportamento;
- Deixar um objeto qualquer no centro do círculo;
- Dizer aos estudantes que o objeto estará no centro da roda de conversa para quem estiver interesse em manifestar o seu pensamento sobre o que mudou quanto ao conhecimento, às opiniões e suas crenças.
- O aluno deverá pegar o objeto e dizer: "eu costumava pensar que... (e completa o pensamento) "hoje eu penso que... (e diz o que pensa a respeito das experiências vivenciadas nos momentos que participou convivendo com os colegas);
- A rotina segue até que o último aluno queira manifestar-se.

## **QUESTÕES TRABALHADAS**

### **TORNAR O PENSAMENTO VISÍVEL**

#### **O que é rotina de pensamento?**

É uma experiência com atividades que estão estruturadas em procedimentos e padrões para guiar o pensamento e as interações para uma determinada questão ou assunto em pauta. O objetivo é tornar o pensamento visível, o que auxilia o educando a treinar sua habilidade cognitiva e abre espaço para a meta cognição, ou seja, a capacidade de refletir sobre sua própria forma de pensar. Essa rotina visa incentivar a exploração coletiva de algo, desenvolver a observação, as interpretações e as conexões e imaginação. Você pode utilizar essa rotina quando você quiser explorar profundamente um tema ou

um objeto, quando quiser que o educando experimente sozinho e em conjunto o interesse, a conexão de ideias.

Todo aluno para desenvolver seu processo de aprendizagem de maneira significativa e assim alcançar um bom desempenho nas habilidades das quais não se sente capaz para executá-las, necessita estar motivado dentro de um espaço dialógico de participação. Os atores do processo ensino aprendizagem – professores e alunos - interagem num espaço predominantemente complexo, pois os alunos não aprendem num mesmo nível e isso provoca desconforto, desmotivação, e inquietações que contribuem para que a aprendizagem aconteça. Entretanto, cabe ao professor enquanto mediador, orientador e tutor do processo de ensino, descobrir quais estratégias podem amparar as necessidades para dados momentos das aulas e, sobretudo, estabelecer uma relação de confiança com o educando, explorar o mundo cognitivo da sala de aula favorecendo um espaço aberto que oportunize a participação de todos nas atividades que explorem os aspectos cognitivo, corporal emocional e situações que destinem tempo para o diálogo de situações comumente aos assuntos e temas explorados durante as aulas.

## **+POSSIBILIDADES**

### **Mural de histórias em quadrinho (trabalha a leitura e escrita)**

Trazer para sala de aula gibis, revistas em quadrinhos, tirinhas do jornal e pedir às crianças que façam a leitura deste material. Em seguida, pedir que criem seus próprios personagens e façam seus quadrinhos para pendurar no mural.

## **Mural de charges (trabalha leitura e escrita)**

Utilizar algumas charges publicadas em jornais, revistas e periódicos em geral. Incentivar as crianças a criarem suas próprias charges e pendurar no mural.

## **Trabalhando simetria**

Esta atividade auxilia na construção do conhecimento de simetria.

## **Procedimento**

- Explicar aos alunos o que é simetria;
- Fazer junto com eles uma lista de coisas que são simétricas (borboleta, vitrais, algumas formas geométricas etc.);
- Propor alguns questionamentos para que a lista aumente, como, por exemplo: a) existe alguma letra do alfabeto que seja simétrica? Desenhe-a. b) existe algum número simétrico? Desenhe-o. c) existem partes do corpo simétricas? Desenhe-as.

# **INSPIRAÇÕES**

O Portal Arte na escola apresenta documentários e atividades que podem nortear as propostas de trabalho do professor. Os documentários estão estruturados com foco em conexões transdisciplinares e estão disponíveis em: <<http://artenaescola.org.br/dvdteca/catalogo/dvd/159/>>. Aborda a simetria nas ciências e nas linguagens das artes visuais, música, poesia, dança e arquitetura (matemática e arte).

<<http://artenaescola.org.br/dvdteca/catalogo/dvd/91/>>. Introduz conceitos do desenho como processo significativo de toda estrutura das artes visuais.

<<http://artenaescola.org.br/dvdteca/catalogo/dvd/154/>>. O fascínio que as formas geométricas exercem sobre a cultura humana é mostrado por meio de imagens artísticas e formulações matemáticas, entre elas

o Tangram.

<<http://artenaescola.org.br/dvdteca/catalogo/dvd/86/>>. Processos de criação e a utilização de matérias não convencionais na construção das obras dos artistas em foco.

<<http://artenaescola.org.br/dvdteca/catalogo/dvd/151/>>. Mostra o percurso estético e histórico do pensamento artístico e matemático.

<<http://artenaescola.org.br/galeria-dos-alunos/?id=75995/#!/75990>>. Experiências vividas por alunos do 4º ano.

<[https://pt.slideshare.net/aparecidapaulo/d5-5-ano-mat-44778442?next\\_slideshow=1](https://pt.slideshare.net/aparecidapaulo/d5-5-ano-mat-44778442?next_slideshow=1)>. Atividades com malha quadriculada.

## PROVA BRASIL

A seguir listamos alguns descritores que podem ter relação com as metodologias sugeridas. Os descritores foram extraídos do Plano de Desenvolvimento da Educação, disponível no documento: PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. (MEC, 2008) Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/prova%20brasil\\_matriz2.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/prova%20brasil_matriz2.pdf)>. Acesso 20 abr. 2018.

### EM LÍNGUA PORTUGUESA

**Descritor 5** - Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, fotos, etc).

#### **Que habilidade pretendemos avaliar?**

Por meio de itens referentes a este descritor, pode-se avaliar a habilidade de o aluno reconhecer a utilização de elementos gráficos (não verbais) como apoio na construção do sentido e interpretar textos que utilizam

linguagem verbal e não verbal (textos multissemióticos).

### **Que sugestões podem ser dadas para melhor desenvolver essas habilidades**

Essa habilidade pode ser avaliada por meio de textos compostos por gráficos, desenhos, fotos, tirinhas, charges. Para demonstrar essa habilidade, não basta apenas decodificar sinais e símbolos, mas ter a capacidade de perceber a interação entre a imagem e o texto escrito. A integração de imagens e palavras contribui para a formação de novos sentidos do texto.

**Descritor 13** - Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados

### **Que habilidade pretendemos avaliar?**

A forma como as palavras são usadas ou a quebra na regularidade de seus usos constituem recursos que, intencionalmente, são mobilizados para produzir no interlocutor certo efeitos de sentido. Entre tais efeitos, são comuns os efeitos de ironia ou aqueles outros que provocam humor ou outro tipo de impacto. Para que a pretensão do autor tenha sucesso, é preciso que o interlocutor reconheça tais efeitos. Por exemplo, na ironia, o ouvinte ou leitor devem entender que o que é dito corresponde, na verdade, ao contrário do que é explicitamente afirmado.

### **Que sugestões podem ser dadas para melhor desenvolver essas habilidades?**

Um item relacionado a essa habilidade deve ter como base textos em que tais efeitos se manifestem (como anedotas, charges, tiras etc.) e deve levar o aluno a reconhecer que expressões ou que outros recursos criaram os efeitos em jogo.

## EM MATEMÁTICA

### Tópico 1 - Espaço e Forma

**Descritor 1** - Identificar a localização/movimentação de objeto em mapas, croquis e outras representações gráficas

#### Que habilidades pretendemos avaliar?

As habilidades que podem ser avaliadas por este descritor referem-se ao reconhecimento, pelo aluno, da localização e movimentação de uma pessoa ou objeto no espaço, sob diferentes pontos de vista.

#### Que sugestões podem ser dadas para melhor desenvolver essas habilidades?

Durante o trabalho em sala o professor deve partir do próprio espaço físico dos alunos. Atividades como passeios programados a pontos turísticos do bairro ou da cidade, brincadeiras que permitam localizações e movimentações de objetos (bolas, cadeiras, cordas etc.) no próprio pátio da escola favorecem ao processo de construção da habilidade que este descritor prevê. Em cada uma dessas atividades, é importante indicar posicionamento e referências. Em um momento posterior, processa-se a construção formal em sala de aula, ou seja, o aluno passa a representar as experiências observadas. O professor pode orientar o trabalho com mapas da cidade, do bairro, croquis da escola ou da própria sala de aula, utilizando-se de material pedagógico apropriado. O trabalho deve ser concluído com perguntas, testes e questionários que deem sentido às atividades desenvolvidas anteriormente.

**Descritor 2** - Identificar propriedades comuns e diferenças entre poliedros e corpos redondos, relacionando figuras



tridimensionais, com suas planificações.

### **Que habilidades pretendemos avaliar?**

Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade de o aluno diferenciar um sólido com faces, arestas e vértices (poliedro) de corpos redondos (cilindro, cone e esfera) pelas suas características. Essa distinção é feita a partir da visualização dos objetos que os representam, com base no reconhecimento de cada componente (faces, arestas, vértices, ângulos) tanto de poliedros quanto dos corpos redondos, considerando-se também a forma planificada dos respectivos sólidos. Com respeito às planificações, é importante que o aluno descubra que a esfera não tem uma planificação, ou seja, não é possível cortá-la e depois colocá-la em um plano.

Com respeito às planificações, é importante que o aluno descubra que a esfera não tem uma planificação, ou seja, não é possível cortá-la e depois colocá-la em um plano. Essas habilidades são avaliadas por meio de situações-problema contextualizadas, que envolvem composição e decomposição de figuras, reconhecimento de semelhanças e diferenças entre superfícies planas e arredondadas, formas das faces, simetrias, além do reconhecimento de elementos que compõem essas figuras (faces, arestas, vértices, ângulos).

### **Que sugestões podem ser dadas para melhor desenvolver essas habilidades?**

O professor pode iniciar apresentando os principais poliedros: tetraedro, paralelepípedo (destacando o cubo) e octaedro e corpos redondos: esfera, cone, cilindro. Os alunos devem diferenciar os poliedros dos corpos redondos pela observação de suas características. A utilização de materiais didáticos apropriados que permitam a montagem e modelagem desses sólidos é fundamental durante essa etapa. O trabalho de identificação deve ser complementado com atividades que formalizem o co-

nhecimento e, para isso, o professor pode elaborar materiais que explorem a escrita e a identificação do sólido. Além da identificação das características (faces, vértices, arestas) desses sólidos, o descritor prevê a planificação deles. É importante que o aluno faça os dois movimentos: planificação e construção do sólido, pois, dessa forma, a habilidade ganha significado. Cabe ao professor identificar as várias possibilidades de planificação do cubo (11 planificações) e, além disso, levar o aluno a concluir que a esfera não pode ser planificada.

**Descritor 3** - Identificar propriedades comuns e diferenças entre figuras bidimensionais pelo número de lados e pelos tipos de ângulos

### **Que habilidades pretendemos avaliar?**

A habilidade de o aluno reconhecer polígonos, classificando-os pelo número de lados. Além disso, o aluno deve identificar polígonos regulares pelas suas propriedades e classificar triângulos quanto aos lados e aos ângulos.

### **Que sugestões podem ser dadas para melhor desenvolver essas habilidades?**

É importante que o professor ilustre a presença dos polígonos em diferentes contextos e, a partir da observação, identificação e manuseio dos materiais para construção de objetos com formas poligonais, introduza os elementos que caracterizam um polígono. Um exemplo apropriado que faz parte do cotidiano do aluno são as pipas. O professor pode propor a construção de diferentes modelos de pipas: triangulares, quadradas, pentagonais etc. Pode-se também mostrar a presença dos polígonos na pintura, na arquitetura, nas sociedades primitivas, nos sinais de trânsito, nos símbolos (logotipos) de empresas etc. É importante mostrar aos alunos que qualquer polígono regular pode ser composto por triângulos. O triângulo

é, assim, o polígono elementar a partir do qual todos os outros podem ser construídos. É possível ilustrar essa construção pela simples composição de triângulos dispostos aleatoriamente. A formalização dos conceitos se dá com a introdução dos elementos que formam um polígono: lados, vértices, diagonais, ângulos internos e externos.

**Descritor 4** - Identificar quadriláteros observando as relações entre seus lados (paralelos, congruentes, perpendiculares)

### **Que habilidades pretendemos avaliar?**

Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade de o aluno perceber conceitualmente as diferenças entre os quadriláteros. Por meio de figuras, ele deve reconhecer as características próprias dos quadriláteros principais: trapézios, paralelogramos, losangos, retângulos e quadrados. Essa habilidade é avaliada por meio de situações-problema contextualizadas a partir das quais o aluno reconhece características próprias das figuras quadriláteras, de acordo com a posição e a medida dos lados ou a medida dos ângulos internos.

### **Que sugestões podem ser dadas para melhor desenvolver essa habilidade?**

O pensamento geométrico desenvolve-se inicialmente pela visualização. As crianças conhecem o espaço como algo que existe ao redor delas. As figuras geométricas são reconhecidas por suas formas e por sua aparência física em sua totalidade, não por suas partes ou propriedades. Por meio da observação e da comparação, elas começam a discernir as características de uma figura e a usar as propriedades para conceituar classes de formas. É importante que o professor incentive

seus alunos a desenhar e construir os diferentes quadriláteros e a comparar as suas características, constatando as propriedades comuns ou específicas.

**Descritor 5** - Reconhecer a conservação ou modificação de medidas dos lados, do perímetro, da área em ampliação e/ou redução de figuras poligonais usando malhas quadriculadas.

### **Que habilidades pretendemos avaliar?**

Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade de o aluno reconhecer a manutenção ou a alteração do perímetro e da área de um polígono em ampliações ou reduções da figura, com o apoio de malhas quadriculadas. As situações problema podem trazer, também, a transferência da figura de um lugar a outro ou ainda a realização de um giro na posição dela.

### **Que sugestões podem ser dadas para melhor desenvolver essa habilidade?**

É importante que o aluno utilize o recurso da malha quadriculada para construir essa habilidade. O professor poderá sugerir que o aluno faça desenhos de figuras geométricas em cadernos quadriculados e os reproduza em tamanhos diferenciados. Essas atividades contribuem para que o aluno desenvolva a ideia de proporcionalidade, pois ele tem a oportunidade de contar os quadrados correspondentes aos lados das figuras e concluir em quantas vezes a figura foi ampliada ou reduzida.

## **Tópico II - Grandezas e medidas**

**Descritor 11** - Resolver problema envolvendo o cálculo de perímetro de figuras planas, desenhadas em malhas quadriculadas.

### **Que habilidades pretendemos avaliar?**

Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade de o aluno resolver problemas contextualizados que requeiram o cálculo do perímetro de uma figura plana, usando uma unidade especificada em uma malha quadriculada.

### **Que sugestões podem ser dadas para melhor desenvolver essa habilidade?**

Algumas atividades são importantes durante o processo de construção do conceito de perímetro. Atividades que mostrem como se mede uma corda, uma folha de cartolina, uma folha de papel A4, o piso da própria sala de aula podem ser executadas facilmente em sala. Cabe destacar que a habilidade prevê o cálculo de perímetro contando os lados dos quadrados formados em malha quadriculada. Assim, a construção de malhas quadriculadas pelo próprio aluno e o desenho de figuras poligonais para o cálculo de perímetros, devem ser bastante exercitados em sala de aula.

**Descritor 12** - Resolver problema envolvendo o cálculo ou estimativas de áreas de figuras planas, desenhadas em malhas quadriculadas.

### **Que habilidades pretendemos avaliar?**

Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade de o aluno encontrar o valor ou fazer estimativa das áreas de figuras planas a partir de seu desenho em uma malha quadriculada. Um quadradinho ou meio quadradinho da malha podem ser usados como unidade de área. Essa habilidade também é avaliada por meio de situações-problema contextualizadas que requeiram do aluno comparar a unidade estabelecida na malha com a figura plana apresentada, para então poder calcular

ou estimar o valor de sua área.

### **Que sugestões podem ser dadas para melhor desenvolver essa habilidade?**

Durante o trabalho com a habilidade em questão, tanto o perímetro quanto a área podem ser encadeados, possibilitando, assim, destacar-se a diferença entre os dois conceitos. As mesmas atividades utilizadas para conceituação de perímetro podem ser aqui abordadas. Entretanto, cabe ao professor tomar figuras geométricas bastante ilustrativas e que permitam a contagem de unidades de áreas. Essa é uma tarefa que atrai o aluno para o trabalho, pois um quadro que apresente regularidades e atratividade visual coaduna com o cálculo preciso, enquanto aqueles quadros ou formas geométricas não regulares remetem à ideia de estimativa. Dessa forma, o professor pode selecionar contextos apropriados como obras de arte com características regulares ou irregulares; diferentes tipos de paredes em azulejos; pisos e modelos arquitetônicos com formatos em planos.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, G. P. de. **Práticas de Alfabetização e Letramento**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Oficinas aprender fazendo).

BRANCO, S. Atividades com temas transversais. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Oficinas aprender fazendo).

BRASIL. Ministério da Educação. **Publicações**: Prova Brasil. Disponível em: <<http://provabrasil.inep.gov.br>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

CELESTE MARTINS, M.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Teoria e Prática do ensino de arte**: a língua do mundo. v.1, 1.ed. São Paulo: FTD, 2009.

## **EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO COM PROFESSORES DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE MACAPÁ**

A equipe de elaboração, planejamento e execução da Oficina de Artes Visuais buscou propostas de atividades pedagógicas a partir das linguagens comunicativas inseridas no contexto de aprendizagem e alcançaram o ambiente das salas de aulas após as ações realizadas com os professores. A formação ocorreu no dia 02 de setembro de 2017 no auditório da Escola Municipal de Ensino Fundamental Rondônia, localizada no Município de Macapá, Estado do Amapá com carga horária de 04 horas.

Destacamos que as propostas apresentadas na oficina foram preparadas pela equipe de educadores - formadores que atuam diretamente em sala de aula, nas escolas públicas da rede municipal e estadual de ensino e desde então, conhecem e vivenciam em seu cotidiano de trabalho os desafios aqui mencionados. Os formadores foram: Ana Cláudia, Simone Almeida, Lana Melissa, Edison Amaral e Ivone Castro.

**Figura 1: Equipe de planejamento e execução da oficina de Artes visuais**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Para iniciar a conversa com os professores envolvidos, partiu-se de uma análise silenciosa com o intuito de construir e revelar a práxis que envolvia o ensino de arte e ao mesmo tempo propiciar a experimentação que servissem de estímulos às ideias e percepções, sentimentos e motivações quanto ao trabalho a partir de experiências visuais.

### **Rotina:** Discussão silenciosa

Esta é uma atividade que pode ser aplicada dentro de qualquer temática e inserida em todos os componentes curriculares. A proposta oferece um momento dinâmico em que os convidados sintam-se confortáveis a participar de debates que envolvam discussões acerca de um tema ou assunto; cujo propósito seja o da participação coletiva que acontece por meio de questionamentos abertos oportunizando os envolvidos a expressarem opiniões sobre um tema previamente escolhido. Portanto, a rotina discussão silenciosa teve como intenção convidar os participantes a refletirem questões sobre o espaço que as artes visuais têm em sala de aula; qual o papel que o ensino desta modalidade exerce na vida deste profissional; quais estratégias se utiliza quando o aluno diz que não sabe desenhar; quais expressões artísticas, além do desenho são utilizadas em sala de aula e quais as contribuições o ensino de arte proporciona para uma aprendizagem mais significativa.

**Figura 2: Rotina Discussão Silenciosa**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.



Observamos que as questões norteadoras para esse primeiro momento converteram para a autorreflexão sobre a postura do professor diante da complexidade em ministrar uma aula quando não se tem formação específica na área, como é o caso de muitos professores que lecionam nos anos iniciais. Diante dos desafios, o professor, antes da aula, pesquisa, estuda, investiga, propõem, cria, recria e faz adaptações para que durante a aula consiga acolher, orientar, nortear, estimular, provocar, e despertar a atenção e interesse dos estudantes.

### **Rotina:** Monumento mais alto

A dinâmica “Monumento mais alto” tratou-se de uma atividade adaptada da internet para contemplar aquele contexto de formação e tem como objetivo favorecer o aprendizado por meio de atividades desafiadoras. O desenvolvimento desta prática acontece com os participantes dispostos em pequenos grupos que se organizam para uma construção coletiva, sendo desafiados a encontrar estratégias no grupo para a construção de um monumento. Trata-se de um aprendizado que acontece num espaço lúdico e descontraído, pois a proposta gera um clima de euforia para se chegar como equipe vencedora. Com esta proposta o professor é desafiado a vivenciar experiências e refletir como ele e os demais colegas se envolveram nas atividades. Da mesma forma poderá compartilhar com os alunos tal proposta e provocá-los a uma reflexão sobre as contribuições deles na atividade; quem esteve mais envolvido, se houve um planejamento para que a equipe iniciasse a construção do monumento, se a opinião dos colegas foi aceita, como se chegou ao passo inicial e como ocorreu a conclusão do trabalho, o que faltou para que a equipe atingisse melhor os objetivos propostos e realizar a leitura visual dos diferentes monumentos surgidos a partir das ações dos envolvidos.

**Figura 3: Rotina Monumento mais alto.**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

### **Rotina:** Atividade ditado de desenho

Compreender que alunos têm habilidades, talentos, estilos de aprendizagem e diferenças únicas exige do professor conhecer ou buscar estratégias que ofereçam a todos a oportunidade de participação e sucesso. Assim, a atividade ditado de desenho foi escolhida com a intenção de levar os professores a superar desafios com relação as habilidades que envolve a ação de desenhar. Durante a realização desta atividade, observamos nos comentários eufóricos dos professores a preocupação em iniciar a composição das imagens seguindo as orientações dos formadores, vale destacar que as dificuldades tinham relação com a falta de habilidades para com o desenho. A rotina propõe motivar aqueles que apresentam insegurança ao desenhar, pois favorece uma proposta para produzir seus desenhos seguindo instruções e orientações e ainda lhe permitir autonomia para acrescentar novos detalhes às suas produções. Após a atividade, os professores trabalharam a produção de textos

descritivos baseados nos desenhos apresentados pelos mesmos, podendo acontecer em uma roda de conversa. Na ocasião, os educadores colocaram como sugestões a possibilidade quanto da produção ser executada utilizando tanto a linguagem verbal, quanto a linguagem escrita. Nota-se aqui a importante função que as artes visuais apresentam para o desenvolvimento dessas e de outras competências.

**Figura 4: Produção dos professores durante a Rotina Ditado de Desenho**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

É de extrema importância considerarmos aqui as impressões colocadas pelos professores com relação a esta proposta que foi avaliada de maneira muito positiva pois, segundo a fala dos professores, não se tratou de uma aula de arte trabalhada de maneira isolada porque permitiu nortear vários elementos como oralidade, produção artística e textual, leitura visual e a capacidade para seguir instruções considerando as experiências visuais dos envolvidos. Na oportunidade, a equipe formadora

da oficina fez algumas observações quanto à amplitude dessa proposta que está voltada para o trabalho envolvendo as artes visuais inseridas em diferentes situações de aprendizagem em outras áreas do currículo escolar.

**Figura 5: Produção dos professores na Rotina “Ditado de Desenho”**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

**Rotina:** “eu vejo, eu penso, eu imagino...”

Esta rotina compõe um espaço rico e favorável para uma roda de estudos, onde'' torna visível o pensamento'' dos participantes diante de um assunto a ser discutido na aula. O interessante desta atividade é que além de poder ser adaptada a qualquer componente curricular, o professor tem a liberdade para utilizá-la a partir de qualquer situação questionadora e por meio de qualquer recurso concreto e visual, seja uma imagem, um quadro, uma fotografia, a capa de um livro, o próprio desenho do aluno, ou mesmo um objeto que esteja ao seu alcance e que sirva de suporte para a situação planejada. O objetivo é

afetar os participantes e permitir que eles construam ou atribuam sentido ao objeto verbalizando suas experiências visuais e por meio da observação apresentem suas impressões, sobre os detalhes que o outro possivelmente não observou e assim a aula vai acontecendo, através de vivências que envolva a participação de todos.

**Rotina:** Eu costumava Pensar: Hoje eu Penso:

Sabemos que avaliar o processo de ensino e aprendizagem é de suma importância para rever algumas observações a serem melhoradas na prática docente e refletir junto com os alunos critérios que norteiam a aprendizagem. Assim, esta rotina de participação pode ser utilizada ao final de um tema explorado, ou de um período em que se esteve executando determinada atividade em sala de aula. A proposta serve para convidar os participantes a refletirem sobre a evolução de seu próprio pensamento, aprendizado e comportamento com relação ao que foi exposto. Não deixa de ser uma espécie de autorreflexão em que a pessoa relata sobre as experiências vividas ao longo de um processo de estudo, de aprendizagem e de convivência. Neste sentido, a proposta foi desenvolvida com o intuito de saber dos professores sobre a relevância que a formação provocou na postura do profissional.

## **APLICAÇÃO NAS ESCOLAS**

Após a formação, os professores de cada escola, desenvolveram um planejamento coletivo contemplando ações vivenciadas na oficina, fizeram as adaptações do tempo de atividades de modo que pudessem atender a realidade das turmas garantindo o contato com novas vivências de aprendizagens. No evento, professores e alunos expuseram todas as atividades produzidas, bem como realizaram apresentações de danças e teatro.

**Figura 6: Culminância das atividades da oficina de artes visuais na EMEF Ana Maria da Silva Ramos. Ao fundo, cenário produzido pelos estudantes.**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Alguns professores foram muito além das sugestões de atividades compartilhadas na formação. Destacaremos a seguir algumas práticas de atividades ocorridas nas EMEFs. Ana Maria da Silva Ramos e Curralinho. Vale ressaltar que ambas encontram-se inseridas em contextos distintos, uma localizada na zona urbana da capital e outra em zona rural.

“O manuseio e a seleção de matérias, ferramentas, suportes e procedimentos e suas especificidades como recursos sógnicos expressivos” (MARTINS et al, 2009, p.125) possibilita aos alunos, fruição e conhecimento no campo da linguagem visual onde se busca e valoriza o contexto sociocultural, aguçando a imaginação, criatividade, estimulando o desenvolvimento motor, o espírito cooperativo e o trabalho de concentração para garantir a fixação dos conteúdos, estes foram os critérios trabalhadas na Emef. Curralinho, situada na zona rural de Macapá.

Apesar de estar inserida em uma comunidade cons-



tituída de afrodescendentes, não existem na escola projetos que fomentem os movimentos culturais como forma de amparar e manter as tradições e valores daquela comunidade tão carente e desassistida. Sua base econômica sustenta-se na agricultura dos produtos agrícolas como tapioca, tucupi e farinha, sendo este último o que mais se destaca no setor econômico.

A professora desta escola, Rilde Guimarães, desenvolveu suas atividades junto aos alunos a partir da rotina "monumento mais alto", os estudantes realizaram a construção de monumentos utilizando rolos de papéis e tomando como base o contexto territorial daquela localidade. A docente buscou envolver a arte na aula de história trabalhando aspectos da cultura afro. Em sua prática metodológica apresentou aos estudantes imagens de diversos artesanatos africanos, dentre eles as bonecas Abayomis que caracterizam-se como símbolo de resistência e tradição africana. Em outro momento, como tarefa extra, propôs uma pesquisa para aprofundar a temática. De acordo com relato da professora, as atividades despertaram o interesse dos estudantes para confeccionarem outros tipos de bonecas a partir de materiais recicláveis onde puderam inserir as peculiaridades da comunidade local.

Essas adaptações, na rotina, configuram a articulação de sentidos favoráveis ao trabalho com a arte permitindo que o aluno se aproxime da própria cultura e de outras manifestações culturais, cabendo uma prática de intervenção docente para essas observações junto aos alunos, acerca das diferenças e semelhanças com a própria cultura e a cultura de seu próximo. Nota-se então, uma estratégia significativa da professora com a escolha do conteúdo e de práticas que envolveram a participação dos alunos em todo o processo das ações desenvolvidas.

Sobre as atividades partirem de um contexto no qual os alunos encontram-se inseridos nota-se um aporte para a valorização e resgate do universo cultural garantindo uma aprendizagem mais significativa dos conteúdos curriculares. Em diversas situações, quando a escola

proporciona práticas desafiadoras permitindo que o processo de aprendizagem aconteça de maneira livre e o aluno perceba sua importância neste processo, a escola estará garantindo maior segurança e motivação para que o estudante aprenda mais sobre si e sobre o outro, essas práticas contribuem com o interesse do aluno que passa a assumir com mais responsabilidade e compromisso o próprio aprendizado. Todavia, entendemos que o olhar do professor para essas questões deve estar acompanhado de atitudes que promovam o diálogo e orientem os alunos na compreensão quanto à necessidade e importância de se mobilizarem para atender as propostas de trabalhos pensadas para o bem coletivo.

**Figuras 7 e 8: Alunas da Emef. Curralinho produção de bonecas com materiais recicláveis**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

## **A MATEMÁTICA VINCULADA ÀS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS E ÀS LEITURAS VISUAIS**

As artes visuais se apresentaram de maneira dinâmica e lúdica ao se articular conteúdos de outras áreas do currículo, como no caso da professora Simone Almeida



que em uma aula de matemática aproveitou as artes visuais para abordar o conteúdo de simetria e assimetria. Com uma atividade adaptada da internet, a docente concordou com a turma que fariam uma tarefa realizada de maneira direcionada, mas que resultaria em uma produção artística envolvendo a linguagem verbal e visual.

A partir do uso de papel a4 e três cores distintas de guache os alunos distribuíram no centro do papel pequenas quantidades de tintas colocadas uma sobre a outra ou lado a lado a critério e escolha do aluno, em seguida os estudantes dobraram o papel ao meio, pressionando-o levemente, depois de aberto verificaram que o resultado gerou a composição de diferentes figuras simétricas e um colorido a partir da mistura das cores. Com esta proposta foi possível provocar observações a partir das imagens que se formaram e utilizando-se da roda de conversa os alunos expuseram seus trabalhos e puderam compará-los aos dos colegas.

**Figura 9: Alunos das Emef. Ana Maria da Silva Ramos desenvolvendo atividades de arte em simetria**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

**Figura 10: Alunos das Emef. Ana Maria da Silva Ramos desenvolvendo a dinâmica da teia**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Naquele mesmo contexto de aprendizagem, a professora Hildete Campos trabalhou com sua turma uma proposta também adaptada da internet, com o intuito de trabalhar as artes visuais num contexto lúdico de aprendizagem. Sentados em círculo e utilizando um rolo de barbante o aluno, em sua vez, passava o objeto para um colega, seguindo com a atividade até que o "fio condutor" alcançasse o último participante. Ao final da brincadeira os alunos observaram as imagens que se criaram a partir do emaranhado de linhas e refletiram sobre a intenção de se utilizar a brincadeira na construção de aprendizagem envolvendo situações a serem exploradas pelo docente como a interação, cooperação num espaço onde os alunos expressam suas opiniões e verbalizam troca de experiências. De acordo com observações destacadas pelos estudantes, no diário de bordo, a atividade trabalhou a expressão de sentimentos, afetividade, amizade, companheirismo e ainda refletiram sobre o aprendizado em artes.

## **AS ARTES VISUAIS E SUA INSERÇÃO NO CONTEXTO TERRITORIAL**

Assim como a escola Curralinho buscou o currículo local e o inseriu nas atividades pedagógicas do projeto envolvendo a participação direta dos estudantes,

a Emef. Ana Maria da Silva Ramos caminhou neste viés, buscando o protagonismo dos alunos nas ações do trabalho que desenvolveram.

É pertinente destacar aqui o período de aplicação para as atividades relacionadas ao trabalho com artes visuais, na referida escola, que coincidiu com o "Projeto Amapá, Uma viagem Cultural Por Seus Municípios" desenvolvido naquele mesmo período, desafiando os professores para aquela dinâmica de trabalho, pois, os mesmos tiveram que adaptar suas rotinas de atividades, sem comprometer o cronograma do projeto em desenvolvimento. Assim, os professores das turmas de 5º ano estiveram divididos com as temáticas que envolveram as questões socioculturais de dois municípios do estado, Calçoene e Amapá, ambos localizados a aproximadamente 380 km da capital, Macapá.

Diante das propostas desafiadoras e a preocupação em não apresentar informações abstratas aos estudantes, os professores iniciaram as atividades situando os alunos aos aspectos relacionados aos dois municípios assim, utilizavam vídeos e imagens como forma de deslocar os alunos para aqueles contextos em questão. A experiência colocou os aprendizes em contato com fontes de informações históricas que envolviam a história de seu contexto local.

De acordo com os professores, a escassez de materiais dificultou algumas atividades, porém, ressaltaram que as propostas recebidas nas formações contribuíram significativamente para oferecer aos alunos uma aula diferente, dinâmica e divertida e que, dentro dos roteiros e cronogramas de atividades, desenvolveram propostas didáticas de forma autônoma, porém, sem fugir dos objetivos propostos no planejamento.

Concordando que o ensino de Arte propõem inúmeras possibilidades que permitem ao professor a imersão dos conhecimentos deste componente em articulação que se faz com as experiências vivenciadas e conectadas às outras áreas do currículo, bem como, o contexto de vida dos estudantes, apresentamos parte da produção dos alunos que refletem as considerações

aqui mencionadas e sobretudo, o papel das artes visuais presente nos elementos de composição ao se articular leitura, compreensão textual, habilidades artísticas, às experiências visuais em atividades a partir do desenho e pintura livre, observação, imaginação e memória, contempladas nos assuntos explorados no componente de história: O Território Contestado, O Sítio Arqueológico e Aspectos Culturais do Amapá.

Este momento favoreceu o trabalho a partir de inferências, antecipação de informações, expressões artísticas que envolveram, diferentes formas de leitura e compreensão textual e que deram espaço para o movimento simbólico expressivo aprendido e revelado nas produções de trabalhos desenvolvidos pelos estudantes que tiveram como mediador o professor – educador, o qual preparou o espaço para as experiências vivenciadas dentro e fora da escola.

Organizados em grupos, os alunos receberam recortes do assunto anteriormente discutido em aula, realizaram a leitura e interpretação. Em seguida, trabalharam nas ilustrações retratando os recortes textuais que foram utilizadas na composição de um livro coletivo.

**Figura 11: Livro produzido pelos estudantes**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Acreditamos que a aprendizagem constrói espaços abertos às oportunidades que são permitidas aos alunos

para que se apropriem do conhecimento e tenham condições de socializar seu aprendizado em qualquer contexto de atividade. Entendemos, pois, o importante papel do professor ao assumir a conduta de orientador e mediador nos diálogos que tem com a turma sobre as potencialidades que cada um apresenta em diferentes aspectos, podendo ser observadas nas habilidades de cada estudante que se envolveu nas propostas e desafios lançados a eles.

**Figura 12: Produção coletiva do livro**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

No contexto de atividades que buscaram o protagonismo dos alunos para representar aspectos culturais dos municípios de Amapá e Calçoene, os professores Jonathas, Marcela, Hildete e Simone, a pedido de suas turmas usaram a dança e o teatro para representar as lendas Tarumã, Boto cor de rosa e a dança, expressa por meio da música popular amapaense, Açucena.

Diante de tais propostas notamos que as artes visuais não se limitam aos elementos que as caracterizam, pois permitem a inserção de outras linguagens artísticas dentro de suas peculiaridades, assim ao se trabalhar com as artes visuais, o fazer artístico emana a experiência poética, as potencialidades de fruição, flexibilidades para a inserção de outras zonas de produção de conhecimento. Assim, notamos que a aprendizagem artística engloba, portanto, disparadores de diferentes significações que

podem ser aproveitadas de diversas maneiras para se cumprir a função importante que a arte exerce em situações de aprendizagem.

Reiteremos que desafiar os alunos a serem protagonistas de seu aprendizado e estimulá-los a descobrir em si e com o outro que a arte favorece momentos de aprendizagem e estar muito além do ato de desenhar ou pintar, pois permite a apropriação de conhecimentos e de habilidades que levam os alunos a perceberem que são capazes de aprender dentro de diferentes contextos. Neste sentido, é importante que aqueles compreendam que sua aprendizagem é também fruto de seu comprometimento quando o mesmo desempenha seu papel com maturidade nas situações propostas.

Diante deste contexto, observamos que as aulas de arte favorecem sim a acolhida e despertam o interesse e a participação das crianças nos projetos desenvolvidos na escola e ainda, auxiliam nas propostas com atividades que envolvam a leitura e a escrita em diferentes contextos. Desenvolvendo a imaginação e protagonizando papéis, o aluno percebe novas formas de pensar e entender o mundo.

**Figura 13: Apresentação teatral da lenda Tarumã**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.



**Figura 14: Apresentação da dança Açucena**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Quando dramatiza o contexto de outros grupos sociais, entende-se estar oportunizando aos alunos o contato com outras culturas e assim, conhecer as manifestações artísticas, costumes, crenças e valores, oportunizando ainda, o desenvolvimento da percepção e imaginação de modo dinâmico ao se fazer uso de rotinas que possibilitam vivências pessoais e coletivas favorecendo aos alunos apreciarem as Arte Visuais no contexto de suas relações com outras áreas do conhecimento.

Proporcionar vivências de experiências para tocar a sensibilidade de nossos estudantes, considerando suas condições socioeconômicas, seus problemas sociais e as dificuldades com seu aprendizado envolve um trabalho que exige muito do fazer docente, entretanto este necessita de todo apoio da equipe escolar. No amplo corredor de experiências que o projeto proporcionou por meio das atividades que fomentaram o protagonismo dos alunos, valorizando suas produções, criações e as subjetividades encontramos nos resumos do diário de bordo dos estudantes impressões sobre o caminho percorrido durante a trajetória de cada oficina instrumentalizada no processo de ensino e aprendizagem. Os registros configuram as devolutivas dos alunos que servirão de análise reflexiva de nossas posturas pedagógicas.

### Figura 15: Diário de bordo de estudante

Resumo do seu caminho de aprendizagem (o que sei agora que não sabia antes? O que faço agora melhor do que antes? O que mudou na forma de me relacionar com as pessoas?)

Durante as aulas no mês de setembro eu realizei muitas coisas como: Artes visuais, vídeos de artistas, pintura, recorte, linhas curvas, sinuosas, retas, a arte unani, a lenda Tarumã, a dança, o território contestado sobre Calçoene e o Sítio arqueológico.

Eu gostei muito desse trabalho e gostei muito das apresentações na escola. Gostei ainda mais o que eu mais gostei foi a lenda Tarumã e a dança que foi realizada pelas alunas da Simone, Hil-dete e Marcela, porque a dança tem muita ligação com a lenda.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Através das reflexões acerca da importância das artes visuais na construção do conhecimento e o trabalho a ser desenvolvido no universo artístico voltado para as linguagens, suas funções e os elementos que as compõem, reconhecemos um trabalho desafiador para muitos professores com pouca ou nenhuma experiência nesta área de atuação, como é o caso dos profissionais que lecionam todos os componentes curriculares nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O contato da criança com esse cenário visual se faz extremamente necessário porque além de estar presente no seu contexto social, ela preci-



sa compreender sobre o papel que a arte desempenha na sociedade e em sua vida, pois, os elementos que a constituem são disparadores de estímulos ao desenvolvimento da criatividade e contribuem para ampliar a leitura e compreensão sobre as coisas existentes.

Este trabalho nos apresentou diversas possibilidades de se articular diferentes componentes curriculares a partir das aulas de artes visuais. Vale ressaltar ainda o importante papel que o professor desempenha na instrumentalização das aulas de arte, pois, o envolvimento do aluno dependerá muito da mediação de um educador sensível, disposto a proporcionar situações favoráveis e buscar estratégias que considere a subjetividade do aluno, considerando que em muitos contextos este precisa ser ensinado a gostar de arte para compreender que sua participação em sociedade também depende desse aprendizado.

Entendemos que inserção das aulas de artes visuais em situações de aprendizagem deve ser vista como um desafio, não como uma prática trabalhosa que gera bagunça e tampouco, alimenta-se a concepção de que não é viável o seu trabalho porque demanda recursos materiais. A seleção dos conteúdos, os procedimentos metodológicos e as propostas devem se entrecruzar, como foi possível acompanhar em alguns trabalhos realizados nas escolas. Entendemos que o trabalho com arte não deve limitar-se somente às ações de desenho que chegam prontos às mãos dos alunos com propostas de pintura, mas, inverter essa ordem e favorecer o desenvolvimento da criatividade, por meio de experiências visuais.

No caso da falta de materiais, uma roda de conversa para trabalhar uma leitura visual, utilizando os objetos que estiverem ao alcance, explorar um conteúdo a partir de uma imagem muda, uma dinâmica e outras maneiras atrativas configuram experiências educacionais que podem se articular a todo e qualquer componente curricular.

Percebe-se um grande equívoco nas práticas pedagógicas cujo propósito didático não leva em consi-

deração as experiências que as crianças trazem do seu convívio social. Esses erros tradicionalistas, muitas vezes, impedem que o aluno amplie o seu repertório comunicativo, desenvolva sua criatividade e outras habilidades favoráveis à sua aprendizagem.

Por isso, a necessidade de estarmos em constante formação deve também ser enfatizada, pois em nossas atividades estamos cotidianamente sendo desafiados diante de nossas competências uma vez que o contexto de nosso trabalho nada mais é que um laboratório de estudos científicos nos quais a compreensão de muitos fatores depende muito de nossa contribuição já que estamos a todo o momento movimentando métodos de ensino ou instrumentalizando os que já existem. Por fim, enfatizamos que uma educação que contemple as reais situações de aprendizagem demanda do educador, em qualquer função que esteja, sobretudo, uma grande disposição para a realização de microrrevoluções nesse pedacinho da Amazônia.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CELESTE MARTINS, M.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Teoria e Prática do ensino de arte: a língua do mundo**. v.1, 1.ed. São Paulo: FTD, 2009.

\_\_\_\_\_. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

IVALBERG, R. **Pra gostar de arte curso eletrônico: sala de formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LDB. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

2  
SERIEL



9

# **O teatro na sala de aula:** por um aprender significativo em contexto local

Joyce Ferreira  
Elisa Vales

# O TEATRO NA SALA DE AULA: POR UM APRENDER SIGNIFICATIVO EM CONTEXTO LOCAL

*Pássaro preso  
O passarinho canta,  
Mesmo quando está triste.  
Preso numa gaiola,  
Só canta porque existe.  
É da sua natureza o canto,  
Que espalha sem reclamar,  
Ainda que seja triste  
Sua sina de não voar.  
E o passarinho se alegra,  
Ouvindo um curió cantar,  
Porque não sabe que o passarinho  
Só canta por não chorar.*

*(Mauro Guilherme in História de Pássaro, 2015).*

## O SOCIAL COMO CONTEXTO E OS SUJEITOS COMO ATORES

Os dias atuais apresentam uma ordem em que a fragmentação tanto de conhecimentos como da realidade, afeta terrivelmente corpo, mente e espírito da humanidade. Trazendo consequências nefastas para as mentes e os corações dos seres humanos que habitam neste planeta. A globalização ao mesmo tempo em que nos aproxima por meio da comunicação em tempo real à chamada “realidade virtual”, nos afasta do que temos de mais sublime a essência humana, a identidade do EU enquanto ser pensante e agente de transformação está cada vez mais diluído, quando substituímos o mundo real pelo virtual, estamos a cada dia desagregando nosso EU. Os prejuízos são para todos, e vão desde os que têm acesso aos bens culturais como os que deles são privados tornando-os cada vez mais excluídos. Há uma tendência premente a alienação ou a “desrealização” como nos confirma a proposição a seguir,

A desrealização configura-se de forma cada vez mais ampliada na miserabilidade humana [...]. A tecnologia da simulação virtual não pode senão reforçar esse risco de ‘desrealização’, ao dar caráter pseudocon-

creto e pseudopalpável às entidades imaginárias que ocupam hoje o universo humano. E o que resultou disso? Resultou um mundo 'sedutor', 'fascinante' e, contraditoriamente, atemorizador, excludente, cruel. Resultou, de forma extensiva e intensiva, na agudização da riqueza e da pobreza humanas e em todas as suas nefastas consequências: o vazio, a insegurança, o medo, a angústia, o terror, a desrealização, a perda do sentido da vida, a exclusão [...]. A crença na formação de uma 'sociedade mundial' pacífica e humana é abalada pela proliferação das guerras entre nações, pelo acirramento da divisão entre um 'mundo' hegemônico constituído de uma minoria de poderosos e o 'resto' do mundo tratado como resto, como descartável, como sobra humana coisificada. (FERREIRA, 2004, p.1229).

Portanto, mais do que nunca sentimos diuturnamente as consequências de uma vida sem significados, "a indústria cultural" permeada pelos interesses e ditames do capital cria as regras, e a incorporação de conceitos banalizados ocorre por meio da linguagem mediática, formando socialmente as mentes e os corações de todos em especial crianças, adolescentes e jovens das mais diversas classes sociais e culturas, instigando nas mentes e nos corações de todos os seres humanos, o desejo de possuir e de consumir a qualquer custo. Para reforçar esse pensamento, vejamos o que nos diz Ferreira,

E, nesse 'quadro', o que restou? O vazio! A insegurança! O medo! A angústia! O terror! A perda do sentido da vida! A solidão! Restou a produção, em massa, de mercadorias que coisificam as pessoas e personalizam as coisas, travestindo com outros 'significados' a produção destinada ao consumismo, que também precisa, nesta ótica, ser cultivado. Restou o desenvolvimento de inúmeras patologias que são produzidas pela neurose que as determinações do capitalismo globalizado geraram, acentuando antagonismos insuperáveis como riqueza e miséria e produzindo a doença que ganhou o 'trono' das patologias no mundo: a depressão. (FERREIRA, 2004, p. 1235-1236).

É neste contexto de agudização social que estamos mergulhados, todos, vivemos, sentimos, pensamos

e agimos acelerada e violentamente, desrespeitando e desqualificando todas as formas humanas de convivência e consideração pelas relações éticas e sociais. A educação nesse contexto está meio que deslocada no tempo e no espaço, é como se estivesse na “grande nuvem”<sup>1</sup> de informações da era digital, porém ao mesmo tempo inacessível às mentes e corações dos seres humanos. Num outro eixo de discussão nos remetemos ao fazer educacional aqui no norte e em específico no Amapá evidenciando o que Michel Foucault em seu livro *Vigiar e punir*, nos evidencia, claramente, ainda estamos praticando por essas “bandas” em plena era da tecnologia o que o autor chama de “corpos dóceis”. Para esclarecer melhor essa ideia, vejamos a proposição do autor, “O Homem-máquina” de La Mettrie é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de “docilidade” que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. (FOUCAULT, 1997, p, 118).

Sob esse ponto de vista, entendemos que nossa educação precisa urgentemente tomar consciência de seu ato em si, o porquê, o como e o para quem educamos? São proposições que para nós educadores devem estar sempre presentes em nossas mentes, independentemente de qual contexto se configure diante de nós.

Para Foucault (1997, p.118), “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito aper-

---

1 Computação em nuvem (do inglês cloud computing) é um conceito que faz referência a uma tecnologia que permite o acesso a programas, arquivos e serviços por meio da internet, sem a necessidade de instalação de programas ou armazenamento de dados – daí vem a alusão à “nuvem”. Com isso, os serviços podem ser acessados de maneira remota, de qualquer lugar do mundo e a qualquer hora. O armazenamento de dados é feito em serviços on-line, em uma rede. Com a computação em “nuvem” os seus dados não estão salvos em um disco rígido do seu computador, mas sim disponíveis na web. O requisito mínimo desse conceito é um computador conectado à internet. Disponível em: < <https://www.estudopratico.com.br/> >. Acesso em: 01 maio 2018.



tados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações". E nesse contexto sócio-educacional de limitações, proibições e obrigações que muitas escolas procedem as suas práticas pedagógicas no intuito de formar o "homem ideal", apto e hábil para exercer funções que na maioria das vezes são pensadas com fins alheios as próprias potencialidades do educando enquanto sujeito pensante.

Portanto, diante desse quadro de perda da própria identidade humana que se nos apresenta não nos resta alternativa a não ser ir à busca de novas compreensões, responsabilidades, competências, compromissos e novas maneiras de se fazer educação principalmente resgatando o significado de exercício da cidadania que na sociedade globalizada nos parece apenas um conceito cada vez mais diluído e apagado.

Sendo assim, novas prioridades impõem-se para novas políticas públicas e em especial para as políticas educacionais comprometidas com a qualidade da formação humana bem como o resgate da ética e da essência humana no fazer e no pensar educacional. Mais do que nunca se faz necessário humanizar a formação e as condições de trabalho e de existência dos profissionais da educação em especial aqui na região norte. Precisamos urgentemente ressignificar a ação educativa a partir de outra base ética e de novas metodologias que nos permitam fazer frente aos desafios impostos constantemente pela cultura globalizada.

Estas são algumas das proposições que nos remeteram a execução deste Projeto Educacional, e quando pensamos no tema Teatro no campo educacional o vimos como uma metodologia a ser trabalhada e desenvolvida dentro de nossas escolas como forma de resgate da própria identidade do sujeito amapaense. Embora vivamos inexoravelmente marcados sob o domínio da globalização, pretendemos conservar nossa identidade de povo nortista, amazônida e amapaense, com identidades e características próprias.

A ideia que perpassa em nosso conceito de Pedagogia teatral tem muito a ver com o pensamento do autor e cientista português António Branco, que nos remete

as cinco propriedades da literatura de Ítalo Calvino, agora aplicada a uma ideia de pedagogia Teatral, construída pelo autor, a partir de sua atuação, como professor da disciplina Oficina de Teatro, no curso de Mestrado em Comunicação, Cultura e Artes da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Algarve em Portugal.

Pois bem, o autor levanta cinco princípios extremamente pertinentes ao nosso conceito de Teatro e metodologias Ativas agregadas a uma construção de aprendizagens significativas. Os Eixos temáticos criados a partir da literatura de Ítalo Calvino são: a leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade e a multiplicidade.

## **A Leveza**

Segundo Branco (2014), a sociedade cria mecanismos de autocontrole e repressão internos, no sentido de que, os indivíduos não expressem em público sentimentos ou emoções exageradas, abafando e silenciando o que em nós podemos chamar segundo o conceito Freudiano de desejos do inconsciente. Quanto mais reprimidos forem os desejos ou emoções dentro do sujeito, tanto mais bem sucedido para os padrões sociais vigentes. Portanto, caberá ao professor utilizando-se de conceitos da pedagogia teatral ou utilizando-se de Jogos teatrais, mudar esse contexto individual do aluno,

O professor de práticas teatrais que não tenha uma forte consciência desta realidade não estará preparado para cumprir uma das suas missões mais importantes: a de ajudar os seus alunos a libertar-se das camadas de censura acumuladas ao longo da vida. (BRANCO, 2014, p. 57).

Sendo assim, extraímos dessa narrativa a ideia de que as convenções acabam por sufocar dentro do indivíduo, desejos, vontades, expressões e porque não até suas atitudes. Tudo isso acaba por se configurar num efeito sobre o corpo e o espírito que nos obriga a cumprir os códigos de convenções, sociais, morais, ideológicos,



culturais, religiosos entre outros, se transformando num verdadeiro peso que carregamos por toda a vida, sendo assim a metodologia da pedagogia teatral tem como missão trazer a leveza do ser humano à tona. Despindo-o de todo o peso e repressão interna, o fato do ser humano já tomar conhecimento e consciência dessa situação já se configura numa forma de ir aos poucos subtraindo o peso e buscando a leveza.

## **A Rapidez**

Neste conceito aqui a rapidez não se opõe a lentidão, mas, sim a paralisia por um lado e hiperatividade do outro. Neste caso específico é como se o aluno no intuito de cumprir uma tarefa proposta, sem saber o que fazer ou como agir pode ter duas reações à inação ou "bloqueio" ou ir para o lado oposto o excesso de atividade ou hiperatividade, demonstrando em ambos os casos que ainda não encontrou seu ponto de equilíbrio interno. "Ora ser rápido, na aula de práticas teatrais, não significa fazer muito ou apressadamente. Não: ser rápido representa, sobretudo, aprender a eliminar o tempo que decorre entre o nascimento de um impulso e a sua concretização". (BRANCO, 2014, p.60). O que o autor nos propõe é que,

Nos exercícios, jogos e improvisações, a rapidez artística resulta de um combate decisivo entre dois pares de instâncias internas: o racional e o irracional, o consciente e o inconsciente. Quando o racional e o consciente são mais velozes, o aluno Por eles subjugado paralisará ou entrará em hiperatividade, mas, quando a corrida é vencida pelo irracional e pelo inconsciente, começa o processo de criação. (Ibidem, 2014, p.61).

É impressionante o poder que o teatro e a representação podem exercer na mente do ser humano, o professor de posse dessa metodologia poderá criar dentro da sala de aula um ambiente de criação ilimitado, desde que saiba orientar o caminho propondo aos seus alunos

a aprendizagem de uma nova relação entre o racional e o irracional, entre o consciente e o inconsciente o que pode significar uma verdadeira revolução na mente e nos corações de crianças, adolescentes e jovens. Sendo que a melhor forma para agir nesse contexto é através da paciência para descobrir e respeitar o ritmo de cada um em suas próprias descobertas.

Branco (2014, p.63) nos propõe o seguinte, “quanto mais leve, mais rápido, quanto mais rápido mais leve”.

## **A Exatidão**

A proposição neste princípio é que os homens precisam “verem-se tais como são”. Chegamos ao ponto de entendermos que as máscaras sociais são um impeditivo para a criação teatral, quanto mais pesado menos criativo e inerte, quanto mais leve, mais rápido mais perto da exatidão estará porque estará mais perto de seu EU verdadeiro. Em nossa sociedade pós-moderna e globalizada muitos conceitos e valores humanos essenciais foram aos poucos sendo esvaziados de seus significados. Vejamos como no conceito teatral o movimento de exatidão é contrário a todo esse contexto, Branco nos confirma,

Ora a “disponibilidade” na aula de práticas teatrais, significa estar pronto para se dedicar totalmente, sem qualquer espécie de reserva nem duração pré-definida, a uma tarefa desconhecida, segundo regras ditadas por outro e sem conhecimento prévio do resultado que se obterá: o estado de disponibilidade, no teatro, é um estado de abnegação, ou seja, de renúncia total ao interesse próprio – o que implica a aceitação da morte de alguma coisa para que possa acontecer o nascimento de outra. Para um ator, a disponibilidade corresponde, na realidade, a encontrar em si o mesmo estado de caos a partir do qual Deus criou o mundo. (Ibidem, 2014, p. 65).

Dramático, porém extremamente exato, se levarmos esse conceito para dentro do fazer pedagógico tomamos como lição a inteireza, solidez e a entrega naquilo que se faz, é impossível educar sem se entregar primeiro,

o mais exato de todos deve ser o professor, porque com seu exemplo ele cativará e conquistará seus alunos. A postura do professor neste momento é de revelar aos seus alunos que as mascaras sociais tem a função de homogeneizar e uniformizar, tornando o sujeito cada vez mais distante de si mesmo, o contrário ocorre quando o educando se depara com seus próprios abismos insondáveis e reconhece nesse caos o seu EU. Para Jung (2011, p.46) "à exatidão e a riqueza do arquétipo, opõe-se a pobreza e a imprecisão do estereótipo".

## **A Visibilidade**

Este princípio está intimamente ligado à faculdade de imaginação humana. Para Branco é a transubstanciação do sujeito, isto é, o ator é o único que se transforma naquilo que ele mesmo criou. Assim sendo, segundo Branco,

O problema que se coloca ao aluno da aula de práticas teatrais é, em simultâneo, muito simples e muito complexo – e pode ser expresso através de perguntas como: "Poderei eu ser uma flor que canta ópera?; "Poderei eu ser uma papagaio que ensina o dono a falar?; "Poderei eu ser um homem à beira da morte?; " Poderei eu ser uma menina fugida de um manicômio?; Essas perguntas fundam as suas raízes noutra pergunta ainda, mais acutilante: "Poderei eu ser todo mundo e ninguém?; O programa de trabalho, na aula de teatro, persegue a resolução dessa questão – o que implica empurrar a faculdade da imaginação até os limites máximos em cada um dos alunos. (Ibidem, 2014, p.67).

A proposição aqui não é a despersonalização do sujeito, pelo contrário o valor pedagógico está em que o aluno ao ser outro, tome consciência de si e de sua capacidade criativa, e ao mesmo tempo conheça o poder de fé em seu interior, pois a crença do ator está diretamente ligada à transposição de uma circunstância para a alma e o corpo deste sujeito enquanto ator. É a capacidade de ligar e desligar o botão da "irracionalidade"

que levará o sujeito a conhecer seus próprios limites e potencialidades. O aluno só poderá saber do que é capaz se for desafiado a sair de seu lugar de conforto em sala de aula. Branco nos recomenda,

Permitam aos seus alunos irem-se familiarizando com a potência e a criatividade do seu inconsciente, de onde brotarão as imagens com que poderão experimentar o processo de invenção do ator. (Ibidem, 2014, p. 69).

O professor ao oportunizar momentos de criação e liberdade de pensamento para seus alunos estará contribuindo sobremaneira com a libertação das mentes e corações desses educandos, potencializando-os para desafios futuros e um protagonismo de excelência no contexto social onde estiverem inseridos.

## **Multiplicidade**

Neste último princípio o autor nos coloca a questão genética como o cerne potencial para a criatividade humana. Todos carregaram uma multiplicidade de genes transmitidos pelo legado humano da evolução, portanto o exercício do ator é fazer despertar em si todas as possibilidades humanas adormecidas, escondidas, esquecidas ou desusadas.

O ator sabe que o unicum a que se chama eu, personalidade, identidade, só o é à superfície e que, quanto mais fundo mergulha em si, mais encontra o múltiplo e o diverso, em suma, a grande enciclopédia de todos os arquétipos humanos. (Ibidem, 2014, p. 70).

Somente potencializando as habilidades criativas dos alunos o professor poderá atingir o ápice da pedagogia teatral. A multiplicidade é mais um princípio que pode ser trabalhado em sala de aula desde que ao utilizar os cinco princípios o professor leve sempre em consideração a descoberta das potencialidades intrínsecas do EU. Elevando a níveis potenciais o que ele tem de melhor,

A aula de práticas teatrais deve prestar-se, por isso, à aprendizagem do múltiplo, nas suas múltiplas dimensões: o conhecimento das múltiplas possibilidades do humano, mas também a descoberta e potenciação dos múltiplos recursos disponíveis para exprimi-lo - os recursos vocais, os recursos sensoriais, os recursos motores, os recursos emocionais, os recursos intelectuais, os recursos psíquicos, os recursos imagéticos, etc. (...) É a pergunta que conduz a aprendizagem da multiplicidade é esta: O que é que eu tenho em mim (na minha alma e no meu corpo) que não uso? (Ibidem, 2014, p, 72).

É com o desejo de que nossos professores possam aplicar estes princípios em sala de aula e que possamos exercitar nosso olhar, nossa escuta aos diversos clamores surgidos dentro de nossas escolas em nossas salas de aula é que propomos a pedagogia teatral. E onde o ambiente educacional possa ser um espaço de acesso ao novo um espaço de produção e de passagem na direção da criação e do encontro com o outro e consigo mesmo, um espaço onde o diálogo possa fluir naturalmente sem nada imposto, mas que surja como uma necessidade de todos e que ao nos comunicarmos nos entendamos como seres criativos e autoproductivos de valores solidários, concretizando e fortalecendo o compartilhamento de nossa humanidade. E que a sala de aula se transforme num espaço, onde o afeto esteja presente no sentir no pensar e no fazer educacional e estes sejam os princípios que nunca saiam do nosso foco enquanto seres humanos educadores.

## **A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA TEATRAL EM SALA DE AULA**

O ensino do teatro na escola pública ainda é uma realidade distante, o que nos leva a acreditar que isso se dá pelas dificuldades estruturais, materiais e de capital humano, concernentes ao âmbito educacional. Ou talvez ainda, pelo fato de que muitos professores não têm o conhecimento necessário do quão importante à pe-

dagogia Teatral ou Jogo teatral possuem, para contribuir na criação do aluno protagonista, trazendo em seu bojo contribuições significativas na formação da consciência crítica e na formação da personalidade do aluno. A falta de conhecimento na área acaba por afastar a possibilidade de se utilizar o teatro como ferramenta potencializadora da aprendizagem.

Diante do exposto, apresentamos o teatro como mais um gênero por meio do qual o professor possa atuar de maneira significativa em sala de aula. A pedagogia Teatral ou o Jogo Teatral quando desenvolvidos com propriedade e conhecimento sólido, respeitando e adotando os princípios que norteiam a prática do teatro na sala de aula, desperta no aluno seu senso crítico, ajuda-o a expressar-se com espontaneidade e assim, contribuí na sua formação estética, corporal e cognitiva, o que facilita sua interação como protagonista na sociedade.

O teatro está inserido no universo das artes e é caracterizado por ser uma atividade que mistura artesanato e sofisticação, teoria e prática, espontaneidade e construção estética, racionalidade e irracionalidade, criatividade e técnica. É também uma arte que mescla palavra, imagem, som, ação, luz, poesia e dramaticidade, É uma arte aberta e dinâmica, que sempre está sendo reinventada. (DÓRIA, 2011). E conseqüentemente reinventa os sujeitos.

É importante saber que os professores, mesmo sem experiência teatral, podem trazer o teatro para a sala de aula, e esta pode ser uma vivência enriquecedora e inesquecível para ambos. O professor que se dispuser a vivenciar uma prática de criação teatral com seus alunos precisa se despir de vários poderes constituídos e determinados pela forma como organiza a sociedade em que vive. O professor ao utilizar o Teatro como metodologia ativa numa perspectiva de significação deve se despir dos papéis que lhe são atribuídos enquanto profissional e se dispor a atuar como um orientador, cofacilitador e coparticipante do processo, primeiramente deve ter em mente uma vivência artística de condutor, e cúmplice afetivo – e não de um professor que estabelece estilos

de vida e valores para seus alunos. O professor ao adotar uma postura de professor Coach deve ser um orientador com sensibilidade para o conteúdo artístico, disposto a estar constantemente se autoanalisando e refletindo sobre as condições que está criando ou não em sala de aula, só assim seus alunos terão liberdade total de criação e pensamento.

Atualmente, muitos estudos são dedicados à compreensão do ensino teatral como um grande potencializador de aprendizagens significativas. O teatro pode ser utilizado nas escolas nos mais diversos níveis de ensino. De acordo com Costa,

O teatro e a ludicidade, enquanto processo que se interpenetram e possibilitem intensa motivação subjetiva, devem ser concebidas como um campo de significativa experiência emocional e intelectual que pode (e deve) focalizar a diversidade de gênero, de classe e de grupos sociais envolvidos no processo de educação. (COSTA, 2004, p.94).

Precisamos ultrapassar a barreira do ensino conteudista no qual o aluno é um mero receptor de um conhecimento estático, no mundo contemporâneo de cultura mundialmente globalizada é preciso que o aluno seja um ser ativo, realmente capaz de se tornar um protagonista de sua própria história, de refletir e de encontrar saídas na resolução de problemas e desafios apresentados em seu cotidiano. Dessa forma, acreditamos que a prática do teatro na sala de aula serve de estímulo para a livre expressão do aluno, fazendo com que este perca o medo e se torne mais autônomo, levando-o a pensar e repensar sobre sua aprendizagem, bem como pode ajudá-lo a exercer uma prática que servirá para sua vida dentro e fora da escola, aprendendo a reconhecer-se como protagonista da sua própria história, e com isso se perceber como pessoa que aprende a encontrar-se exercendo seu papel no mundo que o cerca.

O entendimento do teatro como uma Metodologia Ativa de ensino passa pela concepção de que a educação possui suas funções e tem seus objetivos claros, a di-



ferença aqui neste método é que o aluno é participativo no processo educacional assumindo também o papel de coautor e protagonista rumo ao alcance dos objetivos e funções da educação, neste caso o aluno se transforma no construtor de seu próprio conhecimento.

Por este motivo o teatro como Metodologia Ativa, tem o poder de criar aprendizagens significativas, pois liberta os alunos da opressão cultural e econômica ao qual estão submetidos. O teatro como possibilidade metodológica de ensino abre infinitas possibilidades para uma mente menos oprimida e mais libertadora.

Confirmando esse pensamento, Boal (2008), nos diz que, o teatro sem dogma e realizado por meio de um conjunto de exercícios que ensinam o ser humano a se utilizar de uma ferramenta que ele já possui e não sabe. O homem traz esta característica teatral dentro de si. É um método de descoberta do desejo e de ensaio de realização deste desejo. Portanto, é visível que o teatro pode ser uma arma de libertação, de transformação social e educativa para todos.

É notória que nas sociedades hodiernas se busque uma nova forma de produzir o conhecimento, um novo paradigma se inaugura a partir do princípio de que a função primordial da escola não é mais transmitir conhecimentos, mas formar pessoas. Uma formação que depende dos conhecimentos, mas de forma contextualizada, que assuma o desafio de religação dos saberes (MORIN, 2001). E que tenha como objetivo último o pleno exercício da cidadania, que inclui saber exercer, participar, criar e conviver no pleno exercício da cidadania.

As escolas ainda operam no paradigma racionalista Decarteano que tem na fragmentação das realidades seu ponto alto, porém ao agirmos por essa vertente acabamos por separar aquilo que o ser humano possui de mais essencial que é sua condição humana, esta é deixada de lado com o objetivo científico da razão a cima de tudo, entretanto, sabemos que este fazer nos trouxe inúmeros problemas um deles é a dissociação entre matéria e espírito, razão e emoção, corpo e mente, trazendo para dentro de nós uma fragmentação do SER. Nas salas

de aulas percebemos uma inibição contundente da criatividade e das percepções superiores de nossos alunos, e um grande sentimento de esgotamento e esvaziamento dessa antiga forma de se fazer educação.

Segundo Marinho (2007, p.39) a educação deve caminhar em outra direção no sentido de que tenha significado,

Para a vida afetiva, intelectual, corporal, social e espiritual do aluno, sem as divisões tão usadas nas escolas. Compreende-se hoje que educar não é apenas estar preparado para o mercado de trabalho e acumular informações e conhecimento. Pelo contrário, o mundo exige pessoas com uma visão ampla, o que engloba autoconhecimento, desejo de aprender, capacidade de tratar com o imprevisível e a mudança, capacidade de resolver problemas criativamente, aprender a vencer na vida sem derrotar os demais, aprender a gostar de progredir como pessoa total e crescer até o limite das possibilidades que são infinitas.

O trabalho desenvolvido no Projeto Metodologias Coach de Ensino: compartilhando saberes e construindo possibilidades veio atender aos anseios aqui expostos uma vez que durante o Projeto foram aplicadas as Metodologias Ativas com o intuito de se atingir aprendizagens significativas com os alunos do 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal de Macapá, público alvo do projeto. O professor ao adotar a postura do Professor coach colocou em prática diversos temas aplicados conforme o que se propôs como inovação educacional no sistema de ensino da rede municipal de Macapá, neste caso aqui especificamente o tema central foi o Teatro.

Para a orientação do desenvolvimento da oficina, fizemos um planejamento com as atividades práticas a serem desenvolvidas na Oficina utilizando o Teatro como metodologia ativa do Professor Coach. Ressaltamos que, vivenciar a prática do ensino do teatro com os referidos professores, foi uma experiência bastante relevante na construção de conhecimento para todos. Os professores foram orientados a aplicar com seus alunos todas as

atividades desenvolvidas durante a Oficina, construindo assim aprendizagem significativa para seus alunos, o que resultou em um trabalho que trouxe à tona, muitos anseios, bem como competências e habilidades que estavam adormecidas tanto no professor quanto no aluno.

## **MOMENTO DE FORMAÇÃO COM OS EDUCADORES**

A equipe que pensou, criou e formalizou a oficina de teatro, aceitou esse desafio, com o objetivo de sensibilizar os professores no sentido de ter um olhar diferenciado para seu aluno, bem como, utilizar uma metodologia teatral para enriquecer suas aulas. E por meio desta prática contribuir para uma formação significativa do educando, potencializando saberes inato ao aluno e despertando-o para o protagonismo em seu contexto social, capaz de expressar-se livremente, despertando sua criatividade através das aulas de teatro na escola.

Na Oficina de teatro também foi disponibilizado um material de apoio aos professores em forma de apostila contendo todo o trabalho da Oficina, bem como, outras dicas e possibilidades de trabalho dentro da temática do teatro, o material é o que apresentaremos a seguir na íntegra.

**Figura 1: Equipe responsável pelo planejamento e execução da Oficina de teatro**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

# OFICINA: TEATRO

**Conteúdo:** Teatro

Autores do material de apoio e ministrantes da oficina: Elisa Vales, Antonio Barbosa, Mayse Rodrigues e Valdenice Maciel.

## **Metodologia/Prática**

- Aquecimento;
- Rotina de participação “brainstorming”;

## **Dinâmicas**

Trabalho em grupos para montagem de encenação teatral.

**Referencial teórico:** Metodologias ativas, Rotinas de aprendizagem e participação, educação e coach.

## **ROTEIRO**

**8h** - Acolhida com música ambiente;

**8h30 1º Momento:**

- Apresentação do que vai ser a vivência;
- Apresentação teatral Curupira, um ser inesquecível – Movimento Cultural, Desclassificáveis.

**8h40 2º Momento** - Aquecimento: Todos no centro da sala para um momento de alongamento. Será disponibilizado em data show um vídeo com apresentação da coreografia da música Tchutchuê. (05 min.)

**8h45 3º Momento** - Dinâmica “brainstorming” (tempestade de ideias) O que é teatro? Qual sua função no ambiente escolar?

Slide - Breve explanação sobre o referencial teórico.

**9h10 4º Momento** - Dinâmicas que desenvolvem aspectos relacionados ao teatro.

### **Monstro e vítima (Voz e expressão corporal)**

- Trava-línguas – (Vocal) – distribuir fichas com frases a serem repetidas rápida e lentamente, alto e baixo, com sentimentos (raiva, tristeza, etc.)
- O navio que parte - Expressão corporal
- Estátua (Expressão facial)
- Distribuir personagens para que os grupos realizem uma rápida improvisação para que os demais participantes adivinhem de quem se trata. (Improvisação)

### **10h30 - Intervalo para o lanche**

**10h40 5º Momento** - Divisão em grupos para seleção de obra literária para montagem de uma peça teatral, levando em consideração os itens abordados na oficina, os recursos disponíveis e a criatividade de cada participante da oficina.

**11h15 6º Momento** - Apresentação dos grupos, conclusão da vivência e avaliação

## **MÉTODOS UTILIZADOS**

Teatro na escola tem uma importância fundamental na educação, podendo colaborar para que a criança tenha oportunidade de atuar efetivamente no mundo, opinando, criticando e sugerindo e, também permite ajudar o aluno a desenvolver alguns aspectos: criatividade, coordenação, memorização e vocabulário.

Aquecimento é uma técnica normalmente praticada antes de quaisquer atividades desportivas ou de exercícios físicos. Consiste em aumentar gradualmente a intensidade da atividade física, incrementando também a temperatura corporal, o aquecimento é importante para

evitar lesões na hora de fazer exercícios. Utilizaremos esta técnica devido à temática teatral envolver todo o corpo dos participantes. Será utilizada a música tchutchuê, de Rebeca Nemer, para esta atividade.

**Rotina de participação “brainstorming”** (tempestade de ideias)

É uma técnica usada em dinâmica de grupos. Sua principal característica é explorar as habilidades, potencialidades e criatividade de uma pessoa, direcionado ao serviço de acordo com o interesse. No ensino escolar é usada como estratégia. Em cada início de assunto pode-se colocar em prática. As perguntas devem ser respondidas pelos participantes de forma oral, com base nos conhecimentos adquiridos em sua experiência de vida. Tudo o que forem expressando, deve-se anotar no quadro, pois cada palavra registrada será usada como ponto de partida para o conhecimento do conteúdo que se pretenda estudar. Durante as anotações todas as frases e palavras devem ser consideradas. O ideal é que todos participem e deem sua opinião. Logo após a tempestade de ideias, o professor (a) analisa cada opinião sem constranger nenhum aluno no decorrer dos comentários, mesmo que o exposto não tenha nenhuma ligação com o tema abordado. Esse tipo de dinâmica é importante, pois o aluno expõe seus conhecimentos adquiridos em sua experiência pessoal e se posiciona diante de um determinado tema, respeite as ideias dos colegas e também exercite a prática da participação cotidiano das aulas.

**Dinâmicas diretamente ligadas às habilidades necessárias ao teatro:**

**1. Monstro e vítima:** os participantes estarão em duas filas, um em frente do outro. Os grupos serão identificados como vítimas e monstros, onde as vítimas devem, ao comando do facilitador, levantar as sobrancelhas, os ombros, colocar as mãos na frente, um pé atrás e dizer a letra “A”AAAA. Os monstros deverão franzir as sobrancelhas, os ombros em cima, as mãos na frente, um passo à

frente e dizer a letra UUUUUUUUU. (voz e expressão corporal)

**2. Trava-línguas:** Este exercício se faz também em aulas de canto, é ótimo para o 'desenrolar' da língua. Repetir rápida e lentamente, alto e baixo, frases como: "O tamborineiro tamborilava em seu tamborim". "O doce falou pro doce, que o doce mais doce é o doce da batata doce". "O vestidinho de bolinha da Lucinha era bonitinho e sem preço". "Em um pote há uma aranha e uma rã, nem a rã arranha a aranha, nem a aranha arranha a rã."

**3. O navio:** Você precisa ir ao porto despedir-se de um amigo ou parente, que está de partida em um transatlântico. Seja específico quanto a sua relação com o viajante. Há uma grande multidão no cais em frente ao navio. Examine o navio e a multidão. Pouco a pouco, mistura-se à multidão, abrindo caminho por entre as pessoas imaginárias. Caminhe para o cais e observe a fila de passageiros no navio acima de você. Procure por seu amigo. Acene vagarosamente enquanto procura. De repente, você o encontra. A presença de seu amigo é confortadora. Acene mais rapidamente.

Tente desesperadamente atrair sua atenção. Continue acenando mesmo ao perceber que você se enganou de pessoa. Continue a acenar, mas mude o ritmo a cada transição. Inclina-se e examine a pessoa para quem você acenava. Em seguida, endireite-se para obter uma distância visual dela. Admita que não se trate da pessoa certa. Continue acenando,

embora esteja envergonhado e com menos esperança de encontrar seu amigo. Perceba que todos ao seu redor continuam acenando. Tente manter as aparências acenando para qualquer um no navio, embora ainda esteja procurando seu amigo.

De repente, o navio entra em movimento. Por um momento, você entra em pânico ao perceber que talvez não mais faça contato com seu amigo. Continue a acenar enquanto o transatlântico zarpa vagarosamente e, por fim, desaparece no horizonte. Tente usar o corpo inteiro para demonstrar cada transição que fizer.

**4. Estátua:** Os participantes estarão andando pelo

salão, ao seu sinal, eles paralisarão com expressão facial e corporal sentimentos como alegria, tristeza, medo, pavor, ira, orgulho, cinismo, desânimo, desprezo, etc. Estes sentimentos ao seu sinal, você irá falar. Pode se fazer em dois grupos, para que um grupo olhe e observa a expressão do outro, e você analisa junto o que faltou, o que melhorou (conhecimento da técnica do estático).

**5. Improviso:** Serão distribuídos nomes de personagens famosos para que, em grupos, realizem uma rápida encenação para que o grupo descubra de quem se trata.

### **Divisão em grupos para montagem de encenação teatral ligada a educação**

Os professores do 5º ano estarão dispostos em grupo e, baseados na literatura escolhida, deverão montar uma encenação teatral. Deverão utilizar os recursos disponíveis para caracterizar as personagens.

## **QUESTÕES TRABALHADAS**

### **O que é Teatro**

O teatro é, antes de qualquer coisa, uma arte. Mas é uma arte que se associa à história do homem e à própria história da comunicação humana. O teatro, como arte, foi formalizado pelos gregos, passando dos rituais primitivos das concepções religiosas que eram simbolizadas, para o espaço cênico organizado, como demonstração de cultura e conhecimento. Foi trazido para Brasil como instrumento pedagógico pelos jesuítas com o objetivo de catequizar os índios, a encenação foi adquirindo cores nacionais no fim do século XIX. É, por excelência, a arte do homem exigindo a sua presença de forma completa: seu corpo, sua fala, seu gesto, manifestando a necessidade de expressão e comunicação.



## **O teatro como expressão e comunicação**

Por ser o teatro uma forma de expressão que permite a alguém presenciar um fato acontecido em qualquer tempo e lugar, já que ali se revive o sentimento do acontecido, os personagens têm sua personalidade reconstituída através do entendimento do próprio texto. A função do texto deve, pois, ser compreendida e vivenciada, sua premissa percebida e trabalhada como uma forma de leitura do mundo. Portanto, o aprendizado do aluno perpassa pelo reconhecimento e utilização dos elementos da linguagem dramática, articulação entre expressão corporal, plástica e sonora, seleção e organização dos objetos a serem utilizados no teatro e da participação de cada um na atividade.

## **O teatro como produção coletiva**

O teatro na escola contribui com o objetivo geral da educação escolar, ou seja, valoriza o processo da formação consciente, organizada e uma atitude reflexiva diante das situações apresentadas ao aluno.

A participação do processo criativo do teatro na escola representa condições de ampliar a visão e o conhecimento o que contribuirá para realização da obra como um todo e para o reconhecimento individual do aluno na produção coletiva. Ao participar de um processo coletivo, mesmo não estando no palco como ator, o aluno reconhece sua obra: no cenário, na iluminação, na criação de textos, na figuração, etc.

## **Teatro como construção de valores normas e atitudes**

O teatro no ensino fundamental oportuniza experiências que contribuem para o crescimento integrado da criança. No plano individual proporciona o desenvolvimento das capacidades expressivas e artísticas e no coletivo contribui com o despertar do interesse e respeito pela produção dos colegas e de outras pessoas, bem como o desenvolvimento de atitudes de autoconfiança

na tomada de decisões em relação ao grupo. E ainda exercita as relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia.

### **Função e prática do teatro na escola**

Ensinar o conteúdo disciplinar, atualmente, não é a única função da escola. Enquanto instituição formadora, ela deve viabilizar formas de acesso ao lazer, à cultura, às práticas esportivas e até questões religiosas, permitindo a integração mais efetiva dos alunos na sociedade.

## **+POSSIBILIDADES**

Nesse sentido, o teatro tem um papel importante na vida dos estudantes, uma vez que, sendo devidamente utilizado, auxilia no desenvolvimento da criança e do adolescente como um todo, despertando o gosto pela leitura, promovendo a socialização e, principalmente, melhorando a aprendizagem dos conteúdos propostos pela escola. Além disso, sob a perspectiva de obra de Arte, o teatro também incomoda, no sentido filosófico, porque faz repensar e querer modificar a realidade instaurada. Ademais, possui caráter lúdico e constitui-se como forma de lazer.

Há muitas maneiras de se trabalhar teatro nas escolas, mas o que se tem visto é a banalização desta forma artística no uso reiterado em datas históricas comemorativas, sem um objetivo de fato pedagógico. Por isso, destacamos, aqui, duas maneiras de fazer o uso do teatro na escola, tendo por base estudos advindos de experiências didáticas. O teatro não deve ser realizado no formato de espetáculos, em que as crianças apresentam uma peça previamente ensaiada para um público. Já que esse tipo de atividade gera uma expectativa por parte dos alunos e deve ser explorado pelo educador dentro do espaço

da sala de aula e com objetivo primeiro de desenvolver: as capacidades de expressão – relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção, as quais são próprias do ser humano, mas necessitam ser estimuladas e desenvolvidas. As atividades dramáticas (mímicas, jograis, improviso, recriação etc.), nessa perspectiva, são um valioso instrumento para o professor.

Ao se trabalhar com teatro na escola deve-se ter como objetivo levar os alunos a desenvolver características fundamentais para o melhor desempenho escolar como: espontaneidade, aceitação de regras, criatividade, autoconhecimento, senso crítico, raciocínio lógico, intuição, conhecimento do grupo e de si próprio e do conhecimento do ambiente. O importante é que o professor saiba como utilizá-las e conseguirá desenvolver as habilidades citadas.

## INSPIRAÇÕES

**EMEF Desembargador Amorim Lima:** Disponível em: <<http://amorimlima.org.br/> <https://www.facebook.com/EMEF.Desembargador.Amorim.Lima/>>.

Endereços virtuais da Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, escola transformadora situada em São Paulo, a qual possui direção democrática e preocupação em criar cidadãos autônomos na busca pelo conhecimento.

**Pé na Escola:** Disponível em: <[www.penaescola.com](http://www.penaescola.com)>

O PÉ NA ESCOLA é uma empresa que desenvolve soluções customizadas para uma Educação Política Criativa. Educação Política Criativa é feita de conteúdos e práticas que estimulam a convivência na diversidade, a solução de conflitos por meio do diálogo, a criatividade, a colaboração e o respeito às singularidades.

# PROVA BRASIL

A seguir listamos alguns descritores que podem ter relação com as metodologias sugeridas. Os descritores foram extraídos do Plano de Desenvolvimento da Educação, disponível no documento: PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. (MEC, 2008) Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/prova%20brasil\\_matriz2.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/prova%20brasil_matriz2.pdf)>

## **Tópico I** - Procedimentos de leitura

### **D1. Localizar informações explícitas em um texto**

A habilidade que pode ser avaliada por esse descritor, relaciona-se a localização pelo aluno de uma informação solicitada, que pode estar expressa literalmente no texto ou pode vir manifesta por meio de uma paráfrase, isto é, dizer de outra maneira o que se leu.

Sugestão de texto para dramatização: O jabuti e o coelho. Disponível em: <<https://varaldeatividades.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

## REFERÊNCIAS

ACESSABER. Disponível em: <[www.acesaber.com.br/atividades/interpretacao-texto-rato-campo-rato-cidade/](http://www.acesaber.com.br/atividades/interpretacao-texto-rato-campo-rato-cidade/)>. Acesso em: 12 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://meustrabalhospedagogicos.blogspot.com/2008/04/pea-teatro-trs-contos-que-vou-te-contar.html>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

BLOGBLOGS. Disponível em: <<http://paginasclandestinas.blogspot.com/search/label/G%C3%AAnero%20dram%C3%A1tico>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Publicações:** Prova Brasil. Disponível em: <<http://provabrasil.inep.gov.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

INEP. Disponível em: <[www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)>. Acesso em: 12 ago. 2017.

MEC. **Ficha Técnica de aula.** Disponível em: <<http://portal.dop professor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=6850>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

SILVA, Eleúzia Lins da. Disponível em: <<https://varaldeatividades.blogspot.com.br>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://sitededicas.ne10.uol.com.br/fabula-a-raposa-e-as-ucas.htm>>. <<https://brainly.com.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

## **A OFICINA DE TEATRO: FORMAÇÃO EM CONTEXTO.**

A Oficina aconteceu em 30 de setembro de 2017 e apresentou uma proposta de trabalho inovadora aos professores uma vez que nem todos tinham contato ou conheciam o método do gênero teatral. Entretanto, o trabalho apresentou-se bastante significativo com atividades e exercícios prazerosos e lúdicos.

### **Apresentação do Grupo Teatral “Movimento Cultural, Desclassificáveis”, com a peça: O curupira um ser inesquecível.**

“O curupira” foi a encenação que deu início à oficina de teatro e retratou a história de algumas lendas do folclore brasileiro como: o curupira, matinta pereira, o boto, a lenda da mandioca e do poraquê. Os personagens entraram ao som do batuque o que retratou a floresta e seus segredos, despertando assim a imaginação de todos. A cada ato que se expressava verbal e corporalmente a história de cada personagem, era perceptível na fisionomia do professor, o encanto pela encenação.

Na escola, essa peça pode ser realizada na própria sala de aula ou em algum outro espaço disponível. Ajuda a desenvolver o espírito de coletividade, estimulando a imaginação, e a expressão verbal e gestual, valorizando o convívio social dos personagens.

**Figura 2: Grupo teatral: Os Desclassificáveis. Em apresentação na Oficina de Teatro.**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

**A atividade Tchutchuê** é um brinquedo cantado, que tem como objetivo o aquecimento dos participantes. Por meio de expressão corporal e gestual levou os professores ao aquecimento para a participação nas outras atividades. É uma dinâmica que pode ser usada na sala de aula em qualquer faixa etária permite ao educando o espírito de grupo bem como a interação com o outro em uma perspectiva de socialização. Essa atividade pode ser desenvolvida no início da aula em qualquer disciplina, como uma dinâmica que visa à interação dos alunos. (a elaboração desta dinâmica foi inspirada no vídeo musical criado pelo grupo: "Pequenos Atos" e trata-se de dançar, cantar, se entortar e se divertir. Tudo isso é feito em uma única música o Tchutchuê. O vídeo foi publicado em nove de fevereiro de 2017).

**Rotina de participação "brainstorming"** (tempestade de ideias)

A dinâmica foi desenvolvida com os professores com o objetivo de falar sobre o tema da oficina, uma das perguntas feita aos participantes foi o conceito de teatro, e dentro do conhecimento prévio dos participantes cada um falou um pouco sobre seu entendimento a respeito do tema, à medida que respondiam criava entre os participantes uma tempestade de ideias em função de várias respostas, o que enriquecia e motivava a equipe responsável pela oficina. Em seguida a equipe responsável fez uma breve explanação sobre teatro através de slide. O momento foi de ensino-aprendizagem. Com os alunos, o professor pode trabalhar ao iniciar um novo assunto, é interessante fazer o registro das ideias que forem fluindo. Essa é uma dinâmica que pode ser desenvolvida para trabalhar qualquer temática em qualquer disciplina, e um dos objetivos é o desenvolvimento cognitivo do aluno. É uma técnica usada em dinâmica de grupo.

O **brainstorming** é uma dinâmica que exige flexibilidade, liberdade e suspensão de censura. Sua principal característica é potencializar as habilidades, e criatividade de uma pessoa direcionada ao interesse. No ambiente escolar é usada como estratégia. Em cada início de assunto pode-se colocar em prática. As perguntas devem ser respondidas pelos participantes de forma oral, com base nos seus conhecimentos prévios sobre o tema abordado.

O importante é deixar o pensamento fluir, ainda que as ideias expressas pareçam absurdas e aparentemente fora do tema, o professor pode direcioná-la ao mesmo. É necessário limitar um tempo para as respostas, porém, ainda assim, os participantes precisam sentir-se à vontade para responderem o que pensam. Tudo o que forem expressando, deve ser anotado no quadro ou em um papel. Durante as anotações todas as frases e palavras devem ser consideradas.

O ideal é que todos participem com sua opinião a respeito do assunto. Logo após a tempestade de ideias, o professor (a) analisa cada opinião sem constranger nenhum aluno no decorrer dos comentários, mesmo que as ideias expressas não tenham ligação com o tema. Esse

tipo de dinâmica é importante, pois o aluno expõe seus conhecimentos adquiridos em sua experiência pessoal e se posiciona diante de um determinado assunto, pois cada palavra registrada será usada como ponto de partida para o conhecimento do conteúdo que se pretende estudar.

O professor deve respeitar as ideias dos alunos e acompanhar para que todos da sala de aula também respeitem as ideias dos colegas. A Rotina de participação “brainstorming”, quando é praticada no cotidiano na sala de aula, promove o desenvolvimento cognitivo do aluno.

**Figura 3: Monstro e vítima (Voz e expressão corporal)**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

O objetivo dessa dinâmica é desenvolver a expressão verbal e corporal. Ainda que pareça uma dinâmica simples, muitos alunos têm dificuldade em expressar-se, portanto, é de extrema importância que o professor utilize dessa ferramenta em sala de aula com seus alunos, é uma dinâmica prática que além de divertida tem sua função pedagógica no sentido de liberar a expressão corporal e verbal sem pudores. Com os professores foi bastante divertido, embora adultos, percebeu-se que alguns ainda são tímidos ou retraídos quando se trata de



expressarem-se em uma atividade lúdica.

- Os participantes serão divididos em duas filas formando par, um de frente para o outro.
- Uma fila será identificada como sendo as vítimas e a outra os monstros.
- Ao comando do facilitador as vítimas devem levantar as sobrançelas, os ombros, colocar as mãos na frente, um pé atrás e dizer a letra "A". Os monstros deverão franzir as sobrançelas, os ombros em cima, as mãos na frente, um passo à frente e dizer a letra "U". (voz e expressão corpora).

### **O navio que parte** - Expressão corporal

Essa dinâmica envolve atividades de expressão corporal e gestual, ela acontece através de alguém que narra todos os atos a serem desenvolvidos. No âmbito escolar é necessário práticas como essa, que levem o aluno a envolver-se nos fatos imaginários, que por sua vez, tem seu papel indispensável no desenvolvimento da personalidade do aluno nos quais despertados diversos sentimentos e desenvolve habilidades preponderantes ao processo da aprendizagem. Foi utilizada para esta dinâmica a seguinte narrativa:

"Você precisa ir ao porto despedir-se de um amigo ou parente, que está de partida em um transatlântico. Seja específico quanto a sua relação com o viajante. Há uma grande multidão no cais em frente ao navio. Examine o navio e a multidão. Pouco a pouco, mistura-se à multidão, abrindo caminho por entre as pessoas imaginárias. Caminhe para o cais e observe a fila de passageiros no navio acima de você. Procure por seu amigo. Ace-ne vagarosamente enquanto procura. De repente, você o encontra. A presença de seu amigo é confortadora. Acene mais rapidamente. Tente desesperadamente atrair sua atenção. Continue acenando mesmo ao perceber que você se enganou de pessoa. Continue a acenar, mas mude o ritmo a cada transição. Inclina-se e examine a pessoa para quem você acenava. Em seguida, endireite-se para obter uma distância visual dela. Admita que não se trate da pessoa certa. Continue acenando,

embora esteja envergonhado e com menos esperança de encontrar seu amigo. Perceba que todos ao seu redor continuam acenando. Tente manter as aparências acenando para qualquer um no navio, embora ainda esteja procurando seu amigo. De repente, o navio entra em movimento. Por um momento, você entra em pânico ao perceber que talvez não mais faça contato com seu amigo. Continue a acenar enquanto o transatlântico zarpa vagarosamente e, por fim, desaparece no horizonte. Tente usar o corpo inteiro para demonstrar cada transição que fizer."

## **Improvisação**

Esta atividade consiste em, distribuir personagens para que os grupos realizem uma rápida improvisação sobre os personagens, para que os demais participantes adivinhem de quem se trata. Os professores serão divididos em grupos. Distribuídos por grupo com nomes de personagens famosos para que realizem uma rápida encenação e os demais membros do grupo possam descobrir de quem se trata o personagem representado de improviso.

A improvisação faz do teatro algo mágico, nesse contexto, foram feitas algumas encenações que foram muito produtivas, pois, os professores soltaram a imaginação e as ideias fluíram brilhantemente embora as encenações tenham sido realizadas de improviso.

Sabemos o quanto são importantes essas atividades na sala de aula, para o desenvolvimento cognitivo dos nossos alunos.

Com os alunos, a improvisação também tende a fluir na mais perfeita harmonia, basta que o professor seja audacioso e confie na capacidade de criação dos alunos, pois, a improvisação é um estímulo para o desenvolvimento da imaginação e da expressão verbal e corporal dos educandos. A atividade consiste em instigar a criatividade provocando uma rápida improvisação para que os demais participantes adivinhem de quem se trata os personagens representados.

**Figura 4: Atividade de improvisação com os professores**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

**Figura 5: Atividade de improvisação com peça teatral criada pelos professores.**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

## **AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES**

A avaliação é um instrumento necessário no processo de ensino aprendizagem, através dela se pode analisar o que deu certo e o que precisa melhorar nesse pro-

cesso, da mesma forma, a prática da oficina de teatro também passou por uma avaliação para perceber se o objetivo proposto foi alcançado. Na roda de conversa os professores fizeram a análise dos positivos e os que precisavam melhorar.

Diante da ficha avaliativa em mãos, foram feitas algumas observações referente à oficina de teatro, das quais, percebemos que tiveram mais pontos positivos do que negativos, pois, os professores demonstraram ter gostado das metodologias ativas utilizadas bem como o conteúdo e sugestões das possibilidades a serem trabalhadas com o teatro na sala de aula.

**Figura 6: Roda conversa de professores ao final da oficina**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

## **APLICAÇÃO NAS ESCOLAS**

Pensar em um projeto na área da educação é demonstrar a vontade exercer uma atitude no sentido de melhorar a qualidade dessa educação. Muito nos preocupa como educadores ao ver o descaso cada vez mais aparente em educar. Por esse motivo nos alegra ao ver que o conhecimento ofertado aos professores na oficina de teatro foi realmente aplicado nas escolas das quais os mesmos desenvolvem o seu fazer pedagógico. Essa

prática vem fortalecer o sentimento de compromisso que percebemos em nós mesmos. Sabemos que não é fácil a tarefa de educar diante dos percalços encontrados em nosso cotidiano, porém somente os profissionais que têm o compromisso com a mudança é que persistem. Esperamos somar cada vez mais com metodologias ativas coach de ensino compartilhando saberes e construindo possibilidades.

As metodologias ativas e a postura do professor coach, se apresentam como mais um mecanismo no processo de aprendizagem. A oficina teve como objetivo levar ao conhecimento do professor essa prática como também o de sensibilizá-lo a exercê-la em sua sala de aula com seus alunos. O aquecimento é uma atividade necessária para a apresentação da peça teatral. Abaixo o registro da aplicação de um aquecimento dos educadores com seus alunos.

As dinâmicas representadas nas fotos abaixo com os alunos do 5º ano da Emef. Ana Maria da Silva Ramos consistem em atividade de aquecimento da atividade “Monstro e vítima” (voz e expressão corporal).

As atividades propostas de aquecimento contribuem para um aquecimento prévio com o objetivo de instigar a mente do educando despertando-os para a movimentação e preparando o corpo dos alunos para as atividades seguintes. Com a atividade Monstro e vítima (expressão corporal), o professor trabalha nas crianças a maneira específica de expressão corporal entre uma vítima e um monstro, criando na mente da criança a expressão de cada personagem, fazendo um exercício de imaginação e criatividade.

**Figura 7: Emef Eliana Flexa, alunos do 5º ano encenando "Chapeuzinho Vermelho".**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

### **Comunidade Rural da Vila do Coração (comunidade formada por remanescentes quilombolas) uma história em contexto preservado**

Conta a lenda que a alguns quilômetros distantes da área urbana de Macapá, havia uma localidade conhecida como Vila do Coração, que tinha uma fonte encantada, pois os moradores da mesma costumavam tomar banho por lá. Certo dia, apareceu alguém para usufruir da maravilhosa água que a fonte fornecia, porém, o que essa pessoa não percebeu, é que já se passava das 18 h, quando de repente, apareceu a sua frente uma mulher loira. A visão lhe causou uma forte dor de cabeça pela desobediência. Uma vez que não era permitido ninguém tomar banho nesta fonte, após esse horário, caso contrário a loira aparecia para amedrontar as pessoas que por insistência apareciam por lá. Muitas pessoas contam que já viram "a loira da Fonte", inclusive, algumas hoje já com certa idade. A Lenda espalhou-se pela comunidade e a partir daí a história passou a ser contada de pai para filho. Hoje, o local aonde se encontra a fonte, faz parte do limite de um terreno particular e o local está sob o domínio de uma família moradora da comunidade. E assim se conta "a lenda da loira da fonte".



**Figura 9: EMEF. Goiás, a imagem folclórica, “A loira da fonte”.**



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Hoje, a lenda faz parte da vida e história da comunidade, apontando para o resgate de uma educação valorativa. A prática de uma aprendizagem significativa enseja nos alunos o desejo do protagonismo de sua história e de seu contexto.

## **RESUMO DO CAMINHO DA APRENDIZAGEM DO ALUNO**

Após a prática teatral desenvolvida nas escolas, podemos perceber o quanto foi significativo para os alunos e quanto essa prática contribuiu para o desenvolvimento das expressões espontâneas dos mesmos. No registro abaixo, as alunas, descrevem o envolvimento e o aprendizado adquirido durante as aulas, o que fortalece a necessidade dessa prática na sala de aula.

Figura 10: Pagina Diário de bordo de estudante

Resumo do seu caminho de aprendizagem (o que sei agora que não sabia antes? O que faço agora melhor do que antes? O que mudou na forma de me relacionar com as pessoas?)

Eu tinha muita vergonha de me apresentar na frente da Sala, mais com o tempo fui melhorando cada vez mais. agora é normal, agora é mais fácil me relacionar com outras pessoas.

Meus próximos desafios a partir do que aprendi:

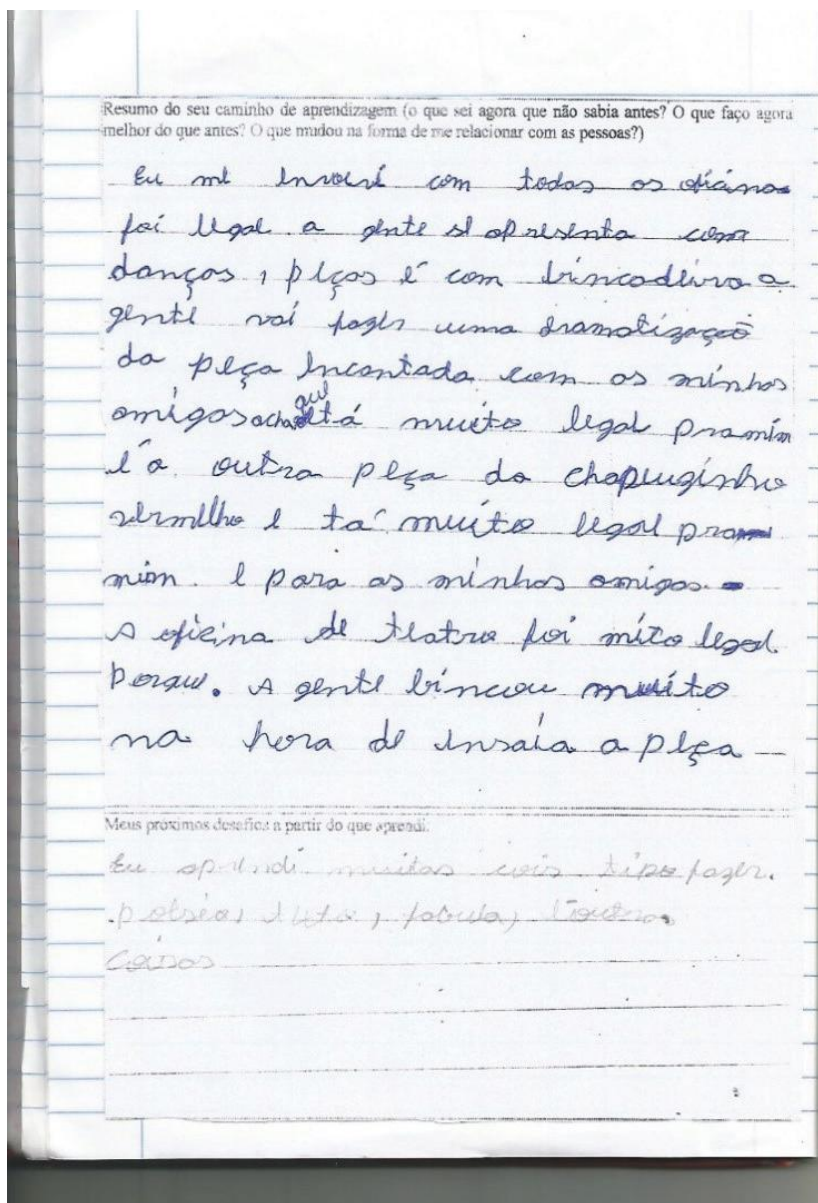
Aprender cada vez mais.

Este material foi baseado no "Mosaico", um instrumento de avaliação de aprendizagem desenvolvido pela rede de escolas Lumiar. Para mais informações: <http://lumiar.org.br/index.php/como-fazemos/um-novo-cidadao/>

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.



Figura 11: Página de diário de bordo de estudante



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Por muito tempo, educadores e profissionais da educação têm buscado dar o melhor no processo educacional. A tarefa de ensinar não passa simplesmente por transmissão de conteúdo, mas sim em perceber qual a contribuição efetiva na formação cognitiva e sócio-emocional do aluno. O professor ao assumir a postura do Professor coach, pode dar, uma significativa contribuição para a evolução pessoal de seu aluno, procurando sempre o melhor desempenho no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o aprendizado adquirido na idade escolar será para toda a vida do aluno e lhe permitirá apropriar-se de seu espaço no mundo. A família sozinha, não será capaz de fazer do aluno um ser autônomo, capaz de vislumbrar o seu caminho, motivo pelo qual se faz necessário o papel da escola em promover o protagonismo dos educandos. Faz-se necessário para este professor com postura coach, a pesquisa constante, o respeito ao conhecimento prévio do aluno, postura ética em sua práxis, estar aberto ao novo e buscar insistentemente o conhecimento, para que esteja apto a compartilhar um fazer pedagógico diferenciado perpassando por uma educação transformadora, e libertadora. Pois segundo Freire:

A tarefa fundamental do educador e da educadora é uma tarefa libertadora. Não é para encorajar os objetivos do educador e as aspirações e os sonhos a serem reproduzidos nos educandos, os alunos, mas para originar a possibilidade de que os estudantes se tornem donos de sua própria história. É assim que eu entendo a necessidade que os professores têm de transcender sua tarefa meramente instrutiva e assumir a postura ética de um educador que acredita verdadeiramente na autonomia total, liberdade e desenvolvimento daqueles que ele educa. (FREIRE, 2001, p. 78).

Para tanto, é necessário buscar e estar aberto ao novo e principalmente à pesquisa. A educação não co-

meça na escola, contudo, é no espaço escolar que os conhecimentos precisam ser sistematizados para a inserção na sociedade letrada. Falar de educação, não é algo simples, como uma transmissão que passa de pai para filho, educação é algo que vai mais além onde abre espaço à cultura de um povo, de uma raça, que acompanha o indivíduo sempre, passando pela idade escolar até o final de sua vida num aprendizado contínuo e estará sempre instigando sua essência para a mudança, para o novo.

Contudo, para que haja o contínuo desenvolvimento cognitivo do ser humano, nós enquanto educadores que somos, devemos incentivá-los nessa busca pelo conhecimento constantemente, fazendo desta prática um hábito. Devemos assumir a postura do Professor Coach que instiga e faz vir à tona as habilidades e competências natas desse ser em formação. O professor em sua sala de aula tem a oportunidade de acompanhar essa evolução, contribuindo nesse grande processo de descobertas que é o ato de educar por método ativo. Nesse contexto, a escola não pode ser vista como fim, mas como meio, não podemos restringir o ensino à demanda do mercado de trabalho e da economia, mas transcender o curto prazo e a mentalidade custo-benefício e voltar-se para uma formação de humanidade em sua essência.

Socializar a experiência de metodologias Ativas a partir do gênero teatro com os professores foi bastante significativo para todos nós participantes do projeto. Foi um momento bastante relevante para o desenvolvimento de práticas teatrais em sala de aula, como uma forma de quebrar a rotina e trabalhar mais prazerosamente com os alunos, e ao mesmo tempo é um método de resgate da sensibilidade humana, uma vez que nas técnicas do teatro o sujeito faz um grande mergulho para o seu interior, oportunizando o encontro consigo mesmo, potencializando as descobertas do EU e todo seu agregado de valores e possibilidades.

Percebemos ainda que, apesar de muitos professores não conhecerem profundamente tanto o gênero teatro como o conhecimento teórico, sobre Metodologias

Ativas ou aprendizagens significativas, ainda assim em algum momento, desenvolveram estas técnicas mesmo sem saber classificá-las como tais.

Compartilhar conhecimento no sentido de avanço para a melhoria da qualidade da educação no contexto amazônico é o nosso alvo permanente e constante. Portanto, através da ferramenta teatro, o professor poderá despertar no aluno, novas formas de expressão, bem como a descoberta de habilidades e competências inatas ao próprio educando, vale ressaltar ainda que, a oficina vislumbrou novos interesses tanto nos professores, quanto nos alunos, e potencializou a importância de se buscar o novo mesmo estando no mesmo lugar “a sala de aula”.

## REFERÊNCIAS

BOAL, A. Teatro do Oprimido. **Revista PUC-SP**, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/17313/14298>>. Acesso em: 30 maio 2018.

BRANCO, A. Para uma ideia de pedagogia teatral: leveza, rapidez, exatidão, multiplicidade. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, Portugal, v. 27, n. 1, p. 55-57, 2014.

COSTA, A. S. da. Teatro - Educação e ludicidade: novas perspectivas em educação. **Revista da Faced**, Salvador, n. 08, 2004.

DÓRIA, L. F. Metodologia do ensino de teatro. In: **Metodologia do ensino de Arte**. ZAGONEL, B. (Org.). Curitiba: Ibpex, 2011.

FERREIRA, N. S. C. Repensando e ressignificando a gestão democrática da educação na “Cultura Globalizada”. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1227-1249, set./dez. 2004. Disponível em:<<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 08 out. 2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 35.

ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 288 p.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. In: Ana Maria Araújo Freire (Org. e notas). São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GUILHERME, M. **História de Pássaro**. 1. ed. São Paulo: Scortecci Editora, 2015.

JUNG, C. G. **O eu e o Inconsciente**. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

MARINHO, H. R. B. **Pedagogia do movimento**: universo lúdico e psicomotricidade. Curitiba: Ibpex, 2007.

MORIN, E. **A religação dos saberes**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Pequenos Atos. **Dançar, Cantar, se enrolar e se divertir**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ka8zpRFsGhQ>>. Disponível também em: <<http://vevo.ly/5DWx33>>. Acesso em: 09 set. 2017.





**Considerações finais**

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Vivemos um mundo infame, eu diria! Não é muito incentivador... É muito mal nascido. Mas existe outro mundo na barriga deste. Esperando [...] Que é um mundo diferente. Diferente e de parto complicado. Não é fácil o nascimento. Mas com certeza pulsa no mundo em que estamos. Um outro mundo que "pode ser", pulsando neste mundo que "é".

(Eduardo Galeano)

Longe de serem considerações realmente finais, diante do término deste trajeto percorrido e do início de novas etapas, acreditamos que uma reflexão que se faz necessária sobre todo este atual processo de renovação da educação brasileira, é a importância de aproximarmos cada vez mais o universo acadêmico-científico que pesquisa a educação, do universo prático que atua diretamente nas linhas de frente das esferas educacionais, pois, enquanto a distância entre estes dois universos se fizer tão abissal quanto por vezes se mostra, continuaremos com programas nacionais perfeitos e impossíveis de seres concretizados, quiçá compreendidos, os quais continuarão sendo empurrados de maneira abrupta aos profissionais das escolas públicas, fazendo o caminho de fora para dentro e não o contrário, que se mostra como o ideal.

Sabemos que a escola não é a única instituição social responsável pela educação, mas ocupa grande destaque nesse processo, ainda mais quando estamos falando de um país com tamanhas desigualdades sociais, desestrutura das famílias em diversos níveis e inúmeras violências diárias vividas pela maioria da população.

**Figura 1: Menina, 2016**



Fonte: Imagem cedida pela fotógrafa Gabriel Campelo

O papel da escola parece-nos ser, sobretudo, o de garantir aos estudantes o desenvolvimento pleno de suas potencialidades humanas e para isso garantir que as aprendizagens aconteçam de forma significativa, de modo a contribuir no fortalecimento da construção destes enquanto cidadãos, comprometidos com um mundo melhor.

Nossa intenção, inicialmente, era levar a formação aos gestores, coordenadores e professores por meio do workshop e das oficinas, e agora ao gerar este livro, foi e continua sendo a de compartilhar experiências práticas e estimular a possibilidade de reinventarmos nossos espaços escolares.

A questão da ênfase nas subjetividades e, por conseguinte, o foco na aprendizagem é ainda, infelizmente, novidade na maioria dos cursos de licenciatura brasileiros, assim como a pedagogia ainda é vista como uma “parte” isolada da educação, quando na verdade ela existe de forma indissociável em todo o processo desta. E mesmo o professor, ainda é tido como o único condutor dos processos de construção de conhecimento em contexto escolar.

Enquanto equipe da coordenação do projeto, en-



frentamos diversas limitações por conta da carga horária de trabalho que desenvolvemos como professores o que nos impossibilitou de acompanhar mais de perto cada escola e cada professor participante das formações. Por outro lado, nossa atuação em sala de aula foi fundamental para nos sentirmos seguros em todo o processo de aplicação do projeto nas escolas, pois vivenciamos a mesma realidade que os colegas participantes. Assim como as contribuições dos professores da rede municipal de Macapá foram de extrema relevância para o trabalho enquanto pesquisa, enquanto prática e enquanto experimento, pois seus conhecimentos, suas experiências e impressões agregaram valor a nossos passos durante todo este percurso de prática reflexiva.

O educador que está hoje atuando nas escolas, não recebeu uma formação que o preparou para os novos paradigmas da educação. É preciso admitirmos que nossa formação básica, em sua maioria, nos preparou apenas para replicarmos métodos fechados, apreendidos nas universidades por meio de teóricos estudados em sua maioria de forma isolada às realidades dos fazeres educacionais na concretude de nossas escolas.

Ser um bom professor, no Brasil atualmente, exige energia e conhecimento para se transformar diariamente através de sua prática, para tanto, é imprescindível que a escola como um todo se firme como ambiente democrático de condução eficiente dos processos educacionais e aprendizagens significativas, e pra isso é importante a colaboração, o incentivo, apoio e suporte aos professores para educarem sob novos vieses educacionais.

Creemos ser fundamental enfatizarmos que temos consciência de que muitas cobranças em todos os níveis da educação recaem sobre o professor, e que a estrutura geral desta publicação não pretende atribuir ao professor toda a responsabilidade acerca da renovação escolar. Não pretendemos, de forma alguma, com este trabalho contribuir para o aumento da carga dos educadores, pelo contrário, enxergamos no compartilhamento das experiências vivenciadas através deste projeto, uma forma de apresentar possibilidades práticas, para

qualquer profissional da educação, sejam gestores, pedagogos, auxiliares educacionais e educadores de toda ordem, que auxiliem a desenvolver soluções para seus contextos escolares.

Falar da postura do professor coach e de possibilidades de atuação com metodologias ativas foi apenas o escopo definido pelo projeto, mas acreditamos que para se renovar a escola como um todo, é preciso toda a comunidade escolar engajada, pois o processo de educar vai muito além das aulas e dos momentos entre professor e aluno, assim mostram-se extremamente necessárias uma gestão e coordenação pedagógicas igualmente abertas e democráticas.

Produzir esta obra nos fez rever todo o caminho que percorremos até aqui, desde as primeiras aulas da especialização, passando pela experiência do intercâmbio, dos projetos de intervenção e as experimentações com os educadores, e vivenciar estes processos nos fez a todo o momento rever nossos papéis enquanto educadores servidores públicos em um país em que professores e estudantes sofrem violências as mais diversas e extremas por reivindicarem seus direitos por uma educação digna.

Iniciamos a trajetória da especialização tendo como pano de fundo inúmeras turbulências políticas envolvendo corrupção, passamos pelo impeachment e a ocupação da presidência por um governo ilegítimo, assistimos a reformas sendo impostas a toque de caixa por meio de medidas provisórias e enquanto alguns de nós - lotados na rede estadual de ensino - recebíamos (e ainda estamos recebendo) nossos salários parcelados e o Brasil pegava fogo com a revolta dos secundaristas que alastrou ocupações por todo o território do país, nos agarramos em algo que nos fez continuar, nossa missão com o aqui e o agora da educação que vivenciamos.

Como auxiliar na transformação da educação em um país continental como o Brasil? Como fazer parte de uma engrenagem, considerada falida por muitos, como o é o sistema público de educação brasileiro? Quais os nossos papéis enquanto professores? Como gerar aprendizagens efetivas em nossos estudantes? Como estimular

o protagonismo e participação na escola? Como nasce a afetividade no contexto escolar? Até onde vai o papel da educação? Estes foram alguns questionamentos inevitáveis registrados em nossas mentes, corações e anotações no decorrer de nossas vivências em torno deste projeto. Uma coisa é fácil afirmar: Tem se mostrado bastante problemático ocupar a posição de educador neste ainda tão jovem século XXI nestas terras de “palmeiras onde cantam o sabiá”!

Quando a turma esteve na primeira visita a uma escola finlandesa, durante o intercâmbio proporcionado pelo curso, alguns de nós choramos. Sim, choramos! Choramos pela brutalidade daquela realidade tão diferente das nossas, choramos pelo que sentimos escorrer diariamente nas escolas em que trabalhamos, a cada estudante expulso, a cada estudante preso, a cada estudante que não compreende a importância e necessidade de obter conhecimento de forma incessante, a cada gestor que não compreende o que de fato é gerir democraticamente uma instituição educacional.

**Figura 02: Manifestação, Macapá- 2016.**



Fonte: Arquivo pessoal da autora Carla Antunes

Choramos porque ali, naquele momento entendemos que vai além do papel do professor alcançar a educação que buscamos. Não basta compreender-se como mediador, não basta horizontalizar os processos de ensino-aprendizagem, não basta o momento em que os estudantes estão conosco para que recebam uma educação que os alcancem inteiramente como humanos. Eu não basto, nós não bastamos. Então por que (diante de tudo isso a que sofremos diariamente, por consequências de interesses nefastos da política em torno da educação neste país) continuarmos sendo professores aqui e agora? O que nós enquanto ínfimas peças desta complexa e ainda obscura engrenagem podemos realmente fazer pela educação? (Ou melhor, por todas as “educações” existentes na vastidão deste país.)

Algo que nos tocou bastante na experiência do intercâmbio foi ver o quanto parece ser importante o auto-conhecimento nos processos adotados pelos finlandeses para gerir qualquer coisa. Foi dito pela educadora Eveliina Honkajuuri na primeira apresentação que assistimos na ocasião: “Como olhar para o futuro? Olhando bem para a história! Enxergando o passado”. Talvez a proporção continental do Brasil nos tenha turvado um pouco a compreensão das coisas. Hoje, claramente podemos enxergar e afirmar: É preciso observarmo-nos com mais profundidade, dissecando os mínimos detalhes do que nos trouxe até aqui desta forma, afinal que caminho(s) percorreu a educação para chegar ao(s) ponto(s) em que estamos? De que educação falamos?

Desconstruir é muito mais trabalhoso que construir, pois é preciso reorganizar o que já há, não se começa do zero, se transforma brechas da realidade em pontos de partida para novas realidades. Aprofundarmo-nos na função de professores-pesquisadores, pensando nossos contextos, desenvolvendo metodologias e proporcionando vivências voltadas à inovação na educação, estimularam e sabemos que não somente em nós autores, o despertar para um existir mais atento às sutilezas enquanto alguém que ocupa a função de educar. Mais atento às brechas que surgem nas tessituras de nossos dias e a

importância do ser humano como fio condutor das inúmeras tramas que compõem o universo escolar.

Tanto a partir das aulas, do intercâmbio e dos projetos de intervenção que participamos, quanto de todo o processo do Projeto Metodologias Coach de Ensino e as vivências interpessoais e profissionais que permearam este percurso, o que nos marcou foi confirmar que em cada detalhe consta a grandiosidade da existência e que nós mesmos enquanto meros parafusos desta complexa engrenagem chamada educação brasileira podemos muitas coisas as quais desconhecemos. Acreditamos que o primeiro passo nisso tudo sempre vai ser o desbravamento de si, enquanto pessoa, enquanto educador, enquanto cidadão, enquanto escola, enquanto cidade, enquanto país e é nosso papel também, estimular o mesmo nos estudantes e no máximo de atores sociais que compõem o que hoje chamamos de escola.

O enxergar, o escutar, o valorizar, o estar realmente presente nas trocas, o se ver no outro se mostraram a nós, neste processo, mais do que nunca, posturas fundamentais para aqueles que gostariam de fazer parte da revolução da educação por aqui (independente de onde for o aqui de você que nos lê). A base para que essa revolução de fato aconteça, continuam sendo as microrrevoluções e a consciência de que cada escolha é um movimento, por menor que seja, e cada movimento, uma mudança.

**Figura 3: Página de diário de estudante, avaliando sua participação no projeto**

Resumo do seu caminho de aprendizagem (o que sei agora que não sabia antes? O que faço agora melhor do que antes? O que mudou na forma de me relacionar com as pessoas?)

Eu não sabia fazer teatro através desse projeto eu aprendi a fazer teatro. Antes eu não queria nem saber desse projeto eu pensei que era chato mas quando eu fui ver realmente que agente aprende coisas novas como: Poesia, Artes Visuais, teatro e músicas regionais. Antes eu nem dava atenção pra professora mas quando eu vi esse projeto eu comecei a dar atenção pra professora me dediquei aos estudos de verdade esse projeto me ajudou muito.

Meus próximos desafios a partir do que aprendi:

Eu mais quero participar de cursos novos fazer mais teatro estudar cada vez mais e me dedicar aos estudos.

Este material foi baseado no "Mosaico", um instrumento de avaliação de aprendizagem desenvolvido pela rede de escolas Lumiar. Para mais informações: <http://lumiar.org.br/index.php/como-fazemos/un-novo-cidadao/>

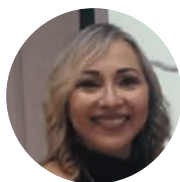
Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Diante da complexidade que é o processo de aprendizagem, das problemáticas sociais que ecoam no ambiente da sala de aula bem como a desvalorização de nossa classe, não sabemos o que de fato ainda nos motiva a continuar a querer ser professores. O que sabemos é que sentimos a musculatura de algo muito especial se fortalecendo em todos os momentos de troca com os estudantes e que a cada aula fora da sala, fora da escola, "fora da caixa", e cada reflexão ou gargalhada compartilhada e conversa produtiva gerada por algum conteúdo planejado ou não, nos revigora.

Ao fim desta experiência maravilhosa de aprendizagem, em que vivenciamos o lema rotariano "dar de si antes de pensar em si" eis como nos sentimos: transbordando de perguntas, com energias revigoradas e instigados a transcender a experiência de educar e contribuir no que estiver ao nosso alcance para gerar transformações efetivas ao nosso redor, sem nos deixar embrutecer, mas sem perder a força para as lutas necessárias.



## ORIENTADORA



**Antonia Andrade**

antoniaunifap@gmail.com

Possui graduação em PEDAGOGIA pela FACULDADE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO PARÁ (1993), graduação em CIÊNCIAS ECONÔMICAS pela Universidade da Amazônia (1994), e Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amapá (2008) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (2013). Atualmente é professora titular da Universidade Federal do Amapá. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Política de Formação, Trabalho e Educação, Prática Pedagógica, Política Pública

## AUTORES



**Agnaldo Silveira**

agnaldo.ap@hotmail.com

É professor da rede pública de ensino do Amapá há 18 anos. Licenciado em Pedagogia, pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Especialista lato sensu em Metodologias Coach de Ensino, pela Universidade Cândido Mendes – UCAM; em Coordenação Pedagógica, pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP; e em Educação Profissional, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá - IFAP. Mestrando em Políticas Públicas, pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, e tem como proposta de dissertação: A formação inicial e continuada dos professores da rede municipal de Santana, no Amapá, diante das exigências legais e das competências que requer a profissão docen-

te. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Métodos e Técnicas de Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: formação docente, formação inicial e continuada dos professores da educação básica, lei 10.639/2003 e Educação de Jovens e Adultos.



**Carla Antunes**

carlaantunesmcp@gmail.com

Atualmente é professora na rede pública estadual do Amapá. Possui a especialização Professor Coach pela Universidade Cândido Mendes (2017) e a Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá (2013). É cineclubista e realizadora independente de audiovisual. Compõe a coordenação geral e curadoria do festival de cinema e audiovisual FIM (Festival Imagem-Movimento) desde 2010. Desenvolve projetos e ações como agente cultural independente nas áreas de artes visuais, audiovisual, educação e cultura. Em 2017 fez parte da coordenação do projeto Metodologias Coach de Ensino. Em 2015 coordenou o projeto em rede "Virada Educação" em sua 1ª edição no distrito de Fazendinha em Macapá. De 2013 a 2015 realizou a atividade integradora "cinema e audiovisual" através do Programa Ensino Médio Inovador (Proemi) em escola da rede estadual de ensino médio de Macapá.



**Elisa Barros Vales**

elisavales@gmail.com

É professora da rede pública de ensino do município de Macapá há 26 anos. Licenciada em Pedagogia, pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Especialista em Sustentabilidade, Desenvolvimento e Gestão de

Projetos Sociais, pela UNINTER; e Especialista em Metodologias Coach de Ensino, pela Universidade Cândido Mendes – UCAM. Em 2017 fez parte da equipe de execução do Projeto Metodologias Coach de Ensino: Compartilhando Saberes e Construindo Possibilidades. Em 2016 participou de intercâmbio Brasil-Finlândia voltado para estudos acerca da educação contemporânea.



**Joyce Ferreira**

joycefdsousa@gmail.com

Possui a especialização Professor Coach pela Universidade Cândido Mendes (2017) Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (1997) e Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão-IBPEX (2005). Atualmente é Coordenadora Pedagógica da Escola Municipal de Ensino Fundamental Odete Almeida Lopes e da Escola Estadual Antonio Cordeiro Pontes, bem como é Conselheira suplente do Conselho Municipal de Educação de Macapá. Em 2017 coordenou o Projeto Metodologias Coach de Ensino: Compartilhando Saberes e Construindo Possibilidades, que foi aplicado em 13 (treze) escolas da rede municipal de ensino de Macapá. Em 2016 participou de intercâmbio Brasil-Finlândia voltado para estudos acerca da educação contemporânea. Coordenou em 2007 o Projeto de Implantação do Ensino Médio Integrado em Informática na Escola Estadual Esther da Silva Virgolino. Tem experiência na área de Educação Superior, com ênfase em Fundamentos Educacionais, estrutura da educação básica, Didática do Ensino Superior e Estágio Supervisionado na Licenciatura Plena.



**Simone Almeida**

salmeidabarbosa@yahoo.com.br

Possui a especialização Professor Coach pela Universidade Cândido Mendes (2017) e Especialização em Educação Profissional pela Faculdade de Teologia e ciências Fatech (2014) Licenciatura em Língua Portuguesa Universidade Estadual Vale do Acaraú (2005). Atualmente é professora na rede municipal de Santana – AP, atuando com o ensino fundamental I. Em 2017 Fez parte da coordenação do projeto Metodologias Coach de Ensino, voltado para a formação continuada de professores da rede municipal de Macapá. Em 2016 participou de intercâmbio Brasil-Finlândia voltado para estudos acerca da educação contemporânea. De 2017 a 2018 esteve como formadora de estudos no Programa Pacto Nacional Para Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

### **ARTISTA RESPONSÁVEL PELA IDENTIDADE VISUAL DO LIVRO**



**JERIEL**

jeriel.art@hotmail.com

facebook: @JerielArtistaPlastico

Jeriel trabalha com arte há 18 anos em Macapá. Possui Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá (2013). Jeriel repaginou a pintura amapaense contemporânea voltada para a temática regional, trazendo cores vibrantes e formas geométricas/abstratas para as paisagens amazônidas. O artista denomina seu estilo como “Pop Art Tucuju”, que traz versões coloridas e estilizadas do Rio Amazonas, os ribeirinhos, a força de trabalho do povo da floresta, a extração do açaí, o ir e vir dos estivadores e agricultores no Igarapé das Mulheres, a Fortaleza de São José de Macapá, o tradicional bairro

do Laguinho, entre outros. Todos elementos fundamentais da identidade local, mas, apresentados através de um olhar sensível às cores escondidas nas entrelinhas quentes e sempre em movimento do cotidiano amapaense.

**Equipe no Workshop Metodologias Coach de Ensino  
em abril de 2017 – Sebrae Amapá/Brasil**



**Alunos do curso de especialização Professor Coach: A arte de potencializar habilidades em sala de aula em abril de 2016 – Ministério de Relações Exteriores/ Finlândia**



**Equipe rotária que acompanhou os professores cursistas no intercâmbio na Finlândia**









Esperamos que esse livro contribua para o debate político e filosófico sobre a educação. Afirmamos que caso seja infringido qualquer direito autoral, imediatamente, retiraremos a obra da internet. Reafirmamos que é vedada a comercialização deste produto.

Título	O uso de metodologias ativas a postura de professor Coach: caminhos para uma práxis educacional inovadora na Amazônia
Orgs.	Agnaldo Silva; Carla Antunes; Elisa Vales; Joyce Ferraira; Simone Almeida
Formato	A5
1ª Edição	Março de 2019

**Navegando Publicações**



NAVEGANDO

[www.editoranavegando.com](http://www.editoranavegando.com)  
[editoranavegando@gmail.com](mailto:editoranavegando@gmail.com)  
Uberlândia – MG  
Brasil





**Este livro, estruturado em coletânea, inclui-se em um processo mais amplo de reflexão sobre a postura do professor e seu papel na educação brasileira. Para além da fronteira amazônica, abrange a experiência de visita na República da Finlândia, país de referência mundial em Educação, situado na região norte da Europa.**

**Nesta publicação os capítulos refletem a preocupação dos professores envolvidos com os movimentos permanentes de (re)construção e socialização do conhecimento, abarcando plurais saberes, com plurais culturas e sujeitos. Neste processo, na essência da presente produção bibliográfica, subjaz a tarefa formativa do sujeito para além da preparação especificamente técnica, englobando uma formação com totalidade multidimensional que remete à constituição de determinadas condutas, crenças, influências e ações políticas junto aos díspares contextos sociais, políticos e econômicos.**

**Em suma, as autoras e autores deste livro, sob plurais perspectivas, assinalam a função do trabalho do professor na perspectiva Coach, asseverando o conhecimento, como práxis e instrumento imprescindível no enfrentamento e na superação dos velhos e novos problemas históricos sociais vividos na educação de nosso País. A presente obra agrega valor científico, convertendo-se em referência para educadores, gestores e demais trabalhadores da educação que legitimam na educação uma ação social intencional, na construção de um Brasil justo que luta por uma educação verdadeiramente de qualidade.**

